

**ERROS EM TRADUÇÃO DO FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS:
DO PLANO LINGÜÍSTICO AO PLANO DISCURSIVO**

por

ANGELA MARIA DA SILVA CORRÊA

Tese de Doutorado apresentada
à Coordenação dos Cursos de
Pós-Graduação da Faculdade de
Letras da UFRJ. Sub-área:
Lingüística. Orientadora: Pro-
fessora Doutora Miriam Lemle
vol. 1

Rio de Janeiro, 1º semestre de 1991

DEFESA DE TESE

CORRÊA, Angela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1991. 319 + CXXII fl. mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Miriam Lemle - Orientadora

Professor Doutor Carlos Eduardo Falcão Uchôa

Professora Doutora Celina Maria Moreira de Mello

Professora Doutora Maria Ângela Botelho Pereira

Professora Doutora Maria de Lourdes Cavalcanti Martini

Professor Doutor Edson Rosa da Silva (suplente)

Professora Doutora Bruna Franchetto (suplente)

Defendida a Tese:

Conceito: A

Em: /05/ 1991

SINOPSE

Crítica da tradução brasileira do romance *Kamouraska* de Anne Hébert. Conceituação, análise e classificação dos erros no plano lingüístico e no plano discursivo, a partir da definição de ato tradutório como desdobramento de ato de linguagem. Tipos de conhecimento envolvidos no ato tradutório.

SINOPSE.....	3
1. INTRODUÇÃO	6
2. TRADUÇÃO E ATO DE LINGUAGEM	9
2.1- <i>O ato de linguagem segundo Patrick Charaudeau</i>	9
2.2 - <i>O lugar do leitor-tradutor no ato de linguagem.....</i>	18
2.3 - <i>O lugar do escrevente-tradutor no ato de linguagem.....</i>	24
3. ERROS DE TRADUÇÃO.....	30
3.1 - <i>Por falhas na competência lingüística.....</i>	30
3.1.1- Erros atribuíveis à displicência do tradutor	31
3.1.1.1- Os estrangeirismos do texto na língua de tradução.....	31
3.1.1.2- As falsas inferências.....	37
3.1.2- As armadilhas da semelhança fônica entre unidades lexicais	43
3.1.3 — As armadilhas da idiomatização	46
3.1.4 — Erros na estruturação de sintagmas e enunciados da LT.....	55
3.2- <i>Erros de tradução por falhas na articulação das competências lingüística e discursiva.....</i>	59
3.2.1 — As armadilhas da polissemia	59
3.2.1.1- Traduções errôneas que ferem o princípio da fidelidade	61
3.2.1.2- Traduções errôneas que desobedecem ao princípio da coerência	67
3.2.1.3- Traduções inadequadas ao uso da língua de tradução	72
3.2.2 — Erros por desconhecimento da gramática.....	77
3.2.2.1- Erros de interpretação no limite da sintaxe com a semântica	77
3.2.2.2- Erros na interpretação de categorias gramaticais.....	80
4. TRADUÇÃO DE COMPONENTES ENUNCIATIVOS	87
4.1- <i>Componentes do enunciativo alocutivo.....</i>	89
4.1.1 — Tradução dos pronomes “tu” e “vous”	90
4.1.2 — Tradução das formas de tratamento	103
4.2 - <i>Componentes do enunciativo elocutivo</i>	107
4.2.1 — Crítica à tradução dos dêicticos e dos anafóricos.....	108
4.2.1.1- Tradução dos dêicticos adverbiais.....	109
4.2.1.2- Tradução de demonstrativos.....	111
4.2.2 - Crítica à tradução de tempos e modos verbais.....	117
4.2.2.1 - Tempos verbais — algumas considerações.....	117

4.2.2.2 - Modos verbais	119
4.2.3- Crítica à Tradução de componentes retóricos	125
4.2.3.1- O plano fônico	125
4.2.3.2- As comparações.....	128
4.2.3.3- As metáforas	130
4.3 - Componentes do enunciativo delocutivo	137
4.3.1 - Tradução do pronome "on"	137
4.3.1.2. O pronome "on" de terceira pessoa.....	143
4.3.1.3. O pronome "on" não-delocutivo	147
4.3.2. Tradução do "discurso citado" e das alusões	149
4.3.2.1. O discurso citado	150
4.3.2.2. As alusões	155
5. CONCLUSÃO	162
6- BIBLIOGRAFIA	167
ANEXO	178

1. INTRODUÇÃO

A presente tese tem como ponto de partida a crítica à tradução brasileira do romance *Kamouraska* de Anne Hébert. Anne Hébert é uma escritora quebequense que, já em 1958, com a publicação do romance *Les chambres de bois*, recebeu o prêmio literário “France-Canada”. *Kamouraska*, publicado pelas Éditions du Seuil em 1970, valeu-lhe o “prix des Libraires” de 1971. A tradução brasileira desse romance teve o título mudado para *A máscara da inocência*, constando como tradutor Leônidas Gontijo de Carvalho, numa publicação da Editora Civilização Brasileira de 1972.

Interessamo-nos inicialmente por esse romance por motivos diferentes ligados à nossa prática didática: com o intuito de adotá-lo como obra de leitura obrigatória em uma das turmas de Português-Francês do Curso de Graduação da Faculdade de Letras, para ser objeto de debates e redações nas aulas de língua francesa.

Durante a leitura, verificamos que a trama de *Kamouraska* tem uma função importante dentro do romance, sendo inspirada em acontecimentos que datam de meados do século XIX, aproximando-o dos romances tradicionais que agradam ao grande público. Por outro lado, o desenrolar da trama se faz através das reminiscências da personagem principal, Elisabeth d'Aulnières, viúva de Antoine Tassy, e casada em segundas núpcias com Jérôme Rolland. Com a proximidade da morte de seu segundo marido, Elisabeth vê desfilar em sua memória os principais acontecimentos de sua vida. Com idas e vindas entre presente e passado, revive, entre o sonho e a alucinação, também as sensações e sentimentos a eles associados, num jogo de fusão e separação dos vários planos temporais.¹

Essas características fazem com que a narrativa de Anne Hébert se afine com a sensibilidade do leitor moderno, já habituado a romances onde predomina o monólogo interior. Para o leitor brasileiro de Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Elisa Lispector, Helena Parente Cunha e tantas outras escritoras, o romance de Anne Hébert revela novas facetas do que se convencionou chamar de “literatura feminina”, isto é, a literatura onde a problemática humana é abordada do ponto de vista da mulher. Em *Kamouraska* a ótica – à exceção de breves passagens do monólogo interior de Jérôme Rolland – é a da mulher, com a vivência de preocupações e realidades que só a sensibilidade feminina pode ter e viver. Até mesmo a voz do “narrador” enquanto entidade distinta da personagem Elisabeth, é sentida pelo leitor como uma voz feminina, tal a facilidade com que se passa do discurso “dele” para o da personagem.

¹ Nota da presente edição: a numeração que se acha à esquerda em alguns parágrafos – como o número 10 que precede a antepenúltima linha deste – remete à numeração das páginas no original.

E assim, na mente do leitor, constrói-se a imagem de uma narradora – imagem da mulher do século XX debruçando-se sobre a realidade de outra mulher, distante no tempo.

Desejando adotar esse livro não apenas nas aulas de leitura orientada, mas também naquelas em que se inicia a prática mais sistemática da tradução, interessamo-nos em confrontar a tradução brasileira existente (doravante designada por TLT-1) com o texto original (doravante TLO).

- 11 Num primeiro confronto superficial, com o intuito de verificar se se tratava de uma tradução “bem feita”, identificamos uma série de inadequações e erros, que à primeira vista demonstram um domínio insuficiente dos conhecimentos lingüísticos necessários ao tradutor. Tais inadequações e erros, mais ou menos graves, diluem e comprometem o sentido do texto original.

A partir dessa constatação, pareceu-nos que o levantamento desses erros e sua conseqüente classificação refletiriam o teor das dificuldades com as quais se defrontam os tradutores, e poderiam ser úteis a quantos pretendessem aprofundar-se na problemática da tradução, e mais especificamente da tradução do francês para o português.

Objetivamos, portanto, com a presente tese, proceder, através da crítica a TLT-1, a uma *conceituação* do que seja erro de tradução, a uma proposta de classificação desses erros e a uma reflexão a respeito dos tipos de conhecimento envolvidos no processo tradutório.

Empreendemos, para isso, um confronto sistemático do TLT-1 com o TLO, fichando os vários tipos de erros e inadequações encontrados, a serem utilizados como material para nossa análise.

E para respaldarmos nossa crítica numa experiência pessoal e refletirmos sobre as operações interpretativas e produtivas envolvidas no ato tradutório, traduzimos cerca de 1/3 do romance *Kamouraska* (texto fornecido em anexo e designado pela abreviação TLT-2), anotando nossas dúvidas, nossas dificuldades e nossas justificativas.

- 12 Por questões operacionais, numeramos os 65 capítulos de TLO e de TLT-1, adotando numeração correspondente em TLT-2.

Assim, ao longo de nossa análise, a cada observação crítica, apresentaremos uma outra proposta de tradução, justificando-a. Não apresentamos a retradução integral do romance porque nossa principal meta é a crítica à interpretação já existente e a classificação dos erros de tradução, e não a demonstração de nossa capacidade pessoal em produzir uma tradução integral.

Na nossa busca de subsídios teóricos, deparamo-nos com um grande número de autores que, seguindo Jakobson, (1963, publicado inicialmente em 1959), vêem na tradução um ato comunicativo onde o tradutor tem a dupla função de receptor de uma mensagem

produzida numa língua de partida (por nós chamada de língua original, a LO) e emissor de uma mensagem equivalente na língua de chegada (por nós chamada de língua de tradução, a LT) .O esquema abaixo, transcrito de Barbosa (1989, p.40) ilustra,em linhas gerais, essa posição do tradutor:



FONTE: autor do texto na língua de partida

MENSAGEM-1: o texto na língua de partida

RECEPTOR-1: o tradutor

MENSAGEM-2: o texto na língua de chegada

RECEPTOR-2: o leitor do texto na língua de chegada

O trabalho do tradutor é visto como o de um mediador que decodifica e recodifica mensagens para torná-las acessíveis aos que não dominam a LO.

¹³ Procuraremos então discutir as implicações dessa função de mediador, à luz de concepções mais recentes do que seja o ato comunicativo, notadamente a concepção do ato de linguagem segundo Patrick Charaudeau, discussão à qual nos dedicaremos no próximo capítulo.

E subordinaremos nossa análise dos erros aos desdobramentos teóricos desta concepção, que, como veremos, se apóia nas diferentes competências postas em cena pelos parceiros do ato de linguagem – tanto do ato de linguagem que resulta na produção e interpretação de TLO, quanto do ato de linguagem que resulta na produção e interpretação do TLT.

Partindo dos erros mais evidentes, atribuíveis simplesmente à displicência do tradutor, chegaremos àqueles que envolvem a construção de um texto literário enquanto tal. Examinaremos as particularidades dos erros atribuíveis a falhas na competência lingüística, dos erros atribuíveis a falhas na articulação das competências lingüística e discursiva, dos erros causados por falhas na competência discursiva e dos erros causados por uma formação cultural e literária deficientes.

A brevidade desta introdução deve-se ao fato de que apenas pretendemos, aqui, anunciar as linhas gerais do estudo que vamos empreender.

Procuraremos, no próximo capítulo, e no início de cada um dos capítulos subseqüentes, esclarecer os fundamentos teóricos de nossa análise.

14 2. TRADUÇÃO E ATO DE LINGUAGEM

2.1- O ato de linguagem segundo Patrick Charaudeau

A concepção da tradução como resultante de um duplo ato comunicativo, onde o tradutor é, num primeiro momento, um receptor, e em seguida o emissor de uma mensagem, efetuando um trabalho de decodificação em LO e recodificação em LT, nos leva à busca de uma definição melhor do que seja a produção e a interpretação de uma mensagem lingüística.

Nesta busca, a conceituação de *ato de linguagem* tal como é desenvolvido por Charaudeau (1982-1983-1984) nos parece mais completa e abrangente do que as propostas anteriores, por demais atreladas à teoria da informação onde emissor e receptor são “idealmente iguais em sua competência lingüística” (Charaudeau, doravante Ch., 1982, p. 2).

Para Charaudeau, o ato de linguagem combina o Dizer e o Fazer. “O Fazer é o lugar da instância situacional definida pela posição que ocupam os responsáveis por este ato” (Ch., 1984, p. 41). Tais responsáveis atuam como *parceiros*: “pessoas associadas numa relação de fazer-valer recíproca; consideram-se, por isso mesmo, dignas uma da outra” (Ch., 1984, p. 43). E estabelece que na interação linguagística² os parceiros são o *sujeito comunicante* (o EUc) e o *sujeito interpretante* (o TUi), ligados por uma relação contratual. E justifica a designação de sujeito definindo-o: “[...] um lugar de produção da significação linguagística ao qual retorna tal significação para constituí-lo” (Ch., 1984, p. 43).

15 O *sujeito comunicante* é quem toma a iniciativa do processo de produção do ato de linguagem. O *sujeito interpretante* é o parceiro que toma a iniciativa do processo de interpretação. Ambos são “sujeitos de ação”.

A relação contratual que os liga depende de três componentes: um componente *comunicacional*, ou seja, as contingências físicas que influem no processo de produção - interpretação (a natureza do canal físico, a presença ou ausência de parceiros, o número de parceiros envolvidos, etc.); um componente *psico-social* – o *status* social que cada parceiro detém diante do outro e que é reconhecido pelo outro na especificidade de cada ato de linguagem; um componente *intencional* – “o conhecimento a priori que cada um dos parceiros possui (ou constrói) sobre o outro de maneira imaginária, apelando para saberes que supõe compartilhados” (Ch., 1984, p. 44).

² Tradução de “langagière”: o que é próprio da linguagem. O linguagístico (traduzido por outros autores como “linguageiro”) engloba tudo o que, no contexto situacional produz significação, como os gestos, as expressões fisionômicas, a situação psico-socio-histórico-físico-cultural dos parceiros, etc.

O Dizer é “o lugar da instância discursiva que se define como uma *mise-en-scene* ³ da qual participam ‘sujeitos de fala’” (Ch., 1984, p. 42) diferentemente do Fazer, do qual participam sujeitos de ação. É, pois, o circuito do *discurso configurado*, isto é, do resultado do processo de produção dirigido ao interpretante.

Ao produzir sua mensagem, o EUC fabrica um sujeito-destinatário (um TUD) que pode coincidir parcialmente com o TUI, mas não obrigatoriamente. Isto é, TUD é uma imagem construída pelo comunicante a partir das circunstâncias do discurso e da relação contratual que mantém, ou procura manter, com o TUI. Analogamente, ao interpretar a
¹⁶ mensagem, o TUI fabrica uma imagem do sujeito comunicante que pode ser diferente daquela que este pensa ter: é o sujeito-enunciador (o EUE) .

Numa situação de comunicação face a face o TUI pode manifestar seu desacordo com a imagem TUD que EUC fabrica em seu discurso. Um dos exemplos citados por Charaudeau (1983, p. 40) é o do enunciado “Sortez!” (“Saia!”). Ao dizer “Saia!” o comunicante instituiu um TUD identificado a um sujeito disposto a submeter-se a uma ordem. TUI pode rejeitar essa imagem fazendo de conta que não ouviu a ordem, questionando a razão da ordem (“Sair? Por que?”) ou questionando o próprio *status* do comunicante (“Quem é você para me mandar sair daqui?”). Este exemplo também ilustra o fato de que tanto o EUC quanto o TUI constroem, com seu discurso, imagens de si próprios enquanto EUE e TUD. Ao dizer “Saia!” o comunicante institui um EUE identificado a uma “autoridade-que-dá-uma-ordem”. Ao contestar ou ignorar a ordem, TUI. está impondo ao comunicante uma outra imagem de TUD (ao mesmo tempo, é claro, que assume, ao falar, um papel de EUE).

Para Charaudeau, os circuitos do Fazer e do Dizer são interdependentes, apesar de reconhecer que possuem uma certa autonomia. Efetivamente, um enunciado como “Saia!” parece não depender de nenhuma circunstância situacional para ser interpretado como uma ordem. Por outro lado, o *status* psico-social dos parceiros, o local de enunciação e as demais circunstâncias (temporais e contextuais) podem fazer com que tal ordem signifique, por exemplo, tanto um rompimento de uma relação amorosa, quanto a demissão de um
¹⁷ emprego, ou apenas um sinal de impaciência (entre amantes, entre patrão e empregado, entre mãe e filho pequeno respectivamente) .

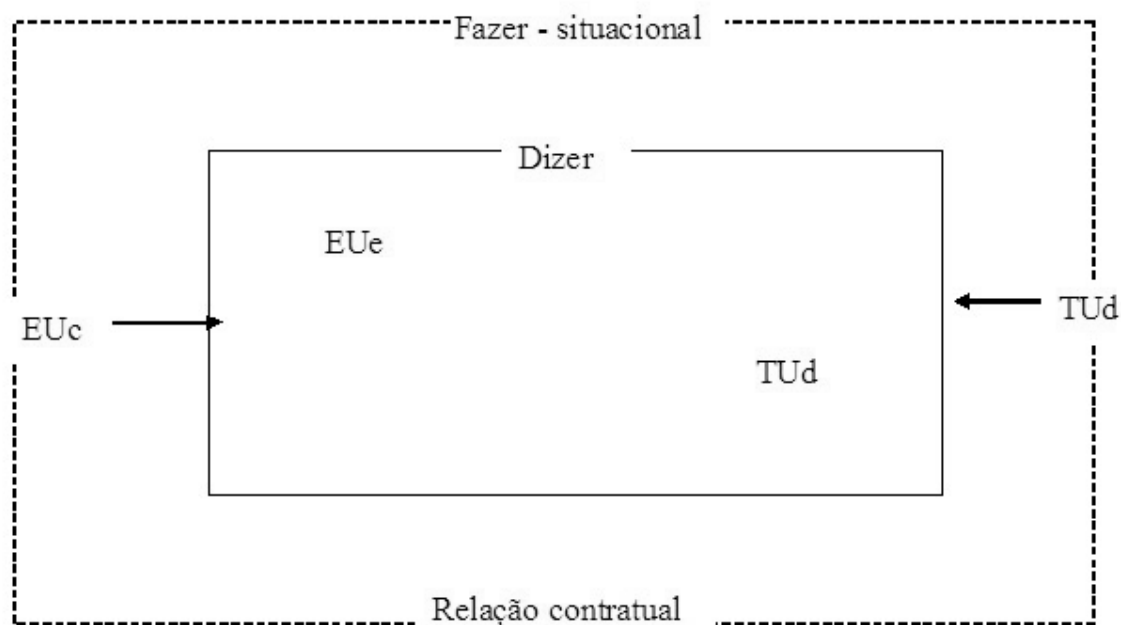
Em comparação com o ato de comunicação onde se tinha um emissor e um receptor, pode-se dizer que esta concepção do ato de linguagem efetua um desdobramento, uma duplicação de cada um dos sujeitos implicados no processo de produção-interpretação das mensagens lingüísticas. O ato de linguagem, com seu duplo circuito do Fazer e do Dizer,

³ Nota da presente edição: A expressão “*mise-en-scene*”, sem o acento grave do francês, consta como francesismo no dicionário Aurélio (Cf. Ferreira, 1975). Atualmente preferiríamos utilizar a tradução para o português “encenação”.

engloba não apenas o explícito da configuração lingüística mas também o implícito da relação contratual que sustenta e complementa tal explícito.

Para facilitar a seqüência de nosso trabalho, transcrevemos a seguir o esquema do ato de linguagem apresentado por Charaudeau (1984, p. 42):

Esquema 1: O ato de linguagem, seus parceiros e seus protagonistas



A relação contratual que une os parceiros do ato de linguagem deve ser interpretada como um conjunto de contratos.

¹⁸ O contrato é uma relação intersubjetiva que se fundamenta no *status* psico-socio-histórico-físico-cultural que cada um dos sujeitos assume para com o outro e reconhece no outro. Tal *status* depende estreitamente do que está em jogo no ato de linguagem. Assim, num ato de linguagem em que um pai se dirige ao filho para dizer-lhe que está na hora de dormir, o que está em jogo é o contrato de autoridade do primeiro sobre o segundo, é o *status* que cada um detém nessa relação, ficando de fora, por exemplo, o *status* profissional do pai.

Dentre todos os contratos que estão em jogo no ato de linguagem, Charaudeau distingue um *contrato de fala* (Ch., 1983, p. 50-55) “que sobredetermina em parte os protagonistas da linguagem em seu duplo papel de sujeitos de ação e sujeitos de discurso”. Ressalta que “é com relação a tal contrato englobante e sobredeterminante que se deve julgar os outros contratos e estratégias discursivos postos em cena pelos protagonistas”. (Ch., 1983, p. 55).

Mas qual é a especificidade do contrato de fala? É um contrato com características de ritual socio-linguagístico, que repousa na codificação de um implícito. Damos a seguir alguns exemplos. Imaginemos que, numa aula de Geografia um professor pergunte a seus alunos: qual é a capital dos Estados-Unidos? O contrato de fala que os une de imediato faz com que a pergunta seja interpretada não como partindo de um enunciador em posição de não-saber, de querer saber, e que esteja atribuindo a seu destinatário a competência do saber que ele demonstra não possuir. Ao contrário: o papel do professor enquanto enunciador é daquele que sabe, e que faz a pergunta não para obter uma informação que não possui, mas para verificar a competência de saber do aluno interrogado.

19

Do mesmo modo, é o contrato de fala implícito que praticamente obriga os anfitriões de um almoço a interpretarem os enunciados constativos “Meu copo está vazio”, “A janela está fechada”, “Não tenho garfo”, como pedidos para encher o copo, abrir a janela e fornecer um garfo (Cf. Ch., 1983, p. 24). Isso porque assumem, por força do contrato de fala, o papel de provedores das necessidades alimentares e de promotores de um ambiente agradável a seus convidados. Seu papel no contrato é que sobredetermina a interpretação dos enunciados de seus convidados.

Lembramo-nos que na campanha eleitoral de 1960 à presidência da República o slogan de um dos candidatos era “Desta vez vamos!”. O contrato de fala que liga o político em campanha a seus possíveis eleitores sobredeterminava a interpretação desse enunciado como sendo uma exortação ao voto pela promessa de que o país alcançaria uma posição política e social mais favorável. “Vamos”, no contexto desse contrato de fala, só podia significar avanço em direção ao progresso e ao bem-estar.

Podemos imaginar o que, num ano de copa do mundo de futebol, este mesmo slogan, impresso sobre a foto de uma bola de futebol publicada num jornal, pode significar. O contrato de fala que estará sobredeterminando tal ato de linguagem passa a ser o contrato publicitário. A leitura desse slogan, o destinatário depreende imediatamente que um determinado produto está sendo oferecido como o instrumento de que precisa para alcançar a satisfação de uma falta. O instrumento que permitirá a conquista do objeto de uma busca.

20

Assim, está implícito que, se o leitor-torcedor acompanhar a copa do mundo, poderá alcançar um estado de alegria e de satisfação que há anos ele não conhece. E está dissimulado, no entanto, o fato de que alguém está interessado em que o leitor acompanhe a copa pelos lucros que isso vai lhe trazer.⁴

4 Sabemos que o publicitário procura dissimular este segundo implícito. E sabemos também que o contrato de fala político é muitas vezes assimilado pelo interpretante a um discurso publicitário que tem uma dimensão implícita a dissimular. Isso não impede que ambos sejam sobredeterminantes no processo de interpretação do ato de linguagem em questão.

Não há possibilidade de o leitor interpretar tal ato de linguagem como uma simples informação jornalística ou como a manifestação de uma opinião. Ele se vê obrigatoriamente implicado como um consumidor em potencial.

Por outro lado, mesmo considerando o ato de linguagem como o resultado de uma confrontação entre um ato de produção e um ato de interpretação em parte sobredeterminados pelo contrato de fala, não se deve ignorar que todo texto tem, em sua origem, “um sujeito particular com uma intenção, um desejo, [...] um *Projeto de Dizer*.” (Ch., 1983, p. 93-94). É esse Projeto de Dizer, ou *Projeto de fala* que leva o EUC a se lançar na busca de meios estratégicos, de relações contratuais, de efeitos de fala com a finalidade de “criar um universo de convivência ou de agressão segundo a intenção de EUC de seduzir, persuadir ou provocar seu interlocutor.” (Ch., 1983, p. 95). Charaudeau identifica o Projeto de fala a uma aventura, porque o EUC faz uma espécie de aposta de que o TUi se identificará o mais possível ao TUD. Essa aposta não está livre de riscos: a imagem que produz de si e do interpretante pode ser recusada e então EUC não conseguirá criar o universo significativo pretendido.

21 A noção de *Projeto de fala* aparentemente valoriza a intencionalidade do comunicante em detrimento do processo interpretativo. Mas só aparentemente. O sujeito comunicante não deve ser assimilado a “uma pessoa particular ou civil produzindo um texto”, mas a “uma figura de sujeito que produziu um texto”, ligado a outros sujeitos por um contrato socio-linguístico que de certa forma o restringe. (Ch., 1983, p. 95).

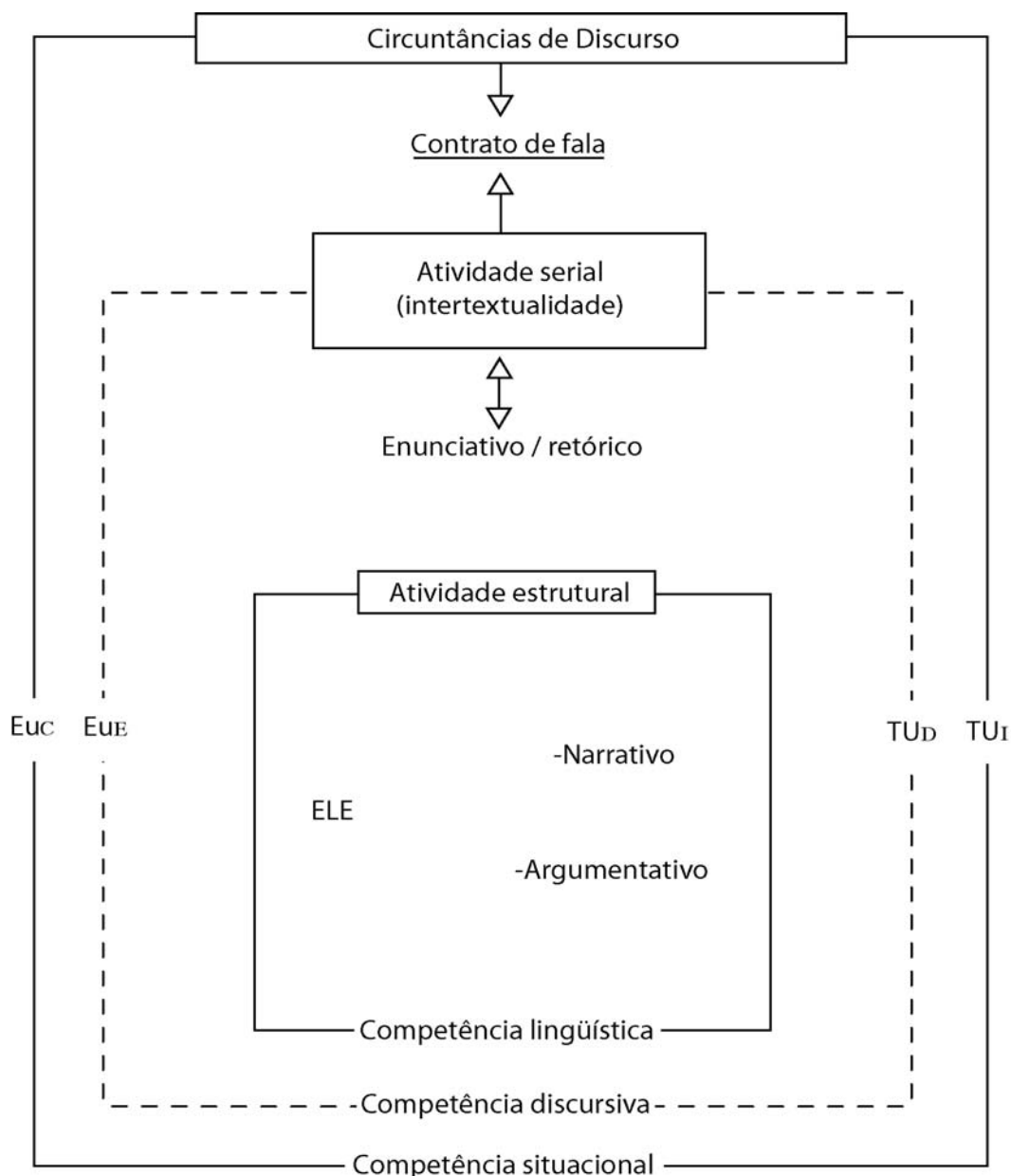
Cabe então a pergunta a respeito da posição ideal do analista do ato de linguagem. Charaudeau (1983, p. 82-92) defende o ponto de vista de que, na análise do discurso, o “sujeito analisante” não busca descrever a competência do sujeito comunicante isoladamente, posto que as intenções do comunicante não são transparentes ao interpretante, e o ato de linguagem não pode ser estudado sem levar em conta o processo de interpretação. Por outro lado, não procura apreender apenas o processo de interpretação. O que entra em jogo na competência do sujeito analisante é a integração das atividades do comunicante e do interpretante. Em sua atividade de interrogar o texto, ele constrói hipóteses sobre as intenções do EUC e, ao mesmo tempo, procura dar conta dos possíveis interpretativos.

A atividade do sujeito analisante depende da integração de três componentes presentes numa mesma instância linguística: um componente lingüístico que tem origem numa competência lingüística; um componente situacional que é a base de uma competência situacional; e um componente discursivo que é a base de uma competência discursiva. Poder-se-ia, de início, pensar que Charaudeau negasse a pertinência da organização

22 estrutural paradigmática e sintagmática da língua para fins de análise discursiva.

O que propõe, no entanto, é uma organização do material lingüístico em diferentes *aparelhos conceituais*. O material lingüístico é, então, analisado enquanto meio para a realização de um determinado fim: a *mise-en-scene* discursiva. O quadro que apresentamos a seguir e que já foi parcialmente elucidado por nós, traduz espacialmente a relação entre as competências implicadas pelo ato de linguagem:

Esquema 2: Componentes do ato de linguagem⁵



23 Já expusemos resumidamente em que consistem as circunstâncias de discurso, o contrato de fala e o desdobramento dos sujeitos da linguagem. Restam-nos outros componentes a explicar.

⁵ Este esquema é a tradução daquele que se encontra no livro *Langage et discours*. (Ch., 1983, p. 91).

Quando definimos o lugar do *Dizer* no ato de linguagem, referimo-nos à mise-en-scene dos sujeitos da linguagem através da construção dos sujeitos de fala – o **EUE** e o **TUD**. Assinalamos que pode sempre haver uma opacidade de **EUE** com relação ao *comunicante* e uma opacidade de **TUD** com relação ao *interpretante*. E que a mise-en-scene discursiva consiste justamente na construção das imagens de **EUE** e **TUD** através de contratos e estratégias.

Os exemplos que demos à página 13 servirão para esclarecer de alguma forma o que vem a ser estratégia discursiva. Ao dizer “Meu copo está vazio”, “A janela está fechada”, “Não tenho garfo”, o **EUC** constrói uma imagem de um **EUE** que não precisa fazer uma injunção a **TUI** para ver atendidos os seus desejos. Utilizando a modalidade constativa ao invés de fazer diretamente uma solicitação, **EUE** põe em cena um contrato de cumplicidade. Constrói, ao mesmo tempo, a imagem de um **TUD** suficientemente perspicaz e perfeitamente integrado no contrato de fala para interpretar constatações como solicitações.

No exemplo do slogan eleitoral a estratégia discursiva inclui o uso da 1ª pessoa do plural, que reúne como agentes de um mesmo processo o **EUE** e o **TUD**. Constrói-se então a
 24 imagem de um **EUE** conivente com um **TUD**, propondo a **TUD** um contrato de confiança.

Explicitando: “Desta vez vamos porque eu estou do seu lado e com o seu voto lutarei pelo progresso e pelo bem-estar do povo”. E a localização temporal “desta vez” opõe a situação presente a situações anteriores, invalidando contratos de confiança anteriores em benefício do que é proposto então.

O mesmo slogan no contrato de fala publicitário: o uso da 1ª pessoa é uma estratégia que procura implicar de tal modo o **TUD** que o faz identificar-se a um dos possíveis enunciadorees do slogan. Não se propõe um contrato de confiança entre **EU** e **TU**: firma-se um contrato de confiança entre **EU**, **TU**, de um lado e **ELE**, o futebol, o objeto de discurso, do outro. Procura-se apagar, assim, a imagem de um enunciador distinto do destinatário. Nesta situação discursiva, “Desta vez” também opõe a presente a outras passadas, quando a disputa da copa do mundo não trouxe a alegria da vitória, mas a derrota. Explicitando: “Desta vez vamos porque a seleção brasileira de futebol deste ano merece nossa confiança e será capaz de nos proporcionar a alegria da vitória”.

As associações discursivas implícitas (que procuramos explicitar com as possíveis seqüências discursivas de “Desta vez vamos”) constituem o que Charaudeau denomina de atividade serial. Em determinadas situações o texto configura-se como uma alusão ou uma citação de parte de um outro texto, e a relação que se estabelece entre os respectivos implícitos é determinante da significação do texto explícito. O slogan publicitário “desta vez vamos” está em relação de intertextualidade com o discurso ufanista produzido a respeito da

- 25 seleção brasileira, com as marchinhas de exortação à torcida, com as manifestações públicas de euforia quando a seleção é vitoriosa, entre outros.

No quadro apresentado à p. 15 estão incluídos, ainda, os quatro “aparelhos lingüísticos” que integram o que Charaudeau chama de “ordens de organização da matéria linguagística” (Ch., 1983, p. 58-81). Não nos alongaremos no exame desses aparelhos, limitando-nos a uma breve explanação de cada um deles.

O *aparelho enunciativo* é voltado para os protagonistas do ato de linguagem. As formas lingüísticas que o integram são definidas como traços de *comportamentos lingüísticos*.

Assim, há um *comportamento alocutivo* onde predominam os traços explícitos do sujeito destinatário: as marcas de 2ª pessoa e as diversas modalidades que especificam ações do EUe sobre o TUD. Há um *comportamento elocutivo* onde predominam os traços explícitos do sujeito enunciador: as marcas de 1ª pessoa, as modalidades que especificam atitudes e posições do EUe. E, por fim, um *comportamento delocutivo* onde o discurso se apresenta como “neutro”, como se o que estivesse sendo dito fosse independente das posições dos sujeitos enunciador e destinatário. Distinguem-se um *comportamento delocutivo textual* (em que as marcas lingüísticas especificam a asserção independentemente dos sujeitos do discurso) e um *comportamento delocutivo intertextual*, que põe em relação o texto produzido com outros textos que pertencem a um universo de discurso diferente do que está em jogo (através das citações, dos diálogos e das alusões, por exemplo).

- 26 O *aparelho argumentativo* é voltado para o *assunto* do ato de linguagem (o ELE no esquema comunicativo apresentado à p. 16). Seus componentes devem ser definidos em termos logico-lingüísticos e descrevem relações abstratas (Ch., 1983, p. 65).

Neste caso, as operações logico-lingüísticas de *conjunção*, *disjunção*, *restrição*, *oposição* e *causalidade*, entre outras, são estruturadas no discurso de modo a provar ou a refutar uma afirmação à qual se atribui um valor de verdade. Fazem parte ainda do aparelho argumentativo as marcas lingüísticas de organização do próprio discurso: tanto as que explicitam uma cronologia, quanto as que explicitam um movimento anafórico retrospectivo (as marcas que explicitam uma retomada do passado) ou prospectivo (as marcas que explicitam anúncios, antecipações).

O *aparelho narrativo* é também voltado para o ELE do ato de linguagem. Seus componentes definem tipos de FAZERES e tipos de SERES. Distinguem-se o *Narrativo-qualificação*, que se caracteriza por uma relação atributiva; o *Narrativo-ação*, que se caracteriza por uma relação ativa e o *Narrativo-factitivo* que se caracteriza por uma dupla ação ativa.

O *aparelho retórico* está voltado para o próprio Fazer linguagístico “quanto ao estabelecimento de uma relação entre o plano da forma e o plano da substância semântica” (Ch., 1983, p. 77). Seus componentes englobam operações morfo-semânticas que objetivam a produção de efeitos significativos tais como a metaforização, a comparação, a distanciação (pelo processo da ironia) e outros.

27 As escolhas do comunicante no processo de produção do ato de linguagem efetuam-se no âmbito dos quatro aparelhos lingüísticos. Assim, apesar de achar-se sobre-determinado por um contrato de fala, sobra-lhe uma “margem de manobra” considerável para a realização de seu *Projeto de fala* através da “manipulação” do material lingüístico disponível, visando à produção de “efeitos de fala”.

A conceituação de *Ato de linguagem* segundo Patrick Charaudeau levou-nos a uma revisão dos princípios de análise semiolingüística por ele preconizados, que pretendemos reabordar proximamente em relação mais estreita com a problemática da tradução. Interessa reiterar, por ora, que a atividade de tradução comporta uma primeira fase *interpretativa* em que o tradutor assume o papel de *sujeito interpretante* na mise-en-scene do ato de linguagem, estando, portanto, submetido às relações contratuais e convocado a entrar no jogo de relações explícito-implícito. Em seu fazer interpretativo, estará colocando em ação suas competências lingüística, discursiva e situacional para construir as significações do que está sendo lido.

Passaremos a examinar, na próxima seção, as peculiaridades do *ato de linguagem escrito* do ponto de vista do leitor-tradutor, para, em seguida, examinar as peculiaridades do gênero romanesco exemplificando com o romance *Kamouraka* de Anne Hébert.

28 2.2 – O lugar do leitor-tradutor no ato de linguagem

Até aqui referimo-nos apenas a “ato de linguagem” e a “discurso” nas relações entre EU-comunicante e TU-interpretante. Cabe-nos introduzir, para estudarmos o lugar do leitor-tradutor no ato de linguagem, a noção de texto. Para Charaudeau, o texto é a materialização de um ato de linguagem. O texto pode, pois, ter a dimensão de um único enunciado (em situações típicas, como em avisos, em placas informativas penduradas em locais públicos, em cartazes, em tabuletas) como de n enunciados – entendendo-se por enunciado a frase efetivamente dita ou escrita por um EUC ao produzir o ato de linguagem.

A noção de texto não implica escrita: as manifestações discursivas orais detêm propriedades que são comuns ao texto escrito e podem ser analisadas enquanto texto.

O texto longo é, evidentemente, um ato de linguagem complexo decomponível em atos de linguagem menores que mantêm entre si toda uma rede de relações significativas. É esta rede de relações (que abordaremos oportunamente) que constitui a especificidade do texto enquanto tal, e o diferencia de uma seqüência aleatória de enunciados.

Com relação a um romance, pode-se considerar que resulta de um ato de linguagem – pois é estruturalmente organizado como uma narrativa, e portanto, tem uma unidade comunicativa. Mas sabemos que as narrativas romanescas são atos de linguagem complexos, e que se compõem do encadeamento de uma série de atos de linguagem menores que contribuem para a construção do universo ficcional.

29 O Ato de linguagem escrito tem como principal *componente comunicacional* (Cf. p. 15 precedente) a distância espacial e temporal entre os sujeitos de linguagem.

O EU-comunicante (o escrevente) produz seu discurso “in absentia” do TU-interpretante (o leitor). O texto que chega ao leitor é produzido sem que este interfira diretamente em seu processo de produção – diferentemente da comunicação oral onde o comunicante efetua ajustes em seu discurso em função das reações diretamente observadas ou manifestas do interpretante.

Por outro lado, o texto escrito permite uma liberdade maior do leitor quanto a determinadas contingências da tarefa interpretativa: o leitor pode repetir o processo tanto quanto julgar necessário, pode fazê-lo na ordem em que quiser, e atendendo a seus objetivos particulares, imediatos ou não.

Há a considerar também, como integrante do componente comunicacional, o tempo que deve ser consagrado à leitura. O romance pressupõe uma disponibilidade maior por parte do leitor, em comparação com outras narrativas.

O leitor-tradutor deve saber e poder tirar proveito, em sua tarefa interpretativa, das peculiaridades do componente comunicacional do romance. Assim, ao dedicar-se à leitura (etapa necessariamente anterior ao processo produtivo), o faz de início para ter uma visão global do texto, num primeiro processo interpretativo. Leituras repetidas se fazem para “afinar” a interpretação, isto é, para que, na construção das significações do texto, cada unidade possa estar relacionada com as outras e com o todo coerentemente.

30 Os componentes *psico-social* e *intencional* do ato de linguagem devem ser examinados a partir do *Contrato de fala*. No ato de linguagem que constitui o romance, os sujeitos de linguagem estão sobredeterminados por um *Contrato literário*. As relações entre escritor e leitor já codificadas orientam tanto o Fazer produtivo quanto o Fazer interpretativo. Assim, ao ler um romance, o leitor espera encontrar as características do gênero romanesco e a obediência aos princípios estéticos vigentes na época em que foi escrito. Pondo em ação sua competência situacional e sua competência discursiva, interpreta o texto romanesco em confronto com o conhecimento de que dispõe a respeito de outros textos pertencentes ao mesmo gênero, construindo então relações intertextuais. Ao produzir o texto, o escritor o faz a partir de características e princípios vigentes, e que são esperados pelo leitor.

Esse enquadramento dos sujeitos da linguagem em relações e princípios pré-estabelecidos por convenções e pressões sociais, essa distribuição antecipada de papéis que constitui o componente *psico-social* do Fazer linguagístico, estão em interação, como já dissemos, com o componente *intencional*: isto porque todo ato de linguagem tem origem num sujeito particular movido por uma intenção, um desejo, ou seja, um *Projeto de Dizer* (Cf. Charaudeau, 1983, p. 94). No ato de linguagem escrito, trata-se de um *Projeto de Escritura*.

Um determinado *projeto de escritura* poderá implicar a aceitação ou a transgressão do Contrato literário nos moldes vigentes. Ao ser rompido, o contrato é forçosamente
31 reconstruído em novos moldes, onde o escritor cria a imagem de um destinatário capaz de participar de sua proposta transgressora.

O leitor-tradutor deverá ser capaz de identificar-se à imagem de destinatário mais abrangente, devendo mesmo entregar-se à tarefa de analisar os efeitos discursivos produzidos, num esforço de reconstruir hipoteticamente a intencionalidade do texto. As decisões que o tradutor tiver de tomar ao produzir o texto na língua de tradução (em LT) terão obrigatoriamente como ponto de referência o resultado dessa atividade analisante. Em *Kamouraska*, por exemplo, a advertência da escritora no verso da folha de rosto do romance, de que se trata de “une oeuvre d'imagination”, e de que os personagens tornaram-se “mes créatures imaginaires” já convida o leitor ao papel de destinatário de um *Contrato de ficção*, onde

experimentará a visão total de uma trajetória humana, só possível no universo ficcional. (Cf. Ch., 1983, p. 97).

Dentro desse contrato, é imprescindível ao leitor-tradutor distinguir, por um lado, sua posição de destinatário de um narrador onisciente (no começo do romance e em outras passagens dos oito primeiros capítulos), e, por outro lado, a posição de destinatário no espaço narrativo criado pelo monólogo interior da personagem Elisabeth. O destinatário desse monólogo é levado a assumir o papel de protagonista ora de um contrato de cumplicidade, ora de um contrato de autoridade. Cúmplice, porque é levado a compartilhar pensamentos e ações da personagem, revivendo com ela suas experiências, em lances de
 32 tensão, angústia, paixão e desespero. Em outras passagens, o destinatário é requisitado a identificar-se à autoridade, ao juiz que deve decidir se a personagem é ou não inocente. É como se toda a rememoração tivesse como objetivo a defesa de Elisabeth diante de um tribunal imaginário que pudesse conceder-lhe a libertação após julgamento.

Tais contratos a que acabamos de aludir integram o conjunto de estratégias discursivas que o leitor-tradutor, em sua atividade analisante, deve ser capaz de identificar e interpretar. Reconhecemos que muitos bons tradutores não efetuam tal análise a nível consciente nem nos termos aqui expostos. Mas seriam certamente capazes de distinguir, em *Kamouraska*, as passagens em que a personagem é construída através da fluência espontânea de suas experiências passadas e presentes, daquelas em que a personagem, ao rememorar antigas acusações, defende-se delas.

Entre outras estratégias discursivas a serem buscadas e interpretadas pelo leitor-tradutor estão a intertextualidade e a interdiscursividade. A noção de intertextualidade, segundo a qual todo texto é um ponto de convergência de um sem-número de outros textos, não é nova, tendo sido introduzida nos estudos literários e semiológicos por Bakhtine (Cf. Greimas & Courtes, 1979, p. 194). A interdiscursividade, por seu turno, diz respeito à presença, no texto, de fragmentos de “discursos sociais”, construídos de maneira inconsciente pelos indivíduos de um grupo social (Cf. Ch., 1984, p. 40). Tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade se apóiam nos saberes que o interpretante compartilha com o comunicante. Em *Kamouraska* entrelaçam-se, ao discurso da personagem
 33 Elisabeth e aos de outros personagens aí introduzidos, o discurso moralista, o discurso da tradição religiosa, o discurso das crenças populares, o do conhecedor da geografia quebequense, o da magistratura, o do cotidiano feminino, bem como ecos de romances

biográficos do século XIX, de “thrillers” sangrentos, de relatos oníricos, e a superposição de planos narrativos que evocam técnicas cinematográficas.⁶

No processo interpretativo do leitor-tradutor entram em jogo, pois, a competência situacional e discursiva, que vão interagir com a competência lingüística.

A competência discursiva e a competência lingüística integram o circuito do DIZER do ato de linguagem. Convém ressaltar então que tanto o *Contrato literário* sobre-determinante quanto o *Projeto de escritura* pressupõem entre Escritor e Leitor o compartilhamento de um saber lingüístico, o que implica a atividade de leitura em seus aspectos cognitivos, ou seja, em termos do processamento inconsciente dos elementos formais do texto, que permita a construção de sua significação global. Observamos que os estudos sobre a leitura do ponto de vista cognitivo detectam processos mentais que são levados em conta na abordagem semiolingüística do texto. A atividade de formulação de hipóteses, empreendida à medida que o texto vai sendo lido (Cf. Kleiman, 1989b, p. 35) relaciona-se com as expectativas do leitor a respeito do texto, advindas de seu conhecimento intertextual e interdiscursivo. A questão do conhecimento prévio (ibidem, p. 21) sobre o assunto, que é também ativado no momento da leitura, relaciona-se ao *Contrato de fala* sobredeterminante que impõe modelos codificados de ordem psico-social e mesmo textual, e servem de ponto de partida à atividade interpretativa. Entretanto, há outros aspectos da abordagem cognitiva da leitura que nos interessa relacionar especificamente aqui.

Ao iniciar sua atividade de leitura, o leitor já terá ativado seu conhecimento prévio sobre o assunto que pensa estar presente no texto, em interação com as hipóteses que formulou sobre o que o texto lhe trará de informação nova sobre esse mesmo assunto, e em função de um objetivo que o levou a iniciar a leitura de tal texto. Sem deixar de lado o aspecto visual e gráfico do mesmo, o leitor vai iniciar o processamento do texto em termos de agrupamento de palavras em constituintes frasais e depois em frases, ao mesmo tempo em que sua mente constrói significados.

Para além da dimensão de uma frase, os elementos que relacionam as diversas partes do texto contribuirão para a construção de um sentido global. O conjunto destes elementos é chamado de *coesão*. Citam-se como *elementos coesivos* (Cf. Kleiman, 1989b, p. 48): repetições, substituições, pronominalizações, uso de dêicticos, uso de artigos definidos e mesmo o uso da elipse. A coesão contribui para a construção de um cenário com poucos elementos: os mesmos objetos, eventos ou fatos são “referidos várias vezes mediante léxico diversificado” (ibidem, p. 149). Depende, pois, da organização dos elementos formais em

⁶ Como, por exemplo, no capítulo em que os objetos de Leontine Melançon transformam-se nos objetos das irmãs Lanouette tais como eram vinte anos antes. (K., p. 41, último parágrafo).

torno de uma mesma temática, ou em torno de temáticas claramente relacionadas umas às outras. Como a coesão, para o leitor, resulta de “um processo inferencial de natureza inconsciente” (ibidem, p. 50), ela integra uma estratégia cognitiva de leitura. E “quanto mais complexo o texto, mais se faz o controle ativo desse processo” (ibidem). Os materiais formais que marcam a organização de seqüências maiores também estabelecem relações coesivas entre elementos descontínuos do texto.

Por outro lado, o leitor procurará, em seu processamento do texto, a *coerência* entre os diversos elementos significativos que o constituem. A noção de coerência depende não apenas do *Dizer*, isto é, da relação temática identificável entre os enunciados do texto, mas do *Fazer linguagístico*, onde se reconhece a existência de uma relação integradora entre os atos de linguagem que constróem o texto, independentemente ou não de elementos coesivos.

A busca da coerência faz parte da atividade de leitura, e muitas vezes depende do conhecimento prévio do leitor. Assim, é muitas vezes graças aos *esquemas* de conhecimento prévio que podemos identificar se um determinado texto é ou não coerente.

A noção de *esquema*⁷ da psicologia cognitiva refere-se ao conhecimento estruturado que possuímos na memória sobre assuntos, situações, eventos típicos de nossa cultura adquiridos informalmente através de nossas experiências e do convívio numa sociedade (Kleiman, 1989b, p. 23).

Há diferentes definições para *esquema* segundo a concepção de conhecimento a que está atrelada tal noção. Segundo Kintsch & Van Dijk (apud Cavalcanti, 1989, p. 27), o *esquema* é a espécie de informação que deve ser considerada relevante para uma situação específica; segundo Tannen & Wallat (ibidem) são estruturas de conhecimento nas mentes dos participantes na interação, isto é, um conjunto de expectativas baseadas em experiência prévia sobre objetos, acontecimentos e cenários. Um determinado texto poderá ser reconhecido como coerente se todos os seus elementos discursivos estiverem previstos no *esquema cognitivo* ativado no processo da leitura. A esse propósito examinemos o seguinte fragmento de texto:⁸

Todos cantaram parabéns com alegria. Mamãe então começou a cortar o campo de futebol em vários pedaços e todos os convidados disseram que estava gostoso. Logo depois não vi mais nada: adormeci na poltrona e só acordei no dia seguinte, no meu quarto.

Na busca da coerência do texto, o fato de que “o campo de futebol” foi cortado em pedaços não causa estranheza a quem tiver em mente o *esquema* das festinhas de aniversário infantis em que o bolo a ser servido pode representar diferentes objetos, e que não raro, na cultura urbana brasileira, reproduz um campo de futebol em miniatura. Para alguém que

7 Utilizaremos os caracteres em itálico cada vez que nos referirmos especificamente à esta noção de *esquema* cognitivo.

8 Texto construído por nós, para exemplificar a questão da importância do *esquema* na compreensão do texto.

não tiver internalizado tal *esquema* o enunciado certamente representará um obstáculo à sua interpretação e poderá ser julgado “absurdo”, “sem pé nem cabeça”, segundo o que usualmente dizem os falantes a respeito de discursos incoerentes.

Essa noção de *esquema* está, sem dúvida, próxima do conceito de Contrato de fala da proposta de análise que já apresentamos aqui. cremos importante introduzi-la, no entanto, porque o *esquema* ultrapassa as *situações* fortemente codificadas socialmente. Pode atuar em situações menos solidamente codificadas ou em textos menos previsíveis por um *Contrato de fala* estrito. O *Contrato literário-romanesco* que sobredetermina a leitura de um romance, por exemplo, não exclui a ativação de uma série de *esquemas* segundo as situações que o narrador constrói ao longo de sua narrativa. É possível que outros Contratos de fala sejam incluídos dentro do romance, como parte integrante da narrativa, e que haja *esquemas* diretamente ligados a tais contratos. Por outro lado, um *esquema* como aquele que é ativado pela noção de “assassinato”, e que ocorre várias vezes durante a leitura de *Kamouraska*, independe de um Contrato de fala específico. O Contrato de fala parece coincidir com a definição de *moldura* de Goffman (apud Cavalcanti, 1989, p. 27): princípios de organização que governam acontecimentos — pelo menos os acontecimentos sociais — e nosso envolvimento com eles.

Assim, a interpretação do leitor-tradutor dependerá de sua familiaridade com os assuntos tratados no Texto na língua Original (TLO), além, é claro, de suas competências lingüística, discursiva e situacional. O desconhecimento de determinados *esquemas*, de determinadas relações intertextuais e interdiscursivas impedirá, certamente, a interpretação do texto como um todo coerente. Falhas na competência lingüístico-discursiva impedirão o mecanismo de co-referencialidade de elementos textuais que integram a rede coesiva. Tais falhas interpretativas certamente constituirão obstáculos à produção de um Texto na Língua de Tradução (TLT) coerente e coeso.

38 cremos, então, ser possível examinar o papel do escrevente-tradutor sob o ponto de vista que temos utilizado até agora.

2.3 - O lugar do escrevente-tradutor no ato de linguagem

Uma vez concluída a fase de leitura prévia, o tradutor não abandona sua posição de leitor ao começar a produção do texto na língua de tradução (o TLT) e ao assumir o papel de um “escrevente” que se dirige a um determinado conjunto de leitores.

A especificidade da tarefa do escrevente-tradutor reside no fato de que, apesar de produtor de um texto, seu *status* psico-social é o de *decodificador* e *recodificador* de um texto pré-existente. Isto é, a tradução é vista como se o texto na língua original (o TLO) fosse simplesmente decodificável e recodificável em um TLT.

Entretanto, pelo que expusemos anteriormente, o texto não é acessível em si, mas como o resultado da tarefa de um sujeito interpretante, que constrói seus significados a partir de seu *status* psico-social, dos saberes que compartilha com o escrevente ou o escritor, e de um esforço analítico no sentido de hipotetizar as intenções de comunicação deste mesmo escrevente ou escritor do TLO.

Assim sendo, o *status* do tradutor enquanto escrevente encontra-se falseado em sua base, pois está preso a uma concepção do ato tradutório que anula as possibilidades interpretativas do TLO.

39

Outra noção que faz parte do *status* psico-social do tradutor é a do *Contrato de fidelidade*. Os leitores de uma tradução esperam que o TLT seja fiel ao texto original. Taber & Nida (1971, Chap. 1, p. 1-9) discutem a questão da fidelidade a respeito da tradução da Bíblia. Segundo o que reportam, o ponto de vista tradicional era o de reproduzir a forma do original: “os tradutores se vangloriavam de terem conseguido transmitir detalhes estilísticos: os ritmos, as rimas, os jogos de palavras, os quiasmos e os paralelismos.” O ponto de vista defendido por tais autores, no entanto, é o de que “o receptor (leitor ou ouvinte) de nossa tradução reaja tanto quanto possível da mesma maneira que os primeiros receptores no momento em que tomaram conhecimento do texto original” (ibidem). A fidelidade ao texto estaria não na reprodução da forma, mas na adaptação do conteúdo, de modo a produzir um efeito que se pretende idêntico ao produzido inicialmente.

Vemos, nessas considerações, duas posições extremas: uma que privilegiaria a forma em detrimento da interpretabilidade, a outra que privilegiaria a interpretabilidade do texto pelos leitores, em detrimento até de uma fidelidade ao contexto socio-historico-cultural implícito no TLO.

Vinay & Darbelnet (1977) não definem explicitamente a noção de fidelidade. Mas fazendo a distinção entre tradução literal aceitável e tradução literal inaceitável referem-se implicitamente ao fato de que a fidelidade à forma, na maioria das vezes, implica uma

40 tradução que: (a) tem um outro sentido; (b) não tem sentido; (c) é impossível por razões estruturais; (d) não corresponde a uma realidade cultural da língua de tradução (LT); (e) corresponde a uma realidade cultural, mas num outro “registro de língua”. (ibidem, p. 49).

Daí deduz-se que uma tradução, quaisquer que sejam os processos formais utilizados, será aceitável:

- quando a mensagem tiver um sentido em LT (correspondente à objeção b);
- quando além de ter sentido em LT, tiver o mesmo sentido que a mensagem correspondente na língua original (LO) (cf. objeção a);
- quando for estruturalmente aceitável em LT (cf. objeção c);
- quando corresponder a uma realidade cultural de LT (cf. objeção d);
- e quando estiver no mesmo “registro de língua” (cf. objeção e).

Segundo estes princípios, o que o tradutor deve buscar é, de um lado, a fidelidade ao sentido e às diferenciações sociais do uso das formas lingüísticas existentes no TLO, e por outro lado, que seu texto seja estrutural, significativa e culturalmente aceitável pelo leitor da LT. Assim, esse contrato de fidelidade pressuposto por Vinay & Darbelnet também se fundamenta na existência de um sentido imanente ao TLO a ser transposto em LT.

A visão semiolingüística do ato de linguagem tal como foi proposta no presente trabalho não considera que o *sentido* (que em Ch., 1983, p.18, é a *significação*) esteja presente no texto em imanência, independentemente do esforço interpretativo de um leitor. Como então situar o tradutor dentro do Contrato de fidelidade? O tradutor será fiel a quê? À sua leitura? Se a resposta a esta última pergunta fosse afirmativa, então qualquer tradução seria fiel, pois toda tradução é fiel à leitura de quem traduz. Postulemos provisoriamente, nesse
41 caso, que a tradução deverá ser fiel à melhor leitura possível. E a melhor leitura possível será aquela que der conta das interpretações possíveis num determinado momento histórico e num determinado contexto socio-cultural. Será a leitura que procurar não apenas o nível de significação mais evidente, mas que, num *Contrato literário*, por exemplo, interpretar o texto como resultante de um fazer linguagístico voltado para a própria linguagem, isto é, como um lugar onde a linguagem é interrogada enquanto possibilidade de processo criador de novos sentidos.

Na produção do TLT, o tradutor, para ser “fiel” (isto é, para produzir um texto análogo ao TLO), deverá buscar intencionalmente os efeitos de sentido que permitam também ao futuro leitor a melhor leitura possível.

Assim, apesar de o contrato de fidelidade mascarar a tarefa interpretativa do tradutor, tal contrato se realizará na medida em que o tradutor produzir um texto que permita um percurso de leitura análogo ao do leitor moderno do TLO. E a diferença

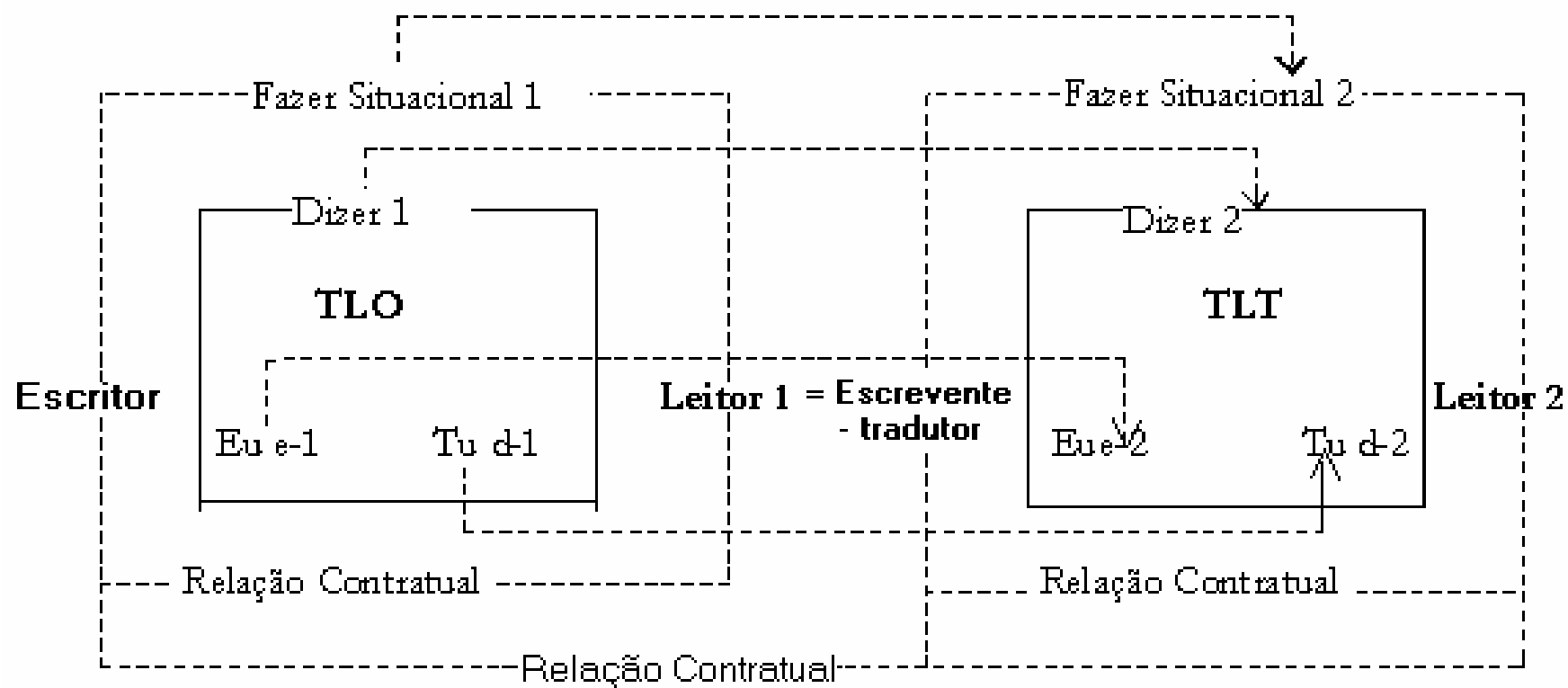
fundamental entre esta postulação e a de Taber & Nida (1971), é a de que acreditamos ser impossível saber como reagiram os primeiros receptores do texto original. É claro que, a partir de uma pesquisa histórica e filológica pode-se reconstituir o que os primeiros leitores ou ouvintes da Bíblia entendiam de seus textos. Ao nosso ver isso não é o mais relevante para se fazer uma moderna tradução da Bíblia, porque o leitor moderno desenvolverá seu trabalho interpretativo num momento socio-historico-cultural diferente. E mesmo que se deseje reconstituir o sentido que um determinado texto pudesse ter na época em que foi apresentado ao público, forçosamente a leitura do público atual estaria atrelada a novas variáveis e os sentidos aí interpretados difeririam, certamente, do pretendido.

Para encerrar a questão do *Contrato de fidelidade*, propomo-nos redefini-lo como a obrigação assumida pelo Tradutor, face ao seu leitor, de que o TLT permita um percurso de leitura análogo ao do leitor mais avisado do TLO, sem deixar de levar em consideração as contingências socio-historico-culturais tanto do ato produtivo do escritor (ou do escrevente) do TLO, quanto as do ato interpretativo do leitor do TLT.

Do que acabamos de postular, explica-se a necessidade periódica de retradução de obras que se acreditava estarem traduzidas uma vez por todas, reajustando-se o TLT ao novo momento historico-cultural.⁹

Retornando ao esquema do ato de linguagem da página 12, o tradutor estaria inicialmente no lugar do TUi, enquanto leitor, para posteriormente estar na posição de EUc num outro circuito, estando o circuito anterior ainda atuante através do contrato de fidelidade:

9 Nossa afirmação retoma a de Rónai (1956) às p. 51.-52.

Esquema comunicativo da tradução:

A relação Contratual do Escritor com o Leitor 1 continua existindo durante o processo de escritura do TLT. O Contrato de fidelidade é visto como a garantia (no nosso entender impossível) da coincidência significativa do Ato de Linguagem do Escritor com o Ato de Linguagem do Tradutor. O papel do tradutor, enquanto escrevente, continua, por isso mesmo, ligado ao circuito do Fazer interpretativo, que continua atuando como matriz na busca do “como dizer”. O escrevente-tradutor é então o mediador de um Contrato entre o **Escritor** e o **Leitor 2**, tanto que este último comentará sua leitura dizendo: “Acabei de ler um livro de Anne Hébert”, ou “já li *No caminho de Swann* de Proust” e só muito excepcionalmente “li a tradução de um livro de Anne Hébert” ou “li a tradução do livro *Du côté de chez Swann*”. Do que acabamos de dizer, conclui-se que o **Leitor 2** considera que o

44 Contrato literário se mantém entre ele e o Escritor, apesar das diferenças inevitáveis e obrigatórias entre o TLO e o TLT.

E o Projeto de Escritura? Teria o tradutor o seu projeto de Escritura? Se dissermos que sim, que tal projeto tem obrigatoriamente de existir, deveremos também ressaltar que não será reconhecido como tal, mas como uma “reprodução” do projeto de um outro, o escritor (ou o escrevente, nos textos não literários). O **Dizer 2** é visto como uma cópia, em outro código, do **Dizer 1**. No entanto, a especificidade da participação interpretativa do **Leitor 1** no Ato de linguagem, pela não-acessibilidade às intenções do escritor em sua totalidade, e pelo próprio fato de que ao escrever, o Escrevente-tradutor está instaurando um novo circuito de Fazer e de Dizer ligados a um momento socio-historico-cultural diverso do Fazer 1, nos impede de aceitar a tradução como sendo uma “cópia”.

A escritura do tradutor se faz objetivando a recriação de sentidos interpretáveis não apenas ao nível do enunciado, mas também ao nível situacional, e, no caso, ao nível do texto como um todo. A concepção de que o Fazer do escrevente-tradutor se reduziria a um trabalho de “colocação em palavras” de um sentido pré-depreendido preferimos a de que a interpretação prévia apenas direciona o processo de escritura do tradutor. É no próprio processo de escritura que o tradutor, relendo e interpretando o que escreveu, decide se o seu TLT está adequado ou não ao seu propósito significativo, isto é, ao seu propósito de

45 fidelidade à interpretação que faz do TLO e de interpretabilidade do texto pelo Leitor2. Há mesmo, nesse processo produtivo, todo um trabalho de reinterpretação, tendo em vista que em seqüência à interpretação mais ou menos global das primeiras leituras, cada enunciado, cada parágrafo será objeto da atenção do tradutor.

Nos capítulos subseqüentes procuraremos demonstrar como é possível ter uma visão crítica a respeito das escolhas efetuadas por um determinado tradutor, recorrendo-se aos conhecimentos que integram as competências lingüística, discursiva e situacional.

Verificaremos como o processo de escritura procura atender aos princípios de coesão e de coerência, sendo o escrevente-tradutor guiado, mais uma vez, por sua capacidade analisante. O texto em LO pode conter elementos que, traduzidos literalmente na LT, produzirão um resultado estruturalmente e significativamente possível em LT, mas que constituirão uma quebra na coerência discursiva. Só a análise da situação “encenada” pelo discurso, nos aspectos significativos que levarem em conta justamente esta “mise-en-scene”, fornecerá ao tradutor as pistas para o seu Fazer produtivo voltado para o Leitor 2.

Utilizaremos em nossa tarefa crítica as classificações propostas por Charaudeau (1983, p. 59-77). Como já tivemos ocasião de expor (Cf. seção 2.1), Charaudeau considera que o EU comunicante detém um saber “linguagístico” que se organiza em contratos e estratégias de fala. Em suas classificações da matéria semântico-formal de uma língua dada propõe uma
46 organização voltada para a “mise-en-scene” da linguagem. Assim, o material morfo-semântico a que se tem acesso num determinado texto será confrontado com o que o TU-interpretante tem armazenado em sua memória tanto através da “atividade estrutural”, que é uma atividade de simbolização referencial, quanto através da “atividade serial”, que tem a ver com as associações de um determinado enunciado com uma série de seqüências possíveis, tanto do ponto de vista interdiscursivo a que já aludimos (Cf. p. 32) quanto do ponto de vista do encadeamento lógico que cada enunciado suscita. O explícito do texto nos fornece pistas interpretativas cuja análise nos permitirá a visão crítica da tradução existente no mercado e a apresentação de uma proposta alternativa que atenda melhor às implicações do ato tradutório.

48 3. ERROS DE TRADUÇÃO

3.1 - *Por falhas na competência lingüística*

Como já foi dito na apresentação deste estudo, a tradução de *Kamouraska* existente no mercado sob o título *A máscara da inocência* (TLT-1) apresenta uma série de erros e inadequações se a compararmos com o texto na língua original (TLO). Para se ter uma visão crítica desses erros, classificáveis por qualquer conhecedor das duas línguas em confronto como sendo “crassos”, cumpre-nos definir o que seja erro de tradução.

O erro de tradução ocorre quando o tradutor desobedece às correspondências de significado existentes entre unidades lexicais significantes das duas línguas sem que haja melhor adequação de seu texto a uma das seguintes condições: à proposta estética do escritor (incluindo suas estratégias discursivas), à realidade cultural do leitor, à coerência textual, às regras de uso da língua de tradução (LT), ou às regras de estruturação sintática ou semântica da LT. Esta definição se baseia no conceito de tradução literal inaceitável presente em Vinay & Darbelnet (1977) e reproduzida à p. 25 do presente estudo.

Propomo-nos, nesta seção, tecer comentários sobre os tipos de erros que denotam uma falha na competência lingüística do tradutor e que, em sua maioria, seriam erros mesmo em outro contexto.

49 Ao apresentarmos nossa proposta de tradução, no entanto, procuraremos adequá-la à seqüência textual onde se encontra, e justificar possíveis afastamentos da tradução literal.

Ao abordarmos o erro de tradução de unidades lexicais utilizaremos os seguintes conceitos: *formas livres* (unidades lexicais significantes que podem constituir por si só uma frase); *formas dependentes* (as que sempre ocorrem ligadas a outras, mas admitem intercalações ou mudança de posição com relação à forma a que se prendem). Assim, em francês, o possessivo com função adjetiva não é forma livre, e é classificável como dependente porque se pode separá-lo, na seqüência fônica, do substantivo por ele determinado: “Ton beau livre”.

As formas livres e as formas dependentes, quando indecomponíveis em formas livres e dependentes menores, serão por nós chamadas de *palavras* ou *vocábulos*. Há também unidades significantes resultantes da reunião de outras, e codificadas na língua como tais. Serão por nós chamadas de *lexias*, e podem ser *livres* ou *dependentes*, segundo o mesmo critério que distingue os vocábulos.

Ao mencionarmos erros de tradução de complementos verbais, nos serviremos da noção de *subcategorização*. A subcategorização é um princípio que integra a teoria padrão da gramática gerativa (Chomsky, 1965) segundo o qual “... a cada verbo estão associadas, no

léxico, as categorias sintagmáticas (SN, SP etc.) com ele compatíveis” (cf. Lobato, 1986, p. 128).

Assim, há também verbos marcados quanto à possibilidade de serem seguidos de sentenças (orações) como: “**Pensar: [+ ____ S]**”. O que está descrito entre aspas representa formalmente a *subcategorização* do verbo pensar, onde o travessão indica a posição ocupada pelo verbo, o sinal + indica que se trata de “[...] marcação positiva, isto é, que se trata de características contextuais com as quais o item em questão pode se combinar”. (Lobato, 1986, p. 129).

Diz-se, ao se falar de um determinado verbo, que ele *subcategoriza* tal ou qual categoria sintagmática. Assim, ao nos referirmos a acreditar, podemos dizer que este verbo subcategoriza uma oração completiva, do mesmo modo que o verbo pensar que consta da exemplificação acima.

No decorrer de nosso estudo, por força das implicações gramaticais de determinados erros de tradução, mencionaremos com frequência este princípio.

3.1.1- Erros atribuíveis à displicência do tradutor

3.1.1.1- Os estrangeirismos do texto na língua de tradução

Em sua proposta de recategorização dos procedimentos técnicos da tradução, Barbosa (1989, p. 89) propõe que se utilize a designação *estrangeirismo* para referir-se ao procedimento que consiste em transferir para o TLT os vocábulos ou lexias da LO que se refiram a um conceito, uma técnica ou um objeto mencionado no TLO que sejam desconhecidos para os falantes da LT. Vinay & Darbelnet (1977) classificam este mesmo procedimento como *empréstimo*, acrescentando que, muitas vezes, o tradutor mantém no TLT termos estrangeiros para introduzir uma “côr local”.

Adotamos a designação de Barbosa (1989) porque o termo *empréstimo* já tem seu uso definido na ciência lingüística. Segundo Pottier (1973), empréstimo é “[...] o procedimento pelo qual uma língua incorpora um elemento de uma outra língua” (p. 119). No empréstimo, os elementos estrangeiros são adaptados à morfologia, à fonologia e à ortografia da língua que os incorpora. Nesta sub-seção comentaremos como os estrangeirismos são usados pelo tradutor de TLT-I, propondo soluções diferentes segundo as circunstâncias.

Segundo a tradição, o tratamento dos topônimos numa tradução depende do uso da LT: se já existe um topônimo correspondente na LT, este deverá ser utilizado na tradução. O tradutor de TLT-I seguiu essa praxe, e traduziu para Quebec, Canadá, Estados-Unidos, Montreal e Nova Iorque os seus correspondentes em francês.

Quanto ao nome dos logradouros, o tradutor de TLT-1 preferiu mantê-los como os do TLO, conservando em francês o próprio substantivo comum que designa o tipo de logradouro. Assim, a tradução do enunciado da p. 7, linhas 1 e 2, é a seguinte em TLT-1:

“A Sra. Rolland, contra seus hábitos, não saíra da casa da Rue du Parloir” (p. 3).

E no cap. 2, p. 8 do TLT-1 : “O carro aproxima-se. Rue Saint-Louis, Rue des Jardins, Rue Donacona”. No cap. 9, p. 46 do TLT-1: “Square Royal. Rue Charlotte. Rue Georges. Esquina das Rues Augusta e Philippe.” No cap. 10, p. 53, do TLT-1: “Nada tenho a ver com os mistérios defuntos e pouco edificantes desta casa de tijolos na esquina das Rues Augusta e Philippe, em Sorel”. Consulte-se ainda o cap. 49, p. 181 e 182, e cap. 65, p. 244.

52 A manutenção do substantivo “*square*” na tradução talvez se deva à intenção de manter a côr local, para criar um ambiente típico da cultura da língua original. “*Square*” já é um empréstimo do inglês e designa um tipo de praça ocupada por um jardim cercado de grades.

O substantivo “*rue*” presente no TLT-1, entretanto, além de constituir-se num obstáculo à leitura coerente do texto, nada acrescenta à côr local. Acreditamos que a razão da manutenção de tal substantivo tenha sido a dificuldade de seguir a regra de não traduzir nomes próprios nas designações “rue du Parloir” e “rue des Jardins”. Com efeito, tanto *Rua du Parloir* como *Rua do Parloir* resultam numa espécie de hibridismo lingüístico pouco compreensível numa tradução.

Nossa proposta é a da tradução, além do substantivo “*rue*”, também do nome da rua nestes dois casos. Rua do Parlatório, Rua dos Jardins não apresentam obstáculo à leitura e não constituem incoerências ao lado de Rua Augusta, Rua Philippe, Rua Charlotte, Rua Georges, Rua Saint-Louis, Rua Donacona. Estas últimas podem ser interpretadas como ruas que receberam nomes em homenagem a figuras ilustres, enquanto as duas primeiras receberam tais nomes por abrigarem locais de importância social.

Com relação aos antropônimos, apenas os nomes Flórida e Vitória foram traduzidos para o português. Em TLT-2, além de também traduzirmos estes dois nomes, propusemos uma espécie de aclimação (cf. Barbosa, 1989, p. 92), isto é, uma transferência do nome do TLO para o TLT com uma pequena modificação.

53 Não se trata da tradução para o português, mas de uma adaptação da grafia francesa às regras de acentuação do português. Na prática, isto se limitou à eliminação dos acentos agudo e grave sobre a vogal *e*, do acento circunflexo sobre o *o* e do trema sobre o *i*, passando os nomes *Jérôme*, *Auréli*e, *Adélaïde*, *Angélique*, *Éléonore*, *Églantine*, *Léontine*, *Mélançon* e *d'Aulnières* a serem escritos, no TLT-2, como *Jerome*, *Aurelie*, *Adelaide*, *Angelique*, *Eleonore*, *Eglantine*, *Leontine*, *Melançon* e *d'Aulnieres*. Com estas mudanças tais nomes continuam a ser

interpretados como de língua francesa e apresentam-se mais acessíveis à leitura num texto em língua portuguesa onde os acentos gráficos têm a função de indicar, além do timbre, a intensidade, o que não ocorre com os do francês. Levamos em conta, nessa “aclimação”, o fato de que são nomes de personagens ficcionais e que o texto será consumido enquanto ficção. Os nomes de pessoas reais em textos oficiais, tendo em vista sua importância documental, não são suscetíveis de sofrer esse mesmo tipo de modificação.

Além dos estrangeirismos *rue* e *square* já apontados aqui, há alguns outros que foram mantidos em TLT-I. Dois deles nos parecem admissíveis ou mesmo preferíveis à tradução: “perdido dentro de seu imenso *robe de chambre*” (TLT-I, c. 5, p. 23); “Seu *lorgnon* agita-se violentamente sobre seu peito estreito.” (TLT-I, c. 7, p. 35). Estão dicionarizados os substantivos *chambre* e *robe* como correspondentes a “*robe de chambre*” (Ferreira, 1975). Entretanto, a lexia
 54 *robe de chambre* não causa estranheza ao leitor brasileiro, e julgamos que o tradutor poderia mesmo ter dispensado os caracteres itálicos ao mantê-la no TLT-I. O substantivo *lorgnon*, por seu turno, tem como correspondente o aclimatado *lornhão* (cf. Ferreira, 1975). Mas será que os leitores brasileiros o identificariam como a designação do objeto conhecido por *lorgnon*? Neste ponto, julgamos que o tradutor de TLT-I agiu adequadamente, pois *lorgnon* é mais aceitável do que o rebarbativo e estranho *lornhão*.

Outros estrangeirismos, entretanto, não nos parecem necessários nem oportunos. Nos exemplos seguintes: “Consigo com dificuldade tirar o manto de pele e desembaraçar-me das *écharpes* de lã” (c. 32, p. 133); “a renda de suas calças de *nansouk*” (c. 3, p. 16); “as mãos imóveis sobre a saia de *crinoline*” (c. 2, p. 8). Os substantivos grifados já foram incorporados e aclimatados ao português: *écharpe*, *nanzuque* e *crinolina* são verbetes de Ferreira (1975). Não há razão para mantê-los no TLT-I como estrangeirismos.

Há ainda outros exemplos: “Entrar numa *boutique*”; “Tribunal do *Banc du Roi*” (ambos do c. 1, p. 4); “Minhas três *chaperons* transidas de frio, na casa do guarda-caça” (c. 12, p. 63); “Os pares que dançavam e os *chaperons* ficam como que imobilizados, a respiração presa”; “Envolta no xale imenso de tia Adélaïde, vejo-me sentada bem no meio do clã de *chaperons*” (ambos do c. 32, p. 133 e 134).

O substantivo *boutique*, como estrangeirismo: de uso corrente, designa a loja
 55 sofisticada, de pequeno porte. *Boutique* em francês (e na acepção que está atualizada em TLO) é definido como “parte de um prédio onde um comerciante, um artesão expõe, vende sua mercadoria” (cf. Robert, 1970).¹⁰ A tradução conveniente a tal substantivo é *loja*, e não há por que manter o estrangeirismo no TLT.

¹⁰ Optamos por traduzir no corpo do texto os verbetes do dicionário Robert (1970) cada vez que recorrermos a essa fonte de referência. Assim, todas as referências ao Robert, quando em português, são traduções de nossa responsabilidade.

Para traduzir-se “*Cour du Banc du Roi*” é fato que não existe um correspondente exato em português, visto que os sistemas judiciários do Canadá do século XIX e do Brasil não coincidem. Para um leitor brasileiro, entretanto, o texto será convenientemente fiel à interpretação do original se simplesmente traduzirmos tal designação por “Tribunal do Rei”, dispensando o estrangeirismo. Neste caso, o estrangeirismo é inconveniente porque desfaz a associação semântica com a menção à Rainha Vitória que aparece logo depois no texto, bem como em outras passagens do romance.

56

A manutenção do estrangeirismo *chaperons* no TLT-1 parece despropositada porque não faz parte do elenco daqueles que são familiares aos falantes do português. Nos trechos em que foi mantido, designa as velhas senhoras acompanhantes das moças solteiras aos acontecimentos sociais. Propomos a tradução *acompanhantes* na passagem do cap. 12, pois é este o papel das três tias de Elisabeth na cabana de caça. Apresentamos abaixo os dois trechos do cap. 32 do TLO, seguidos de nossa proposta:

Danseurs, danseuses et chaperons se figent et retiennent leur souffle. (TLO, p. 138, l.8).

Enveloppée dans le châle immense de tante Adélaïde, je me retrouve assise au beau milieu du clan des chaperons. Livrée aux regards sévères des vieilles filles et des veuves. (ibidem, l.21-24).

Dançarinos, dançarinas e demais convidados ficam imóveis e prendem a respiração. (TLT-2 p.LXXIV).

Envolta no xale imenso de tia Adelaide, vejo-me sentada bem no meio do clã de acompanhantes. Entregue aos olhares severos das solteironas e das viúvas (ibidem).

A designação mais genérica que usamos (“demais convidados”), para traduzir *chaperons* no primeiro trecho, inclui o grupo das velhas senhoras, mantendo-se TLT-2 adequada à situação das personagens descritas em TLO. Em comparação com TLT-1, tem a vantagem de não oferecer obstáculos à interpretação. No segundo trecho a designação acompanhantes traduz mais especificamente a função de *chaperon*. E associa-se semanticamente ao enunciado subsequente onde são mencionadas as solteironas e as viúvas. No trecho correspondente em TLT-1, é bastante difícil, para o leitor brasileiro, deduzir o significado do estrangeirismo a partir das seqüências vizinhas. Talvez por comodidade, o tradutor de TLT-1 não investigou o significado de *chaperons* para depois decidir que designação melhor traduziria seu significado.

Algumas unidades lexicais particulares ao francês do Quebec apresentam dificuldades para o tradutor. Duas delas foram mantidas no TLT-1: “Bebe caribou” (c. 3, p. 68); “Ouve-se o coaxar das rãs ao longe. Cerca a cidadezinha uma espécie de muralha cristalina em que surge, às vezes, o brilho surdo dos wawarons.” (c. 37, p. 148) .

57

Nos dicionários franceses (mesmo nos dicionários enciclopédicos que relacionamos em nossa bibliografia) não consta *wawaron*. E *caribou* é definido como a “rena do Canadá” (Robert, 1970 e Dubois, 1977). O leitor brasileiro é capaz de inferir que *caribou* é uma bebida

forte, ajudado pela interpretação da sequência em que este substantivo está inserido. Foi esta a nossa interpretação antes de contactarmos, através de carta, o Professor Jean-Guy Deschamps, da Universidade Laval. Este, gentilmente nos comunicou, após consulta ao dicionário de Poirier et alii (1988), que se trata efetivamente de uma bebida, definida como “vinho ao qual se adiciona álcool, consumido principalmente durante a estação fria”. Acrescentou que “não é destinado àqueles que têm as papilas gustativas delicadas”. Como se trata de uma bebida típica, e cujo significado pode ser facilmente inferível pelo leitor, somos favoráveis à manutenção deste estrangeirismo no TLT.

Quanto a *wawaron*, foi igualmente o Professor Deschamps que nos transcreveu o seguinte trecho do dicionário de Dagenais (1967): “Esta palavra de origem iroquesa designa no Canadá a rã de grande porte que só é encontrada na América do Norte. É conhecida pelos demais francófonos pelo nome de *grenouille mugissante* e *grenouille-taureau*.”

Reconhecemos que nem sempre o tradutor tem a seu dispor todas as obras de consulta necessárias a seu trabalho. Mas deveria esforçar-se para achar uma solução, pois o leitor tem ainda menos meios para descobrir o que seja *wawaron*. Ao lermos o TLO pela primeira vez, interpretamos “*wawarons*” como um fenômeno da natureza: ventos, relâmpagos e, quem sabe, trovões? Depois, imaginamos que se tratasse do nome de um batráquio que fizesse companhia às rãs citadas, porque já tivemos a experiência de assistir a uma verdadeira sinfonia de rãs e sapos no campo, à beira de um lago, onde certas “vozes” destacavam-se de outras. Na verdade, somente com o esclarecimento do Professor Deschamps é que tivemos certeza do que se trata.

Transcrevemos a seguir o trecho de TLO em que ocorre tal substantivo, bem como nossa proposta de tradução:

Le chant des grenouilles se déploie au loin. Entoure la petite ville d'une sorte d'enceinte cristalline où parfois surgit l'éclat sourd des wawarons. (TLO, c. 37, p. 152).

Um coaxar se desdobra ao longe. Envolve a cidadezinha com uma espécie de muralha cristalina, onde, por vezes, destacam-se os mugidos surdos dos wawarons, as rãs gigantes da região.

Para podermos explicar, no texto, o significado de “*wawarons*”, utilizamos o substantivo *rãs* no último dos enunciados acima. Com isso, para evitar a repetição, suprimimos a menção direta a rãs no primeiro enunciado, ficando subentendida apenas pelo verbo coaxar.

Em capítulo posterior abordaremos a questão dos pronomes de tratamento *Monsieur*, *Madame* e *Mademoiselle* que foram transferidos como estrangeirismos para o TLT-1.

Há um certo número de citações em inglês no TLO que devem ser mantidas, em princípio, no TLT. Isso acontece em TLT-1 com relação à transcrição, nos capítulos 1 e 6, de trechos do auto de acusação de Elisabeth escritos em inglês. Nestes dois capítulos, o tradutor

de TLT-1, além de reproduzir o texto em inglês, forneceu uma tradução em pé de página. Entretanto, no cap. 8, após novas referências ao auto, o comentário: “The queen! Toujours the Queen!” do TLO (p. 44) é traduzido no corpo do TLT-1. A interferência do inglês no discurso de Elisabeth significa a própria interferência da acusação de que é culpada, na busca de sua inocência. Assim, a manutenção de tal trecho em inglês, não adotada em TLT-1, contribuiria para a construção do conflito em que se debate a personagem — entre o desejo de liberdade e o complexo de culpa.

Além destas há uma citação em latim no TLO: “*In pace*” (cap. 4, p. 23) que foi traduzida em TLT-1: “Em paz” (p. 19). No entanto, deveria ter sido mantida, pois constitui uma reminiscência das palavras do sacerdote ao ministrar a comunhão aos fiéis, ditas em latim porque esta era a língua oficial da Igreja Católica na época dos acontecimentos narrados.

Do que acabamos de expor, pode-se dizer que embora o estrangeirismo seja um procedimento técnico válido, deve-se levar em conta, em sua utilização, as competências lingüística e discursiva do leitor. Se já for integrante do elenco de empréstimos já dicionarizados pela LT, a forma da língua original só se justifica se a aclimação for artificial, como no caso de lornhão. Nos demais casos, manter o termo da LO nos parece plausível quando se tratar de um elemento típico da cultura da LO e quando o contexto permitir a inferência do significado do mesmo. O tradutor pode, ainda, fornecer uma definição no próprio texto. Com relação ao TLT-1, vimos que, muitas vezes, o tradutor não atentou para a conveniência de seus estrangeirismos, que nos pareceram, na maioria das vezes, uma forma de escapar à dificuldade de traduzir.

⁶⁰ 3.1.1.2- *As falsas inferências*

Os erros que apresentaremos a seguir revelam um menosprezo para com o TLO por parte do tradutor responsável pelo TLT-I.

Uma simples consulta ao dicionário, ou um cuidado maior com o texto impresso os teria evitado, posto que não se prendem a nenhuma dificuldade de se encontrar um termo correspondente na LT, nem a nenhuma contingência contextual. Vejamos os exemplos:

TLC, c. 10, p. 57: “domestiques, aubergistes, *bateliers*, paysans...”. Aqui, “*bateliers*” foi traduzido por *banqueiros* (TLT-I p. 53) em vez de *barqueiros*, o que parece ser um erro tipográfico.

TLO, c. 56, p. 209: “Je me défends de donner droit d'asile et permis d'identité à cet étranger...”. A *lexia* sublinhada foi traduzida por *célula de identidade* (TLT-I, p. 206) no que também parece um erro tipográfico.

TLO, c. 8, p. 48: “Il s'applique féroce^{ment} en soignant surtout *les majuscules*.” O substantivo sublinhado foi traduzido por *letras minúsculas* (TLT-I, p. 44) no que pode ser interpretado como um erro de revisão.

TLO, c. II, p. 62: “Deux longs mois de prison pour moi aussi, Aurélie.” Em TLT-I, p. 58, “*mois*” foi traduzido por *anos*, o que parece também ser um erro de revisão, pois no cap. I de TLT-I, onde se relata o mesmo acontecimento, a tradução de “*mois*” se faz corretamente por *meses*.

⁶¹ TLO, c. II, p. 62: “Une sorte de poids enfoui sous terre. Une ancre rouillée.” A tradução de “*ancre*” por *câmara* em TLT-I é mais um exemplo de inobservância imotivada à correspondência significativa entre unidades lexicais da LO e da LT.

Os erros listados a seguir resultam igualmente em inobservância imotivada às correspondências significativas entre unidades lexicais. Atribuímos tais erros não apenas à falha na competência lingüística do tradutor, mas igualmente ao desconhecimento quanto ao seu papel de mediador fiel do escritor do TLO. Uma concepção errônea do que seja “tradução não literal” pode levar a uma atitude em que, ao deparar-se com palavras e *lexias* desconhecidas, o tradutor “mal informado” resolva simplesmente inferir um significado plausível a partir do contexto, divergindo daquele do TLO.

É claro que mesmo o tradutor mais experiente e competente pode deparar-se com palavras desconhecidas. Mas neste caso, o que se espera é que, à falta do conhecimento prévio necessário à compreensão do texto, ele se valha de fontes de consulta que o levarão a tal compreensão. É fato sabido que os dicionários unilíngües e bilíngües são as ferramentas mais usadas pelo bom tradutor, e permitem resolver, senão todas, grande parte das dúvidas de natureza lexical encontradas durante o processo de tradução.

Dos erros que assinalamos a seguir a maioria poderia ter sido resolvida com a consulta a dicionários facilmente manuseáveis, como os de Ferreira (1975) para a língua portuguesa, Dubois (1977) e Robert (1970) para a língua francesa, e Azevedo (1952), para o
 62 confronto entre as duas línguas, sem necessidade de maiores reflexões por parte do tradutor.

Muitas vezes, no caso dos substantivos, os erros resultam numa designação pertencente à mesma classe semântica da que seria conveniente, ou numa designação mais genérica: como na tradução de *sourcils* por pestanas ou na tradução de *charrette* por carro. Assinalamos a seguir exemplos em que as designações, por se referirem a objetos integrantes tanto da cultura franco-canadense quanto da cultura brasileira, não oferecem nenhuma dificuldade de tradução, e que, no entanto, foram traduzidas erradamente em TLT-1:

TLO, c. 1, p. 8: “*fiacre*” (s.m.) se traduz por uma palavra idêntica em português: fiacre, tendo no entanto sido traduzido por tílburi (TLT-1, p. 4).

TLO, c. 6, p. 31: “*sourcils*” (s.m.pl.) corresponde a sobrancelhas e não a pestanas (p. 27).

TLO, c. 8, p. 49: “*ficelle*” (s.f.) em português é barbante e não laço (p. 45).

TLO, c. 14, p. 74: “*prairies*” (s.f.pl.) são pradarias e não planícies (p. 70).

TLO, c. 41, p. 162: “*phlox*” (s.m.) se traduz por flox. Por desconhecer a palavra em português, o tradutor preferiu o termo genérico flores (p. 158).

TLO, c. 45, p. 171: “*fichu*” (s.m.) designa, em francês, o lenço ou o xale, e não a gola (p. 168).

63 TLO, c. 45, p. 171: “*envoûtement*” (s.m.) corresponde a fascinação, sortilégio. Nada tem a ver com dedicação (p. 169).

TLO, c. 49, p. 184: “*toit*” (s.m.) foi erradamente traduzido por teto (p. 182), quando o correspondente em português seria telhado.

TLO, c. 3, p. 18: “*office*” (s.m.) é designação correspondente a copa ou a cozinha, e não a sala (p. 15).

TLO, c. 3, p. 20: “*bonne(s)*” (s.f.) designa as criadas, do sexo feminino, e não os criados (p. 16).

TLO, c. 49, p. 185: “*lucarne*” (s.f.) é a lucarna, traduzido erradamente por trepadeira (p. 182).

TLO, c. 59, p. 219: “*bouilloire*” (s.f.) traduzido erradamente por caldeirão (p. 216) quando o termo correspondente seria chaleira.

TLO, p. 61, p. 228: “*étouffe*” (s.f.) corresponde a tecido, fazenda e não a fazenda fina (p. 225).

Em várias passagens do cap. 2 e do cap. 4, a personagem Elisabeth menciona “une charrette”: por três vezes à p. 12, seis vezes à p. 13. Todas estas ocorrências foram traduzidas em TLT-1 como carro. Entretanto, para o leitor brasileiro, carro designa o veículo automotor do século XX, e não aquele a que se refere o substantivo “charrette”: veículo de carga de tração animal, de duas rodas. A designação correspondente em português é carroça. No cap. 4 reaparece a designação “charrette” repetida cinco vezes ao longo das páginas 23 e 24. As traduções respectivas em TLT-1 são: carro, carro, viatura, veículo e carro (p. 19 e 20). A variação da designação neste capítulo fere o contrato de fidelidade porque a reiteração no TLO tem o efeito de acentuar o estado obsessivo que domina a personagem, o que se perde no TLT-1.

TLO, c. 8, p. 44: “*pièce*” (s.f.), no contexto em que se encontra, corresponde a cômodo ou peça da casa. A tradução por “sala” (p. 40) restringe a referência a um tipo de cômodo, o que não corresponde à intenção narrativa do escritor. Como se trata de uma referência às visitas do Dr. Nelson a Elisabeth, segundo uma testemunha que afirma que a mãe da personagem estava sempre junto deles (“Madame sa mère les suivait toujours dans la pièce où ils se trouvaient” – p. 44), a própria profissão de médico implicaria a possibilidade de permanência por algum tempo no quarto da paciente — o que fica excluído pela tradução “sala”.

TLO, c. 10, p. 59: “*robe*” (s.f.) foi erradamente traduzido, por duas vezes, por “manto” (p. 55). Nas duas ocorrências a tradução conveniente seria *vestido*: o *vestido* da primeira comunhão de Elisabeth e o “*vestidinho*” de índia de Aurélie Caron. Como se trata da roupa de duas personagens femininas, o contexto não deixa dúvidas. Em outras passagens do texto, como no cap. 55 (p. 201), “*robe*” tem outro significado: designa a *manta* de pele usada para proteger os viajantes do frio intenso.

TLO, c. 11, p. 64: “*taille*” (s.f.), que em outro contexto pode significar *estatura*, *altura*, no enunciado “Ma taille, la musique” é uma referência à *cintura* da personagem quando esta descreve a cena em que dança a polca com o Governador do Condado. Nesta dança, como é sabido, os cavalheiros enlaçam as damas pela cintura. A tradução *decote* (TLT-1, p. 60) é um abuso da parte do tradutor.

TLO, c. 14, p. 74: “*grèves*” no sintagma “les prairies de grèves” corresponde a *praias* em português. A tradução por “As planícies de saibros”, além de ser uma desobediência ao princípio de fidelidade, soa estranha ao uso da língua portuguesa pela pluralização de *saibro*, substantivo normalmente utilizado apenas no singular. Propomos a tradução “As pradarias do litoral” para evitar a aliteração parasita que se verificaria na tradução “pradarias de praias.”

TLO, c. 18, p. 90 e c. 21, p. 101: “galette de sarrasin” designa um tipo de alimento feito de massa preparada à base de farinha de trigo-sarraceno (espécie diversa do trigo propriamente dito), e não é familiar culturalmente ao leitor brasileiro. Mas, por sua forma achatada, e pelo fato de ser à base de um cereal, pode ser designado por *bolacha de trigo-sarraceno*. Mesmo que o leitor brasileiro não tenha conhecimento prévio do que seja o trigo-sarraceno, interpretará tal especificação como referente a um cereal típico da cultura quebequense. As traduções *bolos de farinha de trigo* (p. 85) e *bolos de massa* não nos parecem convenientes por não especificarem nem o ingrediente principal (presente no TLO) nem o formato de tal alimento.

66 TLO, c. 34, p. 143: “Vêtements lourds brusquement ouverts sur la tendresse du ventre.” A tradução de “tendresse” por *flacidez* em TLT-1 (p. 138) é inadequada. Apesar de “tendresse” só aparecer nos dicionários como derivado do adjetivo *tendre* com o sentido de *terno*, *afetuoso*, neste trecho há uma nítida relação com o sentido de *tenro*, *macio*, pois descreve a característica do ventre de uma mulher jovem. *Flacidez*, enquanto conceito, é culturalmente depreciativo, associando-se a velhice e a feiúra. Daí propormos como tradução para este trecho: “Roupas pesadas abertas bruscamente, expondo a maciez do ventre”.

TLO, c. 59, p. 220: “plat” (s.m.) corresponde a *travessa*, recipiente onde se servem alimentos, em português. A tradução por *camada* (p. 218) é um erro que suprime do texto a referência a um objeto que serve para compor a caracterização da personagem Victoire Dufour enquanto estalajadeira. Ao preferirmos a designação *bandeja* para traduzir “plat”, o fizemos porque, apesar de não corresponder ao mesmo objeto, mantém a mesma função discursiva, que é a de ativar o *esquema* de “serviço de restaurante”, associado a Victoire Dufour.

Além de “caribou” e “wawaron” estudados na sub-seção anterior, encontramos, ao longo do romance, mais três substantivos que, no francês do Quebec, têm uma significação diversa do francês da França. São eles:

TLO, c. 59, p. 219: “bombe”, traduzido erradamente por “*bomba*” (TLT-1, p. 216) e que corresponde ao português *chaleira* — significado facilmente inferível da sequência onde se encontra “bombe” no TLO, e que confirmamos em Poirier (1985).

67 TLO, c. 16, p. 81: “nuage et crémone” traduzidos erradamente por *nuvens* e *cremona* (TLT-1, p. 77). Estes dois substantivos designam tipos de echarpe ou cachecol de lã (cf. Poirier, 1985, p. 66 e 107) e figuram num enunciado que descreve as roupas de Aurélie: “Col, colerette, nuage et crémone” (TLO, p. 81). Tradução que propomos: “Colarinho, gola, echarpe e cachecol” (TLT-2, p. XLVI).

Há também inúmeros erros de tradução de adjetivos, verbos e advérbios atribuíveis à displicência em não investigar a significação das unidades lexicais. Só nos ocuparemos em comentar os casos que demandariam uma reflexão maior do tradutor, além da simples consulta ao dicionário.

TLO, c. 1, p. 10: “Il me semble que ce nom sonne dans ma tête, comme une cloche grêle”. O adjetivo “grêle” foi traduzido como estridente em TLT-1, p. 6. No dicionário Robert (1977, p. 805) *grêle* é definido como “o que se diz de um som agudo e pouco intenso”. Por não encontrarmos um adjetivo que correspondesse a esta definição em português, em TLT-2 optamos por repartir esta significação entre duas unidades lexicais, e o enunciado correspondente é: “Este nome parece ressoar em minha cabeça como o tilintar de um sino distante” (TLT-2, p. VI). O verbo *tilintar* substantivado descreve o timbre agudo do sino, e *distante*, especificando um som, implica em pouca intensidade.

68 TLO, c. 13, p. 70: “J'appelle mon orgueil à mon secours, comme mon Dieu. Tandis que l'image carotte de Mary Fletcher me brûle de curiosité, de jalousie et de désir.” O adjetivo “carotte” (derivação imprópria do substantivo “carotte” que corresponde a *cenoura* em português) é usado como especificador de *cabelos*. Em passagem anterior (suprimida indevidamente em TLT-1) menciona-se: “Mary Fletcher, une prostituée. Seigneur! Son manteau rouge. Ses cheveux carotte.” (TLO, c. 13, p. 69). Assim, a tradução de “carotte” por *esguia* em TLT-1, p. 66, é de provocar riso, e mostra mais uma vez a incompetência lingüística do tradutor.

Começando pelo trecho da p. 69, a tradução poderia ser a seguinte: “Mary Fletcher, uma prostituta. Meu Deus! De casaco vermelho. Os cabelos cor de cenoura.”

E o trecho da p. 70: “Apelo para meu orgulho. Como se ele fosse Deus. Enquanto isso a imagem cor de cenoura de Mary Fletcher me enche de curiosidade, de ciúme e de desejo.”

TLO, c. 9, p. 50: “Je soupire profondément. Est-ce l'innocence première qui m'est rendue d'un coup, dans un paysage d'enfance?” Como este enunciado apresenta, em seu conjunto, dificuldades para a tradução, transcrevemos toda a passagem correspondente de TLT-1, p. 46: “Foi justamente a inocência que me lançou, de um só golpe, numa paisagem da infância?”

Tal tradução é inadequada porque inverte a relação entre *inocência* e *paisagem da infância*. No enunciado do TLO, está claro que a paisagem da infância é o local em que a personagem imagina *receber de volta* a infância (“est rendue”: voz passiva de “rendre”, traduzível literalmente por *é devolvida*).

69 Na tradução de TLT-1, inversamente, a infância precede e provoca a paisagem. Fizemos várias tentativas de tradução deste trecho, como: “Minha inocência original estaria repentinamente de volta numa paisagem da infância?” Mas a seqüência de advérbios em *-mente* que se

estabeleceria (o enunciado anterior é: “Suspiro profundamente”) provocaria um efeito de eco, indesejável porque em desacordo com os efeitos sonoros do TLO.

Rejeitamos também a tradução “Minha inocência original estaria sendo devolvida de súbito numa paisagem da infância?” porque julgamos que as três formas verbais neste enunciado são sonoramente pesadas e pouco significativas para um trecho que serve de conclusão a toda uma descrição bucólica da cidade de Sorel. Nossa proposta mais aceitável (que acreditamos possa ser aperfeiçoada) retira simplesmente o advérbio deste enunciado: “Suspiro profundamente. Minha inocência original estaria de volta numa paisagem da infância?” Assim, a paisagem foi conservada como o cenário da desejada recuperação da inocência pela personagem.

TLO, c. 24, p. 111: “Il n'y a que le premier mari de madame qui soye pas là.” A tradução em TLT-1, p. 106, suprimiu a negação, resultando em infidelidade ao TLO (qualificável de contra-senso, porque diz o contrário do texto original): “Somente o primeiro marido de Madame é que está lá.” Este trecho reproduz uma fala de Aurélie, onde a narradora procurou reproduzir formas do francês popular¹¹, como “soye” em vez de “soit”, e a supressão do advérbio “ne”. Entretanto, como se sabe, o advérbio “pas” é suficiente para tornar o enunciado negativo.

70 TLO, c. 9, p. 53: “Il me semble que j'ai payé assez cher l'honneur d'être Madame pour ne pas y renoncer facilement”. O tradutor de TLT-1, ao traduzir erradamente o advérbio “assez” por muito torna o enunciado incoerente: “Parece ter sido muito caro o preço dessa honra de ser Madame para não se renunciar assim tão facilmente a isso.” A incoerência vem do fato de que este enunciado estabelece uma relação de implicação entre “honra a preço muito caro” e “renúncia à honra” após haver pago tal preço — o que está em desacordo com a atitude da personagem que insiste em usufruir dos direitos que a “honra de ser uma mulher casada” lhe confere. Nossa proposta: “Acho que paguei caro pela honra de ser casada, o bastante para não desistir tão facilmente.” Esta tradução mantém, em português, relação de finalidade entre “paguei caro o bastante” e “para não desistir tão facilmente”, tal como nas orações correspondentes em francês. Com isso, fica clara a persistência da personagem em não desistir.

11 Cf. GUIRAUD, Pierre. 1986, p. 24.

3.1.2- As armadilhas da semelhança fônica entre unidades lexicais

Em seu *Guia prático da tradução francesa* (1983), Paulo Rónai arrola várias das “armadilhas” da tradução do francês para o português, sendo que destaca, dentre elas, os chamados “falsos amigos”:

71 [...] palavras de línguas diferentes que, por causa da etimologia comum, se assemelham na forma, mas têm sentido diferente, como, por exemplo, attendre em francês e “atender” em português, ou ainda armée e “armada”. Semelhanças enganadoras como estas são naturalmente freqüentes entre línguas do mesmo tronco, tais como o francês e o português, cujo vocabulário deriva em grande parte da mesma fonte latina, mas passou por evolução semântica diferente. (Rónai, 1983, p. XII)

Ao lado dos falsos amigos, há os falsos cognatos — “palavras cuja semelhança não resulta de étimo comum, apenas de mera coincidência da evolução fonética: assim “*bourrée*” e ‘*burrada*’, “*casse*” e ‘*caça*’, “*chute*” e ‘*chute*’.” (Rónai, 1983, p. XII).

O que há de comum entre esses dois tipos de erros de tradução, além do desconhecimento do léxico da língua original, é o falso pressuposto, por parte de quem traduz, de que a toda semelhança fônica deva corresponder uma semelhança de significado. Na resenha ao livro de Millôr Fernandes, *The cow went to the swamp. A vaca foi pro brejo*, Miriam Lemle refere-se a este tipo de erro como resultante da “ignorância da autonomia entre o plano da estrutura semântica e o plano da estrutura fonológica” (Lemle, Miriam, 1990, p. 118). O tradutor avisado é consciente desta autonomia e, diante de uma palavra ou de uma lexia que desconheça, procura investigar seu significado, em vez de simplesmente seguir o falso princípio enunciado acima.

O tradutor de *Kamouraska* apresenta em seu texto inúmeros exemplos de erros de tradução atribuíveis a este falso pressuposto. Apresentaremos a relação de alguns deles, que acreditamos ser de interesse para os que se dedicam à tradução do francês para o português.

72 Além da semelhança fônica entre as duas línguas, também a semelhança fônica intralingual pode levar o tradutor de parcos conhecimentos lexicais a traduzir erradamente — ao confundir parônimos e ao estabelecer falsas relações entre palavras parecidas do francês. Alguns dos exemplos que estudaremos prendem-se portanto à semelhança fônica intralingual, e ao mesmo falso pressuposto a que nos referimos acima.

Substantivos traduzidos erradamente por apresentarem semelhança fônica com outros do português ou do francês: “*lame*” (s.f.) (TLO, c. 5, p. 25) integra a lista de falsos amigos de Paulo Rónai (1983, p. 96). No contexto do cap. 5, pode traduzir-se por *onda*, *vaga* e nada tem a ver com *lama* (TLT-I, p. 21).

TLO, c. 8, p. 42: “*romance*” (s.f.) traduz-se por *romança* (s.f.), “composição musical, em geral curta, para canto e piano, de cunho sentimental ou patético, típica do século XIX” (cf.

Ferreira, 1975, p. 1256). Foi traduzido erradamente por *romance* (s.m.) (TLT-1, p. 38) – típico exemplo de falso amigo.

TLO, c. 10, p. 50: “fourrure” (s.f.) traduz-se por *pele* (s.f.) usada para proteger do frio ou para ornamentar roupas. Foi traduzido erradamente por *forro* (TLT-1, p. 55). O mesmo erro aparece em TLT-1, c. 8, p. 44.

TLO, c. 10, p. 59: “cachemire” (s.m.) corresponde, em português, ao estrangeirismo *cashmere* (s.m.) (cf. Ferreira, 1975, p. 293) que designa “lã muito fina e macia, do pêlo de cabra do Himalaia” e não a *casimira* (s.f.) (TLT-1, p. 55), que designa “tecido encorpado de lã, usado em geral para vestuário masculino” (cf. Ferreira, 1975, p. 293).

73 TLO, c. 12, p. 66: “rame” (s.f.) é outro dos substantivos que integram a lista dos “falsos amigos” de Paulo Rónai (1983, p. 143). Traduz-se por *remo* (s.m.) e não por *ramo*. (TLT-1, p. 62).

TLO, c. 13, p. 72: “violon” também integra a lista de falsos amigos de Paulo Rónai e se traduz por *violino* (s.m.) e não por *violão* (TLT-1, p. 68).

TLO, c. 13, p. 72: “violoneux” (s.m.) , em consequência do que está dito acima, designa o “tocador de violino” e não de violão (TLT-1, p. 68).

TLO, c. 46, p. 177: “bulle” (s.f.) seguido da especificação “d'air” significa *bolha de ar* e não *bola de ar* (TLT-1, p. 174).

TLO, c. 54, p. 197: “enfer” (s.m.) corresponde a *inferno* e não a *inverno* (TLT-1, p. 195). Parece-nos mais um erro de revisão.

TLO, c. 55, p. 201: “robe” (s.f.) no plural e seguido da especificação “de bison” designa as mantas usadas para proteger do frio, e não *roupas*, como em TLT-1, p. 198. Mesmo erro no c. 59, p. 218, de TLT-1.

TLO, c. 6, p. 33: “flaque” (s.f.) traduz-se por *poça* em português, no contexto do cap. 6, onde é mencionado que há leite derramado no chão. Foi traduzido erradamente por *garrafa* (TLT-1, p. 30), naturalmente pela semelhança com *frasco*.

74 TLO, c. 54, p. 197: “poupée de son”, lexia traduzida convenientemente por *boneca de pano* à p. 176, c. 47, TLT-1, inexplicavelmente foi traduzida como *boneca de som*, no c. 54, p. 194, do mesmo TLT-1. No primeiro exemplo o tradutor teria identificado “son” como sendo o *farelo* que serve de enchimento à boneca de pano, e, no segundo, acometido de esquecimento, não logrou tal identificação? Não sabemos. Só nos resta registrar nossa estranheza.

Verbos traduzidos erradamente presumivelmente por apresentarem uma certa semelhança fônica com outros, do português e mesmo da própria língua francesa:

TLO, c. 6, p. 30: o particípio passado “bordées”, do trecho “Elle s'y prend à deux reprises pour défaire les couvertures bordées serré, sans un pli”; foi traduzido erradamente por *bordadas* (TLT-

1, p. 27). Diz-se "border une couverture" quando se introduz a coberta sob o colchão, deixando-se livre apenas o lado da cabeceira. Efetivamente não há correspondente exato a "border" em português, com esta significação. A tradução de "défaire les couvertures" é *desfazer a cama*, lexia que exclui a referência direta às cobertas. Para que "bordées serré, sans un pli" seja traduzido, é necessário reintroduzir a designação correspondente a "couvertures" eliminada em *desfazer a cama*, e utilizar-se um número maior de unidades lexicais do que no TLO.

Examinemos a nossa tradução: "Tenta por duas vezes desfazer a cama, retirar as cobertas que foram presas sob o colchão sem uma prega sequer." (TLT-2, p.XXII). Introduzimos "retirar as cobertas" retomando "desfazer a cama" para podermos referir-nos a *cobertas*. E para justificar a dificuldade da personagem em "desfazer a cama", procuramos traduzir "bordées", o que nos pareceu viável com uma oração relativa, equivalente sintaticamente ao particípio passado. Se eliminássemos a relativa utilizando um particípio passado como em francês, o resultado seria: "...retirar as cobertas presas sob o colchão sem uma prega sequer". Parece-nos, entretanto, que esta última tradução poderia prestar-se a interpretações ambíguas, imaginando-se, por exemplo, que as cobertas estariam guardadas inteiramente sob o colchão.

Nosso empenho em encontrar uma tradução fiel para este trecho se justifica porque aí estão contidas informações importantes para a caracterização da personagem de Leontine Melançon, meticulosa como convém ao estereótipo da professora solteirona.

TLO, c. 17, p. 85: "Pour me maudire" foi traduzido erradamente por "para maldizer-me" (TLT-1, p. 81) em vez de "para amaldiçoar-me". A semelhança fônica entre os componentes morfológicos "*mau-*" e "*mal*" deve ter levado a tal erro.

TLO, c. 39, p. 159: "Atteindra bientôt..." O verbo "atteindre", que corresponde a *atingir*, foi confundido com seu parônimo "attendre" e traduzido erradamente em TLT-1 por *esperará* (p. 154).

Apresentamos a seguir alguns dos adjetivos traduzidos erradamente por terem sido presumivelmente mal interpretados devido à semelhança fônica com formas do português e mesmo do francês que não guardam, estas, nenhuma correspondência significativa:

TLO, c. 5, p. 27: "incrédule" foi erradamente traduzido por *incrível* (TLT-1, p. 23). O incrível é que o inverso também ocorreu: "incroyable" (TLO, c. 24, p. 109) foi erradamente traduzido por *incrédulo* (TLT-1, p. 104).

76

TLO, c. 7, p. 38: "dans une eau sale..." O adjetivo "sale", confundido com "salée" foi erradamente traduzido por *salgada* em TLT-1, p. 34. Como se sabe, "sale" corresponde a *sujo* (aqui, ao feminino "*suja*") do português.

TLO, c. 36, p. 150: "... ombres gigantesques et flasques ..." O adjetivo "flasque", que corresponde ao português *flácido*, *mole*, foi erradamente interpretado como um substantivo e traduzido, certamente pela semelhança fônica, por *frascos*, em TLT-1, p. 145.

Há também advérbios e preposições traduzidos erradamente por semelhança fônica com unidades lexicais do português que, no entanto, não guardam correspondência significativa com o francês:

TLO, c. 51, p. 190 e TLO, c. 54, p. 199: "très vieilles femmes": Em TLT-1, o advérbio "très" foi traduzido por *três* às p. 187 e 196, certamente pela semelhança fônica — sem levar em conta as conseqüências que tais mudanças acarretariam para a narrativa. A tradução de "très vieilles femmes" poderia ser simplesmente *velhinhas*.

TLO, c. 54, p. 198: "L'homme là-bas". Como se sabe, o advérbio "là-bas" pode traduzir-se por "*lá longe*" ou simplesmente "*lá*", e não por "*lá em baixo*" como ocorre em TLT-1, p. 195.

TLO, c. 37, p. 153: "roulez bien votre veste sous votre tête". Erro de preposição: "sous" corresponde a "*em baixo de*" e não a "*sobre*". Qualificamos tal erro como de semelhança fônica, mas talvez seja simplesmente devido à displicência do tradutor, pois "*sob*" também é semelhante fonicamente a "sous" e não ocorreu ao tradutor neste trecho.

⁷⁷ TLO, c. 53, p. 195: "Depuis combien de jours et de nuits..." A preposição "depuis" foi traduzida por "depois de", certamente pela influência da semelhança fônica entre tais formas. Como se sabe, "depuis" não marca posterioridade como "*depois de*", mas sim o período de tempo decorrido a partir de um determinado momento até um momento posterior. Tradução possível para o trecho acima: "há quantos dias e noites..."

3.1.3 — As armadilhas da idiomatização

Os processos morfológicos de derivação de uma dada língua fazem parte da competência lingüística dos falantes desta língua. Assim, o prefixo "**re-**" do francês — tanto quanto o seu correspondente "**re-**" do português — serve para formar verbos derivados de outros verbos, e acrescenta a significação de repetição do processo expresso pelo verbo ao qual se aplica. Como exemplo, podemos citar "relire", derivado de "lire" que corresponde a *reler* em português, derivado de *ler*. Assim como "refaire", derivado de "faire" corresponde a *refazer*, derivado de *fazer*.

No entanto há inúmeras outras formas derivadas com o prefixo "**-re**" (em ambas as línguas) que adquiriram sentidos que não correspondem a uma simples repetição do processo expresso pela forma primitiva. Tal fato é o resultado de uma evolução semântica, que pode atingir não apenas os derivados por prefixação, mas todos os demais processos de

formação de palavras. Diz-se então que tais formas sofreram um processo de idiomatização, isto é, quando podem ser interpretadas como um todo cujas partes perderam sua significação isolada em detrimento deste todo.

Alguns erros de tradução de *Kamouraska* prendem-se ao desconhecimento da idiomatização de processos de derivação e composição, como verificaremos nos exemplos a seguir.

TLO, c. 64, p. 245: “est renvoyé”... O verbo “renvoyer” foi traduzido erradamente em TLT-1 por “é enviado novamente” (p. 242) e tal erro se prende à tradução isolada do prefixo “re-” como equivalente a *novamente*. No texto, tal erro resulta numa incoerência, pois faz pressupor um “enviar” anterior que não ocorreu. Neste trecho, “renvoyer” deve ser traduzido por *adiar*: “O caso de Elisabeth é adiado para as sessões de setembro”.

TLO, c. 21, p. 100: “raréfié” foi traduzido erradamente por “rarificado” (TLT-1, p. 95), forma não dicionarizada. É um exemplo típico de interpretação isolada de unidades morfológicas induzindo ao erro. Seguindo a regularidade das correspondências “mortifier” – *mortificar*, “rectifier” – *retificar*, “exemplifier” – *exemplificar*, o tradutor “criou” *rarificar* a partir de “raréfier”.

TLO, c. 13, p. 69: “Mary Fletcher, une prostituée”. O substantivo “prostituée” foi traduzido pelo particípio passado do verbo prostituer: “... uma prostituída” (TLT-4, p. 65). O tradutor parece ter-se deixado influenciar pelos componentes morfológicos de tal vocábulo, interpretando, de um lado, o radical “prostitu-” e de outro a desinência “-ée”, correspondentes respectivamente a “prostitu-” e “-ida” em português. Não foi capaz de perceber que se trata da designação correspondente a *prostituta*, a única possível em tal contexto.

TLO, c. 64: “Le gouverneur de la prison la salue bien bas, comme s'il s'agissait d'une méprise”. Tal substantivo foi traduzido por “alguém desprezível”, numa interpretação errônea de méprise como derivado de “mépriser”. A interpretação baseada numa semelhança não apenas morfológica mas também fônica, aliada à ignorância do léxico francês, induziu ao erro.

O substantivo “méprise” é derivado do particípio passado do verbo “méprendre”. Tradução conveniente do trecho: “O administrador da prisão a cumprimenta em voz baixa, como se tivesse havido um erro judiciário”.

Os exemplos acima dizem respeito ao erro de tradução de vocábulos. Nos trechos que examinaremos a seguir, um tipo de erro semelhante ocorre na tradução de lexias substantivas, adjetivas, adverbiais e prepositivas: cada um de seus componentes (isto é, cada uma das formas livres ou dependentes que entraram em sua composição) foi traduzido erradamente como se fosse semanticamente independente do sentido global.

TLO, c. 6, p. 30: “vieille fille”. E ainda, em outras passagens do c. 8 (p. 41 e 48 do TLO). Traduções respectivas em TLT-1: “mulher velha” (p. 26), “velhas criaturas” (p. 37), “velhas” (p. 38), “velhas criaturas” (p. 44).

Não é preciso ter-se um conhecimento profundo do léxico do francês para saber-se que “vieille fille” corresponde a *solteirona* do português. Apenas uma vez — talvez por acaso — o tradutor de TLT-1 traduziu adequadamente esta designação, assim mesmo acrescentando
80 desnecessariamente o adjetivo velhas: “Entregue aos olhares severos de velhas solteironas e viúvas” (TLT-1, p. 134). Tal erro, como todos os que arrolamos até aqui, resultou em infidelidade ao TLO, prejudicando inclusive a definição do *status* dos personagens na narrativa.

TLO, c. 13, p. 69, e c. 64, p. 243: “jeune fille à marier”. A lexia “jeune fille” entra na composição de outra: “jeune fille à marier”, que corresponde a “moça casadoura” em português. As traduções “jovem que precisa casar-se” (TLT-1, p. 66) e “uma jovem para casar” (TLT-1, p. 240) resultam em infidelidade ao texto original. Ao recordar-se do tempo em que era “une jeune fille à marier” a personagem refere-se tão-somente à sua condição de *jovem em idade de casar*.

TLO, p. 172, c. 45: “mauvais garçon”. Em TLT-1 foi traduzido como “jovem mau”. Tal como os erros anteriores, trata-se da tradução isolada de cada um dos componentes de uma lexia. Em francês, “mauvais garçon” designa o *rufião* ou o *desordeiro*, que vive na marginalidade.

TLO, c. 46, p. 175: “chapeau haut de forme”. A tradução em português desta lexia é *cartola* e não o risível “chapéu alto de forma” de TLT-1, p. 172 — completamente estranho ao uso da língua portuguesa.

TLO, c. 49, p. 186 e c. 64, p. 243: “jeune mariée” e “mariée”. O substantivo “mariée” e a lexia “jeune mariée” foram traduzidos por “jovem casada” em TLT-1. No entanto, o substantivo assim
81 como a .lexia correspondem a *recém-casada* ou *jovem recém-casada* em português. A idiomatização da forma “mariée” em seu uso como substantivo foi ignorada pelo tradutor de TLT-1.

TLO, c. 49 e c. 60: “emploi du temps”. A tradução de cada um dos componentes de *per si* redundou numa sequência que, apesar de não ser incompreensível em português, não corresponde ao uso da língua: “emprego do tempo” (TLT-1, p. 183 e p. 221) .

Tradução que propomos:

TLO, c. 49, p. 186: “Essayer de reconstituer l'emploi du temps de cette fille en voyage, dans le bas du fleuve”.

TLT-2: Tentar reconstituir a sequência de ações dessa mulher que viaja para o estuário.” (p. XCVIII)

TLO, c. 60, p. 224: “Il y a pourtant un trou dans l'emploi du temps de celui que je cherche”.

Nossa proposta: “Há no entanto uma falha no encadeamento das ações daquele que procuro.”

A lexia "emploi du temps" pode ser traduzida globalmente em outros contextos: em contexto escolar corresponde a *grade horária* ou simplesmente a *horário*. Na vida cotidiana atual, falar do "emploi du temps" de alguém equivale, em português, a falar da *agenda* desta pessoa – designando *agenda* não mais o artefato no qual se escreve o que está programado para se fazer, mas a própria programação.

No romance, "emploi du temps" designa, em ambos os trechos, as ações dos personagens na ordem em que elas efetivamente ocorreram (no plano ficcional, é claro).

82

TLO, c. 54, p. 199: "Je souhaite le secours des bonnes femmes de Sorel."

"Bonnes femmes" neste trecho é uma lexia e não um sintagma do qual se deva traduzir os componentes separadamente. Ao dizer "bonnes femmes" a personagem não está qualificando as mulheres de Sorel como sendo *boas*. É uma maneira de referir-se eufemicamente e com um leve tom pejorativo a um grupo de mulheres, da parte de alguém que se julga superior. No singular, "bonne femme" também é uma referência pejorativa, que revela, da parte do falante, uma certa reprovação ao comportamento do referente. Nesta passagem do romance, como as *mulheres* a que se refere a personagem estão ocupadas em tagarelar no salão da casa, uma boa tradução seria a que levasse em conta este sentido: "Desejo ser socorrida pelas comadres de Sorel" (TLT-2, c. 54, p. CII)

TLO, c. 11, p. 61: "...à la suite d'Aurélié." O tradutor não identificou a lexia preposicional "à la suite de", traduzindo "suite" como "séquito" (p. 57), significado possível de tal vocábulo quando não integrante da lexia. Como se sabe, "à la suite de" corresponde a *atrás de* ou *depois de* em português. Tradução proposta: "Só tenho o tempo de correr atrás de Aurelie ao longo do rio." (TLT-2, p. XXXVII).

83

TLO, c. 11, p. 62: "gros comme le bras". Trata-se de uma lexia adverbial que, segundo Robert (1970), "diz-se para acompanhar uma apelação lisonjeira". Em Dubois (1977) é definida como pertencendo à variante familiar, significando "largamente, sem restrição", e, no exemplo fornecido por este dicionário, é usada a respeito de uma apelação. Não tem pois nada a ver com o aspecto físico da personagem, como foi traduzida em TLT-1, p. 57: "era magra". Como uma das traduções possíveis, propomos em TLT-2: "Naquele tempo, lhe chamavam de 'senhorita', com toda a pompa." (p. XXXIX)

TLO, c. 35, p. 146: "Retiré du monde en quelque sorte." A tradução desta lexia por "de uma maneira qualquer" (TLT-1, p. 141) é equivocada, inclusive porque o indefinido "quelque" não corresponde a *qualquer* em português. "En quelque sorte" é uma lexia adverbial que, quando especifica uma atribuição ou um processo, corresponde à tradução "*de certa forma*" ou "*de certa maneira*". Pode também estar especificando o próprio ato de linguagem, significando

“por assim dizer”. O trecho em questão se presta a ambas interpretações. Nossa proposta: “Retirado do mundo, por assim dizer.”

TLO, c. 19, p. 93 e c. 24, p. 111: “en bataille”. As traduções desta lexia são de provocar riso em quem as lê, pois seu sentido metafórico já está cristalizado e integrado ao idioma francês. Fica portanto sem sentido o esforço de criação de comparações ou de metáforas originais para traduzi-la, tal como ocorre em TLT-1, cap. 19: “A Sra. Rolland mostra uma cabeça de medusa emergindo do roupão, pronta para lutar.” Em TLO c. 19, “en bataille” está especificando “robe de chambre”, e pode ser traduzido por “em desordem”, “em desalinho” em português.

No cap. 24, a tradução desta lexia está igualmente errada: “... logo desaparecem em meio a muita confusão como numa batalha.” (p. 106). O trecho em TLO é o seguinte: “Aurélié Caron, Sophie Langlade, Justine Latour disparaissent aussitôt, dans un fouillis de tabliers blancs en bataille.” (p. 111). Tanto ⁸⁴ “fouillis” como “en bataille” referem-se ao movimento desordenado dos aventais das criadas. Em nossa tradução optamos por suprimir uma destas referências: “... logo desaparecem, numa confusão de aventais brancos.”

TLO, c. 1, c. 24 e c. 28: “au bout de...” A cada ocorrência de “au bout de” o tradutor de TLT-1 repetiu a mesma construção: “na extremidade de”. No dicionário Robert (1970, p. 188) “bout” é definido como “parte de um objeto que o termina no sentido do comprimento”, definição esta que realmente corresponde a extremidade em português. Mas não é sempre que o contexto permite tal tradução, havendo, mesmo no dicionário, vários significados possíveis para a lexia “au bout de”.

Passamos a examinar alguns exemplos retirados de *Kamouraska* para verificarmos como podemos adaptar a tradução da lexia ao contexto em que se encontra.

TLO, c. 1, p. 9: “La pitance parfaite au bout d'une branche.”

TLT-2: “A ração perfeita na ponta de um galho.”

TLO, c. 1, p. 7: “Cette disponibilité sereine qui l'envahissait jusqu'au bout des ongles.”

TLT-2: “A disponibilidade serena que lhe escorria até a ponta dos dedos.”

Preferimos efetuar uma modulação ¹² ao traduzir “jusqu'au bout des ongles” porque o usual em português é referir-se à extremidade das mãos como as “pontas dos dedos”. A escolha do substantivo “ponta” também obedeceu ao critério de procurar seguir o uso da língua.

⁸⁵ TLO, c. I, p. 9: “Rejoindre mon amour, à l'autre bout du monde.”

TLT-2: “Reencontrar meu amor, no outro lado do mundo.”

¹² A modulação é um procedimento que consiste em substituir, na tradução, um termo (que corresponderia literalmente ao original) por outro que mantém com o substituído uma relação semântica semelhante às que são encontradas entre o “próprio” e o “figurado” nas figuras de palavras. Entre unhas e dedos há uma relação da parte com o todo, como na metonímia. Cf. VINAY & DARBELNET, 1977, P. 88.

A tradução de “bout” por extremidade seria inadequada porque em português não é usual dizer-se “na extremidade do mundo”. Em francês, “à l'autre bout du monde” é um emprego figurado da lexia “au bout de”.

TLO, c. 28, p. 127: “Là-bas, tout au bout de Sorel.”

TLT-2: “Lá longe, no outro lado de Sorel.” (p. LXVII)

Além da tradução errada de “là-bas” por lá embaixo (já anteriormente comentada como um “falso amigo”) a tradução de TLT-1 “na outra extremidade de Sorel” é inadequada pela mesma razão que observamos nos exemplos anteriores: é contrária ao uso da língua portuguesa.

TLO, c. 24, p. 110: “Me voici assise au bord du lit, les pieds battant l'air, au bout de ma longue chemise, comme pour tâter la fraîcheur d'une eau imaginaire.”

O tradutor de TLT-1 procurou evitar a dificuldade deste trecho, traduzindo “chemise” por cama (p. 105). Propomos a tradução seguinte: “Sentada na beira da cama, fico balançando os pés que saem da camisola, como se procurasse sentir o frescor de uma água imaginária.” Neste trecho, tal como “au bout de”, a oração relativa “que saem” localiza os pés com relação à camisola: “bout” é o limite da camisola; “sair” é o deslocamento de um corpo a partir de um limite — daí a possibilidade desta tradução.

86 Apresentaremos a seguir comentários sobre erros verificados na tradução de lexias verbais:

TLO, c. 13, p. 70: “On dit qu'il boit et qu'il court les filles.”

TLT-1, p. 66: “Dizem que bebe e corre as moças.”

Tal tradução é flagrantemente contrária ao uso da língua portuguesa. Tradução que propomos: “Dizem que ele bebe e faz farra com as mulheres.”

TLO, c. 11, p. 61: “Nous avons l'air de répéter une pièce.”

TLO, c. 11, p. 62: “Sans avoir l'air d'y croire.”

TLO, c. 28, p. 127: “J'ai l'air d'évoquer des esprits.”

Em português, a sequência “ter o ar de” não é uma lexia. A tradução destes trechos em TLT-1 soam aberrantes porque “ter o ar de”, em português, não admite uma oração completiva como em francês. O erro do tradutor de TLT-1, redundou, então, em uma construção agramatical em português. As traduções que propomos para os exemplos acima variam de acordo com o contexto, procurando manter a significação da lexia do TLO, ao aplicar a modalidade do parecer aos predicados que a complementam. Assim: C. 11: “Parece que estamos ensaiando uma peça” (TLT-2, p. XXXVII). “Aparentemente sem acreditar” (TLT-2, p. XXXVIII). C. 28: “Parece que evoco espíritos” (p. LXVII).

TLO, c. 36, p. 148: “George et moi [...]. Jouons le jeu.” O tradutor de TLT-1 interpretou isoladamente o verbo “jouer” como representar e “jeu” como jogo, formando uma sequência incoerente no texto. A lexia “jouer le jeu” pode ser traduzida ou por “fazer o jogo” ou “entrar no jogo”.

TLO, c. 27, p. 126: “les jeux sont pourtant faits d'avance”. O tradutor interpretou “jeux” como partidas e “sont faits” como são preparadas (TLT-1, p. 120), isoladamente. Trata-se, entretanto, da lexia “les jeux sont faits” – que pode ser traduzida por “a sorte está lançada” em português. Neste trecho do TLO, como a lexia oracional vem modificada pela lexia adverbial “d'avance”, tal tradução global não nos parece adequada para descrever o que Elisabeth está imaginando neste ponto da narrativa – com referência às partidas de xadrez que George e Antoine disputavam no seminário, das quais George era sempre o vencedor.

Elisabeth interpreta este fato como uma fatalidade e um prenúncio do assassinato de Antoine por George. A tradução de “les jeux sont faits d'avance” poderia ser então “a partida está decidida antes de começar”, ou “o jogo está decidido antes de começar”. Optamos por esta última para evitar o eco “partida – decidida”.

TLO, c. 1, p. 9: “Il faut se faire une raison.”

TLT-1, p. 5: “É preciso arranjar uma razão.”

A lexia “se faire une raison” corresponde a resignar-se, conformar-se em português. Este é mais um exemplo típico de como a incapacidade do tradutor em identificar lexias é flagrante.

TLO, c. 19, p. 94: “Mon mari s'appelle Jérôme Rolland et je vais de ce pas lui faire un bout de conduite. Jusqu'à la mort.”

Mais uma vez interpretando isoladamente os componentes de uma lexia, o tradutor de TLT-1 traduziu “conduite” como modo de agir, divergindo totalmente do TLO: “... e eu vou manter esse modo de agir até o fim, até a morte.” (p. 89) A tradução conveniente pode ser encontrada consultando-se Robert (1970, p. 188): “acompanhar alguém em uma parte de seu caminho”, dentro do verbete “bout”. Tradução que propomos para o trecho acima: “Meu marido se chama Jerome Rolland e vou agora mesmo acompanhá-lo em seu caminho. Até a morte.”

TLO, c. 38, p. 156: “L'homme qui fait un tel cauchemar se lève.” Tradução em TLT-1: “O homem causador deste pesadelo ergue-se.” (p. 151). A lexia “faire un cauchemar” traduz-se corretamente por “ter um pesadelo”, em português. A tradução errada redundou em incoerência, porque o que está sendo narrado é justamente o pesadelo de George – o “homem” mencionado no enunciado e a quem, por isso, só pode ser atribuído o papel de vítima e não o de “causador”.

TLO, c. 49, p. 186: “Il ne me sera fait grâce d'aucun détail.” Tradução em TLT-1, p. 183: “Não me será concedida a graça de qualquer detalhe”. O enunciado faz parte da seqüência seguinte em TLT-1: “Toda a minha vida terá que desenrolar-se novamente sem que eu possa intervir, sem que possa modificar o que quer que seja. Não me será concedida a graça de qualquer detalhe.” Como o exemplo anterior, este também constitui uma incoerência dentro do TLT-1 e um contra-senso com relação ao TLO. O leitor fica sem compreender porque “os detalhes”, durante a reconstituição, seriam identificados como uma graça concedida, posto que a personagem está insatisfeita por ter de presenciar novamente todos os acontecimentos que a fizeram cúmplice de um crime.

Com relação ao TLO, o enunciado em questão significa o contrário do que está em TLT-1, e deveria ser traduzido por algo semelhante à seguinte proposta: “Não me será poupado nenhum detalhe.”

TLO, c. 1, p. 10: “...et l'amour qui m'a laissé pour compte un soir de février.”

TLT-1, p. 6: “... e o amor que me deixou possessa numa noite de fevereiro.” O tradutor certamente interpretou “laisser pour compte” como “deixar por conta”. E no português do Brasil “por conta” é uma lexia definida como “em estado de indignação” (Ferreira, 1975). Ocorre que tal equivalência é equivocada, pois “laisser pour compte” nada tem a ver com a lexia do português, e significa “deixar para trás”, “abandonar à própria sorte”. Tradução que propomos: “... e o amor que me abandonou à própria sorte numa noite de fevereiro.” (TLT-2, p. VI)

TLO, c. 64, p. 243: “Tous les invités se pâment d'aise”.

TLT-1, p. 240: “Todos os convidados pasmam-se à vontade.”

Além de errar por traduzir isoladamente os componentes da lexia, há inclusive erro na tradução isolada de “aise”, que só corresponde a “à vontade” na lexia “à l'aise”, ou “à son aise”. O enunciado produzido em TLT-1 é sem sentido em português, atentando contra a coerência discursiva. Como se pode facilmente verificar no dicionário, “se pâmer d'aise” pode traduzir-se por “ficar encantado”, “ficar maravilhado”. (Robert, 1970, verbete “aise”).

TLO, p. 243, 64: “Quel joli mariage! On n'en revient pas.”

TLT-1, p. 240: “Que belo casamento! Dele não se escapará.”

Tal como a tradução do enunciado anterior, esta também constitui uma incoerência dentro do texto. O enunciado “Dele não se escapará”, onde “dele” seria uma referência a casamento, interrompe a continuidade temática da descrição de um casamento imaginário, e não se justifica por nenhum outro elemento narrativo posterior. É claro que o erro desta tradução não se resume à incoerência: a lexia “n'en pas revenir” é definida no dicionário como “être très étonné”. Em TLT-2, foi por nós traduzida, no enunciado do c. 64, como: “Todos ficam

maravilhados.” O adjetivo “*maravilhado*” corresponde ao estado de espanto, surpresa, interpretável em “On n'en revient pas.”

No cap. 29, esta mesma lexia também foi traduzida erradamente. O trecho é o seguinte: “Les voisins réveillés n'en reviennent pas d'une course aussi extravagante dans la nuit”. (TLO, p. 131). Traduzido por: “Os vizinhos despertados não se espantam de uma corrida assim tão extravagante à noite.” (TLT-1, p. 126). Do que já dissemos acima, “*n'en pas revenir*” refere-se à permanência do espanto. Assim, a tradução de TLT-1, além de estar errada, por não corresponder à significação da lexia em francês, constitui-se numa incoerência, pois o que se espera como reação dos vizinhos de Elisabeth à “*corrida extravagante durante a noite*” é a surpresa e não a indiferença. Tradução que propomos: “Os vizinhos, despertados, ficam surpresos com uma corrida tão extravagante no meio da noite.”

TLO, c. 5, p. 28: “Pourquoi ne pas en prendre son parti? Se décharger de cet homme à la fin?”

A desconsideração do pronome en neste enunciado deve ter sido o motivo da tradução inadequada em TLT-1, p. 24: “Por que não toma sua decisão?”. As lexias “*prendre son parti*” e “*prendre son parti de quelque chose*” não são equivalentes semanticamente. Esta última traduz-se por resignar-se a, aceitar a situação. (Cf. Robert, 1970, vb. “parti”).

TLO, c. 15, p. 78: “... c'est aussi un homme de théâtre, livré aux gestes et aux vociférations de ses passions. Bien mal lui prend, d'ailleurs, car...”

O tradutor de TLT-1 confundiu a lexia “mal prendre à quelqu'un de...” que significa “*ter conseqüências desagradáveis*” (Robert, 1970, p. 1378) com outra lexia construída com “*prendre*”: “*s'en prendre à quelqu'un*” que significa atacar, responsabilizar. Daí a tradução errada: “Pior se o recriminam disso...” (p. 74).

Tradução que propomos: “Pior para ele, aliás, pois...”

TLO, c. 58, p. 213: “Ce qui me gêne le plus ce n'est pas tant d'avoir à me passer de tout le côté solennel des salles d'audience”.

A lexia “se passer de quelque chose” foi interpretada erradamente em TLT-1 como “passar por”, resultando em contra-senso em TLT-1, p. 210: “O que me incomoda mais não é tanto ter de passar por todo o lado solene das salas de audiência.” Ao contrário, “*se passer de*” significa “privar-se de”, “dispensar”.

3.1.4 — Erros na estruturação de sintagmas e enunciados da LT

Influenciado pela gramática do francês, o tradutor de TLT-1 produziu uma série de enunciados que infringem as regras gramaticais do português. Outros enunciados, apesar de serem aceitáveis, são verdadeiros decalques de uma determinada estrutura característica do francês. O exagero na frequência desta estruturação acaba por torná-la um cacoete do tradutor, pois não corresponde à baixíssima frequência com que nos parece ocorrer em textos escritos em português.

Nos casos examinados, verificamos que os erros não se prendem a uma falha na interpretação do TLO, mas a uma falha na produção do texto na LT — e seriam, ao nosso ver, identificáveis a uma simples releitura.

Os erros que- levantamos são os seguintes:

TLT-1, c. 38, p. 150: “[...] Melanie Hus, de quem você tratou e a quem velou com tanta dedicação se acorda de repente da morte [...]”

93 O verbo acordar não se constrói com pronome reflexivo em português. Este erro resulta de um decalque de “*se réveiller*” do francês.

TLT-1, c. 41, p. 159: “Estendidos, todos os dois...”

Diante do numeral dois especificado por todos não se admite artigo em português. Isto é um decalque de “*tous les deux*” do francês.

TLT-1, c. 20, p. 90: “Não se vê uma criança correndo nem rindo. Não se ouve uma voz de mulher.”

Em português, a negação aplicada ao verbo se estende ao complemento quando este é determinado por um indefinido. O correspondente ao enunciado acima seria: “Não se vê nenhuma criança correndo nem rindo. Não se ouve nenhuma voz de mulher.”

O trecho correspondente em TLO, entretanto, não contém verbo: TLO, p. 95: “Pas un enfant ne court ni ne rit. Pas une voix de femme.” Nossa proposta: “Nenhuma criança correndo nem rindo. Nenhuma voz de mulher.” (Cap. 20).

TLT-1, c. 19, p. 89: “Segui-lo passo a passo o mais tempo possível.”

94 O superlativo aplicado ao substantivo tempo constitui uma agramaticalidade em português. Trata-se da tradução equivocada de “*le plus longtemps possible*.” Nossa proposta: “Segui-lo passo a passo, o mais que puder.” (Cap. 19). Assim, o superlativo é interpretado como uma intensificação do processo de “*seguir*”, o que implica um prolongamento ou uma repetição no tempo – traduzindo sob uma outra visão a duração interpretável em “*le plus longtemps possible*.”

TLT-1, c. 9, p. 46: “Desde um breve momento há qualquer coisa que se passa do lado da claridade.”

A preposição desde em português não constrói uma especificação de duração como o faz a preposição “*depuis*” em francês. A tradução impensada de “*depuis*” por desde resultou num enunciado agramatical em português.

A tradução do trecho “*Depuis un instant il y a quelque chose qui se passe du côté de la lumière.*” (TLO, p. 50) tem de levar em conta o uso do vocábulo instante em português. Na referência a um instante, diz-se, de preferência “neste instante” ou “neste mesmo instante”, sem a especificação de duração. Assim, propomos: “Neste instante algo está acontecendo do lado da luz.” (Cap. 9)

TLT-1, c. 54, p. 196: “Sinto até ao limite de minha razão o entorpecimento do frio.”

Influenciado naturalmente por “*jusqu'à*”, o tradutor criou a lexia até a quando em português até é uma preposição simples que se complementa diretamente com um sintagma nominal.

TLT-1, c. 26, p. 114: “Aceita, resmungando, em servir-me de cocheiro.”

O verbo aceitar subcategorizando uma oração completiva infinitiva não se constrói com a preposição em em português.

95 Todos os exemplos da lista abaixo apresentam erro porque o tradutor conservou, em português, a preposição “*de*” do francês cuja função é introduzir orações objetivas diretas infinitivas. Em português a preposição de não precede as orações infinitivas com função de objeto direto.

São estas algumas das más traduções que se enquadram no caso:

C. 13: “Jurei de ser feliz”.

C. 25: “Ameaço de jogar-me da janela.”

C. 31: “Evitamos de olhar-nos.”

C. 32: “[...] receio de ver surgir [...]”

C. 33: “Fingir de esperar.”

C. 51: “Suplico-lhe de não partir.”

C. 59: “[...] ordena a Louis Clermont de pôr o cavalo na estrebaria.”

A supressão da preposição de tornaria a maior parte destes enunciados correta em português. Os enunciados dos cap. 51 e 59 demandariam, porém, uma construção diferente:

“Suplico-lhe para ficar.”

“[...] ordena a Louis Clermont que ponha o cavalo na estrebaria.”

Em português, a preposição para funciona como complementador nas orações completivas infinitivas ligadas a verbos como dizer, pedir, suplicar, rogar.

96 Apresentamos a seguir uma amostra dos “erros” a que nos referimos ao começo da presente seção, classificáveis como “francesismos” por constituírem um verdadeiro cacoete

do tradutor. Este, com grande desenvoltura, a todo instante suprime as preposições que introduzem especificações de modo. É possível encontrar dezenas de outros exemplos deste mesmo tipo ao longo do TLT-1.

C. 2, p. 11: “Flórida[...] magra e eficaz, um sorriso beato estampado em seu rosto desagradável.”

C. 2, p. 10: “[...] vê-se desperta a figura de Jérôme Rolland, o rosto muito lívido.”

C. 3, p. 20: “[...] e vive sonhando, a boca cheia de pedrinhas [...]”

C. 8, p. 41: “O escrivão, a cabeça abaixada, escreve.”

C. 8, p. 44: “Uma mulher, de peito descoberto, apóia as costas numa prancha, as mãos amarradas atrás.”

C. 21, p. 97: “Minha mãe respira com dificuldade, o rosto oculto em seu lenço de renda.”

C. 26, p. 115: “Volta para onde estou, o rosto escorrendo água.”

C. 45, p. 169: “Sonha, os olhos semicerrados.”

Os trechos dos capítulos 2 e 8 constituem uma adaptação com relação ao TLO, o qual não apresenta, nestas passagens, o adjunto construído sem preposição.

Em português, seria muito mais aceitável e usual o emprego de preposições ou mesmo de verbos na tradução de tais sintagmas, pois não se aplica a regra segundo a qual o especificador de modo que tem como núcleo a referência a uma parte do corpo ou a algo que esteja em contato com ele dispense obrigatoriamente a preposição. Daí propormos as seguintes traduções:

C. 2: “...para que Flórida apareça à porta, magra e eficiente, com um sorriso tranquilo em seu rosto inexpressivo.”

C. 2: “Apoiado numa pilha de travesseiros, Jerome Rolland, lívido, com a fisionomia abatida, está sem dormir.”

C. 3: “...E vive sonhando, com a boca cheia de pedrinhas ...”

C. 8: “O escrivão abaixa a cabeça e escreve.”

C. 8: “Uma mulher, de peito descoberto, apóia as costas numa tábua. Suas mãos são amarradas atrás.”

C. 21: “minha mãe respira com dificuldade, ocultando o rosto em seu lenço de renda.”

C. 26: “Volta-se para onde estou, com o rosto escorrendo água.”

C. 45: “Sonha, de olhos semicerrados.”

Vimos, pois, nesta seção 3.1, como os erros de tradução por falha na competência lingüística prendem-se a fatores diversos.

Os erros apresentados em 3.1.1 servem para exemplificar o que seja a categoria dos “maus” tradutores, definidos por Paulo Rónai, em seu livro *Escola de tradutores* (1956, p. 41-42) como se segue:

Os da primeira categoria [os maus] são aqueles que julgam saber traduzir só por entenderem (Deus sabe como) um romance escrito em francês ou inglês. Trabalham sem dicionários e sem escrúpulos, ditando a tradução a uma datilógrafa sem sequer revê-la depois (a tradução, não a datilógrafa), e entregam o trabalho em tempo recorde.

Dos exemplos examinados em 3.1.2, apenas a tradução de “*bordées*” apresentou alguma dificuldade, o que poderia justificar, em parte, o erro. Os outros exemplos mostram como a falta de um conhecimento mais aprofundado tanto da língua original quanto da língua de tradução não chega a ser compensada por uma habilidade de compreensão “geral” do texto ou mesmo por uma certa prática, levando o tradutor a cair nas armadilhas da semelhança fônica tão comuns entre línguas de mesmo tronco histórico.

Vimos igualmente como os erros na tradução de formas idiomatizadas da língua francesa (3.1.3) tanto podem advir da tradução isolada de formas significantes presas (sufixos, prefixos e determinados radicais nos vocábulos) como de formas significantes livres e dependentes nos vocábulos que compõem as lexias.

99 Acreditamos que, a este respeito, para que se possa fazer uma boa tradução, o mais importante não é saber de cor todas as formas resultantes de idiomatização. Trata-se de, diante de determinadas seqüências, ser capaz de identificar propriedades comuns às lexias: nas seqüências de núcleo verbal, estar atento para as que se constroem com verbos de alta freqüência, como “*faire*”, “*avoir*”, “*prendre*” e “*jouer*”, que entram na composição de um grande número de lexias; neste mesmo tipo de seqüência, verificar se os pronomes “*en*” e “*y*” têm ou não referência clara no contexto imediato, pois o fato de não a terem indica um emprego idiomatizado; não esquecer de que as preposições entram na composição de um sem-número de lexias preposicionais e adverbiais. E, naturalmente, distinguir as seqüências incoerentes ao traduzir isoladamente cada um de seus componentes.

Por fim, em 3.1.4, procuramos abordar os principais erros atribuíveis a falhas no conhecimento da gramática da língua de tradução, identificáveis a nível de estruturação sintagmática (os erros de preposições ou de pronomes) ou a nível de estruturação do enunciado — que também dependem, essencialmente, da competência lingüística do tradutor.

3.2- Erros de tradução por falhas na articulação das competências lingüística e discursiva

Os erros que examinaremos a seguir prendem-se, como os da seção anterior, a falhas na competência lingüística do tradutor. Consideramos, entretanto, que a maioria deles poderia ter sido evitada se o tradutor de TLT-1 tivesse tido consciência de que deveria produzir um texto, e de que, para isso, deveria ter o cuidado de manter, no TLT, o mesmo tipo de coerência existente entre os componentes do TLO – não só ao nível de estruturação semântica dos enunciados, como ao nível da própria estruturação discursiva.

100 O desconhecimento ou o esquecimento da polissemia certamente explica a tradução errônea de “*entendre*” por compreender (em vez de ouvir) num exemplo que comentaremos numa das próximas sub-seções. Mas a interpretação adequada da seqüência discursiva onde se encontra tal verbo evitaria o erro, ou melhor, levaria à boa escolha de um dos sentidos possíveis do verbo em questão.

O tradutor que não procura ajustar a tradução de cada sintagma à do enunciado como um todo, a tradução de cada enunciado à da seqüência discursiva em que está inserido e a da seqüência à situação discursiva construída pelo texto, certamente cometerá constantes erros. Constata-se que, dentre os inúmeros sentidos possíveis para um vocábulo ou lexia, a melhor interpretação é aquela que leva em conta sua inserção em unidades significativas maiores.

Do mesmo modo comportam-se a maioria dos erros por desconhecimento da gramática da LO: seriam evitados se o tradutor buscasse interpretar coerentemente o TLO e tivesse a meta de produzir um texto coerente.

3.2.1 – As armadilhas da polissemia

Joaquim Mattoso Câmara Jr, no verbete polissemia de seu *Dicionário de filologia e gramática* (1968), assim define tal conceito: “Propriedade da significação lingüística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto”. E conclui o verbete com a seguinte observação:

101 “As correspondências de formas, de uma língua para outra, nunca se mantêm em todo o campo polissêmico que cada forma abrange na sua língua, o que complica a técnica da feitura do dicionário bilingüe e a tradução de língua a língua.” (Câmara Jr., 1968, p. 285).

Como exemplo, podemos citar: “*grand*” em francês se aplica ao ser ou objeto cuja altura ultrapassa a média, em uma de suas possibilidades significativas. Uma outra possibilidade é de significar a característica daquilo ou daquele que ultrapassa a média pelo volume ou pelo conjunto de dimensões.

Atento ao contexto, o tradutor distinguirá se poderá ou não traduzir “*grand*” por grande em português, já que grande especifica de preferência o conjunto de dimensões. Em *Kamouraska*, descrevendo a si mesma no cap. 1, diz a personagem: “*Et grande avec ça*”. Levando-se em conta a imagem que a personagem Elisabeth está construindo de si própria, pondo em relevo seus dotes físicos apesar da idade e das onze maternidades, a tradução grande em português é inadequada, pois interpreta-se como uma especificação do conjunto de suas dimensões físicas — o que, em nossa cultura, não se associa à imagem da beleza. A interpretação mais adequada de “*grande*” do TLO é a de que se refere à altura, devendo preferir-se o adjetivo alta do português.

Na apresentação de nossa análise e de nossa proposta de tradução, faremos uso, quando necessário, de representação esquemática do semantismo de certos verbos. Baseamos no “esquema analítico” utilizado por Pottier (1987, p.107), que vem a ser a representação esquemática da “conceitualização” de acontecimentos e comportamentos expressos pelos verbos.

102

Introduzimos, entretanto, modificações na proposta de representação de Pottier:

— Representamos com palavras escritas e em letras capitais os traços semânticos irreduzíveis, em vez de utilizarmos flechas e sinais. Exemplo: PASSAR A

— Utilizamos colchetes para separar conjuntos de traços que funcionam como um todo.

— Utilizamos os símbolos x e y para representar as variáveis às quais se aplicam os traços semânticos que funcionam como predicados. Exemplo: [x FAZER].

— Utilizamos a maiúscula E e a fórmula não-E para representar respectivamente um estado e a negação de um estado. Exemplo: [x E].

Assim, para representar “tornar-se” utilizamos o seguinte esquema analítico:

— x FAZER [[x não-E] PASSAR A [x E]].

O que está dentro dos colchetes está sob o escopo do que está à esquerda dos mesmos. Assim, como tornar-se implica uma ação e uma mudança de estado, a dependência da mudança com relação à ação aparece ao colocarmos os traços da “mudança”: [[x não-E] PASSAR A [x E]] sob o escopo da “ação” (x FAZER).

Examinaremos exemplos em que o tradutor não logrou selecionar, para o TLT, o vocábulo ou a lexia que correspondessem ao sentido manifesto no TLO e fossem adequados ao contexto na LT. À medida que comentarmos os erros vamos nos referir às suas diversas implicações.

3.2.1.1- Traduções errôneas que ferem o princípio da fidelidade

Desconhecendo a polissemia dos vocábulos, o tradutor muitas vezes efetua escolhas que afastam o texto na LT da intenção significativa do escritor do TLO — o que representa um desrespeito ao princípio de fidelidade no qual o tradutor deveria pautar seu trabalho.

Examinemos os exemplos abaixo:

103

TLO, c. 5, p. 29: “C'est jour de marché.”

TLT-1, p. 25: “Hoje é dia de ir ao mercado.”

Apesar de uma das significações possíveis deste substantivo ser a de mercado, em TLO designa nitidamente a feira, que, como está dito no texto, tem um dia especial de realização. Além disso, como tal enunciado faz parte da sequência: “C'est jour de marché. Il y a déjà des charrettes qui passent dans la rue” confirma-se a nossa interpretação. A presença das carroças, caso se tratasse de um mercado, nada teria a ver com um dia específico de compras.

TLO, c. 24, p. 112: “Une sorte de décision forte, de hardiesse rapide logée dans une encolure fine.”

TLT-1, p. 107: “Uma espécie de decisão firme, de temeridade rápida cravada num pescoço fino.”

Em português, temeridade é assimilada não apenas a ousadia, mas também a imprudência, a ação impensada. Tais qualificações não fazem parte da significação de “hardiesse” no contexto em que se encontra no TLO: “hardiesse” é a qualidade daquele que enfrenta dificuldades e obstáculos com coragem, e é atribuída a George Nelson como uma das facetas positivas de seu caráter — o que “temeridade” não traduz, por seu significado predominantemente depreciativo. Tradução que propomos: “Uma espécie de decisão forte, de arrojo rápido no pescoço fino.” Como “logée” pode ser interpretado como um verbo que estabelece uma simples relação de localização, optamos por suprimi-lo porque a preposição já tem este papel relacional.

104

TLO, c. 45, p. 173: “Un pan de monde connu cède et s'écroule. (Vous ne vous connaissiez pas cette lâcheté, docteur Nelson?) Vous voici directement concerné, lié au sort de cette terre. A l'effondrement de cette terre.”

TLT-1, p. 170: “[...] (Você não conhecia essa covardia, Dr. Nelson?) [...] “

Embora a designação “lâcheté” possa ser traduzida por covardia em português, nesta passagem do TLO “lâcheté” não corresponde a falta de coragem, a medo, significados que a noção de covardia implica. No texto, há uma comparação implícita entre o terreno percorrido pelo Dr. Nelson, que cede à força das águas, e o caráter do médico, que cede à idéia do crime (veja-se a sequência que vem logo depois: “vous céderez aux adjurations d'Elisabeth”).

Nesse trecho, entendemos que a melhor tradução de “lâcheté” é fraqueza, que corresponde a uma das acepções do vocábulo “lâcheté” em francês, em associação significativa com a fragilidade do terreno que desmorona.

TLO, c. 2, p. 12: “Mme Rolland [...] jette un regard vert entre les lattes [...]”

TLT-1, p. 8: “A Sra. Rolland [...] lança um olhar inquiridor por entre as frestas [...]”

A confrontar com:

TLO, c. 8, p. 47: “Soutenez donc son regard vert, couleur d'herbe et de raisin, si vous le pouvez?”

TLT-1, p. 43: “Sustentem, pois, seu olhar firme, cor-de-herva e de uva, se podem.”

105

O adjetivo “*vert*” pode aplicar-se a designações de pessoas, significando então vigoroso. Aplicado a asseverações, opiniões, qualificando atos de linguagem, corresponde a áspero, rude. (Cf. Dubois, 1977). Influenciado talvez por estas possibilidades significativas, o tradutor de TLT-1 não interpretou “*vert*” como sendo a especificação da cor dos olhos de Elisabeth. Essa interpretação, entretanto, não nos parece adequada, pois “*regard*” não apresenta as condições significativas que a possibilitem.

Principalmente no trecho do cap. 8, “*vert*” é seguido de outras referências indiretas à cor verde. E como em nenhum momento do romance é sugerida outra cor de olhos para Elisabeth, deduzimos que “*vert*” é efetivamente uma especificação da cor. Nossas propostas: “A Sra. Rolland [...] lança um olhar verde por entre as frestas.” (cap. 2). “Sustentem pois, se puderem, seu olhar verde cor de relva e de uva.” (cap. 8)

TLO, c. 6, p. 31: “Cette odeur aigre de vierge mal lavée [...]”

Na definição do dicionário de Robert (1970), “*aigre*” é a qualidade do “que produz urna sensação picante, desagradável, ao gosto e ao odor”. O adjetivo desagradável, entretanto, não especifica o cheiro do mesmo modo que “*aigre*”, que corresponde ao português azedo, acre. O tradutor do TLT-1 desconsiderou tal correspondência.

106

TLO, c. 11, p. 61: “Sa jupe mince lui colle aux jambes.”

TLT-1, p. 57: “Sua saia delicada lhe cola às pernas.”

O adjetivo “*mince*” talvez possa ser traduzido por delicado em alguns contextos, como ao se falar de “*taille mince*”, “*étouffe mince*”, especificando um corpo ou objeto que tem pouca espessura. Na passagem acima, onde “*mince*” especifica “*jupe*”, e da qual está dito que “lui colle aux jambes”, tal adjetivo corresponde à definição: “que tem formas relativamente estreitas em relação ao comprimento” (C.f. Robert, 1970). Nossa proposta: “A saia estreita cola em suas pernas.” (c. 11). Ou então: “A saia de pouca roda colando em suas pernas”.

TLO, c. 41, p. 163: “J'habite ailleurs. Un lieu précis. Un temps révolu.”

TLT-1, p.159: “[...] Num lugar preciso. Um tempo completo.”

O adjetivo “révolu” pode corresponder a completo quando especifica o transcurso de um astro. Apesar de “révolu” corresponder à noção aspectual de concluído, transcorrido, no trecho em questão a personagem se refere ao seu distanciamento da realidade à sua volta (“*ailleurs*” significa em outro lugar), para reviver uma outra realidade. Traduzir “Un temps révolu” por “Um tempo passado” nos parece mais conveniente porque passado inclui o traço aspectual conclusivo de “révolu” além do traço temporal de anterioridade ao momento da narração, também interpretável neste adjetivo.

107

TLO, c. 3, p. 20: “Votre père, M. Rolland, ne vous aime jamais autant que lorsque vous dormez tout là-haut, au troisième étage, sous les toits.”

TLT-1, p. 16: “[...] depois que dormem lá em cima, no terceiro andar, sob o telhado.”

A localização “*sous les toits*” equivale semanticamente à especificação de que o terceiro andar é o último da casa. Dentro do discurso de Elisabeth, serve para reiterar a distância que separa o quarto das crianças do quarto dos pais.

Traduzir “*sous les toits*” como em TLT-1 produz uma significação diversa do TLO, suscitando a interpretação de que acima das crianças que dormem há apenas o telhado, excluindo outros elementos, como a laje, o forro ou o teto do quarto.

Propomos a supressão desta localização ao traduzir este trecho para o português porque, ao dizer-se “lá em cima” já se está situando o quarto das crianças como distante das outras partes da casa, reconstituindo-se convenientemente o cenário a que alude Elisabeth:

Cap. 3: “Seu pai, o Sr. Rolland, tem muito amor por vocês, principalmente quando todos estão dormindo lá em cima, no terceiro andar.”

TLO, c. 6, p. 35: “C’est trop injuste à la fin.”

Tradução em TLT-1, p. 32: “Está sendo muito injusto no fim.”

108

A seqüência “à la fin” tanto pode ser um sintagma preposicional quanto uma lexia. Neste exemplo, a interpretação de “à la fin” como se fosse um sintagma redundou em erro: subentende-se que o sujeito de “Está sendo muito injusto” é co-referente a “Jérôme”, o que não ocorre no TLO. O enunciado “C’est trop injuste”, tendo “ce” como pronome sujeito, é claramente um comentário sobre a situação anteriormente descrita. E a situação — o fato de que Jerome prefere ser tratado pela criada e não por Elisabeth, sua mulher — é descrita anteriormente como um processo em curso, e não “no fim”.

“À la fin”, interpretada como uma lexia, corresponde a afinal, definitivamente, e especifica o próprio ato de linguagem como o que se pode dizer por último a respeito de um determinado assunto. Tradução que propomos: “É muito injusto, afinal.”

TLO, c. 1, p. 10: “Et grande avec ça.” Tradução de TLT-1: “E grande com isso” (p. 6). Esta tradução mostra que o tradutor interpretou a lexia “avec ça” como se fosse um sintagma, redundando em erro. Traduções possíveis: “E alta, além do mais.” “E alta, ainda por cima.” Arrolamos este exemplo entre os de polissemia porque efetivamente “avec ça” corresponde a “com isso” em outros contextos.

TLO, c. 5, p. 26: “La convaincre du péché, la prendre en flagrant délit d'absence.”

TLT-1, p. 22: “Convencê-la do pecado, [...]”

TLO, c. 6, p. 30: “Qui me convaincra de péché?”

TLT-1, p. 34: “Quem me convencerá de ter eu pecado?”

O verbo “convaincre”, em contextos como os destes dois exemplos, distingue-se do significado em que é mais ou menos sinônimo de “persuader”. O semantismo do objeto indireto, “péché”, permite a interpretação de “convaincre” como correspondente a acusar, indiciar (“péché” inclui-se na classe nocional de “atos reprováveis”, mencionada no dicionário francês Robert, 1970. O tradutor de TLT-1 parece desconhecer tal particularidade polissêmica de “convaincre”). Traduções que propomos: “Dar-lhe provas de seu pecado; pilhá-la em flagrante delito de ausência.” (cap. 5). “Quem me acusará de ter pecado?” (cap. 6).

TLO, c. 5, p. 27: “Moi non plus je n'ai pas dormi la nuit. Je suis folle et lucide.”

TLT-1, p. 23: [...] Sou louca e lúcida.

TLO, c. 49, p. 184: “Les traces de traîneaux luisent sur la neige. Les ombres sont très bleues.”

TLT-1, p. 181: “[...] As sombras são muito azuis.”

Os dois exemplos acima ilustram a tradução errônea do verbo “être”, levando-se em conta o contexto. No primeiro trecho, Elisabeth refere-se ao estado em que se encontra no momento da narração, e não a uma propriedade permanente de sua pessoa. Tal sentido equivale ao do verbo estar do português: “Estou louca e lúcida.” (Cap. 5).

No segundo trecho, trata-se também de um período de tempo delimitado. E como a personagem se refere ao efeito das sombras sobre a neve, pode-se mesmo interpretar que a cor azul das sombras é o resultado de uma mudança, podendo o verbo “être” ser traduzido por ficar: “As marcas dos trenós brilham na neve endurecida. As sombras ficam muito azuis.” (Cap. 49)

110 TLO, c. 6, p. 31: “Il n'aurait pas fallu lui abandonner mon mari malade.”

TLT-1, p. 27: “Não havia necessidade de abandonar meu marido doente a seus cuidados.”

O verbo “falloir”, subcategorizando uma oração, tem uma significação modal, e, segundo o contexto, corresponde ou a precisar, ter necessidade de, ou a dever, ter de (equivalente a ter a obrigação de). A diferença entre necessidade e obrigação pode ser assim definida: a necessidade é um estado de incompletude, de carência, intrínseco a um determinado ser; a obrigação é um estado de incompletude em que se encontra um

determinado ser com relação a um projeto de ação imposto por regras morais ou sociais, o qual, se não concluído, implica em punição para este ser. Assim, o enunciado “tenho de beber água” é mais facilmente interpretável como a necessidade que eu tenho de beber água, pelo fato de que a sede é um fenômeno físico, intrínseco, comparativamente a “tenho de pagar a conta de luz”, onde “pagar a conta de luz” é um projeto de ação que, uma vez concluído, livra o pagador da punição de ter sua luz cortada pela companhia fornecedora, sendo pois a expressão de uma obrigação.

No exemplo do TLO, convém atentarmos para o seguinte fato gramatical: a negação que aparentemente se aplica a “*falloir*”, tem por escopo o verbo da oração seguinte (o verbo que é semanticamente modalizado por “*falloir*”). Neste caso, o que se nega não é a necessidade ou a obrigação, mas o processo que está modalizado. Verifica-se então o primeiro erro de TLT-1 quanto a este trecho: a negação aplicada à lexia “*haver necessidade de*” tem como escopo a própria modalidade e não o processo modalizado — o que não ocorre no TLO. Interpretando-se com mais cuidado o TLO, além disso, verifica-se que “não abandonar meu marido doente a seus cuidados” expressa uma obrigação de Elisabeth — seu dever de esposa.

Traduzindo o verbo “*falloir*” por dever, o escopo da negação é o mesmo que o do francês: “Não devia ter abandonado meu marido doente a seus cuidados” é uma afirmação da obrigação de não abandonar – tal como em TLO. Como proposta final de tradução deste trecho, apresentamos: “Não devia ter deixado meu marido doente a seus cuidados.” (c. 6) Isto é possível porque deixar e abandonar possuem traços semânticos em comum. O esquema analítico de ambos pode ser representado pela seguinte seqüência (onde *x* e *y* representam os argumentos de uma predicação, e onde os vocábulos em maiúsculas representam os traços semânticos indecomponíveis que integram a significação destes verbos):

— *x* FAZER [[*x* ESTAR COM *y*] PASSAR A [*x* não-ESTAR COM *y*]]

TLO, c. 11, p. 61: “Elle va vieillir sous mes yeux, s'alourdir. Se charger de toute sa vie.”

TLT-1, p. 57: “[...] Cuidar de toda a sua vida.”

Efetivamente um dos sentidos possíveis de “*se charger*” corresponde a cuidar, encarregar-se de, em português. Neste trecho, entretanto, a personagem Elisabeth se refere à aparição de Aurélie em sua lembrança, transformando-se diante de seus olhos (“Elle va vieillir sous mes yeux”), tornando-se cada vez mais nítida (“s'alourdir”), o que faz com que o enunciado “Se charger de toute sa vie” seja interpretado como uma transformação a mais de Aurélie. Assim, o verbo “*charger*” construído com um objeto direto reflexivo e um indireto introduzido por “*de*”, é definido no dicionário ora como “mettre sous le poids de” (colocar sob o peso de) ora como “faire porter à” (colocar carga em, carregar – cf. Robert, 1970).

Como a tradução calcada nas definições do dicionário resulta numa construção que fere o uso da língua em português – “Fica carregada de toda a sua vida” – procuramos melhor adequá-la.

Identificamos em “se charger de”, entre outros, os seguintes traços semânticos:

x FAZER [x TER y]

Propomos então a tradução por um outro verbo que também inclui tais traços em sua significação: “Vai envelhecer diante de meus olhos, ganhar peso. Retomar toda a sua vida.” (TLT-2)

Examinemos os trechos seguintes e suas respectivas traduções:

TLO, c. 13, p. 70: “Dieu, je me damne”: Je suis mariée à un homme que je n'aime pas.”

TLT-1, p. 66: “Deus, que tormento! [...]”

TLO, c. 59, p. 218: “Prier, avec un coeur qui se damne, pour que la nuit dure.” .

TLT-1, p. 215: “Rezar com um coração que está sofrendo, para que a noite dure.”

TLO, c. 64, p. 244: “Seigneur, je me damne!”

TLT-1, p. 241: “Senhor, isso é um tormento.”

O tradutor de TLT-1 confundiu “se damner” com “faire damner”, traduzindo erradamente os trechos acima e vários outros em que ocorre tal verbo. No dicionário encontramos como ¹¹³ definição de “se damner”: “faire en sorte d'être damné”; e como definição de “damner”: “condamner aux peines de l'enfer”. (Robert, 1970) .

O verbo danar-se em português do Brasil pode significar perverter-se, corromper-se, sentidos próximos ao de “se damner” em francês. No entanto, danar-se popularizou-se com o sentido de enfurecer-se, encolerizar-se, desesperar-se. A tradução mais conveniente dos trechos acima não deve ser feita por danar-se, que suscitaria interpretações errôneas. Procurando em português traduções que impliquem a “condenação às penas eternas”, propomos:

C. 13: Deus, estou pecando! Casei com um homem que eu não amo.

C. 49: Rezar, com um coração que se perdeu para Deus, pedindo que a noite dure.

No cap. 64 o contexto não permite uma explicitação maior do significado de “je me damne” em português:

TLT-2, p. CXIV, c. 64: “Senhor meu Deus, estou perdida!”

Apresentamos a seguir mais um caso de erro que resulta na produção de um sentido totalmente diverso do TLO:

TLO, c. 36, p. 149: “Tu parles, sans me voir ni m'entendre.”

TLO, c. 49, p. 184: “[...] pour que je voie tout, que j'entende tout.”

Em TLT-1, “*entendre*” foi traduzido por entender no cap. 36 p. 144 e por compreender no c. 49, p. 181. Não arrolamos tais erros entre os atribuíveis à semelhança fônica porque em determinados contextos “*entendre*” corresponde efetivamente a entender.

114 Nos dois exemplos acima, o verbo “*entendre*” ocorre em orações coordenadas a outras de mesma estruturação sintática, e construídas com o verbo “*voir*”. O par “*voir*” – “*entendre*” leva à interpretação deste último como correspondente a ouvir em português.

Cap. 36: “Você fala, sem me ver nem me ouvir.”

Cap. 49: “[...] para que eu veja tudo, ouça tudo.”

O curioso é que no mesmo c. 36, p. 144, ao traduzir o trecho “Je lis sur tes lèvres, plutôt que je ne l'entends” o tradutor interpretou convenientemente o verbo “*entendre*”: “Leio mais em seus lábios do que ouço” (TLT-1).

3.2.1.2- *Traduções errôneas que desobedecem ao princípio da coerência*

Os erros que comentaremos a seguir também se prendem à incapacidade do tradutor em distinguir a significação de vocábulos em função do contexto onde se encontram, implicando não apenas desobediência ao princípio de fidelidade, mas também à coerência discursiva.

No decorrer do presente estudo, consideramos que a coerência é uma propriedade do texto cujos enunciados podem ser interpretados como integrantes de um mesmo conjunto temático, e também do texto cujos enunciados constituem atos de linguagem que mantêm entre si relações ao nível situacional que os integre numa unidade discursiva.

Examinemos os exemplos seguintes:

115 TLO, c. 4, p. 23: “Inutile de se leurrer, un jour il y aura coïncidence entre la réalité et son double imaginaire.”

TLT-1, p. 19: “Inútil iludir-se, um dia haverá coincidência entre a realidade e seu outro “eu” imaginário.”

É flagrante a inadequação desta tradução, pois “seu outro eu” só pode ser atribuído a seres humanos. A incoerência se verifica, aqui, no âmbito de um enunciado.

Neste trecho da narrativa, “son double imaginaire” é uma referência ao sonho ao qual a personagem aludiu pouco antes. Tradução que propomos: “Inútil enganar-se. Um dia haverá coincidência entre a realidade e o sonho.” (c. 4)

TLO, c. 10, p. 58: “L'odeur fade et puissante des maisons fermées [...]”

TLT-1, p. 54: “O odor aborrecido e forte das casas fechadas [...]”

O adjetivo “*fade*” pode traduzir-se por aborrecido quando em sentido figurado. Aplicado a substantivos que designam cheiros e gostos, “*fade*” é uma caracterização específica

destas impressões sensoriais, não correspondendo pois à tradução proposta em TLT-1, que constitui uma inobservância à continuidade semântica do próprio enunciado, atentando contra a coerência do texto.

116 A tradução que propomos baseia-se na interpretação do enunciado como um todo, levando-se em conta a situação a que se refere. O que se pode dizer do cheiro de casas fechadas que não esteja em contradição com forte? Um prato sem sabor (*“fade”*, em francês) pode ser qualificado de enjoativo. E o cheiro de mofo das casas fechadas também. Nossa proposta:

TLT-2, p. XXXIII: “O cheiro enjoativo e forte das casas fechadas me invade por completo, [...]”

TLO, c. 25, p. 117: “La parfaite soumission des enfants sages.”

TLT-1, p. 112: “A perfeita submissão das crianças sensatas.”

O adjetivo “sensatas” é inadequado porque representa uma especificação não aplicável a crianças. Seu uso em TLT-1 constitui uma infração à coerência ao nível do enunciado, tal como os dois anteriores. A tradução para tal adjetivo, levando-se em conta o uso da LT é: “crianças bem comportadas.”

TLO, c. 18, p. 90: “[...] le mal [...] Prend le visage congestionné, les mains tremblantes de l'homme qui est mon mari.”

TLT-1, p. 86: “[...] o mal [...] Segura o rosto congestionado e as mãos trêmulas do homem que é meu marido.”

O verbo “*prendre*”, tendo como sujeito um substantivo abstrato, corresponde a tomar em português. O verbo segurar, do TLT-1, produz um enunciado incoerente, pois só em sentido figurado (quando é interpretado como equivalente a manter) é que admite um sujeito da classe dos abstratos. É o que ocorre no enunciado “O resfriado me segurou em casa”, por exemplo, onde “segurar” é perfeitamente interpretável.

O tradutor não levou em conta, pois, nem a polissemia de “*prendre*” nem o sentido global do enunciado que produziu.

117 TLO, c. 19, p. 94: “Devenir veuve à nouveau.”

TLT-1, p. 89: “Tornar-se novamente viúva.”

O verbo “*tornar-se*”, em português tem um semantismo diferente do verbo “*devenir*” do francês. Em português, tornar-se seguido de um substantivo pode ser representado esquematicamente por:

— x FAZER [[x não-E] PASSAR A [x E] — onde E representa uma nova identidade para x e PASSAR uma transformação gradual. Em consequência, ao construir o enunciado “tornar-se novamente viúva” o tradutor de TLT-1 reuniu um verbo que se interpreta como um processo voluntário e gradual aplicado a um estado que se interpreta como involuntário e

como resultante de uma mudança brusca – produzindo assim um enunciado incoerente. Tradução que propomos: “Enviuvar novamente”.

TLO, c. 25, p. 115: “Le docteur n'est plus revenu depuis que j'ai mis mes bras autour de son cou. Mes larmes dans son cou.”

TLT-1, p. 110: “Ele não voltou depois que coloquei os braços em volta de seu pescoço. Minhas lágrimas em seu pescoço.”

A tradução do verbo “*mettre*” por colocar não leva em conta a unidade semântica do enunciado, causando estranheza ao leitor. Isto porque o verbo colocar, que pode ser definido esquematicamente por: – x FAZER [[y EM não L] PASSAR A [y EM L] – implica uma permanência na localização final.

O enunciado do TLT-1 acima se presta à interpretação bizarra de que os braços de Elisabeth continuam em volta do pescoço do médico, como se fossem objetos separados dela.
 118 Propomos a seguinte tradução, mais adequada à interpretação do TLO: “O doutor não voltou desde que passei meus braços ao redor de seu pescoço.” (cap. 25)

TLO, c. 45, p. 173: “Une seule chose est nécessaire maintenant: se débarrasser le plus rapidement possible de la mort de Catherine des Anges et de toute mort consommée ou à venir.”

TLT-1, p. 17: “ [...] e de toda morte consumida ou por vir.”

A incoerência produzida pelo desconhecimento da polissemia do verbo “*consommer*” é flagrante: é difícil imaginar um contexto plausível onde se possa descrever a morte como “consumida”. O verbo “*consommer*”, aplicado a “mort”, significa cometer, perpetrar, em português, traduzível por consumar.

Proposta de tradução: “Apenas uma coisa é necessária agora: livrar-se o mais rapidamente possível da morte de Catherine des Anges e de qualquer outra morte já consumada ou por vir.” (Cap. 45)

TLO, c. 36, p. 150: “ [...] voici que, peu à peu, à mesure que tu parles, une clochette tinte, de plus en plus fort, ricoche dans mon oreille. Devient comme une lame.”

TLT-1, p. 145: “ [...] Transforma-se numa chapa metálica.”

Neste trecho, Elisabeth se imagina presenciando a rotina diária dos internos do colégio freqüentado por George Nelson e Antoine Tassy. No cenário do dormitório é difícil
 119 conceber que a sineta (“*clochette*”) que desperta os internos possa ser assimilada a uma chapa metálica. A significação de “*lame*”, neste trecho do TLO, serve de termo de comparação ao efeito sonoro da sineta, já mencionado anteriormente em “ricoché dans mon oreille”.

Como o substantivo lâmina para os leitores brasileiros atuais pode ser mal interpretado como a designação de um objeto achatado (como a lâmina de barbear), preferimos traduzir “*lame*” por punhal, pela forma pontiaguda de sua lâmina, suscetível de ser comparada sinesteticamente ao timbre agudo da sineta. Assim: TLT-2, c. 36, p. LXXX:

“[...] eis que, pouco a pouco, à medida que falas, soa uma campainha, cada vez mais forte, repercutindo em meu ouvido. Aguda como um punhal.”¹³

TLO, c. 45, p. 171: “Aurélie se dresse, telle une apparition, sur ton chemin de boue. Sa figure trop blanche. Son fichu de laine noire, tordu sur ses épaules étroites.”

TLT-1, p. 168: “[...] Sua figura muito branca. [...]”

Influenciado talvez pela semelhança fônica entre figura e “figure”, o tradutor não levou em conta o contexto. Em diferentes momentos do romance, Aurélie é descrita como sendo pálida:

“Son visage, son cou, ses bras nus sont d'une blancheur livide de champignons frais.

— Comme tu es pâle, Aurélie.” (TLO, c. 11, p. 61)

E por isto, no trecho do c. 45 acima, interpreta-se “figure” como correspondente a
¹²⁰ rostos, semblante, significação que o substantivo figura não tem em português. No TLT-1, interpreta-se figura como uma referência à aparência geral de Aurélie, e que, caracterizada como “muito branca”, entra em contradição com a cor preta do lenço que lhe envolve os ombros. Tradução proposta em TLT-2, p. XCI: “Com o rosto pálido demais.”

TLO, c. 13, p. 72: “Les jeunes hommes ont des gants blancs et des mines confites.”

TLT-1, p. 68: “Os rapazes têm luvas brancas e rostos curtidos.”

O tradutor não atentou para o contexto e errou ao traduzir o adjetivo “*confites*”. “*Confit*” pode ser traduzido desta forma quando qualifica alimentos em conserva. Aplicados a pessoas, significa amaneirado, afetado. Assim, configura-se, aqui também, uma desconsideração à polissemia.

Por outro lado, segundo o conhecimento de mundo que temos e que atualizamos ao ler um texto, atribuir um rosto curtido a alguém implica atribuir-lhe experiência de sofrimento, de dor, de envelhecimento — o que está em desacordo com a descrição anterior dos rapazes do baile do Governador, comparados no cap. 11 a “leitõezinhos endomingados”. Constitui, por isto, mais um exemplo de incoerência textual.

TLO, c. 38, p. 156: “En chair et en os j'entre de plain-pied dans le cauchemar de George Nelson”.

TLT-1, p. 151: “Entro, de carne e osso, no mesmo nível do pesadelo de George Nelson.”

¹²¹ O sintagma “no mesmo nível do pesadelo de George Nelson” pressupõe a localização do pesadelo num determinado nível e a existência de outros níveis — o que não é identificável no texto. Atentando-se para o contexto de TLO e para a polissemia da lexia em questão, verifica-se que “*de plain pied*” corresponde a sem dificuldade, com facilidade, sendo a proposta

¹³ Anteriormente havíamos apresentado a tradução “Parece um punhal”, que descartamos agora para privilegiar a comparação mais explícita com o som.

de TLT-1 um erro. Nossa proposta: “Em carne e osso, entro com desenvoltura no pesadelo de George Nelson.” (c. 38).

TLO, c. 36, p. 148: “Nous nous rencontrons parfois près de la petite église. Marchons à pas comptés. Jouons à Monsieur-Madame-en-promenade.”

TLT-1, c. 36, p. 143: “[...] Representamos o senhor e a senhora dando um passeio.”

O enunciado de TLT-1 é incoerente dentro da sequência narrativa, pois representar pode ser interpretado como “estar em lugar de” ou “substituir” – o que pode levar o leitor a procurar quais os referentes de “senhor” e “senhora” diferentes do casal que os representa. Como “*jouer*” construído com a preposição “à” pode significar “imitar de brincadeira” (Robert, 1970) e mesmo “tomar ares de”, “tomar a aparência de”, preferimos traduzir “*jouons*” por brincamos. Além disso, o uso dos hífen em “Monsieur-Madame-en-promenade” é um recurso gráfico para transformar componentes de um sintagma numa designação única – no caso, a de uma brincadeira. Nossa proposta: “Às vezes nos encontramos perto da igreja. Andamos pausadamente. Brincamos de marido-e- mulher-passeando.”

122 Apresentaremos a seguir uma série de exemplos em que o verbo “*retrouver*” foi erroneamente traduzido por “tornar a encontrar”, “encontrar novamente”, “encontrar outra vez”. O tradutor deixou-se influenciar pela estrutura morfológica do verbo, interpretando separadamente o prefixo e o radical sem levar em conta o sentido do enunciado. Entretanto, como “*retrouver*” pode corresponder a “encontrar novamente” em outros contextos, podemos considerar também que houve uma desconsideração à polissemia do verbo em questão.

O dicionário Robert (1970) apresenta para “*retrouver*”, além da definição “encontrar novamente”, as de “achar (o que se perdeu)”, “ter novamente (uma qualidade, um estado perdido)” (p. 1152). Os exemplos são os seguintes:

TLO, c. 6, p. 30: “Prends.-moi une fois, une fois encore que je retrouve mon salut.”

TLT-1, c. 6, p. 27: “[...] mais uma vez que tornarei a encontrar minha salvação.”

TLO, c. 11, p. 61: “Ma vie pour retrouver intact le temps où nous étions innocentes, l'une et l'autre.”

TLT-1, c. 11, p. 57: “Minha vida para que torne a encontrar intato o tempo em que éramos inocentes, tanto uma quanto a outra.”

TLO, c. 21, p. 99: “Notre petite Elisabeth a retrouvé sa chambre d'enfant.”

TLT-1, c. 21, p. 95: “Nossa pequena Elisabeth tornou a encontrar sua cama de criança.”

TLO, c. 26, p. 123: “Me libérer. Retrouver l'enfance libre et forte en moi.”

123 TLT-1, c. 26, p. 118: “Tenho de libertar-me, encontrar outra vez a infância livre e forte que havia em mim.

TLO, c. 25, p. 115: “Le temps retrouvé s'ouvre les veines.”

TLT-1, c. 25, p. 110: “O tempo novamente encontrado abre passagem nas veias.”

Verificamos, em todos os exemplos, que as traduções errôneas redundaram em incoerência, pois pressupõem um encontro anterior que não ocorreu — perturbando a interpretação do texto.

Traduções que propomos, com base na definição fornecida por Robert (1970) :

c. 6: “Me abraça outra vez para que eu possa alcançar a salvação.”

c. 11: “Minha vida, para encontrar intacto o tempo em que éramos inocentes, eu e ela.”

c. 21: “Nossa menina Elisabeth voltou ao seu quarto de criança.”

A tradução de “*retrouver*” por alcançar é possível porque alcançar algo pressupõe a passagem de um estado de não-proximidade, de não-posse, para um estado de proximidade, de posse — tal como achar, tradução literal de “*retrouver*”.

A tradução por voltar a no exemplo do cap. 21 é possível porque quarto é a designação de um local, e “*retrouver sa chambre*” pressupõe, no texto, um movimento de Elisabeth em direção ao quarto onde já esteve antes — o que é expresso por voltar. Para a narrativa, o que é importante justamente é marcar a volta simbólica à infância: dormir ali implica, para as tias, a separação entre Elisabeth e Antoine, a volta à castidade da infância.

Verificamos que a tradução do trecho do cap. 21 por “Nossa menina Elisabeth reencontrou seu quarto de criança” também seria aceitável. Isto porque, contrariamente ao que está dito no dicionário (Ferreira, 1975), reencontrar pode significar não apenas “encontrar novamente”: significa também encontrar o que se perdeu. No enunciado acima, reencontrar não pressupõe um encontro anterior, mas tão-somente uma localização anterior.

Por fim, o trecho do cap. 25 interpreta-se como uma alusão da escritora ao romance de Proust, *Le temps retrouvé*. A tradução que propomos evoca o título com o qual o romance é conhecido do público de língua portuguesa: TLT-2, p. LVI “O tempo redescoberto abre suas veias.”

3.2.1.3- Traduções inadequadas ao uso da língua de tradução

Os exemplos que examinaremos a seguir não constituem propriamente erros de tradução, posto que o vocábulo utilizado em TLT-1 corresponde, em uma de suas acepções, à significação interpretável em TLO. O tradutor não observou, no entanto, que o uso da língua de tradução consagrou um dos sentidos em detrimento de outros, e, muitas vezes, o vocábulo escolhido se associa a um *esquema* cognitivo que interfere na continuidade temática, como teremos oportunidade de verificar.

Examinemos algumas das várias ocorrências de “*voyou*” no TLO, com a respectiva tradução de TLT-1:

TLO, c. 1, p. 7: “Comme ces deux voyous m'examinaient ce matin, en revenant du marché.”

TLT-1, p. 4: “Como aqueles dois malandros que [...]”

TLO, c. 6, p. 31: “Voyou! Sale voyou!”

TLT-1, p. 27: “Malandro! Malandro sujo!”

TLO, c. 12, p. 67: “Mais c'est un voyou, j'en suis sûre. De bonne famille, mais c'est un voyou quand même.”

TLT-1, p. 63: [..] malandro [..]

TLO, c. 13, p. 69: “Voyou. Beau seigneur. Sale voyou.”

TLT-1, p. 65: “Malandro. [...] Malandro sujo.”

Em francês, “*voyou*” designa ou o moleque de rua, o vadio, como no exemplo do cap. 1, ou o indivíduo que se pode qualificar de “mau elemento” (cf. Robert, 1970, que define “*voyou*” como “*mauvais sujet*”), nos demais exemplos.

A tradução malandro não parece adequada nem para o primeiro nem para os três últimos exemplos acima. Embora tal substantivo seja dicionarizado como equivalente a vadio, a desocupado, e também como designação do indivíduo gatuno, sem escrúpulos, nos grandes centros urbanos brasileiros designa aquele que é “esperto, astuto, matreiro” (Ferreira, 1975). O substantivo malandro atualiza, então, significações que não estão presentes no TLO, o que nos leva a não aceitá-lo como a melhor tradução para “*voyou*”.

126

Para o trecho do cap. 1, propomos:

TLT-2, p. III: “Como aqueles dois vádios me encaravam hoje de manhã, quando voltava das compras.”

Os demais trechos são manifestações da indignação de Elisabeth diante do comportamento de Antoine Tassy:

C. 6: “Bandido! Bandido sujo!”

C. 13: “Bandido. Belo senhor. Bandido sujo.”

Nestes dois trechos, Elisabeth manifesta sua indignação por se sentir traída por Antoine. Refere-se, principalmente a seu mau caráter com a designação “*voyou*” – sentido que bandido também pode ter em português. No trecho seguinte, “*voyou*” é mais uma referência ao despudor de Antoine, daí nossa proposta:

C. 12: “Mas é um descarado, tenho certeza. De boa família, mas não deixa de ser um descarado.”

Passemos a outros exemplos:

TLO, c. 1, p. 9: “[...] sans voile ni couronne d'oranger.”

TLT-1, p. 5: “Sem véu e sem coroa de flores de laranjeira.”

TLO, c. 64, p. 243: “Quelqu'un, que je ne vois pas, ajuste mon voile de tulle qui pend jusqu'à terre. Me cloue à même le front une couronne de fleurs d'oranger, à l'odeur musquée.”

TLT-1, p. 240: “[...] uma coroa de flores de laranjeira.”

127

A tradução de “*couronne (de fleurs)*” por coroa de flores é inadequada porque, para o leitor brasileiro, a significação desta lexia está associada ao *esquema* da cerimônia fúnebre. Em ambos os trechos, trata-se da referência a uma cerimônia de casamento – e um dos componentes do *esquema* que se associa a tal cerimônia é a grinalda de botões de laranjeira. Por isso, propomos em TLT-2:

C. 1: “Sem véu nem botões de laranjeira.” (representando metonimicamente grinalda) .

C. 64: “Alguém, que não vejo, ajeita meu véu de tule que vai até o chão. Prega em minha testa uma grinalda de botões de laranjeira, de odor almiscarado.”

Veja-se ainda :

TLO, c. 45, p. 174: “Me traînera par les cheveux, me roulera avec lui dans les fondrières énormes, pour me noyer.”

TLT-1, p. 171: “ [...] e rolar com ele nas caldeiras enormes, para me afogar.”

Segundo o dicionário Robert (1970), “*fondrière*” se define como “*un trou plein d'eau ou de boue dans un chemin défoncé*”. Se procurarmos o sentido de caldeira em Ferreira (1975), encontraremos como uma das definições a seguinte: “depressão de terreno no fundo de lagoa, cisterna, tanque.” Apesar da semelhança significativa entre os dois substantivos, a tradução caldeira nos parece inadequada porque tal substantivo é mais familiar ao leitor brasileiro como a designação de recipiente para aquecer água, e está associada a calor e mesmo ao *esquema* associado aos suplícios infernais.

128

No trecho em questão, temos a descrição de um delírio de Elisabeth que se vê arrebatada pelo rei do pântano (“*le roi de la vase*”). Apesar de ser possível assimilarmos esta entidade fantástica à malignidade do próprio demônio, está dito na seqüência que o rei do pântano estaria tentando afogar a personagem (“*me noyer*”), ação que se associa semanticamente a charcos (designação de uma quantidade de água suja, enlameada) mas não a caldeiras.

A escolha lexical do tradutor de TLT-1 suscita um *esquema* em discordância com a cena construída pela narradora —chegando mesmo a implicar a quebra da coerência textual.

TLO, c. 52, p.. 192: “Mon oreille à l'affût, plus fine que celle d'un trappeur”.

TLT-1, p. 189: “Meu ouvido de atalaia, mais agudo que o de um negociante de peles.”

Ao nos depararmos com este trecho de TLT-1, num primeiro momento em que não o estávamos cotejando com o TLO, sentimos uma certa estranheza e nos perguntamos para que o negociante de peles precisaria de um ouvido agudo. Ao verificarmos que se tratava da tradução de “*trappeur*”, que na definição do dicionário Robert (1970) é o caçador que faz comércio de peles, percebemos que o tradutor havia escolhido a parte inadequada da

definição. Isto porque o *esquema* que se associa a negociante de peles é diferente daquele que se associa a caçador: o *esquema* da caça inclui os atos de olhar e de escutar com atenção para detectar a presa e capturá-la, enquanto o *esquema* da negociação (embora seja possível dizer-se que inclui os mesmos atos acima) não implica a agudeza dos sentidos dos caçadores.

129 Como a própria Elisabeth havia protagonizado uma cena de caça, achamos conveniente utilizar a designação caçador para “trappeur”: “Meu ouvido à espreita, mais agudo do que o de um caçador.” (cap. 52).

TLO, c. 59, p. 220: “Quand j’ai vu tout cet équipage et ce sang, j’ai dit à mon mari [. ..]”

TLT-1, p. 217: “Quando vi toda aquela equipagem e aquele sangue [...]

Neste trecho, “*équipage*” interpreta-se ou como “bagagem” ou como “conjunto do que é necessário para viajar” (Robert, 1970) — o contexto permite as duas possibilidades. Em português, o substantivo equipagem pode também ter este significado.

Entretanto, achamos preferível uma outra tradução porque equipagem, para o leitor brasileiro, designa mais frequentemente a tripulação de um navio ou de um avião, o que atualiza um *esquema* que perturba a coerência do texto — neste ponto, referindo-se às peles ensangüentadas do trenó do Dr. Nelson. Nossa proposta: “Quando vi toda aquela bagagem e aquele sangue [...]” (cap. 60).

Os dois exemplos a seguir nos parecem constituir igualmente uma infração ao uso:

TLO, c. 33, p. 141: “La bouleversante nudité de son corps d’homme.”

TLT-1, p. 136: “A desnorteante nudez de seu corpo de homem.”

TLO, c. 34, p. 142: “Dans un autre monde, une autre vie existe, mouvante et bouleversante.”

130 TLT-1, p. 137 : “Outra vida existe em outro mundo, uma vida que se movimenta e desnor-teia. “

O adjetivo “*bouleversant*” é definido no dicionário Robert (1970) como “qui bouleverse, tres émouvant”. O que nos obriga a procurar a definição de “*bouleverser*”: “causer une émotion violente et pénible, un grand trouble”. “*Bouleversant*” é pois a qualidade do que causa uma emoção violenta e penosa, uma grande perturbação.

Apesar de “desnorteante” poder significar perturbador, o uso mais freqüente deste adjetivo ocorre para descrever situações de perda de rumo, perda de direção, seja espacialmente seja moralmente. Consideramos que o discurso de Elisabeth, nestes dois momentos, está centralizado nela própria enquanto EU-enunciador, construindo para si a imagem do ser dominado pela paixão e pelo desejo. Em português, o adjetivo desnorteante não nos parece adequado para traduzir tais sentimentos e sensações.

Propomos as traduções seguintes:

C.33: “A perturbadora nudez de seu corpo de homem.”

C.34: “Num outro mundo, existe uma outra vida, cambiante e perturbadora.”

Outro exemplo:

TLO, c.25, p.115: “Comme si mon sort était réglé à jamais.”

TLT-1, p. 110: “Como se a minha sorte estivesse regularizada para sempre.”

131

Ainda que se possa admitir a “regularização” da sorte de alguém, o enunciado acima não é aceitável pelos falantes da língua portuguesa porque constitui uma infração ao uso da língua. Tal inadequação deve-se igualmente ao desconhecimento de que “régler le sort de quelqu'un” corresponde a “decidir o destino de alguém.” Não se trata, no entanto, de uma lexia, visto que “régler” significa decidir em vários outros contextos, do mesmo modo que “sort” equivale a destino também em outras vizinhanças discursivas. Nossa proposta: “Como se o meu destino estivesse decidido de uma vez por todas.” (cap. 25, TLT--2, p. LV)

TLO, c. 52, p. 193: “Crois-tu qu'il fait encore beau temps? Crois-tu que la route...”

TLT-1, p. 190: “Você crê que faz ainda bom tempo? Crê que a estrada...”

Do ponto de vista discursivo, as perguntas de Elisabeth neste trecho são solicitações a Aurélie para que construa uma hipótese sobre as condições de tempo e sobre a estrada enfrentadas por George Nelson em seu trajeto de Sorel a *Kamouraska*. Não se trata pois, como poderia parecer à leitura descontextualizada dos enunciados acima, de uma solicitação para que a interlocutora confirme ou desminta uma atitude de crença a ela atribuída.

132

O verbo crer seguido de completiva, em português, também pode integrar um ato de linguagem em que se constrói uma hipótese: “Creio que o tempo vai melhorar ainda hoje.” No entanto, se dissermos: “Você crê que o tempo vai melhorar?” a interpretação mais plausível é a de que se trata de pergunta sobre uma crença ou de um pedido de confirmação de uma crença (entendendo-se crença como a aceitação de um fato como verdadeiro). Por isso preferimos traduzir o verbo “croire” por outro que não se preste a uma interpretação diferente daquela do TLO: “Você acha que o tempo ainda está bom? Acha que a estrada...” (cap. 52)

Os erros que examinaremos a seguir prendem-se a um outro tipo de conhecimento lingüístico — com conseqüências semelhantes, do ponto de vista textual, àquelas que examinamos até agora.

3.2.2 – Erros por desconhecimento da gramática

Na seção anterior examinamos uma série de erros que se prendem principalmente a falhas no conhecimento do léxico da língua original e à desconsideração da interpretação global dos enunciados e das seqüências narrativas ao traduzirem-se unidades significativas.

Na presente seção, examinamos os erros que denotam uma interpretação equivocada da estruturação sintática de enunciados do TLO, devidos não só a uma falha no conhecimento da gramática, como também à incapacidade de relacionar o sentido de cada enunciado ao do texto como um todo.

3.2.2.1- Erros de interpretação no limite da sintaxe com a semântica

133

As preposições, como já dissemos, são formas dependentes em português – o que significa que não podem constituir por si só um enunciado, e nem mesmo um sintagma. Semanticamente, são marcadores de caso, isto é, marcadores de determinadas relações que os constituintes frasais detêm entre si. Sintaticamente, necessitam sempre de uma complementação nominal, e segundo a concepção gerativa da sintaxe, são o núcleo do sintagma preposicional.

Os sintagmas preposicionais funcionam tanto como complementos (quando são subcategorizados por um verbo, por um substantivo ou por um adjetivo) quanto como adjuntos (quando se aplicam livremente ao sintagma verbal, ao sintagma nominal, ao sintagma adjetival, ou à oração), sendo neste último caso equivalentes semanticamente ora a advérbios ora a adjetivos.

Muitos dos erros que examinaremos a seguir se prendem a uma interpretação equivocada ou da função sintática dos sintagmas preposicionais ou do tipo de especificação semântica introduzida por estes sintagmas. Outros ainda devem-se à interpretação equivocada de artigos indefinidos como sendo contrações de preposição com artigo definido.

TLO, c. 11, p. 64: “Sans parvenir à faire un pas de moi-même d'ailleurs.”

TLT-I, p. 60: “Sem conseguir, no entanto, afastar-me de mim mesma.”

O tradutor de TLT-I interpretou erradamente “*de moi-même*” como uma localização. No caso, a especificação do ponto de partida de um movimento.

134

Entretanto, “*de moi-même*”, no TLO, é um especificador de modo aplicado ao verbo, correspondente a por mim mesmo em português. Preferimos construir um enunciado no modo subjuntivo com sujeito expreso, sendo possível suprimir o adjunto (que em TLO é co-referente ao sujeito do infinitivo) e utilizar o determinante mesma, traduzindo então no sujeito a determinação presente no adjunto do TLO:

TLT-2, c. 11, p. XL: “Sem que eu mesma chegue a dar um passo, aliás.”

Estas mudanças não representam infidelidade ao texto original porque a significação global do enunciado do TLO mantém-se em nossa proposta: a negação da expectativa de que a personagem teria agido por si própria ao afastar-se.

Nossa interpretação é confirmada nos dois enunciados subseqüentes, onde a personagem diz: “C'est comme si je filais sur la rivière. Une sorte de radeau plat sous mes pieds.” (p. 64). Elisabeth sente-se deslizar (“*filer*”), como se flutuasse numa jangada (“*radeau*”).

TLO, c. 13, p. 71: “Le marié saisit les rênes, soupire après ce long voyage jusqu'à *Kamouraska*.”

TLT-I, p. 67: “O noivo segura as rédeas, suspira após a longa viagem até *Kamouraska*.”

A tradução de “*après*” por após constitui uma incoerência textual, pois trata-se da descrição dos momentos que precederam a viagem do casal Tassy a *Kamouraska*, a qual vai ser rememorada em ordem cronológica.

135 Assim sendo, “*après*” não corresponde a após no trecho acima. O sintagma introduzido por “*après*” é uma especificação da proximidade temporal e não da posterioridade expressa por após. Em português, parece-nos difícil manter esta mesma especificação de proximidade temporal, e como a interpretamos como sendo a causa dos suspiros, propomos a tradução seguinte:

Cap. 13: “O noivo segura as rédeas, suspirando por causa da longa viagem até *Kamouraska*.”

TLO, c. 25, p. 117: “Je dors à présent chez tante Luce-Gertrude.”

TLT-I, p. 112: “Durmo agora em casa de tia Luce-Gertrude.”

A preposição “*chez*” introduz um sintagma que se interpreta como uma localização no “habitat” de alguém. A tradução por “em casa de” é inadequada porque, segundo o texto, neste momento Elisabeth já estava morando na casa de suas tias, sendo uma delas a que se chamava Luce-Gertrude. Com base neste dado que integra a narrativa, a localização introduzida por “*chez*” só pode ser uma referência aos apostos de Luce-Gertrude.

TLO, c. 49, p. 185: “La cheminée de pierre fume sur le ciel d'un bleu dur.”

TLT-I, p. 182: “A chaminé de pedra fuma para um céu de azul carregado.”

TLT-2, c. 49, p. XCVII: “A chaminé de pedra solta fumaça no céu de intenso azul.”

136 Em TLO, o enunciado acima descreve a impressão de Elisabeth ao visualizar imaginariamente a casa do Dr. George Nelson. A preposição “*sur*”, em francês, não serve apenas para indicar a localização correspondente a em cima de. Indica uma relação de localização que especifica o contato com uma superfície, seja no plano horizontal, no plano vertical ou em qualquer outro plano. Visualizando a paisagem como se fosse uma pintura, a fumaça se superpõe ao céu — daí o emprego da preposição “*sur*” neste enunciado.

Em português a preposição sobre exclui a superposição a uma superfície no plano vertical, sendo a preposição em utilizada neste caso: em francês diz-se “*écrire sur le mur*”, “*il y a des tableaux sur le mur*” e em português diz-se “escrever na parede”, “há quadros na parede”. Por isso, preferimos a preposição em para introduzir o sintagma preposicional correspondente a “*sur le ciel*” em nossa tradução. Na tradução de TLT-1, o sintagma preposicional introduzido pela preposição para indica direção, desfazendo o efeito de superposição interpretável em TLO.

TLO, c. 54, p. 197: “Le silence s’étend en plaques neigeuses.”

TLT-1, p. 193: “O silêncio estende-se sobre placas nevadas.”

TLT-2, c. 54, p. C: “O silêncio se estende em placas de neve.”

O que dissemos a respeito do exemplo anterior esclarece, em parte, o erro de
 137 tradução deste trecho: para introduzir a localização por superposição em francês emprega-se a preposição “*sur*”. A tradução de “*en*” por sobre constitui um erro, pois a preposição “*en*” não introduz uma relação de superposição espacial em TLO.

O enunciado do TLO constrói uma assimilação entre “*le silence*” e “*plaques neigeuses*”: estas últimas interpretadas metaforicamente como o modo de manifestação do silêncio. Assim sendo, “*en plaques neigeuses*” é uma especificação de modo aplicada ao processo expresso pelo verbo.

A tradução que propusemos nos parece ambígua, porque o sintagma “em placas de neve” tanto pode ser interpretado como um especificador de modo como um especificador de localização. Mantemos esta tradução por permitir a interpretação que corresponde à significação do TLO, o que não é possível com a proposta de TLT-1.

TLO, c. 38, p. 154: “Vous demandez: ‘Avez-vous des malades, des estropiés, des affligés, des persécutés?’ Vous réclamez des maladies guérissables, des chagrins avouables, pous vous rassurer.”

TLT-1, p. 149: “[...] Reclama das doenças curáveis, dos males confessáveis [...]”

O tradutor confundiu “des”, artigo indefinido plural, com “des”, contração da preposição “de” com o artigo definido “les”. Não levou em conta o fato de que o verbo “*réclamer*” não subcategoriza um objeto indireto introduzido pela preposição “de”, e que, portanto, a única interpretação possível para “des” seria a de artigo indefinido.

138 Certamente vários fatores concorreram para este erro, além da homonímia entre artigo e contração: a semelhança fônica de “*réclamer*” com reclamar do português, a subcategorização do verbo reclamar que, em uma de suas acepções constrói-se com um objeto indireto introduzido por de, e a própria polissemia do verbo “*réclamer*”, que pode significar protestar em outros contextos.

No trecho em questão, entretanto, “*réclamer*” corresponde a pedir, exigir em português, ou mesmo a reclamar subcategorizando um objeto direto.

Tradução que propomos: “E pergunta: “Vocês têm pessoas doentes, estropiados, aflitos, perseguidos?” Pede doenças curáveis, mágoas confessáveis, para tranquilizar-se.” (Cap. 38)

A seqüência narrativa em que se inserem os enunciados acima permitiu-nos omitir o pronome sujeito a cada oração. Veja-se a tradução completa deste trecho em TLT-2, p. LXXXIV, onde o sujeito destes verbos é facilmente interpretável.

TLO, c. 46, p. 176: “[...] est-ce que tu entends aussi des paroles et des cris? Ce cri de ma soeur Catherine des Anges, l'entends-tu bien, mêlé à toute cette cendre?”

TLT-I, p. 173: “[...] entende também de palavras e gritos ? [...]”

Como no exemplo anterior, o artigo indefinido plural foi erradamente interpretado como uma contração de preposição “*de*” com o artigo definido “*les*” (ao menos é o que supomos do fato de que “*des*” foi traduzido por de em português).

139 Esta interpretação está certamente ligada à desconsideração da significação do verbo “*entendre*”, que, neste trecho do TLO, corresponde a ouvir e não a entender. O curioso é que na seqüência deste trecho “*entendre*” foi traduzido como ouvir — sem que o tradutor, no entanto, tenha sido capaz de interpretá-lo como uma reiteração da primeira ocorrência deste verbo. É claro que, a exemplo do que já verificamos anteriormente, a semelhança fônica entre “*entendre*” e entender e a polissemia do verbo “*entendre*” também devem ter contribuído para o erro do tradutor.

Interpretamos “*entendre*” como ouvir não apenas porque os sintagmas em função de objeto direto contêm designações de “manifestações sonoras” (“*paroles*”, “*cris*”) , mas também pelo fato de que, no plano narrativo, a reputação de feiticeira da personagem Aurélie suscita a possibilidade de atribuir-lhe a faculdade de “ouvir vozes e gritos” que mais ninguém ouve.

O tradutor não levou em conta, pois, nenhuma das pistas que ajudariam na interpretação conveniente: nem a coerência semântica (o que é audível combina-se semanticamente com ouvir) nem a construção da personagem ao longo do romance.

3.2.2.2- Erros na interpretação de categorias gramaticais

140 Na interpretação dos enunciados que examinaremos a seguir, o tradutor de TLT-I não logrou identificar diferenças entre as diversas categorias gramaticais, confundindo advérbios com indefinidos e com adjetivos, indefinidos com substantivos, quantificadores com advérbios, verbos com adjetivos, adjetivos com verbos, e mesmo um substantivo com um advérbio, produzindo muitas vezes enunciados agramaticais na LT.

Tais erros se prendem a uma incompetência em “processar” o enunciado de modo a depreender corretamente seus constituintes imediatos — o que leva à interpretação de relações de especificação e determinação, por exemplo, onde elas não ocorrem, deixando de interpretá-las no ponto da seqüência frasal em que efetivamente se encontrem.

É claro que presumimos os erros de interpretação a partir daquilo que o tradutor produziu em TLT-I. De um outro ponto de vista, o tradutor foi incompetente por não ter logrado produzir enunciados que mantivessem entre seus componentes as mesmas relações de especificação e determinação dos componentes que lhes correspondem em TLO, sem nenhuma justificativa de melhor adequação de seu texto às condições que mencionamos na introdução deste capítulo. Os erros que levantamos são os seguintes:

TLO, c. 27, p. 126: “Antoine repousse d'un revers de main les pièces d'échecs qui tombent à terre. Perdant et pervers, ce garçon [...]”

TLT-I, p. 120.: “[...] Perdendo e perverso, esse jovem [...]”

Em TLO, “*perdant*” é nitidamente o adjetivo correspondente a perdedor em português — pois está coordenado a um adjetivo, o que não seria possível se se tratasse do verbo “*perdre*” no particípio presente francês.

141 TLO, c. 15, p. 78: “Frugale en tout, vivant comme une paysanne, Mme. mère Tassy se permet de faire ses chaussures à New York.”

TLT-I, p. 74: “Frugal em tudo, viva como uma aldeã, a Sra. Tassy, a mãe, dá-se ao luxo de mandar vir seus calçados de Nova Iorque.”

“*Vivant*” como qualificação de um substantivo feminino estaria obrigatoriamente flexionado no feminino: “*vivante*”. O tradutor produziu um enunciado que prejudica a coerência discursiva, uma vez que a comparação “viva como uma aldeã” não condiz com o efeito de oposição que existe entre a qualificação “frugal em tudo” (à qual está coordenada) e o comportamento habitual de mandar vir seus calçados de Nova York, ficando sem sentido dentro do enunciado e dentro do texto. Nossa proposta: “Frugal em tudo, vivendo como uma camponesa, a mãe Tassy dá-se ao luxo de mandar fazer seus calçados em Nova York.” (cap. 15)

TLO, c. 22, p. 104: “La table de chevet au dessus de marbre.”

TLT-I, p. 99: “A mesa de cabeceira em cima do mármore.”

O vocábulo “*dessus*” só seria interpretável como um advérbio integrante da lexia “*au-dessus de*” se, ao invés da preposição simples “*de*”, fosse seguido da contração “*du*”. Neste caso, a presença do artigo definido indicaria que “*marbre*” seria a designação de um objeto do mundo referencial de Elisabeth. Com a preposição “*de*” precedendo “*marbre*”, trata-se de uma especificação da matéria de que é feito o objeto designado pelo núcleo do sintagma nominal.

Assim, o vocábulo “*dessus*” designa, em TLO, uma parte da mesa: o tampo. Tradução conveniente do trecho acima: “A mesa de cabeceira com tampo de mármore.” (Cap. 22).

TLO, c. 11, p. 64: “Son profil précis couleur d'ivoire.”

TLT-1, p. 60: “Seu perfil exatamente de cor de marfim.”

Neste trecho, o tradutor de TLT-1 interpretou “*précis*” como um advérbio que estaria aplicado ao sintagma adjetivo “*couleur d'ivoire*”. Isto denota o desconhecimento das diferenças morfológicas entre os adjetivos e os advérbios em francês, pois “*précis*” serve como base de derivação do advérbio “*précisément*”, sendo que, em seu emprego, uma forma não se confunde com a outra. Denota também, portanto, a falsa predição de que qualquer adjetivo pode ser usado em função adverbial, o que, na realidade só acontece com alguns — como “*bas*”, “*haut*”, “*fort*”, para citar os mais freqüentes.

Com isso, em sua tradução, o tradutor mudou o escopo de “*précis*”, sem que seu texto tenha ficado mais adequado à melhor interpretação do TLO. No TLO, a narradora qualifica “*profil*” como “*précis*” e não a cor. Dentro da cena imaginária que Elisabeth descreve, o perfil bem delineado contrasta com a nuvem de fumaça na qual desaparecerá em seguida. Assim, deslocando o adjetivo, o tradutor desfaz o efeito de contraste entre a nitidez inicial e o apagamento pela fumaça. Nossa proposta em TLT-2: “Seu perfil preciso cor de marfim” (TLT-2, cap. 11, p. XLI) .

143

TLO, c. 10, p. 60: “La Petite est bel et bien devenue une vraie femme.”

TLT-1, p. 56: “A Pequena é linda e transformou-se em uma verdadeira mulher.”

A lexia “*bel et bien*” não foi interpretada como tal: o tradutor mais uma vez desconheceu as características flexionais do francês e confundiu “*bel*” com “*belle*” para interpretá-lo como um adjetivo qualificando “*La Petite*”. Entretanto, o resultado não tem conseqüências desastrosas, sendo um caso menor de inadequação ao TLO.

TLO, c. 1, p. 8: “Je l'ai bien vue s'engouffrer là-dedans, vive et agile comme personne au monde, sauf... C'est cela qui me pince le coeur à mourir, vive et agile comme personne...”

TLT-1, p. 4: “Vi-a perfeitamente meter-se lá dentro, viva e ágil como uma pessoa no mundo, salvo...”

É isso que me atormenta o coração, viva e ágil como uma pessoa...”

Ao confundir o pronome indefinido “*personne*” com o substantivo homônimo “*personne*”, o tradutor não levou em conta que, na gramática do francês, o artigo é obrigatório (salvo em lexias ou em enumerações). Para o falante do francês, a ausência do artigo diante de “*personne*” é suficiente para que seja interpretado como pronome indefinido.

A respeito de “*personne*” como indefinido, cumpre observar que se trata de um amálgama com o quantificador existencial negativo, isto é, ao mesmo tempo que se refere

indistintamente a todos os indivíduos da classe dos humanos, é a negação de que exista algum deles ao qual um determinado predicado se aplique.

144 No enunciado em questão, a mulher de que fala Elisabeth a faz lembrar de uma outra pessoa que poderia ser comparada a ela — lembrança sugerida pelo restritivo “sauf” — e que depois de termos lido o romance todo, identificamos como sendo o Dr. George Nelson.

A tradução de “personne” por uma pessoa produz uma sequência incoerente: mesmo que interpretássemos “viva e ágil como uma pessoa no mundo” como sendo uma comparação com uma determinada pessoa que a narradora não quisesse mencionar, o restritivo salvo permaneceria sem sentido, pois não está expressa a classe da qual se poderia extrair uma exceção. Tradução que propomos em TLT-2: “Vi quando se precipitou lá dentro, viva e ágil como ninguém, exceto...” (Cap. 1, p. IV)

TLO, c. 3, p. 20: “Vous n'aurez qu'à retourner dormir lorsqu'on vous aura entendus.”

TLT-1, p. 16: “E só têm de voltar a dormir depois que os ouvirem.”

A tradução de “ne...que” por só torna-se ambígua no TLT- 1. Neste enunciado, a partícula “só” é interpretável como uma restrição a “depois que os ouvirem”, equivalente a: “E têm de voltar a dormir só depois que os ouvirem.”

As chamadas partículas “ne...que” constituem ora um determinante nominal ora um advérbio. Normalmente, o escopo deste restritivo é marcado, em francês, pela posição do “que”: a restrição se aplica ao sintagma que lhe é posterior.

145 Entretanto, com a lexia modal “avoir à”, o escopo de “ne...que” não é o verbo modalizado que acompanha o “que”, mas a própria modalidade. “Vous n'aurez qu'à retourner dormir” pode ser parafraseado em português por: “Sua única obrigação será voltar a dormir”, onde o adjetivo “única” especifica obrigação, que equivale semanticamente a “avoir à”.

Nossa proposta de tradução: “Depois que os ouvirem, vocês só têm de voltar a dormir.” (Cap. 3). Com a mudança de posição da especificação temporal, o escopo de “só” deixa de ser ambíguo, e a interpretação deste enunciado passa a corresponder à do TLO.

TLO, c. 36, p. 151: “Je ne puis qu'embrasser tes deux mains, tour à tour. Je les promène sur mon visage, abandonnées et chaudes.”

TLT-1, p. 146: “Só posso abraçar suas duas mãos alternadamente. [...]”

A respeito do exemplo acima, o que temos a dizer é análogo ao que dissemos do exemplo anterior. Interpretamos o trecho de TLT-1 como se a restrição estivesse aplicada a alternadamente e não ao sintagma verbal {mais especificamente ao verbo modal).

Para traduzirmos este tipo de restrição que se aplica ao verbo “pouvoir”, temos de efetuar mudanças no enunciado da LT. Uma das possibilidades é isolar o verbo modal,

introduzindo uma forma verbal expletiva, como se segue: “Só posso é beijar tuas mãos, uma após a outra.” (Cap. 36)

TLO, c. 55, p. 205: “Ce n'est que la peur qui brouille mon regard. Abîme l'image de mon amour.”

146

TLT-I, p. 202: “Não é medo que me confunde o olhar e deturpa a imagem de meu amor.”

O tradutor confundiu a restrição com a negação, produzindo um enunciado em contra-senso com o TLO, e introduzindo uma negação que fica sem sentido dentro do TLT-I. Nossa proposta: “É apenas o medo que confunde meu olhar e deturpa a imagem de meu amor.” (cap. 55).

TLO, c. 10, p. 57: “Mon mari se meurt, en ce moment même.”

TLT-I, p. 53: “Meu marido está morrendo, mesmo neste momento.”

O escopo de “*même*” em TLO é o sintagma nominal e não o sintagma preposicional, como ocorre no TLT-I. “*Même*” é, pois, um determinante nominal. Posposto a “*en ce moment*”, integra um sintagma que corresponde à lexia “*neste exato momento*”, preferível à tradução literal “*neste momento mesmo*”, pouco utilizada no português atual.

TLO, c. 6, p. 30: “L'enfant qui crie ainsi le fait sans rage ni douleur, juste pour le plaisir de donner toute sa voix [...]”

TLT-I, p. 29-30: “A criança que grita assim o faz sem raiva e sem dor, justamente pelo prazer de soltar toda a voz.”

TLO, c. 19, p. 92: “Vous n'avez que juste le temps de dire adieu à *Kamouraska*.”

147

TLT-I, p. 87: “Você tem justamente o tempo de despedir-se de *Kamouraska*.”

Nestas duas passagens houve equívoco do tradutor em traduzir “*juste*” por *justamente*, apesar de “*juste*” ter uma função adverbial. Nos exemplos de TLO, “*juste*” é ora um especificador do sintagma preposicional (c. 6) ora um especificador do sintagma verbal (c. 19) — em ambos os casos sendo interpretado como uma restrição aplicada à noção por ele determinada ou especificada.

Traduções convenientes em português:

C. 6: “A criança que faz isto não grita de raiva nem de dor, é só pelo prazer de soltar toda a sua voz”

C. 19: “Você só tem o tempo exato de dizer adeus a *Kamouraska*.”

No exemplo do c. 19, como “*juste*” em TLO reitera a restrição “*ne...que*”, acrescentamos o adjetivo “*exato*” ao sintagma correspondente com este mesmo efeito de sentido.

Observa-se, a respeito do uso de justamente no TLT-I, que este advérbio de frase reforça uma relação de coincidência, de concordância, entre o que está sendo dito e o que foi dito anteriormente. E em TLT-I o leitor fica incapacitado de interpretar com que tais enunciados coincidem, ou o que tais enunciados confirmam, criando-se mais uma vez uma incoerência.

TLO, c. 5, p. 26: “M. Rolland ferme les yeux. Refuser carrément de boire.”

TLT-I, p. 22: “O Sr. Rolland fecha os olhos. Recusa francamente em beber.”

148 O enunciado do TLT-I, em sua estruturação sintática, é agramatical, posto que o verbo recusar não subcategoriza objeto introduzido pela preposição em. Além disso, o tradutor mudou o significado modal do enunciado ao conjugar o verbo no presente do indicativo em vez de mantê-lo no infinitivo.

Quanto a “*carrément*”, só corresponde ao advérbio francamente do português quando especifica verbos “dicendi” que se constroem com orações completivas, como em “Je lui ai dit *carrément* que je ne voulais plus le voir”, onde “*carrément*” qualifica o ato de dizer como *direto, sem rodeios*.

Como o verbo “*refuser*” não pertence à classe de verbos “dicendi”, “*carrément*” tem um outro sentido ao especificá-lo: corresponde a *terminantemente, decididamente*. Nossa proposta de tradução: “O Sr. Rolland fecha os olhos. Recusar-se terminantemente a beber”. (TLT-2, c. 5, p. XVIII).

TLO, c. 5, p. 27: “[...] lorsque tu t'es rapproché de mon lit, tout rond et gras [...].”

TLT-I, p. 23: “[...] quando você se aproximou de minha cama, todo gorducho [...].”

TLO, c. 15, p. 77: “Les ruines calcinées du manoir. Toutes noires sur un ciel de pierre.”

TLT-I, p. 73: “As ruínas calcinadas da mansão, todas elas enegrecidas sobre um céu de pedra.”

149 Nestes dois trechos “*tout*” é um intensificador do adjetivo. Em português, *todo* (e suas variações morfológicas), seguido de adjetivo, também é um intensificador que significa: *inteiramente, em sua totalidade*. Assim sendo, não se aplica às qualificações que sejam inerentes à totalidade do referente. Assim, no exemplo do c. 5, o intensificador aplicado a “*gorducho*” em TLT-I não nos parece conveniente porque interpreta-se “*gorducho*” como uma caracterização inerente ao personagem Jérôme. Por isso, em nossa proposta de tradução, suprimimos o intensificador:

TLT-2, p.XVIII, C.5: “[...] quando você se aproximou de meu leito, gorducho e balofo...”

Sobre o exemplo do c. 15, não concordamos com a tradução de TLT-I porque desfez-se a intensificação do adjetivo. Sem nos determos no abuso em que se constitui a transformação da pontuação original, recordamos o que dissemos precedentemente sobre o emprego da preposição “*sur*” em francês, diferente da preposição *sobre* em português. Neste trecho, trata-se, como no exemplo mencionado na sub-seção anterior, de uma superposição no plano vertical, o que a preposição *sobre* do português não traduz. Tradução que propomos: C. 15: “As ruínas calcinadas do solar. Muito negras, projetadas num céu de pedra.”

TLO, c. 10, p. 58: “Le rire fou d'Aurélié éclate. Tout contre moi. Vibre un instant.”

TLT-1, p. 54: “Estruge a risada louca de Aurélie. Toda contra mim. Vibra um instante.”

150 Neste exemplo, também se trata do emprego adverbial de *tout*, especificador de um sintagma preposicional. A tradução de TLT-1 é inadequada ao nível do enunciado, pois constrói uma relação de oposição não presente no enunciado do TLO. A tradução correspondente seria: “Bem junto de mim.” (Cap. 10, TLT-2, p. XXXIII)

TLO, c. 51, p. 190: “Tu laisses tinter joyeusement les grelots au col de ton cheval. Tout comme si tu les avais toi-même autour du cou, ces clochettes exubérantes.”

TLT-1, p. 187: “Vou deixar tilintar alegremente os guizos no pescoço do cavalo. Tudo como se os tivesse você mesmo, em volta do pescoço.”

Esta é uma dentre as diversas passagens em que “*Tout comme si*” foi traduzido, em TLT-1, por “*Tudo como se*”. Em francês, “*tout*” especifica a oração comparativa introduzida por “*comme si*”, não sendo correspondente ao indefinido tudo, neste caso. Em português, não há equivalente exato para este emprego de “*tout*”, que simplesmente pode deixar de ser traduzido.

Consideramos a tradução de TLT-1 como inconveniente porque “*tudo*” é interpretado como uma retomada de uma série de acontecimentos narrados precedentemente. No entanto, nestes trechos há apenas a introdução de um acontecimento, tomado como termo de uma comparação, o que torna o uso de “*tudo*” inadequado.

Tradução que propomos: Cap. 51: “Deixas que os guizos tilintem alegremente no pescoço do cavalo. Como se tu mesmo trouxesses ao pescoço estes sininhos exuberantes.”

151 cremos ter demonstrado como a obediência ao princípio de fidelidade ao TLO e a aplicação do princípio de coerência tanto à interpretação quanto à produção norteiam o trabalho do tradutor. Disto, concluímos que a falha do conhecimento lingüístico é cumulativa não só com a displicência do tradutor que não procura cumprir o Contrato de fidelidade ao TLO, como também com a incapacidade de perceber que um texto resulta da construção de uma série intrincada de relações coerentes entre os seus mais diversos elementos e seus mais diversos níveis. O tradutor de TLT-1 ignora que os sentidos do TLO devem ser mantidos, na medida do possível, para que o Contrato ficcional e o Contrato literário que o Escritor propõe ao Leitor-1 também sejam interpretados, com o mínimo de perda possível, pelo Leitor-2. O tradutor, com seus erros, descaracteriza TLT-1 enquanto tradução válida de TLO.

No próximo capítulo abordaremos a problemática da tradução de alguns dos componentes enunciativos e retóricos, sem, contudo, pretendermos esgotar as possíveis críticas e propostas à tradução de *Kamouraska*.

4. TRADUÇÃO DE COMPONENTES ENUNCIATIVOS

153

Benveniste (1974, p. 80) considera o discurso como o produto de um ato enunciativo, isto é, como produto de um processo em que o locutor (para nós, o EU-comunicante) “mobiliza a língua em seu proveito”. Este processo é a enunciação.

A língua inclui todo um conjunto de formas cuja função, específica ou acessória, é a de servir à construção da “mise-en-scène” discursiva. Diz o mesmo Benveniste no artigo “Le langage et l'expérience humaine”:

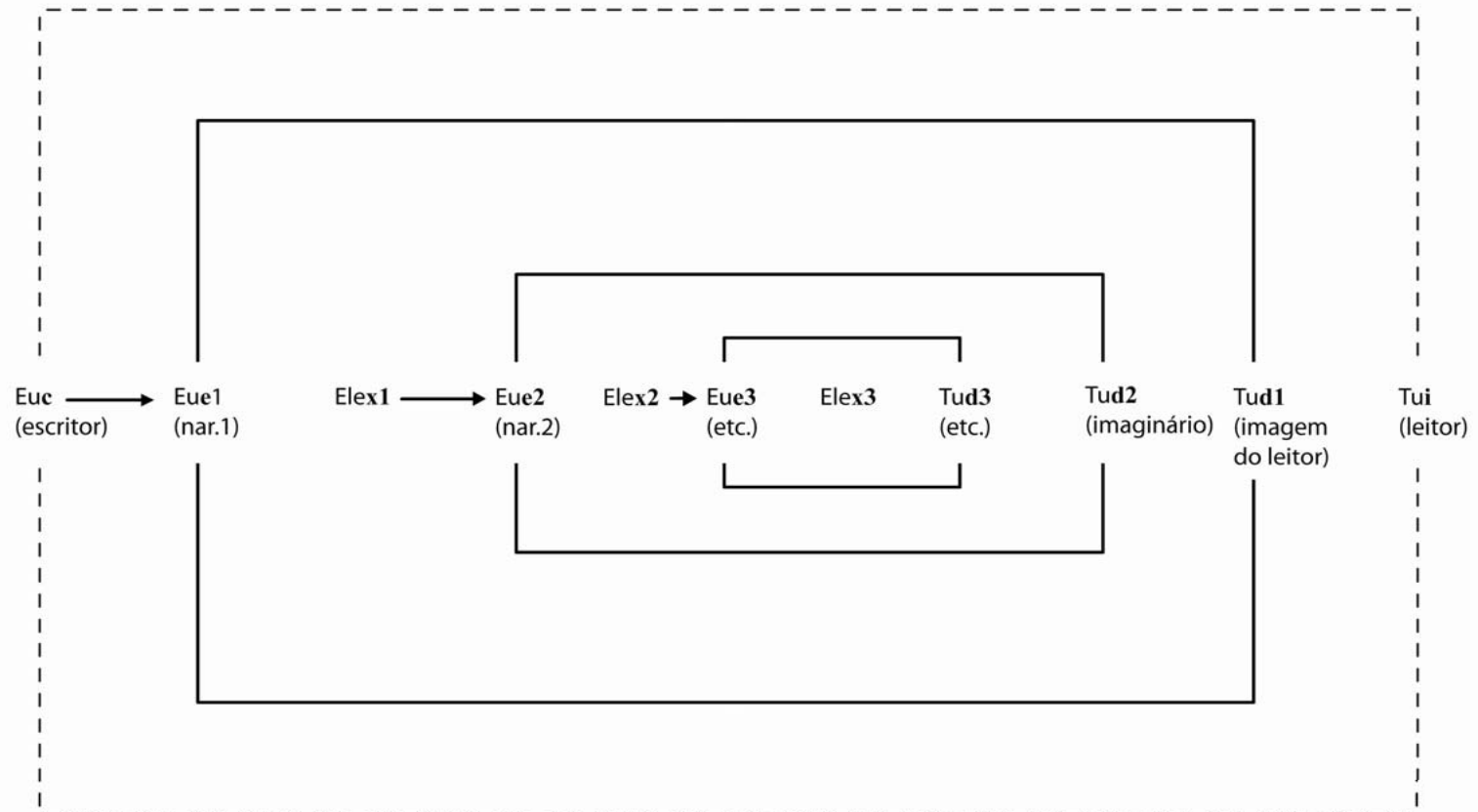
Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que tais categorias revestem são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções só aparecem claramente se estudadas no exercício da linguagem e na produção do discurso. São categorias elementares, independentes de qualquer determinação cultural e onde se vê a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem.. (Benveniste, 1974, p. 67)

Charaudeau (1983, p. 59), seguindo as propostas de Benveniste, considera que tais formas integram o aparelho enunciativo, e funcionam como marcas de comportamentos linguagísticos. Os comportamentos que põem em funcionamento o aparelho enunciativo, a que já nos referimos no cap. 2, são: o comportamento alocutivo, onde predominam os traços explícitos do sujeito destinatário; o comportamento elocutivo, onde predominam os traços explícitos do sujeito enunciador; e o comportamento delocutivo, onde o discurso se apresenta como “neutro”, como independente das posições de sujeito enunciador e destinatário.

Para facilitar o entendimento da análise que faremos nesta seção, traçamos, na próxima página, um desdobramento do esquema do ato de linguagem apresentado à página 12, para dar conta, pelo menos em parte, da complexidade enunciativa do romance *Kamouraska*.

Vê-se, no Esquema 4 (p. 92), como os parceiros EUC e TUi integram o circuito externo do ato de linguagem, e são, respectivamente, o escritor e o leitor do romance, como já comentamos a respeito da seção esquerda do Esquema 3 (p. 28). No circuito interno, há a construção de uma primeira imagem de um Sujeito enunciador: um narrador, o EUe1 que pressupõe um destinatário, o TUD1. Entretanto, em nenhum momento o narrador tem um comportamento alocutivo nesta instância, e as marcas de comportamento elocutivo confundem-se com as do aparelho retórico.

ESQUEMA 4:

Esquema enunciativo de *Kamouraska*

Ainda no primeiro capítulo, o EUe1 se retrai enquanto tal, construindo, para determinados componentes do ELEX ficcional (da história contada) o *status* de enunciador. Assim, por várias vezes, nos capítulos de 1 a 8, EUe1 dá lugar ao discurso de vários outros enunciadores (representados por EUe2 em nosso esquema, assumido por diferentes personagens).

A partir do cap. 9, até o último, é a personagem Elisabeth que assume exclusivamente o papel de EUe2, construindo-se uma outra instância discursiva: o ELEX2. Nesta instância, o TUD2 é um destinatário não-nomeado (embora explicitamente convocado em algumas passagens), com o qual o leitor (o TUi) é levado a identificar-se.

156 Dentro desta nova instância discursiva, a narradora Elisabeth põe a si mesma em cena enquanto personagem — seja reproduzindo situações dialogais que integram a história narrada, seja produzindo um discurso “monologal” onde, entretanto, ela se dirige imaginariamente a personagens ausentes. Em nosso esquema, EUe3 e TUD3 representam os personagens que se movem no plano onírico (o ELEX2) da narradora Elisabeth.

Selecionaremos, em *Kamouraska*, as principais seqüências em que a interpretação das relações entre os protagonistas da “mise-en-scène” discursiva é imprescindível para a tradução adequada das marcas do comportamento enunciativo.

4.1- Componentes do enunciativo alocutivo

O comportamento alocutivo traz a marca explícita do sujeito destinatário, o TUD. Como já dissemos, o discurso do EUel (o narrador) não apresenta exemplos de enunciativo alocutivo, posto que não se dirige diretamente ao leitor.

Mas na instância discursiva em que EUe passa a ser a personagem Elisabeth — o que ocorre praticamente ao longo de todo o romance, pois EUel se ausenta a partir do capítulo 9, para só reaparecer no capítulo 65, o último — diferentes destinatários são construídos imaginariamente por tal personagem. Além de rememorar diálogos de que participou, de imaginar depoimentos de outros personagens, em seu monólogo dirige-se imaginariamente a suas tias, sua mãe, seu filho Nicolas, Antoine Tassy, George Nelson, a ela mesma e a outros.

157 A tradução deverá refletir as relações existentes entre as personagens e entre a narradora e os demais personagens. Além de criticar TLT-I, apresentaremos nossas propostas e os critérios que as nortearam.

4.1.1 – Tradução dos pronomes “tu” e “vous”

À exceção de Nicolas e George Nelson, de quem nos ocuparemos mais longamente adiante, optamos pela correspondência: “vous” – o senhor, a senhora; “tu” – você; “vous” – vocês para o plural do tratamento em segunda pessoa, quer formal quer informal. Procuramos não acumular formas de 3ª pessoa para referir-nos à 2ª, para evitar ambigüidades.

Nesse aspecto, comparemos inicialmente as propostas de TLT-1 e TLT-2 para a tradução de um trecho do capítulo 13, p. 70, linhas 41-47:

TLO, c. 13, p. 70:

Il faut répondre “oui”, bien fort. Ton voile de mariée. Ta couronne de fleurs d'oranger. Ta robe à traîne. Le gâteau de nocces, à trois étages, nappé de sucre et de crème fouettée. Les invités se mouchent derrière toi. Tout le bourg de Sorel attend pour te voir passer, au bras de ton jeune époux. Mon Dieu, je me damne! Je suis mariée à un homme que je n'aime pas.

TLT-1, p. 66:

Tem-se de responder “sim” bem alto. O véu de noiva. A coroa de flores de laranjeira. O vestido de cauda. O bolo de núpcias, de três camadas, recoberto de açúcar e creme batido. Convidados, atrás, assoam o nariz. Todo o burgo de Sorel espera vê-la passar de braço com o jovem esposo. Meu Deus, que tormento! Casei-me com um homem que não amo.

TLT-2, p. XLIV:

158

É preciso dizer “sim”, bem alto. O véu de noiva. A grinalda de botões de laranjeira. O vestido de cauda. O bolo de noiva, de três andares, coberto de açúcar e de creme batido. Os convidados assoando o nariz atrás de você. Todo o burgo de Sorel espera para vê-la passar, de braço dado com o jovem noivo. Meu Deus! Estou pecando! Estou casada com um homem que não amo.

Em TLT-2, a exemplo do que ocorre em TLT-1, não traduzimos os possessivos porque a acumulação “seu”, “sua”, “seu”, além de sonoramente pesada, acentuaria a ambigüidade do tratamento, neste trecho, com o de 3ª pessoa. E por esta mesma razão, isto é, para evitar a ambigüidade e assim adequar-se à formulação de TLO, introduzimos o pronome “você” quando isto foi possível.

Apresentamos a seguir, trechos de TLO, TLT-1 e TLT-2 de parte do capítulo 36, sobre o qual temos comentários a fazer:

TLO, c. 36, p. 148-149:

Justice est faite. Voici l'epouse en larmes. Courant à perdre haleine dans l'herbe mouillée. Ses souliers sont trempés. Elle relève ses jupes pour mieux courir. Crie avec l'accent inimitable des veuves: “Mais c'est mon mari! Vous avez tué mon mari!” Pauvre Antoine, c'est fait. Ta poitrine robuste ouverte d'une balle. Ton coeur déraciné comme une dent de lait. Ton sang répandu. Ton aisselle blonde où la sueur fige. On a beau dire que la main de l'ivrogne n'est pas sûre et tremble. Si par malheur, le coeur déchiré d'une balle, c'était le tien, amour? J'en mourrais.

TLT-1, p. 144:

159

Fez-se justiça. Eis a esposa com os olhos cheios de lágrimas correndo ofegante na herva molhada. Seus sapatos estão molhados. Ela arrepanha as saias para correr melhor. Grita com a entonação inimitável das viúvas: “Mas é meu marido! Você matou meu marido!” Pobre Antoine, está tudo

acabado. Uma bala abriu-lhe o peito robusto. Arrancou-lhe o coração como a um dente de leite. Derramou-lhe o sangue. Sua axila loura onde o suor congela. Dizem que a mão do bêbado não é firme e treme. Se, por desgrça, o coração estraçalhado fosse o seu, meu amor? Eu morreria.

TLT-2, p. LXXIX-LXXX:

A justiça está feita. Surge a esposa toda em lágrimas. Correndo ofegante na relva molhada. Seus sapatos estão encharcados. Suspende as saias para correr melhor. Grita com a entonação inimitável das viúvas: “Mas é o meu marido! O senhor matou o meu marido!” Pobre Antoine, você está acabado. O peito robusto aberto pela bala. O coração arrancado como um dente de leite. O sangue derramado. A axila loura empastada de suor. De nada adianta dizer que a mão do bêbado é trêmula e insegura. Se, por desgrça, o coração dilacerado pela bala fosse o teu, amor? Eu morreria.

160 Quanto ao tratamento “*tu*”, utilizado por Elisabeth para dirigir-se a Antoine, procuramos solução melhor do que a do tradutor de TLT-1, no sentido de não descaracterizar a segunda pessoa usada no TLO. Optamos, portanto, por não traduzir os possessivos, ficando a segunda pessoa explícita apenas após o vocativo.

Já os tratamentos “*vous*” em “Vous avez tué mon mari” e “*tu*” em “Si par malheur, le coeur déchiré d'une balle c'était le tien, amour?”, ambos referentes ao personagem George Nelson, foram traduzidos, em TLT-1, por formas de 2ª pessoa informal, respectivamente “você” e “seu”. Em TLT-2, procuramos marcar a diferença de tratamento pelo uso de o senhor (tratamento formal) e teu (tratamento de 2ª pessoa) — retomando o jogo de diferenças de tratamento, que se repete em outras passagens do romance.

Dentre todos os personagens aos quais Elisabeth se dirige imaginariamente, o principal é o Doutor George Nelson, o amante que a havia abandonado. Examinaremos então as diversas formas usadas por Elisabeth para dirigir-se ou referir-se a tal personagem e confrontaremos a tradução de tais formas em TLT-1 com as que propomos em TLT-2, justificando nossas propostas. Já no capítulo 1, Elisabeth passa de um discurso em que George é mencionado em terceira pessoa para um discurso em que se torna o destinatário, designado pelo pronome “*tu*”:

TLO, c. 1, p. 9, l. 82 a 88:

Pauvre cher amour, comme il a souffert! Comme il a eu froid jusqu'à Kamouraska, tout seul en hiver.. 400 milles environ, aller et retour. Amour, amour, comme tu m'as fait mal. Pourquoi te plaindrais-je? Tu as fui comme un lâche, me laissant derrière toi, toute seule pour faire face à la meute des justiciers. Amour, amour, je te mords, je te bats, je te tue. Ton cher visage jamais plus. Et l'âge qui vient sur moi.

161 O tradutor do TLT-1 optou pelo pronome você para traduzir qualquer ocorrência do pronome “*tu*”, e mesmo, como vimos no exemplo do capítulo 36, quase todas as ocorrências do pronome “*vous*”, não só para referir-se a este como aos demais personagens, exceção feita ao tratamento dispensado por Elisabeth a suas tias. Na tradução do trecho acima, ao traduzir “*tu*” por você não obedeceu à mudança de pessoa verbal do TLO:

TLT-I, c. 1, p. 5:

Pobre e querido amor, como sofreu. Como sentiu frio em sua viagem a Kamouraska, completamente só no inverno. Cerca de 640 quilômetros para ir e voltar. Amor, amor, não sabe o mal que me fez! Por que devo lamentar-me por sua causa? Você fugiu de mim como um covarde, deixando-me para trás, completamente só para enfrentar a matilha da justiça. Amor, amor, eu o mordo e aniquilo. Jamais verei seu querido rosto.

O leitor interpreta “pobre e querido amor, como sofreu” e “Amor, amor, não sabe o mal que me fez” como seqüências de sujeito idêntico — onde está implícito o tratamento por você, que leva o verbo para a 3ª pessoa. No texto em francês, a mudança de pessoa verbal é a marca da passagem de um discurso em que o destinatário não está explícito, para um discurso onde se atribui tal papel, imaginariamente, ao personagem George.

No TLT-I passa-se, pois, diretamente do trecho que reproduz parte de uma carta de George Nelson (nas linhas anteriores às transcritas aqui) a uma resposta possível a esta carta por parte de Elisabeth. Anula-se, em TLT-I a passagem brusca do enunciativo elocutivo, onde o personagem George é descrito em 3ª pessoa, para o enunciativo alocutivo, onde tal personagem passa praticamente a ser interpelado.

162 É somente a partir do capítulo 26 que o discurso de Elisabeth terá novamente como destinatário o Dr. Nelson. Neste ponto da narrativa, Elisabeth rememora sua primeira visita à casa do doutor, num período em que ela era apenas sua cliente. O pronome usado para dirigir-se imaginariamente a ele é “vous”, que, em francês, ao ser usado para dirigir-se a apenas uma pessoa, marca uma certa distância social entre os interlocutores. Na cena em questão, o pronome “vous” marca a distância social obrigatória, no século XIX, entre um homem e uma mulher que se conhecem mas não têm qualquer relação de intimidade, e que, além disso, se devem o tratamento respeitoso de médico-paciente e vice-versa. Tal forma de tratamento é ainda hoje utilizada pelos falantes nativos do francês em circunstâncias semelhantes, isto é, o que se espera entre um médico e uma cliente quanto à forma de tratamento é o uso do pronome “vous”. Examinemos os dois trechos seguintes e a respectiva tradução apresentada em TLT-I:

TLO, c. 26, p. 121:

J'attends que le sens secret de toute cette indignation me soit révélé. Se retourne sur moi, à jamais. Me comble de sainte colère partagée. Comme vous me regardez, docteur Nelson. Non pas la paix, mais le glaive. Cette pâleur soudaine. Cette fièvre dans vos yeux. La lampe sans doute. Cette ombre noire sur vos joues.

TLT-I, c. 26, p. 116:

Espero que me revele o sentido secreto de toda aquela indignação, que volte para mim, para sempre. Faz-me partilhar daquela santa cólera. Como se olha, Dr. Nelson. Não é uma paz, mas uma guerra. Aquela palidez repentina. Aquela febre que se lhe vê nos olhos. Sem dúvida é por causa do lampião. Aquela sombra negra sobre suas faces...

TLO, c. 26, p. 122:

Docteur Nelson, je vous aime farouchement jusqu'à désirer franchir avec vous les sources de votre enfance. Pour mon malheur je les trouve, ces sources, inextricablement mêlées à l'enfance d'Antoine Tassy.

TLT-I, c. 26, p. 117:

Doutor Nelson, amo-o loucamente a ponto de desejar transpor com você o limiar de sua infância. Para infelicidade minha encontro esse limiar inextricavelmente ligado à infância de Antoine Tassy.

Sem nos determos nos inúmeros equívocos que podem ser levantados nestes dois pequenos trechos traduzidos, justificaremos antes de mais nada por que os possessivos encontram-se também sublinhados. Apesar de serem tradicionalmente classificados em classe à parte dos pronomes pessoais, o possessivo é semanticamente equivalente a um “*caso genitivo*” do pronome pessoal. Em português é aceitável dizer-se: “a casa dele”, mas no entanto não é aceitável dizer-se “a casa de mim” ou “a casa de nós”. As formas aceitáveis gramaticalmente e equivalentes a essas são os sintagmas construídos com possessivos: “minha casa”, “nossa casa”.

Em francês ocorre o mesmo tipo de inaceitabilidade, extensivo à 3ª pessoa: diz-se “*la maison de Pierre*” mas “**la maison de lui*” não é gramaticalmente aceitável em francês. Mesmo na construção francesa onde se exprime a posse através de um adjunto introduzido pela preposição “à” há restrições: a construção onde o substantivo é precedido do artigo definido não é compatível com tal tipo de adjunto. Assim, tem-se “*Cette maison à lui est très belle*” mas não “**La maison à lui est tres belle*”. Sendo assim, é o possessivo que será usado, como equivalente ao adjunto que exprime a posse.

164

Retornemos à tradução da página 121, no que diz respeito aos pronomes “*vous*” e “*vos*”: em TLT-I tem-se a supressão, possível em português, do pronome sujeito; quanto ao possessivo, opta pela construção com o pronome lhe, resultando numa combinação de pronomes oblíquos (se lhe) pouco usual na língua portuguesa falada e escrita atualmente no Brasil. Observamos então que, exceto pelo vocativo “Dr. Nelson”, que faz com que se interprete a forma verbal “olha” como referente à 2ª pessoa do discurso, fica difícil interpretar “Aquele febre que se lhe vê nos olhos” e “Aquele sombra negra sobre suas faces” como dirigidas imaginariamente por Elisabeth ao Dr. Nelson, pela ausência de marcas que permitam identificar o destinatário. Além disso, a tradução de “*cette*” por “aquela” reforça a interpretação de que se trata de um comentário de Elisabeth sobre o Dr. Nelson. TLT-I afasta-se, assim, da interpretação do TLO onde, claramente, Elisabeth institui o doutor como destinatário de suas observações.

Como, em português, o uso do pronome “vós” desapareceu no uso corrente da língua (cf. Cunha, 1970, p. 207), não há uma correspondência exata para o “*vous*” do francês, quando se refere a uma única pessoa nem quando se refere a mais de uma pessoa. Mas, no

tipo de relacionamento que envolve os personagens George Nelson e Elisabeth logo que se conhecem, as formas correspondentes a “vous” seriam “o senhor” e “a senhora”, que marcam usualmente uma relação de respeito, cortesia ou distância social em português. Propomos então como tradução para o trecho da página 121, cap. 26:

TLT-2, c. 26, p. LXIII:

165 Aguardo que o sentido secreto desta indignação toda me seja revelado. Que se volte para mim, para sempre. Me inunde da ira sagrada que compartilho. Como o senhor me olha, Dr. Nelson. Não trago a paz, mas a espada. Essa palidez súbita. Essa febre em seus olhos. É o lampião, certamente. Essa sombra negra em seu rosto.

Nesse trecho, além do uso de “o senhor” como correspondente a “vous”, o uso de “seus” e de “seu”, e paralelamente, o uso de uma forma de demonstrativo que implica proximidade com uma 2ª pessoa (“essa”) permitem a interpretação do discurso como dirigido a George Nelson, tal como em francês. Certamente a ambigüidade não está, aí, completamente resolvida, pois as formas dos possessivos também se usam para referir à 3ª pessoa. De qualquer modo, acreditamos que, se não está tão explícito como no francês, pelo menos permite a interpretação pretendida.

Na tradução do trecho do c.26, p. 122, já transcrito (p. 92), o TLT-1 apresenta o pronome “você” como correspondente a “vous”. Ocorre aí uma inadequação que contraria a intenção manifesta do escritor do TLO, que marca a formalidade que Elisabeth ainda conserva nesta primeira visita ao Dr. Nelson ao usar o tratamento “vous”. O uso de “você” é, ao contrário, marca de informalidade em português. Com isso, o tradutor de TLT-1 desfaz as diferenças de atitude da personagem Elisabeth com relação ao doutor, pois tanto o “tu” do primeiro capítulo quanto o “vous” deste capítulo 26 foram aí traduzidos por “você”.

166 Em capítulos posteriores ao 26, Elisabeth voltará ao tratamento “tu” e em alguns momentos ao tratamento “vous” para com o personagem George Nelson. A igualização desses dois pronomes pela tradução traz um prejuízo para a organização enunciativa do discurso e para a construção do relacionamento complexo entre esses dois personagens. A respeito ainda desse trecho da página 122, temos a dizer que o uso de “você” correspondendo a “vous” se apresenta inadequado ainda mais pelo fato de se achar no mesmo enunciado começado pelo vocativo “Doutor Nelson”, onde o sobrenome do personagem vem precedido de seu título profissional, tratamento que, em português, se combina mal com a informalidade do pronome “você”.

Em nossa proposta de tradução, não explicitamos o adjunto no trecho correspondente ao da p. 122, permitindo então a interpretação em que se observa um relacionamento formal:

TLT-2, c 26, p. LXV:

Doutor Nelson, eu o amo loucamente a ponto de querer penetrar nas fontes de sua infância. Para infelicidade minha descubro que suas lembranças estão inextricavelmente ligadas a Antoine Tassy.

Este capítulo 26 se situa num tempo anterior ao que foi abordado pela personagem no 1º capítulo, marcado ainda por um tratamento cerimonioso entre Elisabeth e George Nelson. Para o trecho do cap. 1, p. 9, apresentamos a seguinte tradução:

TLT-2, c. 1, p. VI:

167

Pobre e querido amor, como sofreu! Como sentiu frio até Kamouraska, sozinho em pleno inverno. [...] Amor, amor, como me fizeste mal. Por que ter pena de ti? Fugiste como um covarde, deixando-me para trás, sozinha para enfrentar a matilha de justiceiros. Amor, amor, vou te morder, te bater, te matar. Teu querido semblante, nunca mais.

Consideramos, para o uso do pronome “tu” em português, que o discurso de Elisabeth comporta vários planos enunciativos, segundo as diversas imagens de destinatário construídas com sua narrativa. Assim como há momentos em que Elisabeth se assume como narradora quase objetiva de sua história, colocando em cena os diálogos de que participou ou que presenciou no passado, há momentos em que ela se detém, na descrição do que concerne à sua relação com George Nelson, naquilo que os fatos representavam e representam para ela subjetivamente. Nesses momentos, a estruturação dialogal é simulada: não se trata de reproduzir um diálogo efetivamente havido, trata-se de eleger um destinatário privilegiado à descrição dos fatos que afetaram a um dos dois ou a ambos. A passagem da p. 9, cap. 1, é predominantemente descritiva dos sentimentos da personagem para com George Nelson. Em outros trechos onde prevalece um discurso de rememoração há uma estruturação semelhante. Usamos, nestes casos, a correspondência “*tu*”=“*tu*” ao empreendermos a tradução para o português.

168

Além de apresentar vantagens para a tradução, pois o uso de “tu” desfaz as ambigüidades com a 3ª pessoa e com a 2ª pessoa formal, tal pronome, por não ser de uso corrente na maioria dos grandes centros urbanos brasileiros, contribui para a criação de um espaço discursivo em intertextualidade com a poesia lírica tradicional, em que o ente amado é alvo da evocação do poeta.¹⁴

Usamos a mesma correspondência “*tu*”=“*tu*” para traduzir a passagem do 1º capítulo em que Elisabeth se dirige imaginariamente a Nicolas, seu filho com George: “Meu pequeno Nicolas, com quem te pareces? Teus olhos? São os olhos do amor perdido. Tenho certeza. É com o amor que ele se parece, meu terceiro filho, moreno e esguio. (TLT-2, p. VII).

14 Mesmo em época mais recente, como em vários poemas de “Vaga Música” de Cecília Meireles (1ª edição: 1942), a 2ª pessoa é expressa pelo pronome tu e pelas formas que lhe correspondem. (Cf. Meireles, 1958, p. 142 e seguintes).

Limitamos o uso da correspondência “tu”=“tu” apenas ao tratamento usado com estes dois personagens. Comentaremos mais longamente tal correspondência depois de abordarmos o tratamento de George Nelson para com Elisabeth.

Examinemos o seguinte trecho do cap. 28:

“— Vous ne connaissez pas ma famille, Elisabeth? Vous avez tort. Vous verrez comme nous nous ressemblons, tous les trois, depuis qu'on nous a convertis au catholicisme, ma soeur, mon frère et moi.” (TLO, c. 28, p. 128).

Neste trecho, estamos diante de um tratamento ambíguo do Dr. Nelson para com Elisabeth, em estreita relação com passagens anteriores, pois no cap. 26 o tratamento “vous” por parte de George, já aparece combinado com o nome “*Elisabeth*” e não com o sobrenome precedido da forma de tratamento “*Madame*”. Na trama do romance, tal particularidade talvez se interprete como uma influência da origem americana do Dr. Nelson, já que em inglês a forma “*you*” é usada sem distinção de relações formais ou informais. Por isso mesmo a diferença de uso entre “*tu*” e “*vous*”, para um americano, deve causar problemas de expressão. Entretanto, a mudança de tratamento de “*Madame Tassy*” para “*Elisabeth*” ganha outro sentido. No cap. 26, diz George Nelson: “Est-ce que vous trouvez que j'ai l'air drôle, madame Tassy?” (p. 121, l. 75); e depois, neste mesmo capítulo: “De vos nouvelles, ma petite enfant...” (p. 122, l. 127); “Je ne peux rien pour vous, Elisabeth” (p. 123, l. 134); e finalmente: “Vous n'auriez pas dû dire cela, Elisabeth. Vous n'auriez pas dû” (p. 124, l. 163).

A combinação do tratamento “*vous*” com “*ma petite enfant*” já introduz um tipo de relação indefinida, pois se, por um lado, “*vous*” marca o respeito, e portanto, a distância social e a formalidade, “*ma petite enfant*” anula a distância e a formalidade. E nas duas outras passagens citadas misturam-se novamente marcas de formalidade e informalidade, pelo uso de “*vous*” combinado com o uso do nome “*Elisabeth*”.

Tal mistura de tratamentos será comentada pela própria personagem Elisabeth no cap. 27. Como primeira palavra deste capítulo, temos: “Elisabeth”. E em seguida: “Il m'a appelée par mon nom. Pour la première fois. Je baisse ma tête pour cacher ma joie” (p. 125). E já no cap. 28, em dois momentos: “un instant, il m'attire vers lui, il m'appelle Elisabeth”. Puis il me rejette aussitôt” (p. 127, l. 2-4). E nas linhas 24 a 27:

“Celui qui dit “*le*” table, au lieu de “*la*” table, se trahit. Celui qui dit “*la Bible*” au lieu des “*saints Évangiles*” se trahit. Celui qui dit “*Elisabeth*”, au lieu de “*Mme Tassy*” se compromet et compromet cette femme avec lui. (p. 127-128, l. 24-27).

Ao dizer logo a seguir “un jour tu me diras “*tu*”, mon amour” (c. 28, p. 128, l. 53) a personagem Elisabeth alude indiretamente ao tratamento “*vous*”, mas o tratamento pelo nome de batismo faz prever uma aproximação maior, sem formalidades, entre os personagens.

No TLT-1, o tradutor teve o cuidado de suprimir o nome próprio ao traduzir “Je ne peux rien pour vous, Elisabeth” (TLO, c. 26, p. 123) por “Nada posso fazer pela senhora” (TLT-1, p. 118, c. 26). Conservou-o apenas na tradução do trecho da página 124: “Não devia ter dito isso, Elisabeth, não devia”. (TLT-1, c. 26, p. 119). Entendemos que na opção do TLT-1 o leitor interpretará o uso de “a senhora” como uma volta à formalidade por parte do Dr. Nelson, uma vez que já havia chamado Elisabeth de “pequena criança”. E verá no vocativo “Elisabeth” da p. 119 uma nova intromissão da informalidade.

Nossa opção foi a de manter, a cada vez, o nome Elisabeth. A tradução do trecho da pág. 123 que propomos é a seguinte: “Nada posso fazer, Elisabeth”.¹⁵ Com isso, permitimos a interpretação desse trecho como sendo a confirmação de um tratamento menos formal do que aquele em que, anteriormente, George Nelson usa o vocativo “Mme Tassy”. Fazemos assim, prever a informalidade dos capítulos seguintes.

171 A tradução do enunciado “Un jour tu me diras “tu”, mon amour” (c. 28, l. 53) — “Um dia me tratará por “você”, meu amor” (TLT-1, p. 122) — torna-se incoerente tendo em vista a interpretação possível de “Não devia ter dito isso, Elisabeth, não devia” (TLT-1, p. 118) como já contendo um uso do tratamento informal. E também no parágrafo anterior, que foi traduzido assim em TLT-1: “Não conhece minha família, Elisabeth? É pena. Veria como nós nos parecemos um com o outro, todos os três, depois que nos converteram ao catolicismo, a mim, a minha irmã e a meu irmão.” (TLT-1, p. 122). Para evitar tal incoerência, em TLT-2 optamos por adaptar a tradução do enunciado da linha 53, evitando a tradução direta do enunciado. Como o tratamento “tu” é a expressão da ausência de barreiras sociais e de distâncias formais, no romance este tratamento será também o símbolo da transgressão, pois segundo as regras sociais vigentes, as barreiras e distâncias não poderiam ser abolidas. Transcrevemos abaixo o trecho correspondente em TLT-2:

Um dia estarás bem junto a mim, meu amor. Contarás que tua irmã Cathy ingressou no convento das Ursulinas aos quinze anos. Falarás também de teu irmão Henry, jesuíta, pregador de retiros espirituais persuasivos. (TLT-2, c. 28, p. LXVIII- LXIX)

Estamos conscientes de que tal tradução não é, provavelmente, a melhor possível. Mas estaríamos cometendo um erro maior se traduzíssemos literalmente o enunciado inicial desse parágrafo, misturando o tratamento do plano dialogal, (o pronome você), com o
172 tratamento tu do plano enunciativo no qual Elisabeth se dirige imaginariamente a George Nelson. Como em nenhum outro momento da tradução do romance foi necessário fazer adaptações maiores em virtude do uso do pronome tu nas circunstâncias já expostas, cremos

¹⁵ A supressão pura e simples do pronome nos foi sugerida pela leitura de romances de José de Alencar, principalmente *O Tronco do Ipê*. Neste romance, há uma passagem em que o narrador faz referência à não-definição do tratamento através da terceira pessoa sem sujeito explícito como um comportamento voluntário de seus personagens. (Cf. Alencar, 1958, v. III, p. 735).

que nossa proposta permite uma interpretação mais próxima das intenções significativas do narrador do TLO.

Mencionamos anteriormente passagens da narrativa de Elisabeth em que é usado o pronome “vous” para referir-se a George Nelson, mesmo durante o período em que os dois eram amantes. Isto ocorre já no capítulo 37, nas linhas 42 a 49, na maior parte do capítulo 39, e ainda nos capítulos 45, p. 172-173, cap. 62, p. 233 e finalmente no 65, linha 71, e depois nas linhas 91 a 98. Seria possível pensar que se trata, nos três primeiros desses capítulos, de um monólogo interior do Dr. Nelson. Interpretamos tais passagens, no entanto, como sendo produzidas pela visão de Elisabeth a respeito das preocupações do amante nos momentos em que não estão juntos. E para significar a distância entre os dois e a dominância do profissionalismo do doutor sobre os interesses amorosos faz uso, em tais momentos, do pronome “vous”.

Em TLT-1 essas passagens são traduzidas obedecendo à correspondência “vous” – “você”, igualando-as portanto às seqüências onde fez a correspondência “tu” – “você”. De nossa parte, empreendemos a tradução dos capítulos 38, 45 e 65, e de trechos do capítulo 37 para verificar a possibilidade da correspondência “vous” – “o senhor”. Verificamos que, na tradução
173 do trecho do cap. 37, foi possível manter o verbo na 3ª pessoa sem explicitar o pronome de tratamento. A marca da distância entre os personagens foi introduzida apenas pelo vocativo: “É preciso dormir, Dr. Nelson” (correspondente à linha 42, p. 153). No cap. 38 (TLT-2, p. LXXXII) tivemos de explicitar diversas vezes o pronome através do tratamento “o senhor”. Nesse capítulo, Elisabeth se faz de intérprete do pesadelo que acomete o doutor, confundindo algumas vezes em seu discurso sua própria visão sobre George enquanto médico, com a visão que outros personagens manifestam sobre o mesmo. Ao dizer: “Ce merveilleux cheval noir que vous avez, docteur Nelson” (linha 1) e “Voyez les parents pleurent d’émotion et de reconnaissance. On vous aime infiniment”, Elisabeth se faz de porta-voz dos habitantes do condado sem que isso deixe de ser a expressão de seu próprio discurso sobre o pesadelo.

No cap. 45, por outro lado, verifica-se que a narradora passa do vocativo em que se encontra o tratamento formal na linha 64, “Dr. Nelson”, ao vocativo sem o título profissional, “George Nelson”. Tal como anteriormente, trata-se da visão de Elisabeth sobre o que George estaria pensando em sua ausência. A supressão do título profissional do segundo vocativo acarreta, segundo nossa interpretação, uma diferença no grau de formalidade em português. Por isso, a proposta do TLT-2 é a seguinte (TLO, p. 173, linhas 63-65, depois linhas 72-75) :

Um pedaço de mundo conhecido cede e desaba. (O senhor não tinha conhecimento desta sua fraqueza, Dr. Nelson?) Ei-lo diretamente implicado, ligado ao destino desta terra [...] Nessa mesma noite, George Nelson, você cederá às súplicas de Elisabeth. Conversará com Aurelie e a enviará a Kamouraska em seu lugar. Um cansaço tão grande. (cf. TLT-2, p. XCIII).

Do uso do tratamento “o senhor” passamos ao uso do pronome “você”, observando a diferença de formalidade entre os dois vocativos. Na nossa tradução, procuramos manter as diferenças de relação entre os diversos sujeitos destinatários construídos pela personagem Elisabeth em seu discurso, divergindo da igualização operada pelo tradutor do TLT-1.

Como último exemplo de nossa proposta de tradução diferenciada para o tratamento “tu” endereçado ao Dr. Nelson, segundo esteja incluído numa estruturação efetivamente dialogal ou num discurso de rememoração monologal, transcrevemos o seguinte trecho de TLO com a respectiva tradução de TLT-2:

TLO, cap. 34, p. 143-144, l. 51-63 :

— Elisabeth! Ce n'est qu'un cauchemar. Calme-toi, je t'en prie. Je ne veux pas que tu pleures sans moi, que tu aies peur sans moi. Raconte-moi tout. Dis-moi tout. A quoi rêves-tu donc?

— À rien. Je t'assure. Ce sont tes malades qui me font peur. Un jour... C'est la peur qui nous perdra. Nous arrachera l'un à l'autre...

— Qu'allons-nous devenir, George?

Cet air hagard sur ton visage, en guise de réponse. Ce tressaillement sur ta joue.

Nossa proposta:

— Elisabeth! É só um pesadelo. Acalme-se, por favor. Não quero que você chore em minha ausência, que você tenha medo longe de mim. Conte-me tudo. Diga tudo. Com que estava sonhando?

— Com nada. Sossegue. São os seus doentes que me metem medo. Um dia... O medo é que nos arruinará, nos arrancará um do outro...

— O que será de nós, George?

A expressão desvairada em teu rosto à guisa de resposta. O tremor em tua face.

Resta-nos ainda examinar algumas passagens do monólogo interior do personagem Jérôme e outras da personagem Elisabeth. No cap. 5, há três parágrafos que apresentam dificuldades de tradução por causa dos pronomes que aí se encontram.

Nos 2º e 3º parágrafos do cap. 5 (p. 25) o narrador se coloca como intérprete das sensações e do monólogo interior. Aí, a crise de falta de ar do final do cap. 2, juntamente com a crise de desconfiança de Jérôme Rolland para com Elisabeth, é retomada e metaforizada através da narração de um afogamento e suas conseqüências.

Neste cap. 5, o narrador refere-se ao personagem Rolland na 2ª pessoa, utilizando o pronome “vous” e o vocativo “*Monsieur Rolland*” como se estivesse dialogando com ele. Tal procedimento é o mesmo que foi utilizado ao final do cap. 2 — e também dá margem à interpretação em que Jérôme Rolland seria o enunciador dessas duas passagens, num jogo de desdobramento do “eu”, em que se vê sob a ótica dos outros. Entretanto, também podemos interpretar, nessas passagens, a intromissão do narrador que verbaliza as imagens que praticamente invadem a mente do personagem.

176

Repetir “o senhor” para traduzir cada pronome “*vous*” sujeito interferiria na elaboração retórica do texto, voltado para a construção de uma cena imaginária que conjuga sensações e sentimentos que integram a realidade do personagem. “O senhor” em português é uma marca de formalidade mais saliente fonicamente que o “*vous*” do francês, tanto pela extensão quanto pela intensidade, e por isso, optamos pela sua supressão, para ficarmos mais próximos do encadeamento rítmico do texto francês. Assim, introduzimos modificações para que isto fosse possível, como a tradução da voz ativa do enunciado “là où vous filez votre dernier coton, monsieur Rolland” por uma voz passiva construída com o pronome se.

Transcrevemos a seguir os dois parágrafos do TLO e a sua respectiva tradução:

TLO, c. 5, p. 25:

Monsieur Rolland, ce n'est pas encore la mort. Et voyez pourtant quelle noyade. La fatigue vous recouvre d'une longue lame, épaisse, lourde, roule sur vous son large, lourd mouvement. Vous couchez sur le sable, sans force, épuisé, goûtant le sel et la vase, quasi sonore de douleurs. De par tout le corps une telle exaspération. La douleur reconnaissable, sonnant juste sous l'ongle, à fleur de peau. À votre chevet votre femme a repris sa solitude.

177

Il faudrait la rappeler, cette femme, sans tarder. La ramener sur l'étroite margelle de ce monde, là où vous filez votre dernier coton, monsieur Rolland. Vous ne pouvez rester seul ainsi, c'est intolérable, cette angoisse, cette mince passerelle. Vous n'avez que juste l'espace d'y hisser de force une personne vivante qui vous accompagnera encore un petit bout de chemin. Il faut l'appeler. Vite.

TLT-2, c. 5, p. XVI:

Senhor Rolland, ainda não é a morte. Veja, no entanto, que mergulho. O cansaço o recobre como uma enorme vaga, espessa, pesada, que se desdobra em largo e pesado movimento. Deixa-o deitado sobre a areia, sem forças, esgotado, sentindo o gosto do sal e do lodo, num frêmito de dores. Imensa exasperação por todo o corpo. A dor reconhecível, latejando sob as unhas, à flor da pele. À cabeceira da cama, sua mulher retoma sua solidão.

É preciso chamar logo essa mulher. Trazê-la para a borda do poço deste mundo, onde se tece o seu último fio, Senhor Rolland. Não pode ficar sozinho assim, é intolerável essa angústia, essa estreita passarela. Resta-lhe o espaço para içar à força apenas uma pessoa viva, que vá acompanhá-lo no caminho que ainda lhe resta. É preciso chamá-la. Depressa.

No 1º parágrafo da p. 26, ainda no cap. 5, onde o discurso já deixou de ser metafórico, o pronome que se refere ao personagem de Jérôme Rolland passa a ser “*nous*”, que ganha assim um *status* de enunciador de seu monólogo interior. O pronome “*nous*” nos parece uma característica do discurso de Jérôme, acostumado, pelas suas funções de tabelião, a utilizar o plural de majestade para referir-se a si próprio. Em oposição aos dois parágrafos acima citados, este parágrafo da p. 26 acentua os pronomes, em posição tônica nos enunciados onde ocorrem. Transcrevemos abaixo o trecho em questão, com a respectiva tradução, onde mantemos o pronome “*nós*” e demais formas da 1ª pessoa do plural com o intuito de sermos fiéis a nossa leitura do TLO:

178

TLO, c. 5, p. 26:

Il faudrait avoir la santé de violer cette femme. La ramener de force avec nous, sur le lit conjugal. L'étendre avec nous, sur notre lit de mort. L'obliger à penser à nous, à souffrir avec nous, à partager

notre agonie, à mourir avec nous. L'insaisissable qui est notre femme, notre beauté corrompue. La convaincre du péché, la prendre en flagrant délit d'absence.

TLT-2, c. 5, p. XVI-XVII:

Seria necessário ter saúde para violar essa mulher. Trazê-la à força para o leito conjugal. Estendê-la conosco, em nosso leito de morte. Obrigá-la a pensar em nós, a compartilhar nossa agonia, a morrer conosco. Inatingível como ela é, essa mulher, nossa beleza corrompida. Dar-lhe provas de seu pecado, pilhá-la em flagrante delito de ausência.

Embora este último exemplo esteja fora do enunciativo alocutivo, introduzimo-lo aqui para contrastá-lo com os exemplos anteriores, mostrando como levamos em consideração, em nossa tradução, os diferentes enunciadores e a organização discursiva predominante.

O discurso da personagem Elisabeth, como vimos, dirige-se em vários momentos da narrativa a outros personagens do romance. Nos trechos onde isso não acontece, com o uso do pronome “vous”, o discurso de Elisabeth constrói, por vezes, destinatários não imediatamente identificáveis. Entretanto, sua narrativa se apresenta, em determinados momentos, como um depoimento prestado diante de um júri imaginário, sendo através do pronome “vous” que o leitor é chamado a compartilhar deste papel. No 1º capítulo os trechos são os seguintes:

179 TLO, p. 9-10, l. 93-95 e l. 116:

Saine et sauve, puisque je vous dis que je suis saine et sauve. Après un tel enfer. L'épreuve de l'horreur sur une chair incorruptible. Voyez vous-même? La salamandre. [...] Cherchez bien le père du troisième fils.

TLT-2, c. 1, p. VI- VII:

Sã e salva, estou dizendo que estou sã e salva. Depois daquele inferno. A prova do horror para uma carne incorruptível. Vocês estão vendo? A salamandra. [...] Procurem bem o pai de meu terceiro filho.

Enquanto TLT-1 traduziu “vous” por “você”, preferimos a tradução “vocês” para marcar a referência do pronome como distinta do pronome “tu” através do qual Elisabeth se dirige imaginariamente a George Nelson. Além disso, neste primeiro capítulo, é possível identificar outros destinatários que as formas de 2ª pessoa do plural estariam representando, como os membros da sociedade que Elisabeth desejaria desafiar.

No cap. 19, quando ocorre uma interrupção na rememoração de Elisabeth, que reassume provisoriamente a identidade de Sra. Rolland, esta se dirige novamente a uma 2ª pessoa expressa por “vous” que designaria aqueles que a julgam, tanto na realidade quotidiana (os habitantes de Quebec), quanto na realidade onírica (o júri imaginário), incluindo ainda o próprio leitor: “Devenir veuve à nouveau. Vous cherchiez en vain. Contre celui-ci je n'ai jamais péché. Je suis innocente”. (TLO, p. 94) .

Para conservar o pronome “você” neste trecho foi necessário descobrir os implícitos do enunciado “vous cherchiez en vain”, que, traduzido literalmente por “Você procurariam em vão”, não corresponde ao que usualmente se diria para advertir alguém sobre a inutilidade de uma ação. Com efeito, em francês está implícita a hipótese que se combina com o enunciado no modo condicional: “Vous cherchiez en vain” pressupõe algo como “si vous vouliez trouver”. A tradução por “Não adianta procurar” excluiria a referência clara a uma 2ª pessoa. Por isso propomos traduzir a sequência citada assim: “Ficar viúva outra vez. Você podem procurar. Contra este eu nunca pequei.”

Em “você podem procurar” está implícita não apenas a dependência de uma condição como em francês (aqui, seria algo como “se quiserem achar alguma coisa”) mas também a negação da expectativa que o destinatário normalmente teria ao procurar — expressa em francês pela locução adverbial “*en vain*”.

Em outras passagens em que Elisabeth utiliza a fórmula de insistência “Puisque je vous dis que...” (cap. 19, p. 92, cap. 58, p. 214) não traduzimos o pronome, dispensável em português. Esta fórmula corresponde a “Estou dizendo que...” e implica a existência de um interlocutor, isto é, de uma 2ª pessoa.

No cap. 65, o último, há uma forma de imperativo que também se dirige a um interlocutor não identificado: “Voyez comme George Nelson me charge?” (p. 248) traduzido por “Vejam como George Nelson me acusa” (TLT-2, p. CVIII), onde mantivemos o plural, seguindo o que já havíamos feito anteriormente.

181 De tudo o que já examinamos a respeito da tradução das marcas do comportamento alocutivo, temos a dizer que a igualização operada em TLT-1, que se poderia qualificar num primeiro momento de “má” tradução de pronomes, afeta a estruturação enunciativa do romance, pois em certos momentos faz confundir a 2ª com a 3ª pessoas (como no exemplo da página 5 de TLO). Em outros momentos, anulando as diferenças de relacionamento construídas entre dois personagens, afeta também a estruturação narrativa, onde se desenvolvem tais relações. A má tradução, como já verificamos, produz incoerências: TLT-1 combina títulos profissionais, como *Dr. Nelson*, com o tratamento *você* (como em outros momentos combina *Sra. Rolland* com *você* — cap. 6, p. 31, l. 35).

Comparativamente, buscamos, em TLT-2, ser coerentes. Apesar de TLO apresentar uma diferenciação bipartida para a 2ª. pessoa (“*tu*” - “*vous*”), os diversos momentos do discurso de Elisabeth comportam uma diferenciação tripartida, segundo nossa interpretação, o que permitiu a tradução de “*tu*” ora por *tu* ora por *você*; e a de “*vous*” por *o senhor* e raramente por *você*; e quando se dirigia a destinatários não claramente identificáveis, optamos por traduzir “*vous*” por *você*.

Para a coesão textual de TLT-2 importa que, por um lado, o leitor possa identificar facilmente o referente de *tu*, *você*, *o senhor*. Por outro lado, a cada surgimento de *tu*, que o leitor possa recriar relações diferentes, entre enunciador e destinatário, daquelas que são possíveis com os demais tratamentos presentes no texto.

182 Procuramos demonstrar como as correspondências entre os pronomes do francês com os do português dependem não só da relação entre os personagens, mas também das relações que se estabelecem entre as diversas partes do texto e das relações intertextuais.

4.1.2 – Tradução das formas de tratamento

Além dos pronomes pessoais propriamente ditos, cumpre-nos examinar as formas de tratamento, quer sejam usadas isoladamente, quer sejam usadas acompanhando o sobrenome.

Verificamos que em TLT-1 houve uma diferenciação na tradução dessas formas, segundo ocorram isoladas ou não. Quando precedem o sobrenome, o tradutor convenientemente obedeceu à correspondência “Monsieur” - *Senhor*, “Madame” - *Senhora*, “Mademoiselle” - *Senhorita*. Quando ocorrem isoladamente, o tradutor preferiu manter em francês as formas “Madame” e “Mademoiselle”, traduzindo apenas as ocorrências de “Monsieur”.

Verificamos que o uso isolado dessas formas é uma das características do discurso dos serviços dirigindo-se ou referindo-se aos patrões. E isso, mesmo quando tais personagens aparecem no plano ficcional criado pelo delírio de Elisabeth, como no cap. 6., quando Florida conclama a população de Sorel:

Oyez! Braves gens, oyez! Monsieur se meurt. C'est Madame qui l'assassine. Venez. Venez tous. Nous passerons Madame en jugement. Nous passerons Madame à la casserole comme un lapin qu'on fend au couteau dans toute sa longueur. (p. 32, l. 69-71)

183 No TLT-1 a tradução é a seguinte:

Escute, boa gente. O patrão está morrendo. É Madame que o está assassinando. Venham. Venham todos. Submeteremos Madame a julgamento como a um coelho que se corte ao meio com uma faca. (p. 28).

Propomos no TLT-2:

“Atenção! Boa gente, atenção! Meu patrão está morrendo. É a patroa que está matando ele. Venham. Venham todos. Vamos levar miriha patroa a julgamento. Vamos levar minha patroa pra panela como se fosse um coelho aberto a faca. (TLT-2, c.6, p. XXIV)

Embora em português se use o tratamento *a madame* para referir-se à dona de casa, à patroa, não optamos por esta forma aqui. A proximidade “Monsieur” - “Madame” no TLO forma o par masculino-feminino do mesmo tratamento, mantido na tradução em *patrão* - *patroa*.

O tratamento *Madame*, em TLT-1, constitui um estrangeirismo pois o aportuguesamento desta forma a faz vir precedida do artigo: *a madame*. É justamente esta a

tradução que consideramos conveniente para "*Madame*" quando Aurélie se dirige a Elisabeth. Exemplificando: "— Par ici, si Madame veut bien se donner la peine de me suivre..." (TLO, cap. 16, p. 81); "-Por aqui, se Madame quer fazer o favor de seguir-me..." (TLT-1, cap. 16, p. 77); "-Por aqui, a madame faça o favor de me seguir..." (TLT-2, cap. 16, p. XLVI).

E também no cap. 30:

184 Il faut que Madame se regarde bien en face. [...] Je vais coiffer Madame pour le bal. Madame doit se rendre compte par elle-même. (TLO, p. 133-134, l. 25-28).

É preciso que Madame possa contemplar-se bem de frente. [...] Vou penteá-la para o baile. Madame poderá julgar por si mesma. (TLT-1, p. 129).

É pra madame se olhar bem de frente. [...] Vou pentear a madame para o baile. A madame vai ver só. (TLT-2, Anexo, p. LXXI).

Conservar "*Madame*" como em TLT-1 faz com que o discurso de Aurélie seja incoerente com o que é dito acerca desta personagem. A linguagem de Aurélie é assim descrita por Elisabeth no cap. 22: "Tout un langage incohérent, haletant, impudent et cru" (p. 103, l. 20). E, no final deste capítulo, um exemplo dessa linguagem: "C'est pas la peine d'avoir tant honte pour si peu. Mieux vaut être pincée que de pas avoir d'homme du tout." (p. 105).

Determinadas particularidades do discurso de Aurélie, como a supressão da negação "ne" e a supressão da preposição "de" ligando "tant" a "honte" e introduzindo o infinitivo depois de "mieux vaut" são marcas de uma variante lingüística considerada "popular".¹⁶ Para que a tradução seja fiel ao sentido que "*Madame*" adquire no discurso de Aurélie é preciso, paradoxalmente, preferir a forma aportuguesada.

Nos grandes centros urbanos brasileiros só os empregados domésticos que querem afetar conhecimento do francês utilizam o tratamento "*Madame*". Isto implica um grau de
185 sofisticação cultural incompatível com as qualificações ligadas a Aurélie Caron em *Kamouraska*, sendo preferível portanto o tratamento *a madame* para marcar seu relacionamento com Elisabeth.

Em nossa proposta acentuamos a variante popular usada por Aurélie através da contração "*pra*" correspondente a *para a*, e através do uso da próclise e da repetição de "*a madame*" (evitada em TLT-1). A respeito disso, o trecho correspondente em TLT-1, além de ser incoerente pelo uso de "*Madame*", também o é pelas escolhas lexicais para traduzir "se regarder" e "se rendre compte": "*contemplan-se*" e "*julgar*", bem como a ênclise pronominal, fazem com que o texto em português seja interpretado como pertencente a uma variante lingüística mais culta do que a do texto em francês.

No cap. 30 temos ainda o seguinte exemplo:

¹⁶ Cf. Guiraud, Pierre (1986) p. 63 e 70.

Madame a reçu le coup de poing de Monsieur dans le côté. Je l'ai vue toute pliée en deux de douleur. Monsieur est tout de suite sorti de la maison [...] Monsieur répétait: "Je t'interdis d'aller à ce bal. Je t'interdis..." (TLO, p. 135, l. 69-73).

Madame recebeu um murro do patrão na costela. Eu a vi dobrar-se de dor. O patrão saiu logo de casa [...]. O patrão dizia: "Proíbo você de ir a esse baile. Proíbo..." (TLT-1, p. 130).

A madame levou um soco do patrão nas costelas. Eu vi quando ela ficou toda encolhida de dor. O patrão saiu logo de casa pra não ser pego. Quando ele passou pela porta estava praguejando e repetindo: "Eu te proíbo de ir a esse baile. Eu te proíbo." (TLT-2, c. 30, p. LXXII)

186 Preferimos mudar, em TLT-2, o pronome de tratamento correspondente a "Monsieur". Usamos em seu lugar, entretanto, um substantivo que implica a relação do personagem Antoine com Aurélie. Como a repetição de "Monsieur" contribui para caracterizar a variante oral, repetimos a designação "*o patrão*" com este mesmo objetivo.

Ainda sobre esse exemplo, há uma observação a fazer a respeito do tratamento de Elisabeth por parte de Antoine. Como já dissemos anteriormente, obedecemos à correspondência entre "tu" e *você* na tradução dos diálogos. Entretanto aqui, seguir a solução de TLT-1 equivaleria a adotar uma maneira artificial de expressar o ato de proibição no português dos centros urbanos brasileiros. Os falantes brasileiros que usualmente se servem do tratamento *você* muitas vezes preferem as formas oblíquas correspondentes ao *tu*. O usual é que o comunicante diga justamente "*Eu te proíbo*" quando deseja reforçar o contrato de autoridade com o interpretante, projetando-se como um enunciador autoritário e criando a imagem de um destinatário suscetível de intimidar-se e submeter-se.

Ainda a respeito da tradução de "Madame" e "Monsieur", no cap. 35 encontra-se o seguinte trecho:

— Ignace, me voici propre, comme si je sortais de confesse. Préviens Madame.

Ignace regarde Antoine d'un air hébété. Il récite sa leçon bien apprise, en tremblant de tout son corps transi de peur.

187 — Madame est partie, toutes les dames de la maison aussi et les enfants avec... (TLO, p. 145, 146, l. 22-27).

Em TLT-1 temos:

— Ignace, estou limpo [...]. Avisa minha mulher. [...].

— Madame partiu, todas as senhoras da casa também e as crianças com...[sic] (p. 141)

Nossa proposta em TLT-2:

— Ignace, estou limpo [...]. Mande chamar a madame. [...]

— A madame partiu, todas as outras senhoras foram junto e levaram as crianças...(TLT-2, p. LXXV)

O discurso de Antoine, neste momento, antecipa a forma de tratamento usada pelo criado, melhor do que "*minha mulher*" do TLT-1.

O tratamento "Mademoiselle" foi, em algumas passagens, mantido em francês pelo tradutor de TLT-1. Examinemos os exemplos:

Me voici seule dans le petit lit ridicule de Léontine Mélançon, institutrice des enfants. Mademoiselle, depuis hier, dort sur un sofa dans la chambre d'Anne-Marie. [...] Expédions les enfants pour la journée. Anne-Marie et Eugène chez la tante Églantine qui les a invités, Mademoiselle les accompagnera. (Cap. 6, p. 30 e p. 35, l. 4-6 e l. 167-169).

188

Em TLT-1 temos as seguintes traduções:

Eis-me sozinha na pequena e ridícula cama de Léontine Mélançon, instrutora das crianças. Mademoiselle, desde ontem, está dormindo num sofá, no quarto de Anne-Marie. (C. 6, p. 31).

O leitor brasileiro dificilmente identificará de imediato “Léontine Mélançon” e “Mademoiselle” como co-referentes. Ainda mais porque “Mademoiselle” não corresponde, em português, à mesma realidade cultural a que se refere em TLO. Em português, o francesismo “Mademoiselle” é apenas identificado como sendo o tratamento à mulher solteira em francês. No TLO, “Mademoiselle”, na passagem do cap. 6, é uma espécie de fórmula de tratamento dispensada à professora enquanto tal. Propomos então as seguintes traduções para estes dois trechos do cap. 6 em que evitamos os francesismos:

Aqui estou, sozinha na caminha ridícula de Leontine Melançon, a professora das crianças. A senhorita Leontine dorme, desde ontem, num sofá do quarto de Anne-Marie. [...]

Determino como as crianças passarão o dia. Anne-Marie e Eugene estão convidados para ir à casa da tia Eglantine. A professora os acompanhará. (TLT-2, p. XXII e XXVIII)

189

A designação “professora” do início do capítulo foi retomada ao final para designar a mesma personagem, traduzindo “Mademoiselle”, que, se conservada em francês ou se traduzida simplesmente por “a senhorita”, não seria interpretável pelo leitor brasileiro.

No cap. 11 o tradutor de TLT-1 manteve o francesismo ao traduzir “En ce temps-là on vous appelait “Mademoiselle” gros comme le bras” (p. 62). Contraditoriamente, ao traduzir uma passagem no cap. 12 optou pela tradução “a senhorita”, demonstrando sua falta de critério habitual em manter a coerência discursiva.

Com estas observações encerramos nossa crítica à tradução dos pronomes e formas de tratamento que marcam o comportamento alocutivo ao longo do romance, e que, acreditamos, constituem dificuldades para o tradutor. Procuramos explicitar nossos critérios segundo o papel dos personagens que “contracenam” nos diálogos e segundo os contratos que os unem. Não esgotamos, com isso, as marcas do comportamento alocutivo, pois as formas do imperativo também caracterizam tal comportamento, e determinados verbos também aí se incluem. Ativemo-nos, no entanto, às formas pronominais porque demandaram maior esforço decisório de nossa parte ao traduzirmos o texto.

4.2 - Componentes do enunciativo elocutivo

As concepções de Benveniste sobre a enunciação estão expostas não apenas no artigo citado no início deste capítulo, mas também no artigo “L'appareil formel de l'énonciation”¹⁹⁰ publicado pela primeira vez em 1970, e incluído posteriormente em seu livro de 1974. Os trechos abaixo nortearão nossa crítica à tradução de formas lingüísticas que marcam o comportamento elocutivo:

Assim, em cada língua e a cada momento aquele que fala apropria-se do **eu** que, no inventário das formas da língua, é apenas um dado lexical como qualquer outro, mas que, posto em ação no discurso, aí introduz a presença da pessoa sem a qual não há possibilidade de linguagem. [...] A presença do locutor em sua enunciação faz com que a instância de discurso constitua um centro de referência interna. Esta situação vai manifestar-se por um jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação. (Benveniste, 1974, p. 81-82).

A este jogo já nos referimos ao abordar a tradução do enunciativo alocutivo, no que diz respeito aos pronomes pessoais. Mas ao lado dos pronomes, Benveniste cita os numerosos índices de ostensão (índices do ato de mostrar), quais sejam os demonstrativos e os advérbios de lugar tipo *aqui*, *ali* etc.

As formas temporais da língua também se determinam com relação ao enunciador, segundo Benveniste, para quem a forma axial é o presente, que coincide com o momento de enunciação: “O presente formal não faz mais do que explicitar o presente inerente à enunciação.” (Benveniste, 1974, p. 83).

¹⁹¹ Após mencionar como o enunciador se serve da língua para influenciar seu “alocutário” (o que não nos interessa especificamente neste ponto de nosso estudo), menciona a asserção como a “manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação” (Benveniste, 1974, p. 84). À asserção, que visa comunicar uma certeza, opõe as modalidades que indicam incerteza, possibilidade, indecisão etc. Refere-se também às modalidades que marcam atitudes do enunciador sobre o que está enunciando.

Na presente seção, comentaremos justamente alguns equívocos de TLT-I na tradução de formas lingüísticas que dependem da interpretação das relações espaciais, temporais e modais entre o enunciador e aquilo a que está se referindo em sua enunciação — que, portanto, caracterizam o comportamento lingüístico elocutivo.

Comentaremos igualmente componentes do aparelho retórico que podem ser interpretados como estando *a serviço* do comportamento elocutivo: assonâncias, comparações e metáforas que manifestam uma visão subjetiva do EU-enunciador a respeito do ELEX (o assunto, objeto de seu discurso).

4.2.1 – Crítica à tradução dos dêicticos e dos anafóricos

Os pronomes demonstrativos, tanto em português quanto em francês, podem ser dêicticos ou anafóricos. Os dêicticos são usados para marcar o ato de mostrar um objeto do mundo referencial em relação de proximidade maior ou menor com o EU-comunicante. Os anafóricos são usados para marcar a retomada, num ato discursivo, de uma referência que se encontra em relação de proximidade com este ato.

Em português, os pronomes demonstrativos formam um sistema ternário, onde "este" indica um objeto próximo do EUC, "esse" um objeto próximo do TUi, e "aquele" um objeto distante de EUC e TUi. Em francês, os demonstrativos podem vir combinados com as partículas "-ci" e "-là", e neste caso, formam um sistema binário: por exemplo, "celui-ci" indica o objeto próximo ao EUC (ou, se anáfora, o componente discursivo mais próximo), e "celui-là" o objeto afastado do EUC, que pode ou não estar próximo do TUi (ou, na anáfora, o componente discursivo mais distante numa série de dois). Mas esta distinção só ocorre quando se constrói, no discurso, um contraste entre dois componentes discursivos. É mais freqüente o demonstrativo empregado sem as partículas adverbiais, indicando indiferentemente a proximidade ou o afastamento de um objeto do mundo referencial ou de um componente discursivo.

Assim, a função discursiva do demonstrativo, em francês, é a de marcar o ato de apontar sem especificar o grau de proximidade. Só passa a *localizar* mais especificamente quando acompanhado de "-ci" e "-là".

É claro que, para traduzir-se um texto francês em português, será necessário interpretar a localização do objeto apontado através de outros componentes do texto, já que em português o demonstrativo implica a especificação de uma localização próxima ou afastada.

Os advérbios de lugar nas séries "aqui, ali, aí" e "cá, lá, acolá" são dêicticos: "aqui" e "cá" apontam o lugar onde se encontra o EUC ao produzir seu discurso (no texto ficcional, aponta o lugar onde se encontra ficcionalmente o personagem ao produzir seu discurso); "ali" indica o lugar que se encontra a uma certa distância do EUC (ou do personagem), mas se interpreta como estando dentro de seu campo de visão; "lá" e "acolá", o lugar que se encontra a uma certa distância e fora do campo de visão do EUC (ou do personagem); e finalmente, "aí", o lugar que se encontra junto ao TUi (ou junto ao personagem que contracenava com o enunciador).

Em francês, "ici" corresponde a *aqui* ou *cá*. Mas o advérbio "là", do francês, tanto pode corresponder a "aí" quanto a *ali* ou *lá*. A distinção "ici-là" baseia-se na oposição binária perto-

longe com relação ao EUc, mas “là” também pode indicar uma proximidade ao TUi. Há ainda o advérbio “là-bas” que segundo o contexto, ora corresponde a *lá* ora a *ali*.

Tal como assinalamos a respeito dos demonstrativos, a tradução mais conveniente depende da interpretação apropriada da rede coesiva construída pelo TLO. Examinaremos a seguir trechos do TLO onde a má interpretação das relações de localização aí presentes pode acarretar uma tradução inadequada.

194

4.2.1.1- Tradução dos dêicticos adverbiais

A tradução do advérbio “ici” não deveria causar problema, já que corresponde às formas do português *aqui* ou *cá*. No entanto, encontramos um exemplo em TLT-1 onde o tradutor alterou a correspondência que deveria ser mantida:

Le cabinet de toilette de ma mère. On étouffe ici. Cette odeur de renfermé. J'ai la nausée. L'étoffe verte de la coiffeuse s'effiloche. La vraie vie est ailleurs, rue du Parloir, au chevet de mon mari. (TLO, c. 30, p. 133).

O quarto de toilette de minha mãe. A gente sente-se abafada ali. Esse cheiro de quarto fechado. [...] (TLT-1, p. 128).

Com o emprego do advérbio “ici”, a narradora marca o seu desdobramento: enquanto personagem, está no quarto de vestir de sua mãe, em Sorel; enquanto narradora, tem consciência de que “la vraie vie est ailleurs”. O efeito de sentido do advérbio “ici” neste trecho só poderia ser traduzido convenientemente pelo advérbio *aqui*. (cf. TLT-2, c. 30, p. LXXI)

Não encontramos nenhum outro exemplo em que “ici” não tenha sido traduzido de maneira adequada.

A tradução de “là”, como já dissemos, varia de acordo com a relação espacial construída pelo discurso, entre o EUc e o que está sendo localizado. No cap. 26, encontramos uma ocorrência da tradução de “là” por *lá* em TLT-1: “Hors de ce monde, si vous le désirez. C'est là que je vous donne rendez-vous.” (TLO, c. 26, p. 123); “Irei para fora deste mundo se quiser. É *lá* que me encontrarei com o senhor.” (TLT-1, p. 118); “Fora deste mundo, se assim o desejar. É *lá* que o espero.” (TLT-2, p. LXVI). Tanto para a personagem Elisabeth quanto para o personagem a quem se dirige, o local “fora deste mundo” é distante e fora do campo visual. A tradução pelo advérbio *lá* é portanto adequada.

195

No cap. 6:

Dévorée, déchiquetée par les cauchemars. L'épouvante se lève comme un orage! Un homme plein de sang git à jamais dans la neige. Je le vois là! Son bras dur, levé, tendu vers le ciel! Ah, Jérôme, mon mari. J'ai si peur! (TLO, c. 6, p. 30).

Devorada, dilacerada pelos pesadelos. O terror surge como uma tempestade! Um homem cheio de sangue jaz para sempre na neve. Vejo-o *lá*! O braço gelado, duro, levantado, estendido para o céu. (TLT-1, p. 26).

Devorada, despedaçada pelos pesadelos. O terror se ergue como uma tempestade! Um homem ensangüentado jaz para sempre na neve. Ele está ali! Seu braço gelado, endurecido, levantado, estendido para o céu. Ah, Jerome, meu marido, tenho tanto medo! (TLT-2, p. XXII).

A tradução de “là” por *lá* afasta a personagem da cena descrita. Entretanto, segundo o que se pode interpretar deste trecho, Elisabeth é tomada, em sonho, pela visão de Antoine assassinado — a personagem está portanto assistindo à cena. Neste caso, consideramos que o advérbio *ali* aproxima a cena da personagem, justificando o terror que passa a dominá-la.

Exemplos em que “là” foi traduzido por *ali*:

“Mme. Rolland est à cent lieues de là, perdue dans la contemplation de son poignet de dentelle droit.” (TLO, c. 5, p. 25); “A Sra. Rolland está a cem léguas dali, perdida na contemplação de seu punho de renda direito.” (TLT-I, p. 22).

Neste enunciado, o enunciador é o narrador onisciente, que está contando o desenrolar de uma cena entre o Sr. e a Sra. Rolland. Supõe-se pois que o narrador esteja numa posição de observador próximo, pois é até capaz de deixar aflorar em sua narrativa o monólogo interior dos personagens. E o advérbio *ali* traduz convenientemente a localização da cena, construindo-a como ficcionalmente distante do narrador e do leitor, mas no campo de visão de ambos.

No cap. 32:

“Je parviens avec peine à enlever mon manteau de fourrure, à me dégager des écharpes de laine. Puis, je reste là, n'osant pas bouger.” (TLO, c. 32, p. 138); “Consigo com dificuldade tirar o manto de pele e desembaraçar-me das écharpes de lã. Fico ali não ousando mexer-me.” (TLT-I, c. 32, p. 133).

Neste capítulo, trata-se da chegada de Elisabeth ao local da festa de Saint-Ours. Ela e o Dr. Nelson chegam molhados, depois de todos os demais convidados. O advérbio *ali* traduzindo “là” marca o desdobramento narradora - personagem. Apesar de narrar os acontecimentos no presente, a narradora se vê revivendo a cena de Saint-Ours. Não a descreve do ponto de vista da personagem que está em cena, mas do ponto de vista de alguém que estivesse assistindo a uma certa distância.

No cap. 49:

La neige. Ce n'est pas encore la fin du monde. Ce n'est que la neige. La neige à perte de vue, comme un naufrage. Me voici à mon poste, derrière le voilage de la fenêtre de ma chambre. La rue Augusta est là, toute blanche, à mes pieds. [...] Extralucide, on m'a placée là pour que je voie tout, que j'entende tout. M'arrachant à la rue du Parloir, à Québec, au moment où mon mari... Comme si mon devoir le plus urgent, ma vie la plus pressante, était de me tenir là, derrière une vitre, à Sorel, le temps que s'assourdisse tout à fait le souffle rauque de Jérôme Rolland. (TLO, c. 49, p. 184)

[...] Eis-me em meu posto detrás da janela do quarto. Ali está, a meus pés, toda branca, a Rue Augusta. [...] Translúcida [sic], colocaram-me ali para que eu veja e compreenda tudo. Arrancando-me da Rue du Parloir, em Quebec, justamente no momento em que meu marido... Como se meu dever mais premente na vida fosse permanecer ali, por detrás de uma vidraça, em Sorel, para deixar de ouvir a respiração rouca de Jérôme Rolland. (TLT-1, p. 181).

A tradução da primeira ocorrência de “là” por *ali*, no trecho acima leva em conta a situação convenientemente: da janela do quarto Elisabeth vê a Rua Augusta, distante alguns metros. Em seguida, é a própria narradora que se situa em Sorel: “Extralucide, on m'a placée là
 198 pour que je voie tout, que j'entende tout. M'arrachant à la rue du Parloir, à Québec [...]” Entretanto, o agente da ação de “placer” é o mesmo de “arracher”: tendo sido *arrancada* da *Rua do Parlatório*, foi *colocada* na casa da *Rua Augusta*.

É, portanto, enquanto Sra. Rolland, enquanto narradora, que o deslocamento ocorreu, e seu ponto de observação passa a ser o mesmo de vinte anos antes, de onde ela imaginou, na época, tudo o que estaria acontecendo com Aurélie, e, posteriormente, com George, nas viagens que uma e outro fizeram a Kamouraska. Assim sendo, a tradução adequada de “là” seria *aqui*, nas duas últimas ocorrências no trecho acima. (cf. TLT-2, c. 49).

Exemplo de tradução adequada de “là” por *aqui*: “Docteur Nelson, je suis là. Vous ne me demandez pas de mes nouvelles?” (TLO, c. 26, p. 122); “Dr. Nelson, estou aqui. O senhor não pede notícias minhas?” (TLT-1, p. 117). Enquanto em francês o enunciador usa o advérbio “là” para exprimir sua posição de proximidade ao destinatário, em português não é possível o uso do advérbio *aí* com este fim (salvo no dito popular “Estamos aí”, usado para indicar adesão do enunciador com o destinatário). Assim, a tradução de “là” neste trecho de discurso direto da personagem Elisabeth só poderia ser *aqui*.

4.2.1.2- Tradução de demonstrativos

Antes de abordar a questão da tradução, a confissão de um problema: enquanto falante do português, a responsável por este estudo tomou consciência de que, para ela, é indiferente usar este ou esse e suas respectivas flexões. Isto significa que, enquanto tradutor
 199 de TLT-2, teve de adotar um critério baseado numa competência que já não é a sua. Para tanto, consultou compêndios que pudessem nortear o seu trabalho.

Assim, de maneira geral, foi utilizada a forma *este* (e flexões) para indicar aquilo que está perto da pessoa que fala ou para retomar um componente discursivo próximo. Mas quando é possível interpretar-se, da parte do enunciador, “uma atitude de desinteresse ou de desagrado” (cf. Cunha, 1984, p. 324), utilizamos a forma *esse* (e flexões) nestas mesmas circunstâncias. Há ainda, na tradução do francês para o português, casos em que simplesmente é possível substituir o demonstrativo pelo artigo definido.

Examinaremos várias passagens do TLT-1, inadequadas às relações espaciais construídas ao longo do TLO. Começando por um trecho do cap. 1:

“Mais ni Mme. Rolland, ni les enfants n'allèrent à la campagne, cet été-là.” (TLO, c. 1, p. 7);

“Mas nem ela nem os filhos foram para os campos nessa ocasião”. (TLT-1, p. 3).

O tempo verbal pelo qual se inicia a narração é o chamado *passé simple*, que estabelece uma distância temporal e um corte entre o que está sendo narrado e o ato de narrar. A tradução mais conveniente para “*cet été-là*” é a que se baseia na interpretação do demonstrativo em seu emprego dêictico: o narrador se refere a um verão passado, a respeito do qual ele escreve no *passé simple*, logo, “*cet été-là*” deveria ser traduzido por “*naquele verão*” (cf. TLT-2, c. 1, p. III).

Ainda no cap. I:

200 “Son mari allait mourir et elle éprouvait une grande paix. Cet homme s'en allait tout doucement, sans trop souffrir, avec une discrétion louable.” (c. 1, p. 7);

“Seu marido ia morrer, e ela sentia uma grande paz. A vida dele se esvaía lentamente, sem muito sofrimento, com uma discrição louável.” (TLT-1, p. 3).

O tradutor não foi fiel ao TLO, preferindo modificar o conteúdo do texto. Em nossa tradução, procuramos adequar o texto ao TLO na medida do possível:

“O homem partia devagar, sem muito sofrimento, numa discrição louável.” (TLT-2, c. 1, p. III).

A supressão do demonstrativo foi possível por tratar-se de uma anáfora que, em português, dispensa o demonstrativo. A designação “*homem*” se interpreta como uma retomada de “*marido*” sem necessidade de marcar esta retomada pelo demonstrativo.

Continuando no cap. I:

“Si son coeur se serrait, par moments, c'est que cet état d'attente lui paraissait devoir prendre des proportions inquiétantes.” (TLO, c. 1, p. 7);

“Se se lhe apertava, por momentos, o coração, era porque aquele estado de expectativa lhe parecia assumir proporções inquietadoras.” (TLT-1, c. 1, p. 3).

O uso do demonstrativo *aquele* não nos parece adequado porque interpretamos “*cet état d'attente*” como anafórico ao enunciado anterior. E como Celso Cunha (1984, p. 325) registra que o demonstrativo *esse* também é usado para “aludirmos ao que foi antes mencionado”, nossa proposta é a seguinte:

“Se o coração apertava em certos momentos, é que essa espera parecia ganhar proporções inquietantes.” (TLT-2, c. 1, p. III) .

Ainda na sequência do cap. I:

“Cette disponibilité sereine qui l'envahissait jusqu'au bout des ongles ne laissait présager rien de bon.” (TLO p. 7);

201 “Aquela disponibilidade serena que a invadia até a extremidade das unhas não pressagiava nada de bom.” (TLT-1, c. 1, p. 3).

O enunciado do TLO é uma interpretação pelo narrador dos pensamentos da personagem. O estado de “*disponibilité sereine qui l'envahissait*” não pode ser percebido por um observador exterior. Assim sendo, qualificamos de inadequado o uso de *aquela* para traduzir o demonstrativo do francês, pois situa o narrador numa posição afastada da personagem,

quando o último enunciado deste mesmo parágrafo já pode ser interpretado como o discurso da própria personagem. Experimentamos traduzir o demonstrativo pelo artigo e o resultado foi satisfatório. O leitor do TLO interpreta “*cette disponibilité*” como o que a personagem estaria sentindo, sem intermediação do narrador. O mesmo acontece em TLT-2, com *a disponibilité*: não se estabelece nenhuma distância entre a personagem e tal sensação (cf. TLT-2, c. 1, p. III).

Prosseguindo:

“Tout plutôt que *cette* paix mauvaise.” (TLO, c. 1, p. 7);

“Preferível tudo àquela paz cruel.” (TLT-1, c. 1, p. 10);

“Tudo, menos essa paz malsã.” (TLT-2, c. 1, p. II).

Interpretamos este enunciado de TLO como ambíguo: ao começar a leitura do parágrafo seguinte, o leitor estará em contato direto com o monólogo interior da personagem Elisabeth. E este enunciado pode ser interpretado como o primeiro a delinear-se como próprio da personagem, e não mais do narrador. Assim, o demonstrativo “*cette*” pode ser interpretado de várias maneiras. Como pertencente ao discurso do narrador, é um anafórico, e não deveria ser traduzido por *aquela*, posto que seria a retomada de um elemento que não
202 está distante no texto. Interpretado como pertencente ao discurso da personagem, é um dêictico, e também não deve ser traduzido por *aquela*: a paz é uma sensação presente, e a tradução por “*essa*” marca o desejo da personagem em considerar a paz como uma sensação já passada. O uso de *aquela* é inadequado para marcar esta ambigüidade.

Já no trecho do monólogo interior:

“Si je sors, on me regarde comme une bête curieuse. Comme ces deux voyous m'examinaient ce matin,” (TLO, c. 1, p. 7) ;

“[...] Como aqueles dois malandros que me contemplavam nessa manhã” (TLT-1, c. 1, p. 4);

“[...] Como aqueles dois vadios me encaravam hoje de manhã” (TLT-2, c.1, p. III).

A tradução do primeiro demonstrativo deste trecho por “aqueles” levou em conta a situação dos dois personagens, porque os dois vadios a que se refere Elisabeth estão distantes no tempo e no espaço. Já a tradução do demonstrativo de “*ce matin*” não levou em conta o sintagma onde se encontra: “*ce matin*” traduz-se globalmente por “hoje de manhã”, “na manhã de hoje”, preferivelmente a “nesta manhã” ou a “nessa manhã” como figura em TLT-1.

Prosseguindo:

“J'aurais fort bien pu la semer, cette créature.” (TLO, c. 1, p. 8);

“Bem que eu poderia despistar essa criatura.” (TLT-1, c. 1, p. 4);

“Bem que eu poderia ter evitado tal criatura.” (TLT-2, c. 1, p. IV).

A tradução de “cette” por “essa” nesta passagem em TLT-1 é um equívoco. A primeira referência à personagem retomada por “cette créature” foi traduzida adequadamente em TLT-1 por “aquela mulher” (p. 4). Como Elisabeth está manifestando o desejo de evitá-la, de fugir, a tradução deve marcar este afastamento. O demonstrativo “tal” do português pode ser usado com este sentido.

203

Último trecho que comentaremos do cap. I:

On se retourne sur mon passage. C'est cela ma vraie vie. Sentir le monde se diviser en deux haies pour me voir passer. La mer Rouge qui se fend en deux pour que l'armée sainte traverse. C'est ça la terre, la vie de la terre, ma vie à moi. Un jour, c'est entre deux policiers que j'ai dû affronter cette terre maudite. (TLO, c. 1, p. 8)

Observam-me quando passo. É esta a minha verdadeira vida. Sentir o mundo dividir-se em duas alas para me ver passar. O mar Vermelho [...] É isso a terra, a vida na terra, minha vida. Um dia, foi entre dois policiais que tive de enfrentar esta terra maldita. (TLT-1, c. 1, p. 4)

[...] Essa é a minha verdadeira vida. [...] Isso é a terra, a vida da terra, a minha vida. Houve um dia em que, escoltada por dois policiais, tive de enfrentar essa terra maldita. (TLT-2, c. 1, p. IV)

As três ocorrências acima podem ser interpretadas como anafóricas, e já por este fato se justificaria o emprego de “essa” (se bem que *esta* também possa ser usado como anafórico). Mas o que contou mais para nossa preferência é o fato de que os demonstrativos “essa”, “isso” e “essa”, no trecho acima, contribuem para marcar a distância que Elisabeth deseja manter entre ela, “a vida” e “a terra” a que se refere.

204

Vimos pois como discordamos de quase todas as traduções dos demonstrativos do primeiro capítulo efetuadas pelo tradutor de TLT-1, com base inicialmente na distinção dêictico-anafórico. Na tradução dos dêicticos, *aquela* marca um objeto como distante no tempo e no espaço; *este* marca um objeto como próximo no tempo e no espaço, mas é substituído por *esse* quando o enunciador procura afastar-se do objeto subjetivamente. Para os anafóricos preferimos *esse*.

Os exemplos que examinaremos a seguir também ilustram discordâncias entre a tradução dos demonstrativos em TLT-1 e a nossa interpretação:

Surprendre la main de Dieu saisissant sa proie, rassurer cette pauvre proie humaine. [...] être vigilante jusqu'à l'extrême limite de l'attention. Accéder à l'ombre du moindre désir de cet homme. (TLO, c. 6, p. 35)

Surpreender a mão de Deus agarrando sua presa, animar essa pobre presa humana [...] Aceder ao mais leve desejo daquele homem. (TLT-1, c. 6, p. 32)

Surpreender a mão de Deus agarrando sua presa, confortar esta pobre presa humana. [...] Aceder à sombra do menor desejo deste homem. (TLT-2, c. 6, p. XXIX)

Este trecho é introduzido pela informação do narrador de que “a Sra. Rolland retoma seu posto junto à cabeceira do marido”. Está portanto próxima de Jérôme Rolland. O sentimento da Sra. Rolland neste ponto da narrativa é o de solicitude, interpretável nos verbos “rassurer”,

205

“accéder” e no adjetivo “vigilante”. Assim sendo, ambas as ocorrências do demonstrativo são

dêicticas. A primeira, apesar de determinar um substantivo que pode ser interpretado como uma anáfora, é claramente a marca lingüística do ato de apontar um referente presente no mundo extra-lingüístico da personagem. E como o referente está próximo do enunciador, tanto espacialmente quanto subjetivamente, utilizamos a forma “este” na nossa tradução. A segunda ocorrência, erroneamente traduzida em TLT-1, corresponde a “este” porque é uma continuidade da situação anterior: a Sra. Rolland, diante do marido, pensando a respeito de sua atitude para com ele (que, como já dissemos, é de solicitude).

No cap. 16:

“Me font escorte jusqu'à l'escalier. Me laissent monter seule dans le noir. Cet escalier est rongé par les flammes. [...] Et cet homme qui m'attend là-haut”. (TLO, p. 81);

“[...] A escada está roída pelas chamas [...] E esse homem que me espera lá em cima!” (TLT-1, p. 77-78);

“[...] Essa escada está roída pelas chamas [...] E aquele homem que me espera lá em cima!” (TLT-2, c. 16, p. XLVI)

Como em exemplos anteriores, utilizamos o demonstrativo “*essa*” para marcar não a distância espacial, mas a atitude de rejeição da personagem com relação ao que é designado - a escada que a conduz ao reencontro de Antoine Tassy. O uso de “*esse*” no segundo enunciado em TLT-1 é um equívoco: o personagem Antoine está nitidamente localizado como espacialmente distante de Elisabeth (“lá em cima”), não se justificando o emprego do demonstrativo “*esse*”. Mesmo com a interpretação anafórica, a última referência a Antoine no texto está distante 22 linhas ou 5 parágrafos, o que exigiria igualmente o emprego de “*aquele*”, tal como o fizemos em TLT-2.

No cap. 26:

Il tient la lampe à la hauteur de son visage [...] Je regarde, j'épie chaque éclat de vie, sur le visage basané. J'écoute chaque parole véhémence.

Comme si cela me concernait personnellement. J'attends que le sens secret de toute cette indignation me soit révélé. Se retourne sur moi, à jamais. [...] Comme vous me regardez, docteur Nelson. Non pas la paix, mais le glaive. Cette pâleur soudaine. Cette fièvre dans vos yeux. La lampe sans doute. Cette ombre noire sur vos joues. (TLO, c. 26, p. 121)

[...] Espero que me revele o sentido secreto de toda aquela indignação, que volte para mim, para sempre. [...] Aquela palidez repentina. Aquela febre que se lhe vê nos olhos. Sem dúvida é por causa do lampião. Aquela sombra negra sobre suas faces. (TLT-1, p. 116).

[...] Aguardo que o sentido secreto desta indignação toda me seja revelado. Que se volte para mim, para sempre. [...] Como o senhor me olha, doutor Nelson. Não trago a paz, mas a espada. Essa palidez súbita. Essa febre em seus olhos. É o lampião, certamente. Essa sombra negra em seu rosto. (TLT-2, c. 26, p. LXII).

Neste capítulo, o discurso da narradora Elisabeth se confunde com a da personagem Elisabeth, não se estabelecendo distância entre o ato de narrar e o fato narrado. A personagem está diante de George Nelson, num primeiro encontro em casa deste último, e

refere-se às palavras de indignação que o médico acabara de proferir. Assim, qualificamos de equivocada a tradução de TLT-1 ao empregar o demonstrativo “*aquela*” precedendo “*indignação*”: o demonstrativo adequado é “*esta*”, que marca a proximidade da personagem com a reação que acabou de presenciar. Em seguida, a personagem dirige-se imaginariamente a George Nelson, o que está marcado pelo emprego do possessivo “*vos*” diante de “*yeux*” e de “*joues*”. Como se trata de apontar um referente junto à segunda pessoa, a tradução conveniente do demonstrativo é aquela que propomos: “*essa*”, diante de “*palidez*”, “*febre*” e “*sombra*”. O emprego de “*aquela*” em TLT-1 é totalmente equivocado, pois as marcas de 2ª pessoa não deixam margem a dúvidas.

No cap. 49:

“Je voudrais encourager cette fille chargée d'une si redoutable mission.” (TLO, p. 185);

“Eu desejaria encorajar aquela mulher encarregada de tão terrível mis. são” (TLT-1, p. 183);

“Gostaria de encorajar esta mulher encarregada de missão tão terrível.” (TLT-2, p. XCVII).

Neste capítulo, como já comentamos anteriormente, a narradora transfere o lugar de seu ato narrativo para um quarto na Rua Augusta, na casa das tias, em Sorel. É o capítulo em que ela se diz clarividente: “Extralucide, on m'a placée là pour que je voie tout, que j'entende tout” (TLO, p. 184). Começa por presenciar o encontro entre George Nelson e Aurélie, embora não esteja “visível” para eles. Na “mise-en-scene” discursiva passa a narrar os fatos enquanto testemunha dos mesmos. Assim sendo, ao referir-se a Aurélie, é como se estivesse junto dela naquele momento. O emprego do demonstrativo esta marca a proximidade da narradora que se imagina presenciando os fatos. O uso de aquela desfaz este jogo de aproximação imaginária, e por isso o consideramos como inadequado.

No cap. 59:

Moi, Elisabeth d'Aulnieres, enfermée dans l'auberge de Louis Clermont. Poussée dans l'escalier. Pressée de franchir la porte de la chambre du voyageur. La franchissant, cette porte, à mon corps défendant. Laisée là toute seule dans l'obscurité. Percevant les terribles frissons de cet homme. Éprouvant à même mes nerfs tendus, l'incomparable insomnie de cet homme. (TLO, p. 217)

[...] Percebendo os estremecimentos de frio daquele homem. [...] a insônia incomparável daquele homem. (TLT-1, p. 214)

[...] Transpondo essa porta contra a minha vontade. Sozinha ali na obscuridade. Percebendo os terríveis arrepios desse homem. Sentindo diretamente em meus nervos tensos, a incomparável insônia desse homem. (TLT-2, p. CV)

Nesta sequência, o desdobramento entre a narradora e a personagem está marcado pelo advérbio ali: o aqui é o local de onde Elisabeth se imagina presente na hospedaria. Entretanto, a distância entre a própria narradora e os personagens não justifica o emprego do demonstrativo aquela. A narradora está presenciando, em sonho, a chegada de George, e se vê no mesmo local que ele. É uma presença palpável, próxima, embora temida. Para marcar a

proximidade não desejada, empregamos o demonstrativo “*esse*”, mais adequado do que “*aquela*”, que cria um afastamento não existente em TLO.

209 Ainda no cap. 59:

“Je le vois de dos, comme il entre dans la salle. Cette détermination, et pourtant cette vulnérabilité nouvelle, perceptible dans sa nuque, encore bien droite, mais agitée.” (TLO, p. 218).

Na tradução deste trecho substituímos os demonstrativos por artigos. Comparando este exemplo com o do 1º capítulo, onde traduzimos “*cette disponibilité*” por “a disponibilidade”, verificamos que em ambos os casos trata-se de designação de qualidades abstratas. É um ponto a ser investigado, não temos meios suficientes para afirmar se esta particularidade é pertinente para a tradução do demonstrativo do francês por outro tipo de determinante em português. Nossa proposta de tradução:

“Vejo-o de costas, assim que entra na sala. Com determinação, e no entanto com uma vulnerabilidade nova, perceptível em sua nuca, ainda bem reta, mas agitada.” (TLT-2, p. CVII).

A tradução que suprimiu o artigo ou que empregou o artigo indefinido não anula a relação de proximidade entre a narradora e o personagem. Apenas deixa de apontar mais especificamente para as qualidades descritas — o que nos parece mais usual em português.

Procuramos demonstrar nesta sub-seção (4.2.1.2) como a tradução dos demonstrativos em TLT-2 seguiu princípios que visaram a proporcionar ao leitor a reconstrução do mesmo tipo de relação espacial e mesmo afetiva interpretável no TLO. Mostramos igualmente como em TLT-1 o tradutor não se preocupou em manter as mesmas relações do TLO, desvirtuando, na maioria das vezes, a posição do narrador face aos demais personagens, e desobedecendo à organização enunciativa do TLO.

210 Demonstramos, assim, como a tradução adequada dos dêicticos e dos anafóricos depende, por um lado, de uma competência interpretativa do discurso em LO, e, por outro, de uma competência lingüística a serviço de um projeto de escritura, ou seja, o projeto de produção de um texto que esteja de acordo com o Contrato literário que presidiu a elaboração do TLO.

4.2.2 - Crítica à tradução de tempos e modos verbais

4.2.2.1 - *Tempos verbais — algumas considerações*

Como mencionamos acima, o ponto de referência para a articulação temporal do discurso é o presente do enunciador, o momento em que se dá a enunciação.

Em francês e em português, as formas verbais do presente do indicativo se prestam a assinalar a coincidência temporal entre o processo de enunciação e o processo a que se refere o enunciado. As formas verbais do pretérito assinalam a anterioridade do processo

enunciado com relação ao momento da enunciação. E as do futuro uma posterioridade do processo enunciado com relação ao processo de enunciação.

As correspondências entre as formas verbais do francês e do português não oferecem maiores dificuldades sob este ponto de vista e não nos deteremos aqui em enumerá-las isoladamente. Apresentaremos apenas uma breve crítica a algumas falhas verificadas em TLT-1 a este respeito.

Começaremos com os três trechos abaixo, que ilustram o mesmo tipo de tradução inadequada de tempo verbal:

- 211 C'est l'hiver [...] On espère me rattraper à la course. [...] Je crois que je crie, blottie contre l'épaule de ma tante Adélaïde. (TLO, c. 2, p. 12).
- É inverno [...] Esperam alcançar-me na corrida. [...] Creio que gritei apoiada no ombro de tia Adélaïde. (TLT-1, p. 9).
- Je crois que le Gouverneur (danser à en perdre le souffle) me renverse sur son bras. Comme une fleur qui se pâme. Peut-être me suis-je imaginé cela? Ma mère dit qu'il faut me marier. Le quadrille reprend. (TLO, c. 11, p. 64)
- Creio que o Governador (dança a ponto de fazer-me perder o fôlego) me faz cair sobre seu braço como uma flor que tombasse. Talvez tivesse imaginado isso? Minha mãe disse-me que era preciso casar-me. Recomeça a quadrilha. (TLT-1, p. 60).
- Aurélien baisse la tête. Se tourne vers moi. Semble attendre du secours. Je détourne les yeux. Au point où nous en sommes, il est indispensable que les choses suivent leurs cours le plus irrémédiablement possible. (TLO, c. 46, p. 175-176).
- [...] Desvio os olhos. No ponto em que estávamos era indispensável que as coisas seguissem [...] (TLT-1, p. 173).

No trecho do cap. 2, a Sra. Rolland se lembra de um fato passado, transferindo-se imaginariamente, enquanto enunciativa, para o momento em que ocorreu a cena lembrada. Este deslocamento, que anula a distância entre o tempo da narração e o tempo do narrado, deveria ter sido mantido em português, o que não foi feito, pois o tradutor, ao traduzir “je crie” por “gritei”, recoloca o enunciador num tempo posterior ao processo enunciado.

No trecho do cap. 11, Elisabeth rememora o seu primeiro baile. O TLO oscila entre a coincidência da enunciação com o que é enunciado (pelo emprego das formas verbais no presente) e um distanciamento marcado pela interrogação “Peut-être me suis-je imaginé cela?”. Mas logo em seguida recomeça a sequência das cenas do baile, revividas no presente pela personagem — o que não foi mantido em TLT-1. A forma verbal “dit” é claramente do presente, opondo-se ao *passé composé* do enunciado anterior.

No terceiro trecho acima, o tradutor desconsidera mais uma vez o procedimento narrativo segundo o qual a narradora-personagem torna presente o processo narrado. O emprego do imperfeito não se justifica para traduzir o presente narrativo utilizado no TLO.

Em muitas outras passagens do romance este mesmo tipo de abuso é cometido pelo tradutor. Transcrevemos abaixo exemplos do emprego indevido do mais-que-perfeito para traduzir o *passé composé*:

Une flaque de silence s'affale brusquement. La pluie a dû cesser. La charrette s'est sûrement arrêtée devant la porte. Mme. Rolland cherche des yeux un refuge dans la pièce. (TLO, c. 2, p. 13)

Paira bruscamente um silêncio frio. Sem dúvida cessara a chuva. Seguramente o carro parara diante da porta. A Sra. Rolland procura com os olhos um refúgio no quarto. (TLT-I, p. 10)

213 Ma tante Luce-Gertrude ne pleure pas. Sa voix est sèche et mesurée. Elle a enlevé ses gants. Ses mains sont moites et glacées. (TLO, c. 8, p. 46).

Minha tia Luce-Gertrude não chora. Sua voz é seca e medida. Tirara as luvas. As mãos estão úmidas e geladas. (TLT-I, p. 42)

O mais-que-perfeito localiza temporalmente um processo como anterior a um outro processo passado. Nos trechos acima constitui um erro, porque não se relaciona com nenhum outro processo marcado como passado no discurso.

Outros erros há de mesma natureza dos que assinalamos aqui. Neste breve comentário sobre marcas verbais temporais, intentamos esclarecer como o emprego dos tempos, em *Kamouraska*, obedece mais ao propósito enunciativo de atualizar todos os acontecimentos narrados do que propriamente ordená-los em relação ao momento da narração. O processo enunciativo, já no 1º capítulo, caracteriza-se pela anulação da distância temporal entre narração e narrado, marcada, a partir do 3º parágrafo, pela utilização constante das formas verbais do presente. Como vimos nos exemplos examinados, a narradora-personagem se desloca para cada fase de sua vida que é rememorada.

As voltas ao tempo, construído ficcionalmente como o tempo “real”, são marcadas como apelos à retomada da identidade de “Mme. Rolland” ou apelos à volta ao espaço da casa da “Rue du Parloir, à Québec”. Assim, na tradução, procuramos manter o mesmo procedimento de anulação de distâncias temporais utilizado pelo narrador do TLO.

214 4.2.2.2 - *Modos verbais*

A tradução das formas verbais do francês não deveria apresentar dificuldades quanto ao modo verbal, visto que as diferenças entre as duas línguas quanto aos respectivos sistemas modais são poucas: emprego do indicativo em francês nas orações introduzidas pelas conjunções “si” e “quand” quando em português se empregam formas do subjuntivo; emprego do condicional em correspondência com formas de imperfeito do subjuntivo do português; emprego do futuro do indicativo nas completivas de certos verbos cujas correspondentes em português se constroem com o subjuntivo. Além disso, estas diferenças costumam ser objeto de inúmeros exercícios nos cursos de francês, sendo portanto bastante familiares aos que estudaram francês como língua estrangeira no Brasil.

Encontramos, entretanto, vários equívocos em TLT-1, dos quais fizemos uma seleção para comentários.

Começemos por um exemplo do c. 8:

“Soutenez donc son regard vert, couleur d'herbe et de raisin, si vous le pouvez?” (TLO, p. 47).

Traduzido por:

“Sustentem pois, seu olhar firme, cor-de-herva e de uva, se podem.” (TLT-1. p. 43).

Este exemplo ilustra um dos casos de não-coincidência modal mencionados acima. A tradução de “si vous le pouvez” seria “se puderem”, forma de subjuntivo usada neste tipo de construção em que o enunciador lança um desafio ao destinatário, completando-o com a condição de possibilidade que todo desafio implica. A tradução apresentada em TLT-1 mostra uma falha na identificação do ato de linguagem posto em cena pelo enunciado do TLO.

215

Outro tipo de equívoco se verifica na tradução de:

“Ah, mes soeurs, nous nous damnons avec la Petite: Ah! [...] La Petite se damne! Et nous nous damnons avec elle!” (TLO, c. 8, p. 48).

“Ah, minhas irmãs: Nós nos condenamos, com a Pequena, às penas eternas! Ah! [...] A Pequena que se dane! Não nos queremos condenar com ela às penas eternas!” (TLT-1, p. 44).

O tradutor não se deu conta de que a sequência iniciada por “La Petite se damne!” é uma reiteração, com pequenas mudanças, da que havia finalizado o parágrafo anterior. Na primeira, traduziu “*damnons*” por uma forma verbal no presente do indicativo, que marca um comportamento assertivo — que se torna objeto de uma apreciação subjetiva expressa pela exclamação. Na segunda, interpretou erradamente “La Petite se damne!”, pois põe em cena um comportamento volitivo e não o comportamento apreciativo que caracteriza a personagem Luce-Gertrude naquele momento da narração. (O comportamento *volitivo* é aquele em que o EU-enunciador manifesta seu desejo ou sua vontade de FAZER algo, e o *apreciativo* a manifestação de uma apreciação, ou de um julgamento a respeito de um saber que se supõe já existente – cf. Charaudeau, 1983, p. 62).

Ao dizer “La Petite se damne” Luce-Gertrude emite um julgamento a respeito do comportamento de Elisabeth, já conhecido. A tradução do enunciado “Et nous nous damnons avec elle!” também constitui um erro, pois, como o precedente, foi traduzido por um enunciado em que se manifesta um comportamento volitivo: o desejo de não ser “arrebataada” pelo demônio. Em TLO, no entanto, trata-se de uma apreciação sobre o que está ocorrendo, e nele a enunciativa constrói de si a imagem de porta-voz de outras pessoas (no caso, as duas irmãs) pelo uso do pronome “*nous*”. Assim, o uso do subjuntivo e a introdução do verbo modal *querer* para traduzir tal trecho mudou completamente a “mise-en-scene” discursiva. Em TLO, em momento algum as três tias desistem de identificar-se com

216

Elisabeth, de protegê-la e defendê-la. Em TLT-I alterou-se um dado importante para a construção destas três personagens como a própria imagem do devotamento. Tradução que propomos: “A Menina caiu nas garras do demônio: E nós caímos com ela!”

Os dois exemplos que examinaremos a seguir apresentam erros crassos de tradução:

“Je suis prisonnière. Examinons à la dérobée les quatre coins du salon. Attendons l'arrivée d'Antoine. Imaginons ses injures et ses coups. (TLO, cap. 32, p. 139).

“Sou prisioneira. Examinamos furtivamente os quatro cantos do salão. Aguardamos a chegada de Antoine. Imaginamos suas imprecações e seus golpes.” (TLT-I, p. 134).

As formas do imperativo, em TLO, marcam uma espécie de comportamento volitivo da parte do EUe: é um programa de ações para se precaver contra Antoine. A tradução, utilizando o indicativo, muda o tipo de comportamento, que passa a ser constativo (nos dois primeiros enunciados) e supositivo (no terceiro). A mudança de modo acarreta pois uma mudança da própria atitude da personagem no plano narrativo: em TLO Elisabeth faz planos; em TLT-I, descreve ações.

217

O segundo exemplo a que nos referimos acima é o seguinte:

“Depuis le temps que vous tentez d'instaurer la charité pour votre compte personnel, docteur Nelson, allez-vous enfin réaliser votre rêve?” (TLO, c. 42, p. 164).

Traduzido por:

“Depois que você tentar instaurar a caridade por sua conta pessoal, Dr. Nelson, irá finalmente realizar seu sonho?” (TLT-I, p. 161).

O erro na tradução da lexia “depuis le temps que” levou ao erro do modo verbal.

Tradução proposta:

“Já faz tempo que o senhor tenta instaurar a caridade por sua conta, Dr. Nelson, será que vai enfim realizar seu sonho?”.

Em TLO, Elisabeth se refere a um comportamento habitual do Dr. Nelson, segundo o que se pode interpretar do verbo “tenter” no presente do indicativo. Com o erro de tradução, interpreta-se TLT-I como referindo-se a uma intenção.

Uma outra grande dificuldade para o tradutor de TLT-I diz respeito à distinção entre o *futuro* (que se classifica como sendo do modo indicativo) e o *condicional*. Usamos propositalmente essa denominação (traduzindo a denominação “*conditionnel*” do francês) porque os exemplos que vamos analisar em seguida não são de ocorrências de *futuro do pretérito*, isto é, não dizem respeito à relação de duas ações já passadas, das quais uma, no passado, foi marcada como futura. São, diversamente, ocorrências em que a forma verbal é interpretada como a expressão de uma ação condicionada a uma outra, sendo esta última uma hipótese a respeito da qual não se prevê o momento de realização.

O trecho abaixo servirá para esclarecer e ilustrar o que acabamos de afirmar:

— J'ai besoin de toi, Aurélie. Tu sais comme j'ai un méchant mari? Il faut que tu ailles à Kamouraska empoisonner mon mari.

— C'est un bien grand crime, Madame...

— Personne n'en saura jamais rien. Et puis, je te garderai avec moi, comme une soeur, toute ta vie durant, si tu le veux.

— J'aurais bien trop peur d'aller en enfer après ma mort! (TLO, c. 45, p. 172).

[...] — Ninguém ficará sabendo. E depois eu a conservaria comigo, como uma irmã, durante toda a sua vida, se quiser.

— Eu terei muito medo de ir para o inferno depois de minha morte. (TLT-1, p. 172).

O tradutor, confundindo as formas de condicional e futuro, anulou uma diferença modal importante entre as falas de Elisabeth e Aurélie. Em TLO, a forma do futuro “garderai” marca o ato de linguagem de Elisabeth como a afirmação de um compromisso, ligado a uma condição explícita, “si tu le veux” e a uma condição implícita: que Aurélie envenene Antoine (condição presente na fala anterior de Elisabeth). O compromisso manifesto em “je te garderai” é marcado como plenamente assumido pelo EUe, pelo emprego da forma verbal do futuro, e, implicitamente, qualifica como certa a realização das condições. A tradução por “eu a conservaria”, diversamente, não pode ser interpretada como a afirmação de um compromisso, porque o emprego do condicional implica a existência de uma condição qualificada como uma hipótese improvável. Interpreta-se, com o emprego do futuro, que a personagem Elisabeth tem a intenção de convencer Aurélie mostrando sua própria convicção a respeito do crime. O emprego do condicional enfraquece, na tradução, a manifestação da convicção de Elisabeth.

Com o emprego do condicional, Aurélie, enquanto enunciadora, atribui à proposta do envenenamento o “status” de uma hipótese improvável, e à consequência da mesma — “J'aurais bien trop peur...” — o “status” de uma mera suposição. O emprego do futuro em TLT-1 descaracteriza a atitude da personagem, pois o futuro é interpretado como a marca de uma certeza.

A tradução do condicional pelo futuro e do futuro pelo condicional, em TLT-1, destruiu o jogo enunciativo que se constrói no diálogo entre estas duas personagens, em que a mesma hipótese é vista segundo o interesse de uma e o temor da outra.

Na tradução de formas verbais no chamado “futuro do pretérito composto”, ou, em francês, “conditionnel passé”, o tradutor de TLT-1 foi incapaz, na maioria das vezes, de fazê-lo de forma adequada. Transcrevemos a seguir alguns exemplos: “Il aurait certainement mieux valu fermer les jalousies.” (TLO, c. 8, p. 41); “Seria certamente melhor fechar as persianas.” (TLT-1, p. 37). Nesta passagem, a apreciação expressa no “conditionnel passé” marca indiretamente a ação de “fermer les jalousies” como uma hipótese realizável num momento anterior ao da enunciação.

- 220 A tradução pelo futuro do pretérito simples muda a hipótese, que passa a ser marcada como realizável no presente.

Outros exemplos:

TLO, c. 1, p. 7; "Il aurait fallu quitter Québec."

TLT-1, p. 3: "Teria de deixar Quebec."

TLT-2, p. III: "Deveria ter saído de Quebec."

TLO, c. 13, p. 71: "Nous aurions dû prendre le bateau à vapeur jusqu'à Québec."

TLT-1, p. , 67: "Deveríamos tomar o vapor até Quebec."

Tradução mais conveniente deste último exemplo: "Deveríamos ter tomado o vapor até Quebec." Em francês, são os verbos modais que são empregados no "*conditionnel passé*", enquanto em português são os verbos principais que tomam a forma do infinitivo passado. O tradutor, desconhecendo este particular, descaracteriza o tipo de hipótese do TLO, que, de irrealizável no presente, passa a realizável. Outro tipo de dificuldade é a da tradução de verbos modais no "*conditionnel présent*":

"Il faudrait avoir la santé de violer cette femme." (TLO, c. 5, p. 26);

"É preciso ter saúde para violar essa mulher." (TLT-1).

Este tipo de erro é freqüente em TLT-1. A modalidade do *necessário* no condicional é implicitamente dependente de uma condição improvável e é utilizada pelo enunciador para manifestar um comportamento volitivo de realização *improvável*. Traduzindo "il faudrait" por "é preciso", a realização do processo modalizado passa a ser interpretada como *provável*, mudando-se a atitude do enunciador para com o que é enunciado. No seguinte exemplo estamos diante de um emprego particular do condicional do verbo "vouloir":

- 221 "Je voudrais l'apaiser, m'excuser [...]" (TLO, c. 31, p. 132);

"Quis acalmá-lo, desculpar-me [...]" (TLT-1 p. 136).

O condicional, neste enunciado de TLO, é utilizado para atenuar a afirmação de um desejo, de uma vontade, usado freqüentemente para marcar uma atitude de polidez do enunciador. Corresponde, em português, às fórmulas "*eu queria*", "*eu gostaria de...*", utilizadas com este mesmo valor enunciativo. A tradução pelo pretérito perfeito faz com que se interprete o enunciado como a manifestação de um desejo passado, e não presente como em TLO.

Em inúmeras passagens da narrativa de *Kamouraska*, principalmente quando a personagem Elisabeth faz planos para o futuro, os enunciados são construídos com verbos no infinitivo, sem ligação sintática com enunciados anteriores ou posteriores. Não deveriam oferecer nenhuma dificuldade de tradução, posto que, em português, enunciados com verbos no infinitivo produzem o mesmo efeito de sentido que em francês.

Em TLT-I, no entanto, o tradutor parece ter discordado da escritora. Esta optou pela estratégia de não definir explicitamente, em muitas seqüências, o tipo de comportamento elocutivo da personagem. O tradutor de TLT-I acrescentou os verbos modais que julgou necessários – como se pode constatar ao mais superficial confronto com o TLO.

Transcrevemos a seguir algumas passagens que ilustram este procedimento abusivo do tradutor:

TLO, C. 2, p. 12: “Vite la frontière américaine et je serai sauvée. Gagner ma petite tante à cette idée. Ma complice effrayée.”

222 TLT-I, c. 2, p. 9: [...] “Tinha de convencer minha tia de aceitar essa idéia. “

TLO, c. 5, p. 28: “J'abandonne mon mari sans retour à Florida. Me reposer enfin.”

TLT-I, c. 5, p. 24: “Deixá-lo-ei aos cuidados de Flórida. Poderei assim repousar-me.”

TLO, c. 6, p. 35: “– Votre mari peut partir d'un moment à l'autre.”

Ne plus quitter Jérôme de l'oeil, le veiller comme le mystère même de la vie et de la mort.”

TLT-I, p. 32: “ [...] Não devo despregar os olhos de Jérôme Rolland, tenho de velá-lo como ao próprio mistério da vida e da morte.”

TLO, c. 25, p. 117: “Ne pas chercher à revoir le docteur Nelson, avant un certain temps. Bien m'assurer d'abord que je ne suis pas enceinte. M'établir dans une chasteté parfaite. Me défendre farouchement contre toute approche de mon mari. Me laver d'Antoine à jamais.”

TLT-I, c. 25, p. 112: “Não devo procurar rever o Dr. Nelson antes de certo tempo. É preciso assegurar-me primeiro que não estou grávida. Tenho que manter-me em perfeita castidade. Tenho que defender-me ferozmente contra toda aproximação de meu marido, livrar-me dele para sempre [...]”.

Nos trechos de TLO transcritos acima, as formas do infinitivo marcam um comportamento prospectivo que não se define: tanto podem referir-se a possibilidades, quanto a intenções ou mesmo a obrigações. As explicitações modais do TLT-I anulam a indefinição modal que caracteriza o ato enunciativo da personagem.

223 Procuramos mostrar, nesta sub-seção (4.2.2), como a inadequação da tradução de tempos e modos verbais extrapola o nível da estruturação lingüística para interferir na organização enunciativa do discurso. Sendo o enunciador o ponto de referência principal, o momento da enunciação é identificado com o presente. Qualquer mudança de tempo acarreta uma mudança na situação do enunciador e no processo de enunciação, como tivemos oportunidade de demonstrar. Os modos e as modalidades especificam as atitudes do EU-enunciador a respeito do que é enunciado e sua alteração indevida acarreta uma alteração do próprio ato de linguagem posto em cena no texto.

4.2.3- Crítica à Tradução de componentes retóricos

Segundo a definição de Charaudeau (1983, p. 77) , a organização retórica do discurso "é voltada para o próprio fazer linguagístico quanto à relação que se constrói entre o plano da forma e o plano da substância semântica." Não nos ocuparemos, aqui, em discutir as implicações teóricas desta afirmação, posto que nosso principal interesse é a tradução. Num texto romanesco, sobredeterminado por um Contrato literário como o é *Kamouraska*, cada um de seus *aparelhos formais* é motivado, isto é, não valem como signos transparentes veiculadores de significados pré-existent apenas, mas enquanto elementos de um sistema significativo construído pelo próprio texto.

224 É partindo deste princípio que abordaremos a questão da tradução das comparações e das metáforas, além de fazermos algumas observações sobre o plano fônico – em sua relação com o comportamento enunciativo elocutivo.

4.2.3.1- O plano fônico

Como o romance moderno é o resultado de uma escritura concebida para ser lida em silêncio e solitariamente, o plano fônico, em princípio, não deveria ser alvo de maiores elaborações por parte do escritor. Isto é, as combinações sonoras, no romance moderno, não teriam o mesmo papel se houvesse o hábito da leitura em voz alta, feita para um grupo de pessoas.

Entretanto, apesar do primado do plano visual sobre o plano fônico, e apesar dos hábitos de leitura que levam a uma interpretação que muitas vezes prescinde da subvocalização (processo segundo o qual o leitor reproduz mentalmente os sons do que lê), o tradutor não pode deixar de estar atento ao plano sonoro do texto que produz. Evitam-se, assim, efeitos de eco, enunciados metricamente desproporcionados com os que lhes correspondem no TLO (embora muitas vezes isto não seja possível), redundâncias que não tenham uma função discursiva, excesso de palavras com semantismo puramente gramatical e efeitos cacofônicos. Observações deste tipo acompanharam muitas vezes as justificativas que fizemos ao longo do presente estudo para as propostas de tradução que apresentamos.

225 Um dos aspectos que ainda não comentamos diz respeito à pontuação em *Kamouraska*. Como se sabe, a pontuação gráfica é a tentativa, na escrita, de marcar pausas e entonações do discurso oral, atinentes à própria estruturação dos enunciados. (Cf. Cunha, 1984, p. 591-619).

No TLT-I é freqüente a inobservância à pontuação do TLO. Esta inobservância é mais aguda nos trechos em que a personagem Elisabeth elabora planos de ação: o farto uso

de pontos corresponde a seqüências fônicas entrecortadas de pausas e de entonações descendentes que, numa interpretação mais ousada, se assemelham a pausas provocadas por uma respiração ofegante e angustiada. Experimente-se a leitura em voz alta dos seguintes trechos para que se comprove o que acabamos de afirmar:

Il faut faire vite. Me protéger de la fureur d'Aurélié. Nous sauver toutes les deux. Nous réconcilier à jamais. Abolir toute une époque de notre vie. Retrouver notre adolescence. Bien avant que... (TLO, c. 11 p. 62)

É preciso apressar-me, proteger-me contra o furor de Aurélie, salvar-nos a ambas, reconciliar-nos para sempre, abolir toda uma época de nossa vida, encontrar nossa adolescência. Bem antes que... (TLT-1, c. 11, p. 58)

Tenho de ser rápida. Me proteger do furor de Aurelie. Salvar nós duas. Nos reconciliarmos para sempre. Abolir toda uma época de nossas vidas. Reencontrar nossa adolescência. Bem antes que... (TLT-2, p. XXXVIII).

226 À leitura do trecho de TLT-1, este se interpreta como o discurso sobre planos já traçados e sobre os quais já se havia refletido anteriormente: a coordenação marcada pelas vírgulas pressupõe uma seqüência ordenada de pensamentos. Já a leitura do TLT-2, como a do TLO, é interpretada como a verbalização de pensamentos tal como estariam surgindo na mente da personagem no momento em que se encontrou com Aurélie: como idéias que se sucedem sem ordenação lógica.

Transcrevemos mais um trecho em que se verifica o mesmo tipo de pontuação em TLO e o mesmo tipo de inobservância em TLT-1:

[...] Que m'importe. Pourvu que je retrouve mon amour. Bien portant. Éclatant de vie. Appuyant tout doucement sa tête sur ma poitrine. Attentif à un si grand malheur en moi. Se récriant avec indignation: "Mais vous êtes blessée!" (TLO, c. 25, p. 115).

[...] Que me importa. Contanto que torne a encontrar meu amor com saúde, palpitante de vida, apoiando docemente a cabeça sobre meu peito, atento a essa grande infelicidade que caiu sobre mim. Exclamando indignado: "Mas a senhora está ferida!" (TLT-I, p. 110).

[...] Que me importa. Contanto que reencontre o meu amor. Bem disposto. Irradiando vida. Apoiando bem docemente sua cabeça sobre meu peito. Atento à minha desgraça. Exclamando com indignação: "Mas a senhora está ferida!" (TLT-2, c. 25, p. LV).

227 As inobservâncias deste tipo, como já dissemos, são bastante freqüentes, a maior parte delas no sentido de encompridar períodos, transformando pontos em vírgulas, desfigurando o monólogo interior não só da personagem Elisabeth como de outros. Em alguns trechos descritivos encontram-se repetições de sons ao longo da cadeia fônica que contribuem para a composição da cena. Como no início do 1º e do 2º parágrafos do cap. 9:

D'ou vient ce calme, cette lumière douce promenée sur une petite ville déserte? **Sorel**. Ses rues de quelques maisons à peine. Maisons de bois. Maisons de briques. [...] Le **fleuve** tout près coule entre des rives plates. Les longues îles vertes, propriété de la commune, là où paissent les vaches, les chevaux, les moutons et les chèvres.

La vie est paisible et **lumineuse**. Pas une âme qui vive. Je sens que je vais être **heureuse** dans cette lumière. Le **fleuve** lisse, la lisière des pâturages sur l'eau. Cette frise des bêtes placides broutant à

l'infini. Je m'étire. Je soupire profondément. Est-ce l'innocence première, qui m'est rendue d'un coup, dans un paysage d'enfance? (TLO, c. 9, p. 50).

Do 1º parágrafo, a repetição do som [-l] em "calme", "lumière", "ville", "Sorel", "quelques", "fleuve", "coule", "plates", "longues", "îles", continua no segundo, em "paisible", "lumineuse", "lumière",
 228 "fleuve", "lisse", "lisière", "placides", sem contar com os artigos. No 1º parágrafo, a vogal [- ε]¹⁷ aberta em posição final de sintagma, que, em francês, recebe o acento principal (caracterizado pelo alongamento da vogal: "déserte", "Sorel", "peine", "vertes", "chèvres") se repete em alternância com outras vogais, retomando as sonoridades finais do nome "Sorel", localidade que está sendo descrita pela narradora. A repetição de sons vocálicos e da consoante lateral produzem um efeito de antecipação e ressonância em torno do nome "Sorel".

No 2º parágrafo, tem-se a retomada do som [-l] e a repetição do som [-i-], retomando, este último, a vogal da palavra-chave deste parágrafo: "vie". Para o tradutor, é difícil manter as assonâncias da LO na LT, mas isso não quer dizer que não deva esforçar-se no sentido de procurar aproximar-se dos efeitos sonoros do TLO em sua tradução. Nossa tentativa:

De onde vêm esta calma, esta luminosidade doce projetando-se num vilarejo deserto? Sorel. Suas ruas com poucas casas. Casas de madeira. Casas de tijolos. [...] O rio corre próximo por entre margens planas. Nas longas ilhas verdes, pertencentes à comuna, pastam as vacas, os cavalos, as ovelhas e as cabras.

A vida é tranqüila e luminosa. Ninguém nas cercânias. Sinto que serei feliz sob esta luz. O rio liso, a fimbria das pastagens sobre a água. A imagem dos plácidos animais ruminando ao infinito. Estiro-me. Suspiro profundamente. Minha inocência original estaria de volta numa paisagem da infância?

229 Em "calma" e "luminosidade" repetem-se os sons [-l] e [-a], este último não presente no TLO. A assonância "deserto"- "Sorel" se mantém, mas as outras repetições de [- ε] aberto se perderam. Em compensação, o [-a-] tônico que se repete em "pastam", "vacas", "cavalos" e "cabras" funciona como a retomada das vogais tônicas do início do 1º parágrafo, contribuindo para criar a impressão de unidade da cena descrita.

No 2º parágrafo esforçamo-nos por repetir a vogal [-i-] presente no TLO. Manter o som [-l-] foi mais difícil, visto que os artigos do português não o contêm. Por outro lado, aproveitando a imagem dos animais que pastam, buscamos o verbo "ruminar" cujos sons nasais passam a harmonizar-se com os de "fimbria", "pastagens", "imagem", "animais", "infinito" e depois com "profundamente", "minha inocência", "paisagem" e "infância" – unindo sonoramente componentes lingüísticos que integram a unidade da cena bucólica.

Outros trechos podem exemplificar as intenções do escritor em fazer do plano fônico um elemento descritivo a mais para as sensações e sentimentos das personagens, como na seguinte passagem do cap. 3 (p. 20, TLO):

¹⁷ Utilizamos nesta sub-seção os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Cf. Dubois, 1977, p. XVI.

"Le timbre de la sonette déchire le silence de la nuit, se répercute en ondes sonores, aux quatre coins de la maison endormie."

A sequência das sílabas acentuadas é a seguinte: [tɛbr]/[nɛt]/[ʃir]/[lãs]/[nɥi]/[kɥt]/[nɔd]/[nɔr]/[katr]/[kwɛ]/[zɔ]/[mi]. Nesta sequência predominam, entre as consoantes, as oclusivas – sendo 9 consoantes oclusivas pré-vocálicas, contra 3 não-oclusivas; e 5 consoantes oclusivas pós-vocálicas contra 3 não-oclusivas. Há igualmente uma
 230 quantidade expressiva de consoantes e vogais nasais. O contraste oclusiva/não-oclusiva parece acentuar o contraste entre o silêncio e o ruído da sineta e se repete em todo o enunciado – retomando o contraste entre as sequências fônicas dos vocábulos "silence" (onde não há oclusivas) e "sonnette" (onde há duas oclusivas).

A tradução em português muda um pouco este quadro porque as consoantes pós-vocálicas do francês passam a pertencer a uma outra sílaba: "o timbre da sineta rasga o silêncio da noite, repercute em ondas sonoras, nos quatro cantos da casa adormecida." Assim mesmo, levando em conta apenas as consoantes pré-vocálicas, há 24 oclusivas e 10 não-oclusivas – predominando, como em TLO, as oclusivas. O contraste se faz mais especificamente entre as sonoridades do vocábulo "silêncio" e as sonoridades dos demais vocábulos.

Não nos deteremos mais longamente nestas considerações sobre o plano fônico nos trechos descritivos do romance. Apenas assinalamos como, ao traduzir um texto sobredeterminado por um Contrato literário, o tradutor atento procura compensar as impossibilidades de correspondência fônica entre a LO e a LT com a escolha de unidades lexicais que possam harmonizar-se sonoramente – o que, pelo que temos visto, não ocorre em TLT-1.

4.2.3.2- As comparações

A comparação é o processo através do qual se explicita o grau maior ou menor de identificação, ou o grau maior ou menor de semelhança que o EU-comunicante atribui a dois
 231 ou mais seres, a duas ou mais qualidades, a duas ou mais ações, baseando-se em critérios mais ou menos subjetivos. Não nos compete, aqui, fazer a exegese de todos os tipos possíveis de comparação. Interessa-nos examinar as comparações do TLO do ponto de vista do tradutor e das dificuldades que possam representar para a tradução.

Em *Kamouraska* a comparação é um procedimento retórico freqüente no discurso da narradora-personagem Elisabeth, no discurso do narrador e também está presente no discurso de outros personagens. Ao empreendermos nosso trabalho de tradução do romance, encontramos dificuldades para traduzir certas comparações. Isto porque algumas das designações que servem de termo de comparação têm um "sentido figurado" próprio da língua francesa: como "dinde" (c. I, p. 9) à qual Elisabeth se compara:

"Et moi qui emboîte le pas derrière, comme une *dinde*. C'est cela une honnête femme: une dinde qui marche, fascinée par l'idée qu'elle se fait de son honneur."

Segundo Robert (1970) , "dinde" designa a "mulher idiota". Assim, sob este ponto de vista, a tradução de TLT-1 mantém o significado não-figurado do termo do TLO:

"E eu que o sigo atrás como uma idiota. Assim procede uma mulher honesta: uma tola que caminha fascinada pela idéia que faz de sua honra." (TLT-1, p. 5).

Consideramos, porém, a narrativa como um todo, e principalmente, levamos em conta um trecho do cap. 45, do monólogo de Elisabeth:

232 "Mon pauvre amour, je ne saurai sans doute jamais comment t'expliquer qu'au-delà de toute sainteté règne l'innocence astucieuse des bêtes et des fous." (TLO, p. 174).

Elisabeth se inclui, para justificar seus atos, entre "*os animais e os loucos*", não submissos à ordem moral vigente. Ao referir-se aos outros personagens, freqüentemente interpreta seus comportamentos através de comparações com animais, como por exemplo, no cap. 25:

"Mes tantes prennent l'air rampant et affligé des bêtes domestiques pressentant le drame dans la maison" (TLO, p. 115).

E no cap. 55, referindo-se a George:

"Je n'avais jamais remarqué comme les canines de chaque côté sont fortes et longues. Lui donnent un air de bête sauvage. Ce n'est que la peur qui brouille mon regard. Abîme l'image de mon amour". (TLO, p. 205).

No cap. 13, ao descrever os freqüentadores de uma estalagem:

"Ils se démènent en dansant et crient comme des bêtes qu'on égorge." (TLO, p. 72).

Ou no cap. 63, referindo-se a si própria e a George:

"Nous nous flairons cornme des bêtes étrangères." (TLO, p. 241).

233 Como traduzir então o trecho do cap. 1, onde Elisabeth se vê como "une dinde"? Eliminar a referência ao animal empobreceria a rede de comparações que se estabelece na narrativa. E a tradução "*perua*" tem, em português, um sentido figurado totalmente diverso de "dinde" em francês. Procuramos então a designação de um outro animal que pudesse ser utilizada na comparação e chegamos a "*pata*", pensando na associação que se estabelece com *pata-choca* (designação da "mulher gorda de andar pesado", segundo Ferreira, 1975) e com *pato*, que popularmente significa *tolo*. Além disso, "*pata*", como "dinde", designa uma ave doméstica.

No 11º capítulo, uma outra comparação também apresentou dificuldade:

"Et les filles donc? Pimbêches et pincées, avec des rires d'oies chatouillées." (TLO, p.. 64).

O tradutor de TLT-1 eliminou a referência a *gansas*:

"[...] presas de risos tolos e afetados" (TLT-1, p. 60).

O substantivo "oie" tem o sentido figurado de "pessoa tola, idiota" (Dubois, 1977), tal como "dinde". Mas neste trecho, especificado pelo particípio "chatouillées", prevalece o sentido

próprio: o leitor imagina principalmente o barulho que devem fazer as gansas ao sentirem cócegas. Por esta razão, em TLT-2 conservamos a comparação – na qual efetuamos uma modulação, substituindo a causa pelo efeito ao traduzir "chatouillées":

"Pretensiosas e afetadas, rindo como se fossem gansas grasnando." (TLT-2, c. 11, p. XLI).

Com esta tradução constroi-se um paralelismo com a comparação posterior, feita, no mesmo parágrafo, entre os rapazes e "des petits cochons":

"Les garçons s'essoufflent, renâclent, pareils à de petits cochons, patauds et maladroits." (TLO, c. 11, p. 64).

"Os rapazes ficam ofegantes, bufando, como se fossem leitõezinhos pesados e desajeitados." (TLT-2, c. 11, p. XLI).

234 As demais comparações presentes na narrativa não apresentam dificuldades enquanto tais, tanto no plano lexical quanto no plano sintático. As que examinamos aqui estão estreitamente ligadas ao processo lingüístico de metaforização idiomatizado que examinaremos mais atentamente na próxima sub-seção.

4.2.3.3- As metáforas

Define-se *metáfora* como o resultado de um processo de substituição, no discurso, de uma unidade lexical por outra, motivada por conexões significativas mais ou menos subjetivas. (Ch., 1983, p. 77). Preferimos pensar a metáfora como resultante do ato de referir-se a um ser ou a uma ação – (A) , através de signos que não são convencionalmente utilizados para referir-se a tal ser ou a tal ação, mas sim a um ser ou a uma ação – (B). A motivação desta referência através de signos não convencionalizados reside, efetivamente, numa relação de semelhança entre (A) e (B), relação essa que pode ser puramente subjetiva. (Cf. Genette, 1966, p. 45). É num momento posterior a este ato de "referenciação" que se interpreta a metáfora como equivalente a tal ou qual signo convencionalmente utilizado para referir-se a (A). A metáfora, em princípio, não constitui uma dificuldade maior para a tradução. O que é importante, no entanto, é procurar saber se aquilo que parece uma metáfora original criada pelo EUC, já não integra o elenco de "expressões figuradas" de domínio comum na LO – tal como o que verificamos na tradução de comparações.

235 No caso das metáforas originais, o tradutor deveria procurar mantê-las no TLT, uma vez que resultam de processos interpretativos da realidade, próprios do escritor ou atribuídos por este a seus personagens. Um exemplo de metáfora original não traduzida em TLT-1 encontra-se no cap. 13:

"Est-ce bien l'amour qui me tourmente? Je crois que je vais me noyer." (TLO, p. 69)

"Será o amor que me atormenta? Creio que vou desaparecer." (TLT-1, p. 65).

Por que não traduzir "noyer" por seu correspondente em português, *afogar*, se a personagem interpreta seu estado de espírito como semelhante à sensação de quem vai morrer sufocado pela água?

No cap. 5 encontramos um outro exemplo de metáfora escamoteada em TLT-1:

"Ah! Mon Dieu, j'étouffe avec toute cette saleté de mémoire dans les veines." (TLO, p. 28)

"[...] abafa-me a respiração a lembrança de toda essa sujeira". (TLT-1, p. 24).

Neste ponto, Jérôme se sente invadido por lembranças que o fazem sofrer, e sente fisicamente esta invasão. Em nossa proposta de tradução conservamos a localização "nas veias": "Ah: meu Deus, estou sufocando com toda esta sujeira de memória nas veias." (TLT-2, p. XIX).

No final do cap. 2 encontra-se uma descrição metafórica da crise de falta de ar de Jérôme:

236

A quoi bon réclamer Florida? Un mot de plus et la provision d'air sera épuisée dans la cage de votre coeur. Cet amas de broussailles dans votre poitrine, ce petit arbre échevelé où l'air circule avec tant de peine. Il ne faut pas puiser l'air dans ce buisson qui devient sec. Ne pas appeler Florida. Supplier des yeux seulement. Les gouttes, les gouttes... (TLO, p. 17).

De que adianta chamar Flôrida? Uma palavra a mais e a reserva de ar se esgotará na câmara de seu coração. Esse amontoado de espinhos em seu peito. A pequena árvore emaranhada onde o ar circula tão penosamente. Não consumir o ar desse espinheiro ressequido. Não chamar Flôrida. Suplicar-lhe com os olhos apenas. O remédio, o remédio... (TLT-2, p. XV).

Em TLT-1 a tradução inadequada de "échevelé" por "desnudada", "buisson" por "mata" é de mesma natureza de outros erros já mencionados anteriormente: "desnudada" é um erro por falsa inferência e "mata" um erro causado pelo desconhecimento da polissemia de "buisson".

O capítulo 5, segundo o que pudemos constatar, é o mais rico em metáforas. Neste, a crise de Jérôme Rolland e seu comportamento são descritos através de cenas imaginadas em pleno mar ou à beira da praia. A este respeito, o 2º e o 3º parágrafos estão estreitamente relacionados. (Cf. a sub-seção 4.1.1).

237

Em TLT-1 o enunciado "Et voyez pourtant quelle noyade" foi traduzido por "E veja, no entanto, que ela está destruindo" (TLT-1, p. 21), eliminando um componente importante da cena metafórica. E é neste trecho que ocorre a tradução equivocada de "lame" por "lama", como já mencionamos anteriormente (seção 3.2), desfigurando mais ainda a intenção significativa manifesta no TLO. Remetemos para TLT-2, em anexo, (e aqui, na p. 177) para que se verifique como procuramos manter os vários elementos que compõem a cena descrita: o "mergulho" ("la noyade"), a "vaga" ("lame"), a "areia" ("le sable"), o "sal" ("le sel"), o "lodo" ("la vase").

Os erros do 3º parágrafo já foram comentados: "rappeler" traduzido por "tornar a chamar" é análogo à tradução errônea de "retrouver" por "tornar a encontrar" (sub-seção 4.1.2). A tradução indevida de "vous" por "você" já foi criticada na seção sobre o comportamento alocutivo. Quanto às metáforas propriamente ditas, foram mantidas em TLT-1, o que, de

certa forma, comprova nossa afirmação de que as metáforas originais oferecem o mesmo tipo de dificuldade que os enunciados não-metafóricos.

No trecho seguinte, o mecanismo de falsa inferência do tradutor aliado a uma insuficiência cultural produziu uma tradução equivocada:

"Le recevoir dans mes bras. Son corps de crucifié trop gras. Et moi une pietà sauvage, défigurée par les larmes. Nous sauver tous les deux". (TLO, c. 7, p. 38).

"Recebê-lo em meus braços. Seu corpo de crucificado, inchado. E eu uma piedade selvagem, desfigurada pelas lágrimas. Salvar-nos a nós dois." (TLT-1, p. 34)

Não é necessário conhecer a língua francesa para se saber que "pietà" é uma referência à Nossa Senhora da Piedade, também chamada de "*Mater Dolorosa*", que evoca imediatamente a imagem da célebre estátua de mármore esculpida por Miguel-Angelo, e que

238 se encontra num altar da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Nossa proposta:

"Recebê-lo em meus braços. Seu corpo de crucificado gordo demais. E eu, "*Mater Dolorosa*" arredia, desfigurada pelas lágrimas. Salvar a nós dois." (c. 7)

Em vez de "*Mater Dolorosa*", poderíamos simplesmente ter repetido "pietà", estrangeirismo de origem italiana.

Há uma metáfora que não podemos deixar de comentar, por ter sido utilizada como título do romance na edição brasileira: "a máscara da inocência". Quando fizemos a primeira leitura de *Kamouraska* já tínhamos conhecimento do título que fora escolhido para a tradução em português. E, efetivamente, comprovamos que "a máscara da inocência" se interpreta como uma síntese do comportamento da personagem Elisabeth, para quem a identidade de Sra. Rolland é uma "máscara" que encobre seus verdadeiros sentimentos, voltados para o amor perdido de George Nelson. Por duas vezes esta metáfora aparece no texto:

L'appareil des vieilles familles se met en marche. Médite et discute. Mon sort est décidé, arrêté, avant même qu'aucune parole ne soit prononcée. Apaiser tout scandale. Condamner Elisabeth d'Aulnières au masque froid de l'innocence. Pour le reste de ses jours. La sauver et nous sauver avec elle. Mesurer sa véritable vertu, à sa façon hautaine de nier l'évidence. (TLO, c. 63, p. 237).

Neste trecho, Elisabeth interpreta a atitude da família Tassy, em desistir dos processos que a incriminam, como uma condenação. A "fria máscara da inocência" lhe é praticamente imposta. No último capítulo:

239 Je n'ai plus qu'à devenir si sage qu'on me prenne au mot. Fixer le masque de l'innocence sur les os de ma face. Accepter l'innocence en guise de revanche ou de punition. Jouer le jeu cruel, la comédie épuisante, jour après jour. Jusqu'à ce que la ressemblance parfaite me colle à la peau." (TLO, c. 65, p. 249).

Este trecho marca praticamente o final do relato de Elisabeth, e permite que se interprete globalmente todo o relato como o que está oculto sob a máscara. Por isso, consideramos que a substituição do título do TLO por esta metáfora é um procedimento

válido, uma vez que o topônimo "Kamouraska" não pertence ao universo cultural do leitor brasileiro, não se prestando, pois, a evocações geográficas e culturais tal como ocorre para o leitor canadense. Não ousamos sugerir ou pensar em outro título: *A máscara da inocência* nos parece perfeitamente aceitável.

Neste ponto, gostaríamos de comentar ainda uma metáfora que se dissimula enquanto tal no texto de *Kamouraska*: trata-se do topônimo "Rue du Parloir" que, diferentemente do que ocorre em TLT-1, foi por nós traduzido como "Rua do Parlatório". Esta tradução mantém a significação original do romance: o parlatório é justamente o local onde as pessoas enclausuradas falam, isoladas por uma grade, com as eventuais visitas. E a *Rua do Parlatório*, em *Kamouraska*, é o local onde, enclausurada na identidade de Sra. Rolland, Elisabeth produz seu discurso de rememoração, de reconstituição do seu passado, buscando sua inocência. O parlatório pode ser interpretado como a metáfora da própria linguagem que, no ato de comunicação, tem de ser filtrada através das "grades" de um determinado código pré-estabelecido e ao qual comunicante e interpretante são obrigados a submeter-se, embora procurem quase sempre escapar a suas limitações. Assim, não traduzir "rue du Parloir" elimina a possibilidade, para o leitor, de interpretar "*Parlatório*" enquanto metáfora. Da parte do leitor-tradutor, a interpretação do papel metafórico do topônimo "rue du Parloir" depende de um saber que ultrapassa a competência lingüística e a competência discursiva: é um saber cultural, mais propriamente literário, adquirido pela prática da leitura que visa buscar, no texto, uma dimensão simbólica para além do que nele está dito.

As metáforas que comentaremos a seguir poderiam, a rigor, ter sido arroladas juntamente com as lexias, junto à tradução de "en bataille", por exemplo. Ou então na seção em que discutimos os erros por desconhecimento da polissemia – isto porque muitas delas fazem parte do elenco das metáforas já idiomatizadas.

No entanto, este processo de idiomatização é freqüentemente quebrado pela escritora, o que justifica, como poderemos verificar, o comentário de algumas delas nesta sub-seção. Examinemos o seguinte trecho do cap. 8:

"Votre spécialité, si vous y consentiez, serait d'exterminer parmi les vivants ceux qui portent une tête de mort" (TLO, p. 154).

"[...] seria exterminar, entre os vivos, aqueles que trazem uma cabeça de morte." (TLT-1, p. 149).

"Tête de mort" é uma lexia que se traduz por *caveira* em português. No TLO, a narradora faz um jogo antitético entre "vivants" e "mort", praticamente desconstruindo a lexia, aproximando "tête de mort" de sintagmas cujo núcleo é o substantivo "tête" usado para designar a fisionomia. A tradução direta da lexia em português destruiria o jogo de palavras presentes em TLO: "Sua especialidade, se a aceitasse, seria a de exterminar do mundo dos vivos aqueles que já têm a aparência de uma caveira".

Entendemos que a tradução mais conveniente para esta passagem deva reintroduzir a referência direta à morte, tal como: "Sua especialidade, se a aceitasse, seria a de exterminar do mundo dos vivos aqueles que já estão à beira da morte."

Ou então: "... seria a de exterminar do mundo dos vivos aqueles que estão marcados para morrer".

Outras metáforas cristalizadas são igualmente "revigoradas" pela narrativa de *Kamouraska*:

Un petit retard de rien du tout dans votre respiration et votre coeur suffoquera. Fera des sauts de carpe, hors de l'eau. Votre sang tout entier n'arrivera pas au coeur. Une carpe, demande de l'air. La vie ! Vous allez étouffer, monsieur Rolland. Du sucre, du sucre ! Vos gouttes ! (TLO, c. 2, p. 16) .

"Saut de carpe" é um tipo de salto, segundo Robert (1970), através do qual alguém deitado se põe rapidamente de pé. "Faire des sauts de carpe dans son lit" significa "*dar pulos na cama*". Vê-se, pois, que a tradução isolada de "Fera des sauts de carpe" do trecho acima eliminaria a referência ao peixe. Entretanto, introduzindo a especificação "hors de l'eau" e retomando "une carpe" isoladamente num outro enunciado, a referência ao animal, na tradução, torna-se obrigatória. Em TLT-1 houve a supressão indevida de um enunciado:

"Uma pequenina demora em sua respiração e o coração se sufocará. Saltará como uma carpa fora d'água. Uma carpa exige ar. [...]" (TLT-1, p. 12)

Em TLT-2 procuramos evitar a seqüência fônica "se-su" presente em TLT-1, e não suprimir nenhum enunciado:

Um atraso de nada em sua respiração e o coração ficará sufocado. Dará saltos de carpa, fora d'água. O sangue não poderá prosseguir. Uma carpa precisa de ar. A vida! Está sufocando, Senhor Rolland. Açúcar, açúcar! Suas gotas! (TLT-2, c. 2, p. XIV)

Há metáforas que se interpretam como comparações abreviadas. Examinaremos algumas que estão semanticamente relacionadas às comparações que comentamos na subseção anterior. No exemplo abaixo, o verbo "flairer" pode ser interpretado apenas como equivalente a *pressentir* (tal como ocorre em TLT-1, p. 24):

"Quel crime est-ce là quand on a surpris une seule fois le regard de Florida flairant la mort?" (TLO, c. 5, p. 28).

Entretanto, levando-se em consideração as várias comparações de personagens com animais ao longo do texto, e, especificamente, as comparações da personagem Florida a "cheval de corbillard" (p. 29 e p. 239) e a "un âne" (c. 7, p. 37), preferimos traduzir "flairer" por *farejar*, que, aliás, também pode significar *pressentir* em português. No cap. 12, em seqüência a uma comparação entre Antoine e "un bon chien de chasse", diz Elisabeth: "Et moi aussi je te flaire et je te découvre" (TLO, p. 67). Como, implicitamente, Elisabeth está se comparando a um cão de caça, a tradução deste trecho deve conservar o sentido de *farejar*, *cheirar*: "Eu também o farejo e o descubro." Encontramos um outro trecho metafórico em que a referência a "une chienne" parece constituir uma dificuldade para a tradução:

L'odorat part en flèche, trouve sa proie. La découvre et la reconnaît. Lui fait fête. Accueille l'odeur de l'assassin. La sueur et l'angoisse, le goût fade du sang. Ton odeur, mon amour, ce relent f.auve. Une chienne en moi se couche. Gémit doucement. Longtemps hurle. (TLO, c. 58, p. 215)

O olfato parte como uma flecha, encontra sua presa. Descobre-a e a reconhece. Faz-lhe festas. Acolhe o odor do assassino. O suor e a angústia, o gosto desenxabido do sangue. Seu odor, meu amor, esse acre cheiro de animal. Uma cadela em mim deita-se. Geme docemente. Uiva para a morte durante muito tempo. (TLT-1, p. 212)

Nossa proposta:

O olfato rápido como uma flecha. Encontra sua presa. Reconhece-a. Faz festas para ela. Acolhe o cheiro do assassino. O suor e a angústia, o gosto enjoativo do sangue. Teu cheiro, meu amor, fétido como o dos animais. Há em mim uma cadela gemendo baixinho. Deitada. Uivando, lúgubre, por um longo tempo. (C. 58)

244 A lexia "en flèche" é uma metáfora já cristalizada, e corresponde à comparação do português "como uma flecha", também já cristalizada. A tradução de "odeur" por "odor" não nos parece conveniente, uma vez que "odor" é interpretado como o cheiro agradável, o que está em contradição com a sequência do texto. Evitamos o uso de substantivos como *fedor* (de uso vulgar) ou *fetidez* (pouco usado), utilizando o adjetivo "fétido" especificado pela comparação "como o dos animais" em correspondência com "fauve" do francês.

Optamos por traduzir o enunciado "Une chienne en moi se couche" introduzindo o verbo *haver*, visto que a tradução literal (como no TLT-1) não nos parece interpretável em português. A personagem se sente dominada pelo olfato, identificando-se imaginariamente com uma cadela. Não vemos, neste enunciado, possibilidade de interpretação do substantivo "cadela" em sentido figurado, visto que a associação com o sentido do olfato é dominante. Quanto a "hurler à la mort", trata-se de uma lexia que não deve ser traduzida como uma metáfora original. Não é usual dizer-se, em português, *uivar para morte*. Especificamos o ato de *uivar* como *lúgubre*, traduzindo o significado de "hurler à la mort".

Continuando a tecer comentários sobre as metáforas, examinemos o seguinte exemplo do cap. 8:

"Mes tantes extravagantes. Fourrures noires, voilettes noires, colliers de jais, emmêlés autour de leurs cous de poulet." (TLO, p. 48).

245 Pelas razões já expostas ao abordarmos a questão das comparações com os animais, não concordamos com o tradutor de TLT-1, que elimina a metáfora do TLO: "[...] em volta do pescoço fino e comprido." (TLT-1, p. 42). Em português, *pescoço de frango* não é uma lexia e não se usa como referência metafórica a um pescoço fino e comprido. Mas *pescoço de ganso* tem esta significação, e, portanto, pode ser utilizado para traduzir tal trecho, mantendo-se a comparação implícita com um animal.

No cap. 6 não logramos encontrar uma tradução que mantivesse a comparação implícita no seguinte trecho: "Florida avec ses mollets de coq." (TLO, p. 32). Diz-se "mollets de coq"

para referir-se metaforicamente a *pernas finas*. Mas em português não se usa *pernas de galo* com esta significação. Pensamos em "pernas de saracura", mas tal ave é natural da América do Sul, e não é verossímil que se insira tal referência no discurso de Elisabeth. Optamos então por uma tradução que eliminou a comparação com uma ave, mas na qual se mantém um sentido figurado": "Flórida com suas pernas de caniço" (TLT-2, c. 6, p. XXIV).

Com os comentários que tecemos nesta sub-seção, não tivemos a pretensão de esgotar todas as metáforas de *Kamouraska*. Efetuamos tão somente uma seleção com base ou no critério da importância da metáfora para a interpretação do romance em sua dimensão propriamente literária (como produto de um Contrato literário) ou no critério da dificuldade da tradução. Em ambos os critérios, buscamos unidades lexicais do português que, no texto, contribuíssem para a construção de redes de significados num processo análogo ao que se verifica em TLO.

Constatamos que a metáfora original não representa uma dificuldade à parte para o tradutor. Importa, sobretudo, que este saiba distinguir a significação de cada uma delas, pois é através das metáforas que o narrador manifesta sua visão subjetiva a respeito das cenas que integram a seqüência narrativa.

246

Constatamos que, para a tradução das metáforas idiomatizadas (já dicionarizadas e catalogadas), não é suficiente identificá-las: dependendo da importância de que se revestem no TLO, o tradutor deve buscar na LT metáforas idiomatizadas que permitam uma interpretação análoga, de modo a manter a intenção significativa interpretável em TLO.

4.3 - Componentes do enunciativo delocutivo

247

Charaudeau (1983, p. 63) caracteriza o comportamento delocutivo como aquele que "diz alguma coisa sobre o ELEX", dentro de um universo de discurso próprio a ELEX (a terceira pessoa do discurso ou o próprio discurso) "independentemente do sujeito enunciador".

Esse tipo de comportamento dá lugar a um *enunciativo delocutivo textual* e a um *enunciativo delocutivo intertextual*. O enunciativo *textual* é o processo de enunciação pelo qual ELEX se define *em si*, sem marcas de intervenção do sujeito enunciador. É marcado como o processo de enunciação *objetivo*. O enunciativo *intertextual* é o que "põe em relação o texto produzido com um outro texto que ultrapassa a instância enunciativa do ato de linguagem" em que se insere. Isto é, "as marcas do texto [...] convocam mais ou menos explicitamente um universo de discurso que não pertence propriamente ao enunciador." (Charaudeau, 1983, p.64).

Na primeira parte desta seção comentaremos os erros e as possibilidades de tradução do pronome "on" enquanto marca de um comportamento delocutivo textual – e suas imbricações com outros tipos de comportamento enunciativo.

Na segunda parte desta seção comentaremos os procedimentos de tradução de componentes do delocutivo intertextual.

4.3.1 - Tradução do pronome "on"

248

Comentaremos, nesta sub-seção, as possibilidades de tradução do pronome "on" em português e os erros de TLT-1 neste particular, fazendo um levantamento de exemplos que ilustram os vários empregos deste pronome em *Kamouraska*.

Grevisse (1975, p.555) classifica "on" como um pronome indefinido, fazendo notar, no entanto, que é usado como substituto de qualquer um dos pronomes pessoais do francês, e que, por isso, também poderia ser incluído entre estes.

Isto significa que, do ponto de vista dos tipos de comportamento enunciativos, a interpretação do pronome "on" depende estreitamente da rede de relações construída entre o EU-enunciador e os demais protagonistas de sua instância discursiva, sejam eles os destinatários ou o assunto do ato de linguagem em que estão implicados. Assim, para fins de análise, agruparemos os exemplos a serem comentados segundo o comportamento enunciativo dominante.

4.3.1.1. O pronome "on" genérico

Examinemos o seguinte exemplo:

TLO, c.2, p.14: Mme Rolland se redresse, refait les plis de sa jupe, ajuste ses bandeaux. Va vers la glace, à la rencontre de sa propre image, comme on va vers le secours le plus sûr.

A oração comparativa em que se insere o pronome "on" tem um significado genérico (enuncia uma verdade atemporal) e a referência deste pronome é também genérica, isto é, refere-se a todo e qualquer indivíduo da classe dos humanos, independentemente de seu papel no discurso.

Neste tipo de comparação, o EU-enunciador apresenta seu ato de linguagem como objetivo, como uma reafirmação de um saber compartilhado por todos os demais envolvidos em seu ato discursivo. É esta relação de objetividade construída entre EUe e o que é dito (o ELeX) que caracteriza o comportamento delocutivo.

Os enunciados a seguir também constituem afirmações genéricas onde "on" tem interpretação análoga à do exemplo anterior:

TLO, c.25, p.115 : Le temps retrouvé s'ouvre les veines. Ma folle jeunesse s'ajuste sur mes os. Mes pas dans les siens. Comme on pose ses pieds dans ses propres pistes sur la grève mouillée.

TLO, c.34, p.143 : [...] vêtements lourds brusquement ouverts sur la tendresse du ventre. Comme une bête que l'on écorche.

TLO, c.54, p.199 : Faire taire ces femmes. Comme lorsque l'on rabat la couverture sur la cage des perruches pour la nuit.

Apresentamos a seguir os comentários da tradução destes quatro últimos trechos:

TLT-1, c.2, p.10: A Sra. Rolland endireita o corpo, alisa as dobras da saia e ajusta os bandós. Dirige-se para o espelho, ao encontro de sua própria imagem, como se se encaminhasse para um ponto de socorro mais próximo.

Nesta tradução, o sujeito da oração comparativa deixa de ter uma referência arbitrária (isto é, deixa de referir-se indiferentemente a todo e qualquer indivíduo da classe dos humanos). Interpreta-se o pronome "on" como um reflexivo referindo-se à Sra. Rolland. O que para nós parece mais criticável, no entanto, é a seqüência sonora "se se", que poderia ter sido evitada.

Nossa proposta em TLT-2 é a seguinte:

TLT-2, c.2, p.XI : "A Sra. Rolland se recompõe, ajeita as pregas da saia, ajusta os bandós. Vai até o espelho, ao encontro da própria imagem, como quem procurasse o socorro mais seguro."

O pronome *quem*, do enunciado acima, tem referência arbitrária tal como o pronome "on" do francês.

TLT-1, c.25, p.110: "[...] Meus passos nos seus. Como se colocassem os pés nas próprias pegadas, na areia molhada."

A tradução do verbo com sujeito "on" por um verbo na 3ª pessoa do plural é inadequada para este trecho (tal como o seria para o exemplo anterior). Nesta tradução, interpreta-se a terceira pessoa do plural como referente a "passos", o que constitui uma incoerência, pois "pegadas" são atribuíveis a pessoas e não a "passos".

Nossa proposta:

O tempo redescoberto abre suas veias. Minha louca juventude ajusta-se sobre meus ossos. Refaço meus passos. Como quem põe os pés sobre as próprias pegadas na praia molhada. (TLT-2, c.25, p. LV).

Neste trecho, diferentemente do que fizemos no exemplo anterior, preferimos manter o modo indicativo na oração comparativa para significar que se trata da descrição de uma sensação efetivamente vivida pela personagem-narradora – embora esta a atribua genericamente a qualquer indivíduo. Não se trata, como no exemplo anterior, de uma interpretação do narrador ao observar a personagem, o que teria então permitido a formulação da comparação na forma de uma atribuição hipotética.

TLT-1, c.34, p.138: "Roupagem pesada aberta bruscamente sobre a flacidez do ventre. Como um animal que a gente esfolasse."

A tradução de "on" por "a gente" não é conveniente para este trecho. O discurso de
 251 Elisabeth enquanto narradora não cria uma relação de informalidade com o destinatário que permita o uso de *a gente* na tradução. Talvez isso seja possível nos momentos em que a narração cede lugar à expansão dos sentimentos da personagem, quando é construída a imagem de um outro destinatário diferente do leitor – o que pode ocorrer nos diálogos.

Para a tradução deste exemplo do cap. 34, fizemos várias tentativas. Em tese, o uso da partícula apassivadora seria possível: "Como um animal que se esfolo". Mas, neste caso, o "se" poderia ser interpretado como um reflexivo, o que estaria em desacordo com o TLO. Experimentamos a voz passiva: "Roupas pesadas abertas bruscamente expondo a maciez do ventre. Como um animal que é esfolado."

Também não aprovamos: dá margem à interpretação de que se comparam roupas com animal, o que não corresponde à interpretação do TLO. Verificamos então que a comparação se dá entre dois processos e para que isso fique claro, mudamos a formulação do enunciado, fazendo com que a ação passasse a ser o termo de comparação: "Roupas pesadas abertas bruscamente expondo a maciez do ventre. Como ao se esfolar um animal." A voz passiva com "se", neste caso, é interpretada como remetendo a um agente de referência arbitrária, conveniente à tradução do enunciado do TLO.

A seqüência do cap. 54 contém uma comparação semelhante à dos exemplos anteriores. Tradução em TLT-1:

"Fazer aquelas mulheres calarem-se. Como quando se desce a coberta por cima da gaiola dos papagaios, à noite." (p.196).

Neste trecho, a tradução de "on" corresponde à mesma referência presente no TLO, mas a seqüência de conjunções "como quando" é sonoramente pesada em português, e poderia ter sido evitada. Propomos então:

"Fazer calar essas mulheres. Como ao cobrir a gaiola dos periquitos, à noite." (TLT-2, c. 54, p. CI)

Com essa tradução, interpreta-se que o agente subentendido tem referência arbitrária, e evita-se o artificialismo de TLT-1.

Os trechos seguintes dão seqüência ao mesmo tipo de emprego do pronome "on":

TLO,c.25,p.118: "Horse Marie est si maigre que lorsqu'elle lève les bras, on peut lui compter les côtes."

TLT-1, c.25, p.113: "Horse Marine é tão magra que, quando ela levanta os braços, se lhe pode contar as costelas."

TLO, c.45,p. 172: "La terre et le coeur se ravinent, d'un seul et même ravage. On ne saura jamais au juste où cela a commencé."

TLT-1, c.45, p. 170: "[...] Jamais se saberá onde isso começou."

A correspondência entre o enunciado em francês construído com "on" e o enunciado em português com sujeito indeterminado está correta. O que julgamos inconveniente em TLT-1 é a seqüência "se lhe", em desuso no português falado e escrito atualmente no Brasil.

O agente implícito do verbo no infinitivo é interpretado como de referência arbitrária em nossa proposta para tradução do cap. 25:

TLT-2, p .LIX: "Horse Marine é tão magra que dá para contar suas costelas quando levanta os braços".

253 Não temos reparo a fazer à tradução do trecho do cap. 45: o "se" apassivador permite a interpretação do enunciado genérico em que se subentende um agente com referência arbitrária. Mas também seria possível o uso do indefinido ninguém: "Ninguém jamais saberá ao certo onde isso começou."

Os exemplos que analisaremos a seguir são ligeiramente diferentes da série que acabamos de examinar. São eles:

TLO, c.45,p.172: "On pourrait croire que ma propre existence tumultueuse suffit désormais à Aurélie."

TLT-1, p.169: "Podia-se crer que doravante basta para Aurélie minha própria existência tumultuosa."

TLO,c.26,p.120: "Un adolescent, le bras en écharpe, s'avance si lentement qu'on dirait qu'il va tomber, à chaque pas."

TLT-1, c. 26, p.115: "Um adolescente, com o braço enfaixado, adianta-se tão lentamente que se diria iria cair a cada passo."

TLO, c.35, p.174: "Ses yeux rougis ne clignent pas. On dirait qu'il se soumet lui-même, sans aucune espèce de défense, au supplice de la lumière."

TLT-1, c.35,p.142: "Seus olhos congestionados não pestanejam. Dir-se-ia que se submete, sem qualquer espécie de defesa, ao suplício da claridade."

Os verbos "pourrait croire" e "dirait" introduzem orações modalizadas como *crenças* ou
 254 *previsões* atribuídas a todo e qualquer indivíduo (representado pelo pronome "on") a respeito do acontecimento relatado no enunciado anterior. Entretanto, como os verbos modalizadores estão no modo condicional, os enunciados em que se encontram tornam-se suposições a respeito da crença e da opinião de todos os indivíduos. E a suposição faz parte de um comportamento *elocutivo* e não *delocutivo*. Assim, embora o Eu-enunciador atribua a crença e a previsão a todos os humanos (através do emprego do pronome "on"), como se trata de uma suposição, o EU-enunciador passa a ser o elemento dominante na classe dos humanos.

Sob um outro ponto de vista, pode-se dizer que o EU-enunciador estende sua própria crença e sua própria opinião a respeito de um acontecimento a todos os outros indivíduos, mas como se trata de uma crença e de uma opinião sobre um acontecimento específico, a atribuição a toda a classe é marcada como uma suposição. Assim, o comportamento delocutivo marcado por "on" dissimula um comportamento elocutivo.

As traduções do pronome em TLT-1 são aceitáveis: pode-se traduzir construções com o pronome "on" por construções com o "se" apassivador ou indeterminador. Outros motivos nos levaram a rejeitá-las, no entanto.

No trecho do cap. 45, a combinação de tempos *passado* - *presente* num mesmo enunciado tal como ocorre em TLT-1 não é aceitável em português. Além disso, o imperfeito não traduz convenientemente, aí, o valor modal da forma "pourrait" do francês. Em TLT-2,
 255 ao contexto do que a referência arbitrária, optamos pela tradução seguinte, em que a crença é atribuída apenas ao EUe:

TLT-2, c.45,p. XCI: "Acredito que minha existência tumultuada baste a Aurelie atualmente."

No trecho do cap. 26, a seqüência "diria iria" produz um efeito de eco a ser evitado numa prosa romanesca. Traduzimos este trecho como se segue: "Um adolescente, com o braço na tipóia, move-se tão lentamente que parece a ponto de cair, a cada passo." (TLT-2, c.26, p. LXI)

Com esta tradução, mantivemos a ambigüidade entre os comportamentos delocutivo e elocutivo. Isto porque apesar do verbo "parecer" introduzir um processo independente da posição do sujeito enunciador, neste enunciado introduz uma previsão – que depende de uma atitude prospectiva do enunciador.

Em vários outros trechos do romance em que a seqüência "On dirait que..." se repete, quase sempre preferimos traduzi-la por "parece que", melhor do que a fórmula "dir-se-ia que..." cujo pronome mesoclítico soa rebarbativo por estar em desuso no português do Brasil. É o

que propomos, em TLT-2, na tradução do trecho do cap. 35: "parece submeter-se proposadamente, sem nenhuma defesa, ao suplício da luz." (p.LXXVII)

Nos exemplos seguintes temos ocorrências do pronome "on" com interpretações semelhantes às que acabamos de comentar:

256 TLO, c.4, p.23: "Oui, oui, je suis folle. C'est cela la folie [...] Rêver au risque de se détruire, à tout instant, comme si on mimait sa mort."

TLT-1, p. 19: "[...] Sonhar e correr o risco de se destruir a todo instante como se se imitasse a morte."

TLO, c.25,p.114: "Tante Adélaïde affirme qu'on voit le docteur Nelson à la messe le dimanche."

TLT-1, p.109: "Tia Adélaïde afirma que o Dr. Nelson foi visto domingo na missa."

TLO, c.30, p.133: "Le cabinet de toilette de ma mère. On étouffe ici. Cette odeur de renfermé. J'ai la nausée."

TLT-1, p. 128: "[...] A gente sente-se abafada aqui."

O pronome "on" no exemplo do cap. 4 interpreta-se como uma extensão a todo um subconjunto da classe dos humanos (composto pelos indivíduos que se encontram na mesma situação de "loucura" da personagem) da experiência subjetiva narrada pelo eu-enunciador. A tradução em TLT-1 resulta, mais uma vez, na seqüência "se se", a ser evitada num texto literário. Tradução que propomos, utilizando o pronome "quem" de referência arbitrária: "Sonhar correndo o risco de destruir-se, a cada instante, como quem fingisse a própria morte." (cap. 4)

O trecho do cap. 25 acima foi totalmente desvirtuado em TLT-1 pela má tradução da forma verbal "voit". Em TLO, trata-se da afirmação de um acontecimento que se repete regularmente — o que difere totalmente do valor aspectual *resultativo* da forma passiva "foi visto". Uma tradução possível seria: "Tia Adelaide afirma que o doutor Nelson é sempre visto na missa aos domingos."

257 Em TLT-2 optamos por uma mudança de ponto de vista: se o Dr. Nelson "é visto" na missa é porque ele está presente: "Tia Adelaide afirma que o doutor Nelson está sempre presente na missa de domingo." (TLT-2, c.25, p. LIV) Mantém-se, em nossa tradução, o comportamento delocutivo do enunciado do TLO.

No exemplo do cap. 30, o pronome "on" interpreta-se como tendo referência arbitrária, marcando um comportamento delocutivo que dissimula um comportamento elocutivo: o EU-enunciador não se assume enquanto ponto de referência principal de seu próprio discurso, atribuindo suas impressões sensoriais a todo o conjunto de indivíduos suscetíveis de se encontrarem nas mesmas circunstâncias. A respeito de TLT-1, julgamos inconveniente usar a forma "a gente" no discurso de Elisabeth enquanto narradora, como já dissemos.

Efetivamente, a tradução de "on étouffe" é problemática. A partícula "se" enclítica aos verbos "sufocar" ou "abafar", nos enunciados "Sufoca-se aqui" ou "Abafa-se aqui", que não têm objeto direto explícito, é interpretada como pronome apassivador. A interpretação como reflexivo fica prejudicada porque a referência à 3ª pessoa implícita não é identificável nas seqüências anteriores. Experimentando a tradução pela voz passiva analítica, o resultado também não foi satisfatório: "Fica-se sufocado aqui", pois o gênero masculino está em desacordo com a referência dissimulada à 1ª pessoa, que remete à personagem Elisabeth, do sexo feminino. Através de procedimentos tradutórios em que se muda o ponto de vista (a "modulação" segundo Vinay & Darbelnet, 1977, p.88) e a categoria gramatical de palavras do trecho a ser traduzido (a "transposição" segundo os mesmos autores, 1977, p. 50) encontramos a seguinte formulação, que julgamos melhor: "Isto aqui é sufocante." (TLT-2, c. 30, p. LXXI). O verbo do TLO foi traduzido por um adjetivo que implica um paciente, traduzindo-se pois implicitamente a referência arbitrária de "on" extensiva ao "je".

As ocorrências do pronome "on" examinadas até aqui, de referência arbitrária, admitiram traduções variadas. Entretanto, verificou-se como absolutamente inadequada a tradução de "on" por uma terceira pessoa do plural expressa na desinência verbal, por excluir tanto a 1ª quanto a 2ª pessoas. A título recapitulativo, listamos os vários recursos lingüísticos utilizados ao traduzirmos os enunciados construídos com pronome "on" genérico:

- Construção frasal que suprima qualquer referência ao agente.
- Uso do indefinido "ninguém" em enunciado negativo.
- Uso do pronome "quem" indefinido.
- Uso do infinitivo com sujeito arbitrário implícito.
- Uso do verbo *parecer* impessoal.
- Uso da voz passiva analítica com agente omitido.
- Uso da voz passiva pronominal (com o "se" apassivador) .

Ainda como possibilidades de tradução não utilizadas, listamos: uso do indefinido "alguém" e uso do pronome "se" indeterminador do sujeito.

259

4.3.1.2. O pronome "on" de terceira pessoa

No cap. 65, o seguinte trecho ilustra o emprego do pronome "on" delocutivo excluindo a 1ª e a 2ª pessoas:

Dans un champ aride, sous les pierres, on a déterré une femme noire, vivante, datant d'une époque reculée et sauvage. Etrangement conservée. On l'a lâchée dans la petite ville. Puis on s'est barricadé, chacun chez soi. Tant la peur qu'on a de cette femme est grande et profonde. [...] On n'en a sans doute jamais connu de semblable. (TLO, c. 65, p.250)

As duas primeiras ocorrências do pronome "on" são interpretadas como uma referência a um ou mais elementos não especificados do conjunto "*habitantes da cidadezinha*". As três últimas ocorrências assinaladas podem ser interpretadas como genéricas se considerarmos que se referem à totalidade de um conjunto, onde "on" pode ser glosado por: "Para todo indivíduo que é habitante da cidadezinha, é verdadeiro que ..."

O trecho correspondente em TLT-1 é o seguinte:

Desenterrou-se, num campo árido, debaixo das pedras, uma mulher preta, viva, datando de uma época longínqua e selvagem. [...] Deixaram-na na cidadezinha. Todos levantaram, depois, em suas casas, uma barricada, tal o grande e profundo pavor que sentiam. [...] Sem dúvida, jamais se vira coisa igual. (TLT-1, c.65, p. 247)

Tanto a tradução pelo apassivador "se" quanto pela 3ª pessoa do plural e mesmo pelo indefinido "todos" (traduzindo este, ao mesmo tempo, "on" e "*chacun*") são adequadas porque permitem a interpretação da referência a um sujeito não-específico (as duas primeiras ocorrências) e a um sujeito genérico (as duas últimas).

260

Preferimos, em TLT-2, não utilizar o pronome apassivador no primeiro enunciado, para evitar ambigüidade com a referência genérica que inclui a 1ª pessoa. A personagem narradora, neste trecho, identifica-se com a mulher que foi desenterrada e não com as demais pessoas:

Num campo árido, de baixo das pedras, desenterraram uma mulher negra, viva, originária de uma época remota e selvagem. Estranhamente conservada. Largaram-na na cidadezinha. Depois fizeram barricadas cada um em sua casa. Tão grande e profundo é o medo que têm dessa mulher. [...] Nunca se viu, provavelmente, nada parecido. (TLT-2, c. 65, p. CXXI)

No enunciado "Nunca se viu..." acima, interpreta-se o agente subentendido como referente ao que já foi interpretado nos enunciados anteriores, não havendo ambigüidade.

Arrolamos a seguir uma série de trechos em que se encontram exemplos do pronome "on" de referência genérica à totalidade de um conjunto (que exclui a 1ª e a 2ª pessoas), confrontando as formulações de TLT-1 com as de TLT-2:

TLO, c.35,p.145: "Il y a un homme blond et gros dans Sorel qui est las d'être chez les filles. / — On me soigne, on me bichonne! On me vole et on me viole! On me ruine aussi."

TLT-1, p. 140: "[...] Elas cuidam de mim, acariciam-me! Roubam-me e constroem-me! Arruinam-me também."

TLO, c.35, p.146: "Mais voici celle qu'on n'attendait pas. L'épouse en colère."

TLT-1, p.141: "Mas eis uma pessoa cuja vinda não se esperava. A esposa, presa de cólera."

Estes dois trechos fazem parte do capítulo em que é narrada a volta de Antoine

261

Tassy à casa da Rua Augusta, após alguns meses em que viveu entre mulheres vadias, separado de Elisabeth. Ao chegar à casa, Antoine só encontra os criados, situação que muda quando Elisabeth resolve "reconciliar-se" com ele.

No exemplo da pág. 145, a referência do pronome "on" se estende à totalidade dos elementos do conjunto de mulheres com que o personagem se envolveu. A tradução por "elas" é adequada, pois "on" é interpretado como co-referente a "filles" do enunciado anterior.

Em TLT-2 preferimos não explicitar o sujeito: "— Me fazem agrados, me papricam! Me roubam e me violentam! Me arruinam também." (TLT-2, c.35, p. LXXV).

No exemplo da p. 146, a referência do pronome "on" é à totalidade do conjunto das pessoas presentes. A tradução em TLT-1, com o pronome apassivador, é adequada, pois permite esta interpretação. Em TLT-2 utilizamos o indefinido *ninguém*: "Eis entretanto aquela que ninguém esperava." (c.35, p. LXXVII). Aqui, a referência a um agente genérico é interpretada como extensiva apenas ao conjunto das pessoas presentes à chegada.

Uma outra ocorrência de pronome "on" análoga a estas duas últimas é a seguinte:

TLO, c.60,p.224: "Déjà on s'étonne, au manoir, de l'absence prolongée du jeune seigneur."

TLT-1, p.221: "Já causa estranheza, na mansão, a prolongada ausência do jovem senhor."

No enunciado de TLT-1 interpreta-se que a "estranheza" afeta todos os elementos do conjunto de moradores da mansão — tal como a interpretação do pronome "on" do TLO.

Os exemplos seguintes são análogos aos dois primeiros do trecho do cap. 65 citado no início desta sub-seção, isto é, são não-específicos:

TLO, c.35, p.145: "Ordonne qu'on lui taille cette barbe immédiatement."

TLT-1, p.140: "Ordena que lhe façam imediatamente a barba."

TLO, c. 35, p.147: "Il demande à voir ses fils. On les lui amène."

TLT-1, p.42: "Pede para ver os filhos. Trazem-nos para ele."

As traduções em TLT-1 são adequadas, pois nos dois trechos do TLO a referência do pronome "on" é a um ou mais indivíduos não-especificados, com exclusão da 1ª e a 2ª pessoas. Nossa proposta em TLT-2, para o exemplo da p. 42, é diferente: "Alguém os traz à sua presença" (TLT-2, p. LXXVII). A tradução pelo indefinido *alguém* também teria sido possível para o trecho da p. 145. Tal como a forma verbal na 3ª pessoa do plural, o indefinido *alguém* refere-se a uma parte não especificada de um conjunto que também exclui, neste contexto, as 1ª e 2ª pessoas.

Apresentamos ainda dois outros exemplos, cuja tradução em TLT-1 é criticável:

TLO,c.2,p.12: "Depuis quelque temps on rôde dans la ville."

Tradução em TLT-1: "Já faz tempo que gente anda rondando pela cidade." (p. 8).

TLO, c.26, p.120: "On bouge et on respire bruyamment, derrière la cloison."

Em TLT-1: "Mexe-se e respira-se ruidosamente por trás da divisão de madeira." (p. 115).

No exemplo do cap. 2, o substantivo "gente" não está corretamente empregado em função de sujeito. Tal substantivo não precedido de determinante aparece preferentemente

em função de objeto direto. Assim, a seguinte tradução seria mais adequada: "Já faz tempo que há gente rondando pela cidade." Nossa proposta em TLT-2 faz uso da 3ª pessoa do plural:

TLT-2, c.2, p. IX: "Já faz algum tempo que andam rondando pela cidade."

A tradução do trecho do cap. 26 tem o inconveniente da ambigüidade: o pronome de "mexe-se" pode ser interpretado como reflexivo, como co-referente do sujeito da oração anterior ("Espero que o médico tenha terminado a consulta" – TLT-1, p.115). Propomos em TLT-2 a tradução pelo indefinido *alguém*, que, como nos exemplos anteriores, refere-se a uma parte não-específica de um conjunto: "Alguém se mexe e respira ruidosamente, por trás da parede de madeira." (TLT-2, p. LXII).

Vimos então que os enunciados construídos com o pronome "on" referindo-se à totalidade de um conjunto que exclui a 1ª e a 2ª pessoas admitiram as seguintes possibilidades de tradução coincidentes com as utilizadas para traduzir este mesmo pronome extensivo a toda a classe dos humanos:

264

- Uso do indefinido "ninguém".
- Construção passiva com o pronome "se".
- Construção em que se desloca o complemento para a posição de sujeito, deixando subentendida a referência a um agente genérico.

Certamente, em outros exemplos, teria sido possível traduzir-se os enunciados com pronome "on" genérico de 3ª pessoa por outras construções que dispensam a explicitação do agente, por construções com o indeterminador "se" e por construções na voz passiva analítica com agente subentendido.

Verificamos então que a principal construção, em português, característica da referência à 3ª pessoa genérica é a construção com o verbo na 3ª pessoa do plural sem sujeito expreso, tendo sido freqüentemente utilizada por nós em TLT-2.

Construções próprias ao "on" não-específico: uso do indefinido "alguém" e da construção "há gente que". Possibilidade não utilizada: "há pessoas que".

As construções seguintes são comuns ao "on" não-específico e ao "on" genérico (que inclui a 1ª e a 2ª pessoas):

- Construção passiva pronominal (com o pronome "se") .
- Construção com o pronome indeterminador "se".

Construção comum ao "on" genérico de 3ª pessoa: a que utiliza o verbo na 3ª pessoa do plural, além das duas acima.

Temos a observar que o uso das construções com os pronomes "se" apassivador e indeterminador por vezes tornam-se ambíguas, sendo preferíveis outros tipos de construção.

4.3.1.3. O pronome "on" não-delocutivo

265

Encontramos em *Kamouraska* alguns exemplos de emprego do pronome "on" típicos da variante oral coloquial do francês. São ocorrências do pronome que marcam um comportamento elocutivo, onde freqüentemente a 1ª pessoa do discurso se associa a outras, em combinações variadas. Encontramos igualmente um exemplo de pronome "on" alocutivo.

Os exemplos são os seguintes:

TLO, c. 4, p. 23: "On verra bien si cette charrette de malheur existe."

TLT-1, p. 20: "Ver-se-á se existe realmente aquele carro de desgraça."

Esta tradução, péssima pelos mais diversos motivos, não está errada quanto à tradução do pronome "on". É possível usar-se o apassivador neste caso, ficando implícito o agente, facilmente interpretável graças às circunstâncias do discurso. Entretanto, propomos uma outra tradução: "Vamos ver se essa carroça infame existe mesmo."

Nesta parte do monólogo interior da Sra. Rolland, ela está distante do marido. O pronome "on" refere-se tão somente à 1ª pessoa. Como em português a 1ª pessoa do plural também pode ser utilizada para referir-se apenas a uma pessoa, principalmente com o verbo "ir" seguido de infinitivo, foi esta a solução que achamos mais conveniente.

TLO, c.5, p.27: "Ces grands filets marins que l'on entraîne, ensemble."

TLT-1, p. 23: "Essas redes marinhas que se puxa, juntos."

266

Totalmente contrário à norma propugnada pelas gramáticas normativas da língua portuguesa, pela não-concordância do verbo com o sujeito, este enunciado de TLT-1 nos parece estranho e inadequado também porque "juntos" não é interpretável como um aposto ao agente subentendido, mas como ao paciente — o que torna o enunciado sem sentido. No enunciado do TLO, interpreta-se "on" como referente a uma 1ª pessoa do plural que inclui a 2ª pessoa, e por isso propomos a seguinte tradução em TLT-2:

"As grandes redes de pesca que puxamos juntos." (c. 5, p. XVIII).

TLO, c. 58, p.214: "Clermont s'est assis dans le lit avec moi. On a écouté, tous les deux, cogner à la porte."

TLT-1, p. 211: "Clermont sentou-se no leito comigo. Pusmo-nos a escutar, todos os dois."

A tradução pela 1ª pessoa do plural está correta. Trata-se da referência a uma 1ª pessoa que inclui uma 3ª pessoa. Entretanto, como se trata do depoimento de uma personagem marcada como "não-culta", é conveniente modificarem-se os dois enunciados de modo a melhor adequá-los a esta característica da personagem. Nossa proposta:

"Clermont sentou na cama comigo. Ficamos os dois escutando bater na porta." (c.58).

Eliminamos a ênclise do pronome reflexivo "nos", pouco usada na variante oral, e o reflexivo do verbo "sentar-se", além de preferirmos o vocábulo "cama" a "leito".

TLO, c.35, p. 146- "Réconcilions-nous avec mon mari, une bonne fois, et qu'on n'en parle plus."

267

TLT-1, p. 141: "Reconciliemo-nos com meu marido de uma vez por todas, e não se fale mais nisso."

O pronome "on" refere-se às três pessoas do discurso, neste exemplo: Elisabeth refere-se a si mesma e às tias, à mãe e aos criados que a escutam, e a quaisquer outras pessoas que mesmo não estando presentes poderiam comentar mais tarde o assunto. Nossa proposta em TLT-2 difere em outros aspectos:

"Vamos nos reconciliar com meu marido de uma vez por todas, e não se fala mais nisso." (c. 35, p. LXXVII).

Evitamos mais uma vez a ênclise do pronome "nos" reflexivo. Além disso, traduzimos o imperativo pela fórmula consagrada no português coloquial dos centros urbanos brasileiros: "não se fala mais nisso", onde não utilizamos a forma do imperativo negativo da gramática normativa, mas a que normalmente se diz em circunstâncias de discurso semelhantes.

TLO, c. 30, p. 133: "Je parle pour qu'on m'entende, Madame."

Em TLT-1: "Falo para que me escutem, madame."

Este é o único exemplo caracteristicamente alocutivo do pronome "on" que encontramos no TLO. Refere-se, ao mesmo tempo, à 2ª pessoa a quem se dirige Aurélie e às demais pessoas da casa. A tradução de TLT-1 é adequada, pois a 3ª pessoa do plural, em português, graças ao uso das formas de tratamento, permite a referência que inclui a 2ª pessoa.

Embora o pronome "on", chamado por Grevisse (1975, p.555) de pronome "camaleão", também possa referir-se exclusivamente à 2ª pessoa, não encontramos exemplos desse tipo em *Kamouraska*.

268

As possibilidades de tradução do pronome "on" elocutivo não se limitam às que enumeramos aqui. Além do pronome apassivador, do pronome indeterminador e da 1ª pessoa do plural, também seria possível a tradução pelo indefinido "a gente".

Para o pronome "on" alocutivo, a 3ª pessoa do plural, o pronome apassivador e o pronome indeterminador são as possibilidades mais frequentes.

Verificamos, nesta sub-seção 4.3.1, como a tradução do pronome "on" depende estreitamente da interpretação de seu papel enunciativo e da vizinhança discursiva.

Apesar do fato de as construções com pronome apassivador e pronome indeterminador poderem ser utilizadas para a tradução de todas as ocorrências de "on", a conveniência em utilizá-las vai depender do enunciado e da vizinhança discursiva, pois se prestam a ambigüidades com o pronome "se" reflexivo. E por vezes, se prestam a

ambigüidades interpretativas, por só excluírem a 1ª pessoa quando a vizinhança discursiva é suficientemente clara quanto à referência ao agente.

É necessário saber distinguir que tipo de comportamento enunciativo está sendo marcado pelo pronome "on", porque certas distinções são pertinentes: o delocutivo que exclui a 1ª e 2ª pessoas admite a tradução pela construção com o verbo na 3ª pessoa do plural, enquanto os outros tipos não admitem tal construção. Na maioria dos casos, só se distingue que tipo de comportamento está em jogo se for levada em consideração a rede de
 269 co-referências construída de enunciado para enunciado dentro do texto. E sempre tomando como principal ponto de referência o EU-enunciador e suas relações com os demais protagonistas da "mise-en-scene" discursiva.

4.3.2. Tradução do "discurso citado" e das alusões

Ao "convocar um universo de discurso que não pertence propriamente ao enunciador" (Charaudeau, 1983, p.64) o EU-enunciador se ausenta enquanto tal para dar lugar à voz de um outro enunciador.

Em *Kamouraska*, ao construir sua narrativa, o EUe1 (o narrador onisciente) entra no universo de discurso de um de seus personagens, a saber, Elisabeth. Os discursos dos outros personagens, já nesta instância, funcionam como reprodução do discurso do outro, posto que ficam fora do circuito EUe1 - TUd1.

Quando um dos ELEx1 se torna um narrador — isto é, quando a personagem Elisabeth ganha *status* de narradora, passando a integrar o circuito enunciativo EUe2 - TUd2 — alguns personagens construídos nesta instância ganham o "status" de enunciadores. E, mais uma vez, tem-se a reprodução de discursos outros, dentro da narrativa de Elisabeth. Tais discursos, em forma de diálogos ou de depoimentos, são construções intertextuais ficcionais, pois são produzidos "como se" não pertencessem ao narrador, o qual procura diferenciá-los do seu de alguma forma.

Para efeitos da análise das questões ligadas à tradução desses discursos, a eles nos
 270 referiremos como *discursos citados* dentro da narrativa.

Uma outra ordem de citações pontua o discurso de Elisabeth: são as citações de "fragmentos de discurso que pertencem a um saber que se supõe compartilhado pelos membros de uma mesma comunidade sociolinguística." (Charaudeau, 1983, p.65). São citações cuja identificação depende, pois, precipuamente, de um fundo cultural comum entre o escritor e o leitor.

Embora tais citações sejam bastante claras ao longo do romance, a elas nos referiremos sob a designação de *alusões*.

4.3.2.1. O discurso citado

O discurso citado é construído como se fosse a reprodução da fala espontânea dos personagens. É, portanto, marcado como a realização de uma variante sociolingüística diferente daquela utilizada pelos narradores.

Essas marcas tanto podem identificar-se na escolha do léxico, no tipo de estruturação frasal e mesmo no uso de formas consideradas "erradas" segundo a língua padrão.

Na maioria das vezes não é possível utilizar-se o mesmo tipo de marca da LO, e por isso o tradutor deve procurar outras marcas, na LT, que produzam o mesmo efeito de diferenciação de variante sociolingüística.

Mostraremos em seguida como procedemos, em várias passagens de nossa tradução, para marcar o discurso citado como pertencente a uma variante diferente do discurso do narrador, confrontando-as com TLT-1.

271

Dos diálogos entre o Sr. e a Sra. Rolland, destacamos os seguintes trechos do cap. 5:

TLO, c. 5, p. 26:

— Elisabeth! Elle s'appelait comment cette fille?

— Quelle fille? Que veux-tu dire?

[...]

— Tu sais bien, celle qui fumait la pipe? Elle s'appelait Aurélie Caron. Je me souviens maintenant...

[...]

— Pourquoi parles-tu de cela? Qu'est-ce qui te prend?

Tradução em TLT-1, p.22:

— Elisabeth! Como se chamava mesmo a mulher?

— Que mulher? Que quer você dizer?

[...]

— Você sabe bem, aquela que fumava cachimbo. Ela chamava-se Aurélie Caron. Lembro-me agora...

[...]

— Por que está falando nisso? Que se passa com você?

Verificamos, em TLO, que apesar de a intriga do romance ser situada em meados do século XIX, não há da parte do escritor a tentativa de reproduzir o tipo de linguagem da época. Os diálogos construídos não diferem dos que poderiam ser atribuídos a personagens do nosso século, a não ser talvez por um uso mais freqüente da interrogação com inversão do sujeito. Entretanto, no exemplo acima, no enunciado "Elle s'appelait comment cette fille?" o interrogativo permanece em posição pós-verbal e o sujeito pronominal é co-referente a um sintagma deslocado para a direita. Tal estruturação é característica do francês coloquial atual.

Diferentemente do que fez o tradutor de TLT-1, preferimos marcar tal diálogo como

272

uma manifestação do discurso oral espontâneo dos dois personagens:

TLT-2, c.5, p. XVII:

— Elisabeth! Como é que se chamava aquela mulher?

—Que mulher? Do que é que você está falando?

[...]

—Você sabe, aquela que fumava cachimbo? Ela se chamava Aurelie Caron. Agora me lembro...

[...]

—Por que está falando disso? O que deu em você?

As formas interrogativas compostas "como é que" e "do que é que" são mais identificáveis como características do discurso oral do que as formas simples utilizadas em TLT-1. Os pronomes pessoais átonos proclíticos também. E a pergunta "O que deu em você?" é também mais característica do que "Que se passa com você?" — não apenas pelo uso idiomático do verbo "dar" como pelo uso da forma interrogativa "o que" em vez de simplesmente "que".

No cap. 6, o seguinte enunciado de Anne-Marie:

TLO, p. 34: " — O maman laisse-moi te coiffer."

Traduzido por:

TLT-1, p.31: "— Oh, mamãe, deixe-me penteá-la!"

E que preferimos traduzir por:

TLT-2, p. XXVIII " — Mamãe, pode deixar que eu penteio você!"

Em nossa tradução, evitamos as duas ênclises que tornariam artificial a fala de Anne-Marie, filha de Elisabeth com o Sr. Rolland. Examine-se igualmente o seguinte enunciado de Elisabeth no cap. 11:

TLO, p.63: " — Et les garçons, Aurélie? Parle-moi des garçons?"

273

Traduzido em TLT-1 por: " — E os rapazes, Aurélie? Fale-me dos rapazes." (p. 60)

E que nós traduzimos por:

TLT-2, p. XL: — E os rapazes, Aurelie? Me fala dos rapazes."

O imperativo na 2ª pessoa e a próclise do pronome pessoal caracterizam melhor o tom de súplica de Elisabeth adolescente ao falar pela primeira vez com Aurélie, preferível ao enunciado que usa a terceira pessoa e a ênclise no TLT-1.

Outro fragmento de diálogo entre Elisabeth e Anne-Marie, no cap. 65:

TLO, p.247: " — Anne-Marie, ma petite fille, je descends tout de suite. Passe-moi un mouchoir, là, dans le tiroir."

TLT-1, p.245: " — Anne-Marie, minha filhinha, já vou descer. Tire um lenço ali da gaveta.

TLT-2, p. CXIX: " — Anne-Marie, minha filhinha, já vou descer. Me traz um lenço, ali, da gaveta."

Neste trecho, preferimos mais uma vez a forma da 2ª pessoa do imperativo, combinada com a próclise, marcando a súplica de Elisabeth dirigida à filha. A forma de 3ª pessoa do imperativo é usada preferentemente, na variante coloquial, ao se dar uma ordem.

No cap. 16, a fala de Aurélie é marcada como a realização de uma variante oral geralmente qualificada como "popular" (já nos referimos a isso em outros pontos do presente estudo). Destacamos o trecho seguinte:

274

TLO, p. 81: " — Je peux pas aller plus loin. Vous savez bien. J'ai jamais été en service au manoir de Kamouraska, moi. Je suis venue seulement une fois dans ces parages... Mais sans jamais entrer au manoir... Rapport à une certaine commission que..."

Em TLT-1: — Não posso ir mais longe. Sabe muito bem. Nunca trabalhei na mansão de Kamouraska. Vim somente uma vez a essas paragens... Mas sem jamais entrar na mansão... Foi com relação a certa incumbência que... (p.77)

A comparar com TLT-2, p.XLVI:

— Não posso continuar não. A madame sabe disso. Pois se eu nunca trabalhei no solar de Kamouraska. Só vim aqui uma vez, nestas paragens. Mas sem entrar no solar... Pra fazer um trabalho que...

No trecho de TLT-1, destacamos como inconveniente o uso do vocábulo "incumbência", que soa erudito demais para ser usado por Aurélie — ainda mais para traduzir "commission", de uso freqüente em francês.

Examinando o trecho de TLO, observa-se: supressão da partícula de negação "ne" no primeiro e terceiro enunciados; a retomada do sujeito pelo pronome tônico; o uso de "seulement" em vez das formas "ne...que"; o uso da lexia "rapport à". Tais particularidades lingüísticas caracterizam a fala de Aurélie como representante da variante popular.

Procuramos utilizar algumas construções que marcassem uma variante oral identificada como "não-culta" pelos leitores brasileiros: a repetição do advérbio de negação, o uso da combinação de conjunções "pois se", a preposição "em" introduzindo um complemento do verbo "vir", a contração da preposição "para". Além disso explicitamos os sujeitos mais do que em TLT-1.

275

No cap. 30, destacamos outra fala de Aurélie:

TLO, p.135: " — Madame a reçu le coup de poing de Monsieur dans le côté. Je l'ai vue toute pliée en deux de douleur. Monsieur est tout de suite sorti de la maison, avant que personne ait pu l'arrêter. En passant la porte il jurait beaucoup. Monsieur répétait: "Je t'interdis d'aller à ce bal. Je t'interdis..."

Em TLT-1, p. 130: " — Madame recebeu um murro do patrão na costela. Eu a vi dobrar-se de dor. O patrão saiu logo de casa antes que alguém pudesse detê-lo. Praguejava muito quando saiu. O patrão dizia: "Proíbo você de ir a esse baile. proíbo..."

A marca da variante popular, neste trecho, é a supressão da negação "ne" em "avant que personne ait pu..." Além disso, o discurso de Aurélie está cheio de repetições da forma "Monsieur", o que contribui para caracterizar a sua fala como a de uma serviçal.

A tradução de TLT-1 introduz inadequações que descaracterizam o discurso de Aurélie: "receber um murro", "dobrar-se de dor", "detê-lo" são escolhas lexicais que pertencem de preferência à variante culta. Do mesmo modo que a construção em que o sujeito do infinitivo é expresso pelo pronome oblíquo: "eu a vi dobrar-se...". O mesmo se pode dizer das ênclises.

A comparar com a nossa proposta:

TLT-2, p. LXXIII: " — A madame levou um soco do patrão nas costelas. Eu vi quando ela ficou toda encolhida de dor. O patrão saiu logo de casa, pra não ser pego. Quando ele passou pela porta estava praguejando e repetindo: 'Eu te proíbo de ir a esse baile. Eu te proíbo...'"

276

Em vez de "receber um murro", "levou um soco"; em lugar da construção com o infinitivo, a construção com a conjunção "quando". E mais: "pra não ser pego" traduzindo "avant que personne ait pu l'arrêter", com a contração da preposição e a forma "prego", mais freqüente do que a do verbo "deter" acompanhado de pronome enclítico. Todas essas particularidades nos parecem mais convenientes para caracterizar o discurso de Aurélie.

Há ainda duas falas de Aurélie a comentar, no cap.45:

TLO, p.172: "— Votre histoire d'amour avec Monsieur le docteur me fait mourir, Madame!"

TLT-1, p. 169: "— Madame seu caso de amor com o doutor me faz morrer."

TLT-2, p. XCII: "— Sua história de amor com o doutor me mata, Madame!"

No trecho acima, a inadequação está na tradução literal de "me fait mourir", que soa artificial. A outra fala:

TLO, p. 172: "— Votre petit docteur nous a jeté un sort, c'est certain."

TLT-1, p. 169: "— Seu jovem doutor nos lançou um sortilégio, não há dúvida sobre isso."

TLT-2, p. XCII: "— O seu doutorzinho nos enfeitiçou, isso é que é."

Em TLT-1, "jovem doutor" e "Não há dúvida sobre isso" são construções inadequadas para caracterizar o discurso de Aurélie. Com o diminutivo, traduzimos o tom pejorativo de "petit docteur"; e com "isso é que é" a afirmativa "c'est certain" numa forma mais breve e coloquial.

277

No cap. 59 alguns diálogos são marcados como pertencentes a uma variante oral popular:

TLO, p.216: "— C'est pas dans ces chemins-ci, avec toute cette neige blanche, que vous avez pu attraper grand'saleté, ou saloperie?"

TLT-1, p. 213: "Não é nesses caminhos daqui, com toda essa neve branca, que o senhor teria apanhado uma grande sujeira ou porcaria."

Nesta tradução, a inadequação está na forma verbal "teria apanhado", inverossímil como parte do discurso do hospedeiro. Nossa proposta:

TLT-2, p. CV: "— Não foi nos caminhos daqui de perto, com toda essa neve branca, que ficou tudo emporcalhado assim, não é mesmo?"

No depoimento que se segue, nesse mesmo capítulo, destacamos os seguintes trechos:

— J'ai pris la cuvette et un picot, sous le siège du traîneau, comme le voyageur m'avait dit de le faire. [...] Il y avait des larmes de sang pendantes qui étaient glacées sur le traîneau. [...] J'étais effrayé, mais pas autant que je l'ai été, après le départ du voyageur, après réflexion. Il m'a accompagné dans la remise pour laver son traîneau. [...] Comme il faisait froid, ça gelait à mesure. [...] Et surtout de ne pas oublier de le réveiller à cinq heures, le lendemain matin. [...] Il s'est mis à laver ses peaux, dans une cuve que je lui ai donnée, avec de l'eau chaude que j'avais mis chauffer dans la bombe, et qu'il mêlait avec l'eau froide. Il m'a demandé un verre de vin chaud. [...] Quinze minutes plus tard, il m'a demandé une des peaux de son traîneau pour la mettre sur son lit, qu'il avait si froid qu'il n'arrivait pas à se réchauffer. (C. 59)

Confrontando com o TLT-1, p. 214:

278

– Tirei a bacia e um martelo de debaixo do assento do trenó conforme o viajante me havia dito para fazer. [...] Havia gotas de sangue pendentes que tinham ficado congeladas no trenó. [...] Fiquei assustado, mas não tanto quanto depois que o viajante partiu, após refletir sobre aquilo. Ele me acompanhara até o galpão para lavar o trenó. [...] Como fazia frio, a água logo gelava. [...] E pediu-me que não me esquecesse de acordá-lo de manhã às cinco horas. [...] Pôs-se a lavar as peles numa bacia que lhe dei com a água que eu esquentara e que ele misturara com água fria. Pediu-me um copo de vinho quente. [...] Um quarto de-hora mais tarde pediu-me uma das peles de seu trenó, para colocá-la sobre a cama, dizendo que fazia tanto frio que não conseguia esquentar-se.

Neste trecho, o uso do auxiliar *haver* em vez de *ter*, do verbo *haver* impessoal em vez de *ter*, do mais-que-perfeito simples, das repetidas ênclises e de um léxico que se identifica como da variante culta constituem inadequações na tradução do depoimento do hospedeiro. Remetemos às páginas CV e CVI de TLT-2, onde se pode verificar: o uso do mais-que-perfeito composto com auxiliar *ter*, o uso do verbo *ter* em lugar de *haver* impessoal, uso freqüente de próclises, uso do pronome *ele* como objeto direto, uso do objeto indireto com a preposição *para* ("para ele") em vez de *lhe*, cuidado em escolher unidades lexicais que não sejam identificadas como da variante culta. Todas essas características, em TLT-2, contribuem para marcar o discurso do hospedeiro como um *discurso citado*, diverso do discurso do narrador.

Estas mesmas características — tanto as inadequações do TLT-1 quanto as propostas de marcar o discurso citado em TLT-2 — são as que encontramos no depoimento de Victoire Dufour, na seqüência deste cap. 59, e que transcrevemos a seguir, limitando-nos a sublinhar, em TLT-1, as inadequações e em TLT-2, as marcas da variante oral:

279

— Je lui ai dit, par deux fois, que cet homme-là avait dû tuer quelqu'un. Je suis rentrée dans la chambre du voyageur pour chercher le vaisseau d'eau dans lequel il s'était lavé. [...] Je l'ai vu gratter et frotter ses bas, avec ses mains, le matin, avant son départ. [...] Quand j'ai été dans la chambre pour faire le lit, j'ai trouvé la courtepointe pleine de sang et des gouttes de sang sur le plancher, autour du lit, près du poêle, là où il avait mis son sac. Il paraissait fuir notre regard, tant qu'il a été dans la maison. J'ai vu les peaux, rouges de sang sur le cuir travaillé en rasades. (TLO, c. 59, p.220).

— Falei-lhe duas vezes que aquele homem sem dúvida matara alguém. Entrei no quarto do viajante para procurar a vasilha d'água na qual ele se lavara. [...] Vi-o raspar e esfregar as meias com as mãos, de manhã, antes de sua partida. [...] Quando fui fazer a cama, no quarto, encontrei a colcha cheia de sangue e gotas de sangue também no soalho, em redor do leito, perto do fogão, no lugar em que ele colocara o saco. Ele parecia evitar meu olhar quando estive em nossa estalagem. Vi as peles manchadas de sangue sobre o couro que raspara. (TLT-1, p.217)

— Eu falei para ele, duas vezes, que na certa, aquele homem tinha matado alguém. Entrei no quarto do viajante para procurar a vasilha d'água onde ele tinha se lavado. [...] Eu vi quando ele raspou e esfregou as meias com as mãos, de manhã, antes de ir embora. [...] Quando estive no quarto para fazer a cama, achei a cobertura cheia de sangue e vi gotas de sangue no chão, em volta da cama, perto

do fogão, onde ele tinha posto a sacola. Ele parecia fugir do olhar da gente, enquanto esteve na casa. Eu vi as peles, que estavam com o couro tinto de sangue. (TLT-2, p.CX)

Não pretendemos, com estes exemplos, dar conta de todas as passagens de discurso citado. Arrolamos apenas alguns dos principais procedimentos que, em português, podem ser utilizados para diferenciar, numa tradução, um trecho que é intencionalmente marcado como a reprodução do discurso de uma variante oral "não-culta", seja ela coloquial ou popular, do que é escrito na variante considerada padrão.

280

Isso não quer dizer que o discurso da narradora-personagem Elisabeth esteja todo ele construído segundo as normas da "língua padrão" que está codificada nos compêndios gramaticais. Na tradução, no que diz respeito à próclise, por exemplo, nós a utilizamos toda vez que a narração cedia lugar a manifestações de sentimentos e sensações da personagem com relação ao narrado. E mesmo durante a narração, não utilizamos a ênclise em construções que, em nosso julgamento, pareceriam artificiais. Socorremo-nos, muitas vezes, da leitura de textos e jornais atuais e de romances e contos de escritores modernos, para nos convenceremos de que o uso da próclise, em enunciados como "o sol se pôs por trás da casa" (TLT-2, c.10, p.XXXI) é preferível a "O sol pôs-se por trás da casa", que a nós soa artificial. E, em outro enunciado no mesmo capítulo: "Aurelie me segura pelo braço" (TLT-2, p.XXXII). Tal enunciado nos parece preferível a "Aurelie segura-me pelo braço", que obedece à regra estrita da gramática normativa.

Não nos estenderemos mais a respeito desta questão, pois o uso da próclise alternando com o da ênclise na língua portuguesa falada e escrita no Brasil é certamente objeto de estudos entre as diferentes correntes da lingüística.

4.3.2.2. As alusões

281

Distinguimos em *Kamouraska* os seguintes tipos de *alusões*: aquelas que constituem citações postas em destaque no texto e aquelas que integram o discurso de um personagem e só são identificadas como tais se o TU-interpretante tiver as mesmas referências culturais do EU-comunicante.

Se procurarmos distinguir as alusões segundo a sua *origem*, verificamos que trechos da Bíblia, por exemplo, ora são apresentados como citações, ora são inseridos no discurso dos personagens. Segundo a origem, há ainda os seguintes tipos de citações: trechos de cerimônias religiosas católicas, trechos de hinos religiosos, trechos de preces e trechos de canções folclóricas de roda.

Examinaremos vários exemplos de alusões, procurando principalmente comentar o procedimento adotado em TLT-1 ao traduzi-las, em confronto com a nossa concepção de tradução.

São os seguintes, os trechos de cerimônias religiosas que encontramos (acompanhados das traduções de TLT-1) :

TLO, c.7, p.38: "[...] Mme. Jérôme Rolland pour le meilleur et pour le pire. Ah! le pire est arrivé!"

TLT-1, p.34: "[...] Sra. Jérôme Rolland, para o melhor e o pior. Ah! chegou o pior!"

TLO, c.8, p.40: "Dieu seul déliera ce qu'il a lié."

TLT-1, p.37: "Somente Deus desunirá aqueles que ele uniu."

TLO, c.10, p.58: "Je renonce à Satan, à ses pompes et à ses oeuvres, et m'attache à Jésus Christ pour toujours."

TLT-1, p. 54: "Renuncio a Satanás, a suas pompas e suas obras, e me uno a Jesus Cristo para sempre."

282 TLO, c.34, p. 142: "Docteur, je suis malade, sauvez-moi. Docteur Nelson, docteur Nelson, ayez pitié de moi!"

TLT-1, p.138: "Dr. Nelson, estou doente, ajude-me. Dr. Nelson, Dr. Nelson, tenha piedade de mim!"

Dos trechos acima, somente o do capítulo 10 está identificado como uma citação em TLO: trata-se da renovação, na Primeira Comunhão, dos juramentos do batismo. Nossa tradução, em TLT-2, pouco difere do TLT-1 (cf. TLT-2, p.XXXIV).

Os exemplos dos capítulos 7 e 8 são alusões livres a trechos da cerimônia de casamento. O trecho do cap. 8 alude livremente à passagem de São Mateus, 19:6, e São Marcos, 10:9: "*Eh bien! ce que Dieu a conjoint, que l'homme ne le sépare pas!*" (cf. La Sainte Bible, 1983), que encerra a cerimônia. A tradução de TLT-1 permite ao leitor identificar a alusão, e a consideramos, por isso, aceitável.

O trecho do cap. 7 é uma alusão ao juramento de fidelidade dos noivos. Preferimos uma tradução em que possa ser mais facilmente identificada pelo leitor: "[...] Sra. Jerome Rolland, na alegria e na tristeza. Ah! chegou a hora da tristeza!"

O trecho do cap. 34 contém um fragmento alusivo à primeira parte do *Intróito da Missa*: "ayez pitié de moi". Para marcar esta alusão em português, propomos o uso da 2ª. pessoa do plural: "Dr. Nelson, estou doente, ajudai-me. Dr. Nelson, Dr. Nelson, tende piedade de mim!" Como se trata de uma cena que faz parte do pesadelo de Elisabeth, não é incoerente que a súplica da criança doente seja confundida com as palavras dos fiéis durante a missa.

283 No cap. 3, identifica-se a citação de um hino em louvor a Nossa Senhora: "Au ciel, au ciel, j'irai la voir un jour." (Entre aspas no original; TLO, p.20). Para nós, uma tradução conveniente seria "No céu, no céu, com minha mãe estarei", parte de um hino bastante conhecido

dos que professam a fé católica em nosso país. No TLO, o destaque das aspas dá a este verso o *status* de citação, referência de Elisabeth à educação religiosa de seus filhos.

Achamos preferível a tradução por um hino equivalente, em vez da tradução apresentada em TLT-1: "Ao céu, ao céu, onde a irei ver um dia" (p.16).

Dois trechos de preces citados são facilmente identificados: "Délivrez-nous du mal" (c.18, p.90, TLO) é um trecho da prece *Pai Nosso*, e foi convenientemente traduzido em TLT-1 por "Livrai-nos do mal" (p.85-86), conservando a 2ª. pessoa do plural, tal como a prece era rezada em português ao tempo em que se desenrola o romance.

A outra citação é "Je vous salue Marie" (c.21, p.99), não identificada pelo tradutor de TLT-1, que pensou tratar-se de outra: "Salve-Rainhas" (TLT-1, p.94). Na verdade, é uma referência à prece *Ave Maria*, e a tradução do enunciado em que se encontra poderia ser: "Milhares de 'Ave-Marias' dissimuladas, verdadeiras agulhas envenenadas, ricocheteiam no coração resistente de Antoine Tassy." (C. 21)

A citação do sinal da cruz "*In nomine Patris*", do cap. 36, p. 150, foi mantida convenientemente em latim, no TLT-1, p.145.

Uma última citação de prece é identificada como tal em TLO, cap. 63, p.238 e 239.
 284 Por se tratar de prece pouco familiar aos leitores brasileiros, e por ter sido identificada como tal, não temos reparo a fazer à tradução fornecida em TLT-1, p.235 e 236.

Com relação a passagens bíblicas, as citações apresentadas como tais são as seguintes:

TLO, c.28, p.129: "A celui qui n'a rien, il sera encore enlevé quelque chose."

TLT-1, p.123: "Àquele que nada tem, ainda assim alguma coisa lhe será tirada."

TLO, c. 45, p.173: "Mon père pourquoi m'avez-vous abandonné?"

TLT-1, p. 170 "Meu pai, por que me abandonastes?"

Confrontando estes trechos com as citações que lhes correspondem numa tradução atual da Bíblia, encontramos diferenças de formulação. O trecho correspondente ao do cap. 28 repete-se nos Evangelhos de São Mateus (13:10-14) e São Marcos (14:24-25) : "à celui qui ne possède rien, on ôtera même ce qu'il croit avoir." (La Sainte Bible, 1983).

Como se pode verificar, a formulação da citação, no romance, é mais simples do que esta, o que descarta a hipótese de que a autora tenha tido a intenção de citar literalmente o trecho bíblico ao qual os canadenses tinham acesso no século XIX. Isto porque a edição que consultamos pretende atender à diretriz de "*pôr nas mãos dos cristãos de língua francesa um texto simples, claro, acessível e próprio à leitura pública*." (La Sainte Bible, 1983, p.V, nossa tradução). Assim, o que parece uma citação, é na realidade uma alusão à passagem bíblica.

Com relação à citação do cap. 45, verificamos que se trata de uma alusão a uma passagem do Evangelho de São Marcos, 15:34: "*Mon Dieu, mon Dieu, pourquoi m'as-tu abandonné ?*" Vê-se que, no romance, a apóstrofe "*Mon Dieu*" foi substituída por "*Mon père*", talvez com a intenção significativa de referir-se não apenas ao "*Pai celestial*", mas também ao pai terrestre. Isto porque se trata de um monólogo atribuído a George Nelson, que fora enviado ainda criança para o Canadá para ser educado como um fiel servidor da coroa britânica, longe de seus pais.

Assim, as traduções destas alusões não precisam ser fiéis à letra do texto bíblico. Deveriam, entretanto, permitir que o leitor do TLT as identificasse enquanto tais. Não temos nenhum reparo a fazer à citação do cap. 45 em TLT-1. Quanto à do cap. 28, propomos: "Àquele que nada tem, ainda lhe será tirado." (TLT-2, p.LXIX).

As demais passagens em intertextualidade com os Evangelhos não aparecem destacadas no texto. são alusões a serem identificadas graças ao saber compartilhado entre leitor e escritor. Duas delas aludem a trechos dos Evangelhos de São Lucas e São Mateus a respeito dos "*escândalos*":

TLO, c.24, p.112: "*Il faut que je coure à ma perte. Il faut que le scandale arrive.*"

TLT-1, p.107: "Tenho que correr para a minha desgraça. É preciso que aconteça o escândalo."

TLO c.29, p.131: "*Bénis sommes nous par qui le scandale arrive.*"

TLT-1, p. 126: "Benditos somos nós que estamos trazendo o escândalo."

286

Na alusão "*Il faut que le scandale arrive*" Elisabeth antecipa aquilo que os fatos que ela vai reviver deste ponto em diante da narrativa significam para a moral vigente. Sua afirmação difere da formulação bíblica atual: "*Il est impossible qu'il n'arrive pas de scandale*" (S. Luc, 17:1).

A alusão construída com "*il faut que*" permite a interpretação de que se trata de uma necessidade da personagem em reviver o escândalo — e não apenas a necessidade objetiva do escândalo. Levando, pois, em consideração a seqüência discursiva em que está inserida esta alusão, propomos a tradução seguinte (que diverge da de TLT-1 para que seja mantida a mesma estrutura no enunciado da alusão e no precedente) : "É necessário que eu precipite minha perdição. É necessário que venha o escândalo." (C.24) .

Na alusão do cap. 29, inverte-se o sentido de condenação da mensagem bíblica. Repetindo a passagem acima com sua seqüência: "*Il est impossible qu'il n'arrive pas de scandale; mais hélas pour l'homme qui les cause!*" (S. Luc, 17:1). Propomos uma tradução mais sintética do que a do TLT-1: "Benditos sejamos nós que causamos o escândalo" (c. 29) .

Ao fazermos a leitura do texto bíblico a respeito dos escândalos, encontramos a passagem bíblica à qual alude a seguinte a seguinte seqüência do romance:

"L'amère charité tourmente le docteur Nelson, bientôt le désespère plus qu'une meule pendue à son cou." (TLO, c.34, p.142).

287

"Amarga piedade atormenta o Dr. Nelson; não demorará muito ver-se-á presa do desespero." (TLT-1, p.137).

As seqüências dos Evangelhos de São Mateus e São Lucas relacionadas com este trecho são as seguintes: "*...mais hélas pour l'homme qui les cause! Il vaudrait mieux pour lui qu'on lui mit autour du cou une meule de moulin et qu'on le précipitât dans la mer, que de porter au mal un seul de ces petits!*" (La Sainte Bible, 1983; S.Luc, 17:2).

E ainda: *Mais si quelqu'un fait tomber dans le péché l'un de ces petits qui croient en moi, il vaudrait mieux pour lui qu'on lui suspendit au cou la meule d'un moulin, et qu'on le précipitât au fond de la mer.* (Ibidem, S. Mat., 18:6).

E em português: " [...] *melhor seria que se lhe atasse ao pescoço uma pedra de moinho [...]*" (Bíblia Sagrada, 1976; S.Luc.,17:2) "; [...] *melhor fôra que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho [...]*" (ibidem, S. Mat., 18:6).

Tratando-se pois de uma alusão, o TLT deveria mantê-la em LT. Propomos:

"A amarga caridade atormenta o doutor Nelson, e logo o desespera mais do que uma pedra de moinho atada a seu pescoço." (C. 34)

No cap. 26, encontramos a alusão seguinte: "Non pas la paix, mais le glaive " (TLO, p.121). Traduzida em TLT-1 por: "Não é uma paz, mas uma guerra." (p. 116).

A passagem bíblica correspondente é: "*Ne croyez pas que je suis venu apporter la paix, mais le glaive.*" (La Sainte Bible, 1983; S.Mat., 10:34). Em português: "*Não julgueis que vim trazer a paz à terra. Vim trazer não a paz, mas a espada.*" (Bíblia Sagrada, 1976; S. Mat.,10:34).

288

Para a passagem do romance, a tradução que propomos é: "Não trago a paz, mas a espada" (TLT-2, p.LXIII), onde se identifica a alusão à passagem bíblica, diferentemente do que ocorre em TLT-1. No cap. 65, encontra-se a seguinte alusão à passagem bíblica sobre os escândalos: "Si ton amour te scandalise, arrache-le de ton cœur" (TLO, p.248). Traduzida inadequadamente por: "Se meu amor o escandaliza, arranque-o de seu coração." (TLT-1, p.245).

A passagem bíblica em que se calcou o trecho acima é a seguinte: "Si ton oeil est pour toi une occasion de chute, arrache-le" (S. Marc,9:47), e também "Si ton oeil te fait tomber en péché, arrache-le et jette-le loin de toi." (S. Mat., 18:9 ; In: La Sainte Bible, 1983).

Em TLT-2, utilizamos o tratamento *tu*, pelas razões já explicadas na seção sobre o enunciativo alocutivo. E mantivemos o possessivo de 2ª. pessoa, deixando mais clara a alusão: "Se teu amor te escandaliza, arranca-o de teu coração." (TLT-2, p. CXIX).

Examinemos, como últimos exemplos de alusões bíblicas, os seguintes trechos: "Si on m'interroge, remuer la tête sur l'oreiller. Dire: non, non, je ne connais pas cet homme." (TLO, c.55, p.204, l.

120); "Vous parlez en langue étrangère, docteur Nelson. Non, je ne connais pas cet homme!" (c.65, p.248, l. 71). "Non, je ne connais pas cet homme!" (c.65, p.249, l. 95)

Interpretamos estas três negações de Elisabeth como alusões às três negações do apóstolo Pedro após a prisão de Jesus Cristo. (cf. S. Mat.,26:69-75). As traduções "Não, não
 289 conheço esse homem" de TLT-1 nos parecem adequadas, visto que não se trata de uma citação, mas apenas de uma alusão aos fatos narrados na Bíblia. Para Elisabeth, a negação de sua relação com George equivale a uma alta traição, comparável, numa visão distorcida do texto bíblico, à traição do apóstolo.

Resta-nos examinar as citações e as alusões às canções folclóricas. Adotamos, em TLT-2, o procedimento de manter a citação da canção em francês e acrescentar uma nota com a tradução em português. Procedemos assim no cap. 5, à pág. XVIII, onde reproduzimos os versos da canção de roda: "Mon père m'a donné un mari. Mon Dieu, qu'il est petit". Fornecemos a tradução literal em nota, ao final do capítulo, à p. XXI: "Canção folclórica de roda de origem francesa. Tradução: '*Meu pai me deu um marido. Meu Deus, como ele é pequenino.*'"

No cap. 13, traduzimos as alusões que precedem a citação da canção "A la claire fontaine, jamais je ne t'oublierai" conservando esta última em francês. (TLT-2, p. XLIII). Explicamos em nota a origem canadense desta canção (cf. Davenson, s.d.) e fornecemos também a tradução literal: "*Na clara fonte jamais me esquecerei de você.*"

O mesmo procedimento é recomendável para as citações presentes no cap.3: "Nous n'irons plus au bois"- canção de roda de origem francesa; e no cap. 50: "Ma femme et mon enfant en une seule gerbe lourde" – canção de ninar. As traduções dessas canções em TLT-1 muitas vezes
 290 as desfiguram enquanto tais, como no cap. 3: "Ursulinas e pequeno seminário. Não iremos mais ao bosque. Sonatinas de Clementi." (TLT-1, p.116). Igualmente, no cap. 5, a tradução da canção não permite ao leitor identificar o cantarolar de Elisabeth como uma reminiscência das brincadeiras da infância: "Meu pai me deu um marido. Meu Deus, como ele é baixotinho!" (TLT-1, p.23)

Resta a comentar uma alusão: à canção *Alouette*, do folclore canadense (cf. Davenson, s.d., p.180), e que está presente no seguinte trecho do cap. 47, p.178: "Tais-toi, Aurélie. Ferme-toi le bec. Et les yeux. Alouette. Nous te ferons rêver, Aurélie."

Em TLT-1 a alusão foi suprimida: "Cala a boca, Aurélie! Fecha essa boca! E os olhos. Vamos fazê-la sonhar, Aurélie [...]" (p. 176).

A alusão a "*Alouette*", feita aparentemente por causa da seqüência "le bec" -"les yeux", faz lembrar a canção em sua totalidade, da qual apresentamos o seguinte trecho:

"*Alouette, gentille alouette,/ Alouette, je te plumerai! / Je te plumerai le bec, [...]*"

Este último verso se repete para cada uma das partes do corpo do pássaro que será "*plumé*" (depenado) : "les yeux", "les ailes", "la tête", "le dos", "la queue", "le cou" e "les pattes".

No romance, logo em seguida, Elisabeth e George começam a despir Aurélie. Assim, a alusão tem um papel metafórico: Aurélie será depenada como um pássaro, não só naquele momento em que lhe tiram as roupas, como ao ser usada como instrumento na tentativa de envenenar Antoine.

Assim, mantém-se a menção a *Alouette* e fornece-se, em nota, uma explicação sobre a canção, para esclarecer os leitores que porventura não a conheçam. Propomos como tradução do trecho da p. 178:

"Fica quieta, Aurelie! Fecha o bico! E os olhos! "Alouette"! (c.47)

Sugestão de nota:

Alouette é o título de uma canção de roda do folclore canadense, cujos primeiros versos são: "*Alouette, gentille alouette,/ Alouette, je te plumerai./ Je te plumerai le bec, je te plumerai le bec.*" Tradução: "*Cotovia, gentil cotovia,/ Cotovia vou te depenar./ Vou depenar o teu bico, vou depenar o teu bico.*" A sequência da canção é uma repetição destes versos, substituindo, a cada vez, a parte do corpo que vai ser depenada por outras: os olhos, as asas, a cabeça, as costas, a cauda, o pescoço e as patas.

Se o editor permitir uma nota tão longa, o leitor poderá estabelecer as relações entre a canção e a sequência do texto, identificando Aurélie à cotovia.

Verificamos, através do comentário das diversas alusões presentes no texto, como o tradutor deve possibilitar ao leitor do TLT identificá-las enquanto tais, para permitir-lhe a reconstrução das relações intertextuais presentes no TLO.

O diferente tratamento dado às alusões religiosas e às citações de canções folclóricas justifica-se porque as primeiras já fazem parte, em português, do patrimônio cultural do
292 leitor brasileiro. As citações de canções folclóricas constituem textos conhecidos de um país para outro na língua original, e, por isso, acreditamos que devem ser mantidos como tais dentro da narrativa.

Encerramos, com essa sub-seção, a análise dos componentes enunciativos e o nosso estudo sobre a tradução de *Kamouraska*. No próximo capítulo apresentaremos as conclusões finais.

5. CONCLUSÃO

Como primeiro passo para criticar a tradução brasileira do romance *Kamouraska* de Anne Hébert, conceituamos o *ato tradutório* a partir da concepção de ato de linguagem de Patrick Charaudeau, exposta em seu livro *Langage et discours* (1983). Nesta ótica, postulamos que a tradução implica, num primeiro momento, um trabalho interpretativo que depende das competências lingüística, discursiva e situacional do leitor-tradutor no âmbito da língua original (a LO).

E, num segundo momento, com base em sua atividade interpretativa, o tradutor passa a ser o escrevente de um texto na língua de tradução (o TLT). Em seu processo de escritura, escolhe, no elenco das formas lingüísticas, das estratégias discursivas e na bagagem cultural de que dispõe, os componentes que convêm à produção de um texto que permita ao leitor do TLT uma interpretação análoga à do leitor do TLO.

Assim, o *princípio de fidelidade* ao texto na língua original deve ser entendido como a fidelidade a uma interpretação ótima deste texto num determinado contexto socio-historico-cultural.

À luz destes princípios, procuramos uma definição de erro de tradução. Há erro quando o tradutor desobedece às correspondências semânticas entre unidades lexicais significantes das duas línguas sem que tal desobediência resulte numa adequação melhor do

294 TLT : à realidade cultural do leitor, à proposta estética do escritor, à estratégia discursiva da sequência do texto, à coerência textual, às regras de uso da LT, às regras de estruturação sintática ou semântica da LT.

Ao examinarmos o TLT-1, partimos da hipótese de que os erros de tradução se prendem, em sua maior parte, a falhas no processo interpretativo.

E a cada crítica que fizemos, propusemos uma tradução que julgamos mais adequada, justificando a nossa escolha – procurando desvendar os caminhos interpretativos que percorremos para chegarmos à produção de nosso próprio TLT (o TLT-2 apresentado em anexo).

Grupamos os erros em três grandes classes:

- erros por falhas na competência lingüística
- erros por falhas na articulação das competências lingüística e discursiva
- erros por falhas na competência discursiva.

E levantamos ainda alguns:

- erros por insuficiência da bagagem cultural do tradutor.

Dentre os erros que denotam falhas na competência lingüística, analisamos inicialmente aqueles que mostram a displicência do tradutor em não investigar o sentido das unidades lexicais que desconhece. Consistiram em:

a) Inserção indevida de estrangeirismos, tanto daqueles que já estão incorporados como empréstimos na LT, quanto dos que são totalmente desconhecidos para o leitor do TLT e localizados em contextos onde não é possível deduzir-lhes o significado.

b) Falsas inferências do significado de unidades lexicais do TLO, resultando na inobservância pura e simples da correspondência semântica entre as unidades lexicais das línguas em confronto (como na tradução de "*ficelle*" por "*laço*", por exemplo).

Continuando a investigar as falhas na competência lingüística, detectamos erros atribuíveis a:

c) Suposição de que a semelhança fônica entre unidades lexicais de LO e LT deve corresponder a uma semelhança significativa (o que equivale a ignorar a autonomia dos vários planos de estruturação da língua) – sendo que o tradutor de TLT-I confundiu-se não apenas com os "falsos amigos" como também com os parônimos da LO.

d) Interpretação das formas idiomatizadas da língua (tanto a dos vocábulos compostos quanto a das lexias) como se o seu significado resultasse da soma do significado isolado de cada uma de suas partes. Tal como no caso das falsas inferências, esses erros foram detectados por ter havido uma inobservância de correspondência semântica entre as unidades lexicais das duas línguas em confronto.

e) Decalques, no processo de produção do TLT-I, de empregos de pronomes, de preposições e de construções frasais da LO, resultando em enunciados pouco aceitáveis na LT.

Os erros que denotam uma falha na articulação das competências lingüística e discursiva foram assim classificados porque revelam, por parte do tradutor, uma incapacidade em produzir um TLT que, ao mesmo tempo, seja fiel ao TLO e mantenha, entre seus componentes, o mesmo tipo de coerência existente entre os componentes do TLO.

Os erros assim classificados são os atribuíveis a:

a) Armadilhas da polissemia: a tradução adequada dos vocábulos e das lexias polissêmicos depende da capacidade do tradutor em subordinar a interpretação de seu significado isolado à interpretação global do enunciado em que se encontram e da sequência narrativa onde se insere tal enunciado. Quando o tradutor não leva em conta essa necessidade, produz enunciados de sentido diverso do que lhes corresponde em TLO, e enunciados e seqüências incoerentes – em ambos os casos, afetando a estruturação narrativa do texto.

b) Desconhecimento da gramática: a tradução adequada depende da interpretação correta da função sintática e da categoria gramatical das unidades lexicais (tanto das formas livres como das formas presas). Os erros estudados denotam uma falha na interpretação das funções e categorias de diversos componentes, envolvendo igualmente uma interpretação errônea dos enunciados em que se encontram e da seqüência discursiva de que fazem parte.

Neste ponto, temos de fazer uma primeira revisão da definição inicial de erro de tradução: o erro não reside apenas na desobediência às correspondências semânticas entre unidades lexicais. Há erro quando o tradutor produz enunciados ou seqüências de enunciados incoerentes, seja por escolha errada de componentes lexicais da LT (isto é, quando não correspondem ao sentido que está atualizado no TLO), seja por estabelecer 297 relações erradas entre componentes lexicais (isto é, relações que não correspondam semântica ou discursivamente àquelas construídas no TLO). Entendemos por *incoerentes* enunciados e seqüências que perturbam a interpretação da continuidade temática ou da continuidade lógica do texto, ou que não sejam interpretáveis como integrantes do esquema cognitivo posto em cena em determinada seqüência narrativa.

Passando a examinar o *plano discursivo* da tradução de *Kamouraska*, ativemo-nos aos componentes do aparelho enunciativo, e, episodicamente, ao aparelho retórico, não nos ocupando dos componentes do aparelho narrativo nem do aparelho argumentativo porque estes foram comentados indiretamente quando estudamos os problemas de tradução em seu aspecto lingüístico.

No plano discursivo, a correspondência significativa entre unidades lexicais depende das relações contratuais que se estabelecem entre escritor e leitor, e das relações contratuais ficcionais entre os vários enunciadores e destinatários.

Assim sendo, criticamos a tradução dos pronomes pessoais "*tu*" e "*vous*" e das formas de tratamento, enquanto componentes do *enunciativo alocutivo*. Mostramos que a forma adequada de tradução desses pronomes depende da relação que se estabelece, no discurso, entre os protagonistas que estão em cena no ato de linguagem. Nas formas de tratamento, criticamos a manutenção em TLO dos francesismos "*Madame*" e "*Mademoiselle*", propondo traduções que levaram em conta o uso da LT correspondente ao uso da LO.

298 Na crítica à tradução dos componentes do *enunciativo elocutivo* comentamos brevemente como a tradução de certos tempos e modos depende estreitamente da atitude manifesta pelo Eu-enunciador a respeito do que está enunciando. Criticamos mais longamente as traduções inadequadas dos dêicticos e dos anafóricos em TLT-I, mostrando como a escolha da forma adequada em LT depende de um cálculo da situação espacial (ou

da situação discursiva) do objeto designado com relação ao sujeito enunciador ou com relação ao destinatário.

Ainda no âmbito do *enunciativo elocutivo*, inserimos a crítica à tradução de componentes retóricos, por entendermos que tais componentes integram uma visão subjetiva, por parte do enunciador, a respeito do que está sendo narrado. Assim, mostramos como a tradução dos efeitos sonoros, das comparações e das metáforas dependem não apenas da interpretação do enunciado ou da seqüência narrativa em que se inserem, mas da interpretação do texto como um todo, como o produto de um ato de linguagem sobredeterminado por um Contrato literário.

Por fim, na crítica à tradução dos componentes do *enunciativo delocutivo*, examinamos a problemática da tradução do pronome "on", mostrando como a tradução deste pronome depende, mais ainda do que a dos pronomes pessoais de 2ª. pessoa, da rede de relações construídas entre o enunciador e os demais protagonistas de sua instância discursiva, pois não há pronome nem construção sintática em português que possa ser utilizada indiscriminadamente para traduzir as várias possibilidades significativas do pronome "on".

Na crítica aos *componentes intertextuais do enunciativo delocutivo*, distinguimos por um lado o "discurso citado" e por outro as alusões.

Examinamos, no "discurso citado", as falas de certos personagens que são marcadas como pertencentes a um tipo socialmente diferente do discurso do narrador, seja com a introdução de traços lingüísticos característicos da variante oral coloquial, seja introduzindo traços lingüísticos que caracterizem o personagem como sendo de uma classe social menos culta. Mostramos como a tradução, aí, deve procurar as marcas lingüísticas da LT que sejam identificáveis pelo leitor como características da variante oral ou de uma variante "não-culta".

Para as alusões, verificamos como sua tradução depende estreitamente da bagagem cultural do tradutor, que deve ser capaz de identificá-las dentro do texto e procurar mantê-las em TLT de modo a serem identificadas como tais pelo leitor. Nossas críticas, neste ponto, consistiram em assinalar supressões de alusões em TLT-I e propor alternativas a construções frasais que nos pareceram fônica ou sintaticamente pesadas. Além disso, propusemos a manutenção, no TLT, dos trechos de canções de roda em LO, traduzidas apenas em nota de pé de página. E isto para identificá-las como tais dentro do romance.

E fazemos neste ponto uma segunda revisão da definição de *erro de tradução*: há erro de tradução quando o tradutor, injustificadamente, modifica as relações temporais, modais, espaciais e interlocutivas interpretáveis entre os componentes enunciativos do TLO e que devem ser mantidas, sempre que possível, no TLT, para produzir efeitos de sentido análogos

àqueles que são interpretáveis no TLO. Neste plano, não é mais lícito falar-se de correspondências semânticas entre unidades lexicais, mas de correspondências discursivas entre enunciados, a serem buscadas pelo tradutor ao produzir o TLT.

Procuramos, pois, analisar e comentar as implicações lingüísticas e discursivas dos principais tipos de erros que, encontrados na tradução para o português de um determinado romance escrito em francês, são reveladores das principais dificuldades de tradução de um texto romanesco do francês para o português. Através do levantamento desses erros pudemos distinguir os diversos tipos de conhecimento que entram em jogo na atividade tradutória em seu duplo aspecto interpretativo e produtivo.

No mais, a certeza de que toda tradução é criticável, pelo fato de representar o resultado de um trabalho estreitamente dependente das contingências pessoais e do conhecimento de quem traduz. E a certeza de que toda tradução é provisória — pois o tradutor, a cada releitura de seu texto em confronto com o texto original, descobre significações e relações que antes não havia vislumbrado. Apenas o prazo "fatal" de entrega de seu trabalho o obriga a encerrá-lo. Mas não seria assim de todo processo de escritura?

6- BIBLIOGRAFIA

- 1- ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1959. 4 vol. (em especial o 3º vol.).
- 2- ALI, Manoel Said. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. revista e atualizada por Evanildo Bechara e Maximiano de Carvalho e Silva. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1064. 628 p. (Biblioteca básica brasileira, v. 1).
- 3- ALMEIDA, Fernando Afonso de. *Dix heures et demie du soir en été: reflexos e contrastes de uma tradução*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 989. 213 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Francesa.
- 4- ALWOOD, Jens; ANDERSSON, Lars Gunnar; DAHL, Östen. *Logic in linguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 1977. 185 p.
- 5- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1986. 85 p.
- 6- _____. O ensino da tradução e seus limites. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, 11: 27-32, jan.-jun. 1988.
- 7- AUBERT, Francis Henrick. Etapas do ato tradutório. *Tradução & Comunicação; revista brasileira de tradutores*, São Paulo, 1: 13-24, dez. 1981.
- 8- _____. A tradução literal: impossibilidade, inadequação ou meta? *Ilha do Desterro; translation/tradução*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 17: 13-20, 1º semestre, 1987.
- 9- _____. A fidelidade no processo e no produto do traduzir. *Trabalhos em Lingüística Aplicada: Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada Vol. III*, Campinas, 14: 115-119, jul.-dez. 1989.*
- 10- AUSTIN, J. L. *Quand dire c'est faire /How to do things with words/*. Introduction, traduction et commentaire par Gilles Lane. Paris, Seuil, 1970. 183 p.
- 11- AZEVEDO, Domingos. *Grande dicionário Francês-Português*. 4ª ed. Lisboa, Bertrand, 1952.
- 12- BALLARD, M. *La traduction de la théorie à la didactique*. Paris, Presses Universitaires de Lille, 1984.
- 13- _____. *La traduction de l'anglais au français*. Paris, Presses Universitaires de Lille, 1989.
- 14- _____. *La traduction plurielle*. Paris, Presses Universitaires de Lille, 1989.
- 15- BARBOSA, Heloisa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, Pontes.
- 16- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- 17- _____. *Teoria lexical*. São Paulo, Ática, 1987. 94 p.
- 18- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 6. ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1963. 461 p.
- 19- BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. T. I. Paris, Gallimard, 1966. 356p.
- 20- _____. *Problèmes de linguistique générale*. T. II. Paris, Gallimard, 1974. 288p.

- 21- BÍBLIA Sagrada. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 23. Ed. São Paulo, Ed. "Ave Maria", 1976. Ev. São Marcos, São Lucas, São Mateus e São João.
- 22- BORDENAVE, Maria Cândida Rocha. *A pesquisa na área de tradução*. Comunicação apresentada na mesa redonda de mesmo nome no III Encontro Nacional da ANPOLL, Rio de Janeiro, 1988. Mimeografado.
- 23- _____. Tradução: encontros de linguagens e ideologias. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, 11: 19-25, jan./jun. 1988.
- 24- BURTIN-VINHOLES, S. *Dicionário francês-português, português-francês*. 20. ed. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1961. 1054 p.
- 25- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*; referente à língua portuguesa. 3. ed. revista e aumentada. São Paulo, J. Ozon ed. /1968/ 384 p.
- 26- _____. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Rio de Janeiro, Ed. da Fund. Getúlio Vargas, 1975. 273 p.
- 27- CAMPOS, Geir. *Do ato criador na tradução*. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Comunicação, 1985. 182 fl. mimeo. Tese de doutoramento.
- 28- _____. *Como fazer tradução*. Petrópolis, Vozes, 1986. 70 p.
- 29- _____. *O que é tradução*. São Paulo, Brasiliense, 1986. 86 p.
- 30- CAMPOS, Haroldo de. A poética da tradução. In: _____. *A arte no horizonte do provável*. 3. ed. São Paulo, Perspectiva, 1975. p.93-121.
- 31- _____. *A operação do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1976. 156 p.
- 32- _____. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. *Metalinguagem; ensaios de teoria e crítica literária*. 3. ed. São Paulo, Cultrix, 1976. p.21-38.
- 33- CARY, E. *Comment faut-il traduire?* Presses Universitaires de Lille, 1986.
- 34- _____. *Les grands traducteurs français*. Genève, Librairie de l'Universié, 1963.
- 35- CATFORD, J.C. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo, Cultrix/ Uni-versidade Católica de Campinas, 1980. 121 p. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- 36- CAVALCANTI, Marilda do Couto. A propósito de lingüística aplicada. *Trabalhos em lingüística aplicada*, Campinas, 7: 5-12, 1986.
- 37- _____. *Interação leitor-texto*; aspectos de interpretação pragmática. Campinas, Ed. da Unicamp, 1989. 271 p.
- 38- CHARAUDEAU, Patrick. Sens et signification. *Cahiers de lexicologie*, Paris, 22 (2): 9-21, 1972.
- 39- _____. Éléments de sémiolinguistique: d'une théorie du langage à une analyse du discours. *Connexions*, Paris, 38: 1-24, 1982.
- 40- _____. *Langage et discours*: éléments de sémiolinguistique. Paris, Hachette, 1983. 176 p.
- 41- _____. Une théorie des sujets du langage. *Langage et Société*. Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 28: 37-51, juin 1984.
- 42- CHAROLLES, M. *Analyse du discours*. Rennes, Service d'enseignement à distance. Université de Rennes 2- Haute Bretagne, [1983]. 68 p. mimeo.

- 43- CHEVALIER, Jean-Claude et alii. *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris, Larousse, 1978. 495 p.
- 44- CHOMSKY, Noam. *Reflexões sobre a linguagem*. Lisboa, Edições 70 /1977/. 285 p. (Coleção Signos). Copyright original 1975.
- 45- _____. *La nouvelle syntaxe; concepts et conséquences de la théorie du gouvernement et du liage / Some concepsts and conseequences of the Theory of government and binding/*. Paris, Seuil, 1987. Copyright original: 1982.
- 46- _____. *Knowledge of language; its nature, origin and use*. New York, Praeger, 1986. 307 p.
- 47- COELHO, Amarilis Gallo. *Incursões nos meandros da crítica textual*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1988. 156 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Filologia Românica.
- 48- COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje*. Madrid, Gredos, 1977. 269 p. Cap. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción: pág. 214-39.
- 49- CUBRIC, Irène Monique Harlek. *Zazie no metrô: exercício de estilo*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1984. 2 v. 202 e 183 fl. mimeo. Tese de Doutorado.
- 50- CULIOLI, Antoine. La communication verbale. In: *ENCYCLOPÉDIE des sciences de l'homme: l'aventure humaine*. Paris, Grange-Batelière, 1967. T. 4, L'homme et les autres.
- 51- _____. Concepts linguistiques, ordre alphabétique. In: *ENCYCLOPÉDIE Alpha*. Paris, Grange-Batelière, 1968.
- 52- _____. Linguistique du discours et discours sur la linguistique. *Revue philosophique*. Paris, PUF, 4: 481-488, 1978.
- 53- _____. Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique. In: *ACTES du Colloque sur la notion d'aspect*. Metz, mai 1978. 26 p.
- 54- _____. Valeurs modales et opérations énonciatives. *Le Français Moderne*. Paris, 4 (46): 300-317, 1978.
- 55- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Hori-zonte, Bernardo Álvares, 1970, 510 p.
- 56- _____. *Gramática da língua portuguesa*. 10. ed. Rio de Janeiro, FAE/ Ministério de Educação e Cultura, 1984. 655p. (1ª ed. 1972).
- 57- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. XV + 714 p.
- 58- CUNHA, Helena Parente. *Mulher no espelho*. Florianópolis, Ed. Catarinense de Cultura, 1983.
- 59- _____. *As doze cores do vermelho*. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/ UFRJ, 1988.
- 60- DAGENAIS, Gérard. *Dictionnaire des difficultés de la langue française au Canada*. Quebec, Ed. Pédagogia Inc, 1967.
- 61- DAVENSON, Henri. *Le livre des chansons*. Paris, Club des libraires, s. d. 388 p.
- 62- DELISLE, Jean. *L'analyse du discours comme méthode de traduction; Initiation à la traduction française de textes pragmatiques anglais*. Préface de Danica Séleskovitch. Ottawa, Un. d'Ottawa, 1984. 282 p.

- 63- DUCROT, Oswald. De Saussure à la philosophie du langage. In: SEARLE, J. *Les actes de langage*; essai de philosophie du langage. Paris, Hermann, 1972. p. 7-32.
- 64- _____. *Dire et ne pas dire*; principes de sémantique linguistique. Paris, Hermann, 1972. 283 p. (Collection Savoir).
- 65- _____. *Les échelles argumentatives*. Paris, Minuit, 1980. 97 p.
- 66- _____. *Le dire et le dit*. Paris, Minuit, 1984. 240 p.
- 67- DUCROT, Oswald et alii. *Les mots du discours*. Paris, Minuit, 1980. 246 p.
- 68- DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris, Seuil, 1972. 420 p.
- 69- DUBOIS, Jean (dir.). *Larousse de la langue française - Lexis*. Paris, Larousse, 1977. 2013 p.
- 70- DURIEUX, C. *Fondement didactique de la traduction technique*. Paris, Didier Érudition, 1988.
- 71- DUTRA, Waltensir. Processos e técnicas de tradução. In: PORTINHO, W.M. (org.) *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo, Álamô, 1983. p.77-90.
- 72- ETKIND, E. *Un art en crise*. Essai sur la traduction poétique. Paris, L'âge d'homme, 1982.
- 73- ÉTUDES DE LINGUISTIQUE APPLIQUÉE. Exégèse et traduction. Paris, Didier, n. 12, oct-déc. 1973. 126 p.
- 74- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1975]. 1516 p.
- 75- FIGUEIREDO, Guilherme. *Tartufo 79*; para uma poética da tradução do teatro em verso de Molière. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1980. 203 fl. mimeo. Tese de Doutorado.
- 76- FREGONEZI, Durvali Emilio. *A tradução: uma abordagem lingüística*. São Paulo, UNESP, Araraquara, 1984. 529 fl. mimeo. Tese de Doutorado.
- 77- GEHRING, Sonia. O processo tradutório: uma relação entre o pensamento e a palavra. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*: Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada, vol. II, Campinas, 13: 227-229, jan./jun. 1989.*
- 78- GENETTE, Gérard. *Figures I*. Paris, Seuil, 1966. 267 p.
- 79- GENETTE, Gérard. *Figures II*. Paris, Seuil, 1969. 297 p.
- 80- _____. *Figures III*. Paris, Seuil, 1972. 286 p.
- 81- GOUADEC, Daniel. *Comprendre et traduire*. Paris, Bordas, 1974. 160 p.
- 82- GRAND Larousse Encyclopédique en dix volumes. Paris, 1969. 18.318 vb. (1a ed. 1964).
- 83- GREIMAS, A. J. e COURTÈS, J. *Sémiotique*. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris, Hachette, 1979. 424 p.
- 84- GREVISSE, Maurice. *Le bon usage*. Grammaire française. 10. ed. Revue. Gembloux, Belgique, Duculot, 1975. 1322 p.
- 85- GUILLEMIN-FLESCHER, J. *Syntaxe comparée du français et de l'anglais: problèmes de traduction*. Paris, Ophrys, 1980.
- 86- GUIRAUD, Pierre. *Le français populaire*. 5. ed. Paris, PUF, 1986. 126 p. (1a ed.: 1965).
- 87- HÉBERT, Anne. *Kamouraska*. Roman. Paris, Seuil, 1970. 250 p.

- 88- _____. *A máscara da inocência /Kamouraska/*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. 248 p.
- 89- _____. *Les fous de Bassan*. Paris, Seuil, 1982.
- 90- _____. *Os gansos selvagens de Bassan /Les fous de Bassan/*. Trad. De Vera M. A. Harvey. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986. 245 p.
- 91- ILHA DO DESTERRO; translation/tradução, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 17: 1º semestre, 1987.
- 92- JACKENDOFF, Ray S. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge, Mass. MIT Press, 1972.
- 93- _____. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*. Baltimore, Md., Waverly Press, 51 (3): 639-671, 1975.
- 94- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris, Minuit, 1963. T. 1, p. 78-86 e p. 209-248.
- 95- JAMES, Carl. Three uses for translation in foreign language teaching. *Trabalhos em Lingüística Aplicada: Anais do I Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*, vol. II, Campinas, 13:15-26, jan./jun. 1989.*
- 96- KLEIMAN, Angela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, 1989a. 213 p.
- 97- _____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, Pontes, 1989b. 82 p.
- 98- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1987. 240 p.
- 99- _____. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 1989. 75 p.
- 100- KOCH, Ingedore G. Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1990. 94 p.
- 102- LADMIRAL, Jean-René. *Traduire: théorèmes pour la traduction*. Payot, Paris, 1979. 277 p.
- 101- _____. *A tradução e os seus problemas /La traduction/*. Lisboa, Edições 70 [1980]. 181 p. (Coleção Signos).
- 102- LANGAGES. L'énonciation. Paris, Didier-Larousse, v. 17, mars 1970. 122 p.
- 103- LANGAGES. La traduction. Paris, Didier-Larousse, v. 28, déc. 1972. 117 p.
- 104- LANGAGES. Modalités: logique, linguistique, sémiotique. Paris, Didier-Larousse, v. 43, sept. 1976. 124 p.
- 105- LANGAGES. Quantificateurs et référence. Paris, Didier-Larousse, v. 48, déc. 1977. 119 p.
- 106- LE GOFFIC, Pierre e MC BRIDE, Nicole. *Les constructions fondamentales du français*. Paris, Hachette-Larousse, 1975. 175 p. (Le Français dans le Monde).
- 107- LAVALT, E. *Fonctions de la traduction dans l'enseignement des langues*. Paris, Didier-Érudition, 1985.
- 108- LEDERER, M. *La traduction simultanée - expérience et théorie*. Paris, Minard-Lettres Modernes, 1981.
- 109- _____. *Etudes traductologiques*. Paris, Minard-Lettres Modernes, 1990.
- 110- LEMLE, Miriam. *Análise sintática: teoria geral e descrição do português*. São Paulo, Ática, 1984. 212 p.

- 111- _____. Millôr: The cow went to the swamp; a vaca foi pro brejo. Rio de Janeiro, Record, 1988. Resenha; *Revista DELTA*, S.L., 6 (1): 117-124, 1990. (Publicação com apoio oficial da ABRALIN).*
- 112- LEMLE, Miriam e NARO, Anthony J. *Competências básicas do português*. Relatório final da pesquisa apresentada às instituições patrocinadoras Mobral e Fundação Ford. Rio de Janeiro, Mobral, Cetep/ Sepes, 1977.
- 113- LEMLE, Miriam; PEREIRA, Maria Angela Botelho e MENEZES, Humberto Peixoto. *De como a língua é um sistema de sistemas autônomos*. Rio de Janeiro, UFRJ. Dep. de Lingüística e Filologia da Fac. De Letras, 1990. 18 p. mimeo. ("Working paper").
- 114- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Contos. 7ª. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976. 160 p.
- 115- LISPECTOR, Elisa. *O tigre de bengala*. Contos. Prefácio de Bella Jozef. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1985. 153 p.
- 116- LITTRÉ, É. *Dictionnaire de la langue française*. 4 tomes. Paris, Hachete, s.d.
- 117- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe gerativa do português*; da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte, Vigília, 1986. 558 p.
- 118- LYONS, John. *Éléments de sémantique* /Semantics 1/Paris, Larousse, 1978. 296 p.
- 119- _____. *Semantics: 2*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978. 897 p.
- 120- MAILLOT, Jean. *A tradução científica e técnica*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil; Brasília, Universidade de Brasília, 1975, 196 p.
- 121- MARTIN, Robert. *Inférence, antonymie et paraphrase*. Éléments pour une théorie sémantique [Paris] Kçincksieck, 1976. 174 p.
- 122- MARTINET, André. La traduction. In: _____. *La linguistique. Guide alphabétique*. Paris, Denoël, 1969. p. 375-379.
- 123- MEIRELES, Cecília. Vaga Música. In: _____. *Obra poética*. 1. ed. Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1958. P. 137-287.
- 124- MONVEL, M. B. de. *Chansons de France*. Paris, l'École des loisirs, 1980. 47 p.
- 125- MOUNIN, Georges. *Les belles infidèles*. Paris, Cahiers du Sud, 1955. 160 p.
- 126- _____. *La machine à traduire*. La Haie, Mouton, 1964. 204 p.
- 127- _____. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris, Gallimard, 1976. 296 p. (1ª edição 1963).
- 128- _____. *Linguistique et traduction*. Bruxelles, Dessart et Mardaga, 1976. 276 p.
- 129- _____. *Teoria e storia della traduzione*. Turim, Giulio Einaudi, 1980. 256 p.
- 130- NASCENTES, Antenor. *Dicionário da lingua portuguesa*. [Rio de Janeiro], Academia Brasileira de Letras, 1961-1967. 4 tomos.
- 131- NEWMARK, Peter. *A textbook of translation*. New York, Prentice Hall, 1988. 292 p.
- 132- _____. *Approaches to translation*. Oxford, Pergamon, 1981. 200 p.
- 133- NIDA, Eugene A. *Toward a science of translating*: with special references to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden, E.J.Brill, 1964. 331 p.
- 134- NIDA, Eugene A. e TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden, E.J.Brill, 1982. 218 p.

- 135- NÓBREGA, Thelma & GIANI, Giana. Haroldo de Campos, José Paulo Paes e Paulo Vizioli falam sobre tradução. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, 11: 53-65, jan./jun. 1988.*
- 136- PERRET, D. À propos du verbe "pouvoir" et de certains de ses compléments. *Cahiers de lexicologie*, Paris, 23: 35-50. 1973-II.
- 137- POIRIER, Claude (dir.) *Dictionnaire du français québécois*. Volume de présentation. Sainte-Foy, Les Presses de L'Univ. Laval, 1985. 169 p.
- 138- PORTINHO, Waldívia M. (org.) *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo, Ed. Álamó, 1983. 256 p.
- 139- POTTIER, Bernard (dir.). *Le langage*. Paris, CEPL, 1973. 544 p. (Les encyclopédies du savoir moderne).
- 140- POTTIER, Bernard et alii. *Estruturas lingüísticas do português*. 3. ed. São Paulo- Rio de Janeiro, DIFEL, 1975. 138 p.
- 141- POTTIER, Bernard. Les voix du français: sémantique et syntaxe. *Cahiers de lexicologie*. Revue Internationale de Lexicologie et Lexicographie, Besançon, 33: 3-39, II, 1978.
- 142- _____. Organisation sémantique de l'article de dictionnaire. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*. Paris, 73: 340-365, 1978. Fascicule 1.
- 143- _____. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Hachette, 1987. 224 p.
- 144- QUEIRÓS FILHO, Mário Galvão de. *A significação da tradução*. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Comunicação, 1976. 154 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado.
- 145- RICHARDS, Jack C. (ed.) *Error analysis; perspectives on second language language acquisition*. London, Longman, 1974. 228 p.
- 146- ROBERT, Paul. *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, S. N. L., 1970. 1971 p.
- 147- _____. *Le grand Robert de la langue française: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. 2. ed. revue et enrichie par Alain Rey. Paris, Le Robert, 1986, 9 tomes.
- 148- _____. *Escola de tradutores*. 2. ed. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1956. 93 p.
- 149- _____. *Babel e antibabel*. São Paulo, Perspectiva, 1970. 194 p.
- 150- _____. *Guia prático da tradução francesa*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Educom, 1975. 120 p. (1ª ed.: 1967)
- 151- _____. *Guia prático da tradução francesa*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. 212 p.
- 152- LA SAINTE BIBLE. Version éitalie par les moines de Maredsous. Nouv. ed. revue et corrigée par les moines de Maredsous avec la collaboration des moines d'Hautecombe. Paris/ Turnhout, Belgique, Brepols, 1983. (Les Évangiles).
- 153- SEARLE, John R. *Les actes du langage; essai de philosophie du langage /Speech acts/*. Paris, Hermann, 1972. 261 p. Copyright original 1969.
- 154- SÉLESKOVITCH, D. *L'interprète dans les conférences internationales, problèmes de langage et de communication*. Minard-Lettres Modernes, 1968.
- 155- _____. *Langage, langues et mémoire: étude de la prise de notes en consécutive*. Paris, Minard-Lettres Modernes, 1975.

- 156- SÉLESKOVITCH, D. & LEDERER, M. *Pédagogie raisonnée de l'interprétation*. Paris, Didier-Érudition, 1984.
- 157- _____. *Interpréter pour traduire*. Paris, Sorbonne- Didier Érudition, [1986]. 311 p.
- 158- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. *aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e em francês*. Rio de Janeiro, UFRJ, Fac. de Letras, 1974. 237 fl. Mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.
- 159- SILVA, Mario Camarinha da. Usos e normas técnicas para tradutores. In: PORTINHO, W. M. (org.). *A tradução técnica e seus problemas*. São Paulo, Álamo, 1984. p. 175-220.
- 160- SILVA, Mario Camarinha da e BRAYNER, Sonia. *Manual de normas para editoração de trabalhos acadêmicos*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 1988. 81 p.
- 161- SOUSA-AGUIAR, Maria Armanda de. Tradução: da teoria à prática. *ELOS: o francês no Brasil*, Rio de Janeiro, Associação Brasileira dos Professores Universitários de Francês, 2: 49-62, 1980.*
- 162- STEINER, George. *After Babel: aspects of language and translation*. London, Oxford University Press, 1975. 507 p.
- 163- TABER, Charles R. & NIDA, Eugene A. *La traduction: théorie et méthode*. Londres, Alliance Biblique Universelle, 1971. 179 p.
- 164- TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. Ficções. 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. 221 p.
- 165- TOURY, G. *In search of a theory of translation*. Tel Aviv University, 1980.
- 166- VÁSQUEZ-AYORA, Gerardo. *Introducción a la tradutología: curso básico de traducción*. Washington, Georgetown University, 1977. 471 p.
- 167- VINAY, Jean-Paul & DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris, Didier, 1977. Nouvelle édition revue et corrigée. (Primeira edição: 1958).
- 168- VINAY, Jean-Paul. La traduction humaine. In: MARTINET, André. *Le langage*. Bruges, Gallimard, 1968. p.729-757.
- 169- YEBRA, Valentin García. *Teoría y practica de la traducción*. Madrid, Gredos, 1984. 873 p. 2 v.
- 170- ZAGURY, Eliane. Técnica de tradução. In: MAGALHÃES, Aluísio et alii. *Editoração hoje*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975. p. 104-116.
- 171- ZUBER, Ryszard. *Structure présuppositionnelle du langage*. Paris, Jean-Fayard, 1972. 120 p. (Document de linguistique quantitative n. 17).

CORRÊA, Angela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1991. 319+ CXXII fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística.

RESUMO

Na presente tese faz-se uma análise dos erros da tradução brasileira do romance francês *Kamouraska* de Anne Hébert. Esta análise baseia-se na abordagem semiolingüística do discurso, definindo ato tradutório a partir da definição de ato de linguagem em seu duplo aspecto interpretativo e produtivo. Apresenta-se uma tipologia de erros de tradução nos planos lingüístico e discursivo e traduz-se uma parte do romance para estabelecer um confronto com o texto de tradução objeto da crítica. Procura-se determinar os tipos de conhecimento requeridos pelo ato tradutório e, finalmente, propõem-se três definições complementares de erro de tradução.

CORRÊA, Angela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1991. 319+ CXXII fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística.

ABSTRACT

The present thesis contains na analysis of the errors in the Brazilian translation of Anne Hébert's novel *Kamouraska*. This analysis is based on the semiolinguistic approach of discourse and defines the translation act in its double aspect: interpretative and productive. It presents a typology of errors in translation in the linguistic and in the discursive plans and tries to determine the types of knowledge required by the translation act. Parts of the novel are translatede in order to establish a contrast with the translated text examined. Finally, three complementary definitions for translation errors are suggested.

CORRÊA, Angela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 1991. 319+ CXXII fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística.

RÉSUMÉ

Cette thèse contient une analyse des erreurs de la traduction brésilienne du roman *Kamouraska* de Anne Hébert. Cette analyse est fondée sur l'approche sémiolinguistique du discours, définissant l'acte de traduire par rapport à la définition de l'acte de langage, qui implique une activité interprétative et une activité productive. La thèse présente une typologie des erreurs de traduction sur le plan linguistique et sur le plan discursif et cherche à déterminer quelles connaissances sont en œuvre dans l'acte de traduire. En outre, plusieurs extraits du roman ont été traduits, pour établir un contraste avec le texte de traduction qui est critiqué. Finalement, trois définitions complémentaires d'erreur de traduction sont proposées.

ANEXO: TLT-2 – Tradução (extratos) de *Kamouraska*

Por Angela Maria da Silva Corrêa

O verão acabara. A Sra. Rolland, contrariando seus hábitos, permanecera na casa da Rua do Parlatório. Os dias foram límpidos e quentes. Mas nem a Sra. Rolland nem as crianças foram para o campo naquele verão.

5 Seu marido ia morrer e ela sentia uma grande paz. O homem partia docemente, sem muito sofrimento, numa discrição louvável. A Sra. Rolland esperava, resignada e irrepreensível. Se o coração apertava em certos momentos, é que essa espera parecia ganhar proporções inquietantes. A
10 disponibilidade serena que lhe escorria até a ponta dos dedos não prometia nada de bom. Parecia que tudo ia acontecendo como se o sentido real da espera ainda estivesse para ser revelado. Para além da morte daquele homem, seu marido havia quase dezoito anos. Mas já então
15 a angústia exercia suas defesas protetoras. Atirou-se a ela como a uma tábua de salvação. Tudo, menos essa paz malsã.

Deveria ter saído de Quebec. Não ficar ali. Sozinha no deserto do mês de julho. Não há ninguém que eu conheça na cidade. Quando saio, me olham como se eu fosse um
20 animal raro. Como aqueles dois vadios me encaravam hoje de manhã quando eu voltava das compras. Ficaram me olhando por muito tempo. Não devia sair sozinha.

A cidade não é segura neste momento. Não há mais dúvidas agora. As pessoas me observam. Me acompanham
25 de perto. Vêm andando atrás de mim. Aquela mulher, ontem, colada à minha sombra. O passo igual, o andar obstinado, firme nos meus calcanhares. Quando me virei para olhá-la, escondeu-se atrás de um portão. Vi quando se

precipitou lá dentro, viva e ágil como ninguém, exceto... É
30 isso que me dói no coração; viva e ágil como ninguém...

Bem que eu podia ter despistado tal criatura. Tomar um fiacre. Ou mudar de calçada. Entrar numa loja. Mandar dizer a meu cocheiro para atrelar os cavalos e vir buscar-me. Continuei a andar sem olhar para trás. Sabia que arrastava,
35 a dez passos de distância, aquela perseguidora teimosa. Andar, andar, sem fim. As pessoas voltam-se para me olhar, quando eu passo. Essa é a minha verdadeira vida. Sentir a multidão dividir-se em duas alas para me ver passar. O mar Vermelho que se abre em dois para que o santo exército
40 atravesse. Isso é a terra, a vida da terra, a minha vida. Houve um dia em que, escoltada por dois policiais, tive de enfrentar essa terra maldita. Eu, Elisabeth d'Aulnieres, viúva de Antoine Tassy, esposa em segundas núpcias de Jerome Rolland. E que vontade de rir diante de todo mundo.
45 Ah, que belo passeio de trenó! De Lavaltrie a Montreal. A ordem de prisão contra mim, os dois policiais cheirando a cerveja, a cidade de Montreal, que atravessei tão bem escoltada. O diretor da prisão se desculpa e faz medidas exageradas. A porta escura se fecha atrás de mim. As quatro
50 paredes bolorentas. O mau cheiro das latrinas. O frio. O auto de acusação. Tribunal do Rei. Termo de setembro de 1840. *The Queen against Elisabeth d'Aulnieres*. Minha louca juventude. Os interrogatórios. As testemunhas. Tinha de refazer minha inocência a cada sessão, como se fosse um

55 penteado entre dois bailes, uma virgindade entre dois
homens. Volto para casa após dois meses de reclusão.
Motivos de saúde, motivos de família. Adeus prisão e adeus
senhor diretor da prisão. Pobre homem confuso, console-se
com minha criada. Ela ficará à inteira disposição da justiça.
60 Prisioneira. Dois anos. Pobrezinha da Aurelie Caron. O
tempo apaga tudo. Você está livre, como sua patroa. A vida
a refazer. A extradição de meu amante jamais acontecerá.
Houve desistência. Dois anos. Preciso me conformar. Casar
novamente, sem véu nem botões de laranjeira. Jerome
65 Rolland, meu segundo marido, a honra restabelecida. A
honra, que ideal para se ter, quando se perdeu o amor. A
honra. Bela idéia fixa a acenar diante do nariz. A cenoura do
burrico. A ração perfeita na ponta de um galho. E o burrico
faminto avança, avança o dia inteiro. A vida inteira. Para
70 além de suas forças. Que cruel engano! Mas é o que faz ir
em frente, pela vida afora. Adoro andar pelas ruas pondo
dois passos adiante a idéia de minha virtude. Sem deixar de
olhá-la um só instante. Uma vigilância de carcereiro. A
idéia, sempre a idéia. O ostensório na procissão. E eu
75 seguindo atrás, qual uma pata. É isto uma mulher honesta:
uma pata que vai em frente, fascinada pela idéia de sua
própria honra. Sonhar, fugir, perder de vista a idéia fixa.
Afastar o véu do luto. Olhar para todos os homens na rua.
Para todos. Um por um. Ser olhada por eles. Fugir da Rua
80 do Parlatório. Reencontrar meu amor, no outro lado do
mundo. Em Burlington. Em Burlington. Nos Estados
Unidos: *Com o passar do tempo deixará o Canadá, não é? Diga-*

me apenas isso. Diga-me como deverei escrever-lhe.

Pobre e querido amor, como sofreu! Como sentiu frio
 85 até Kamouraska, sozinho em pleno inverno. Cerca de 400
 milhas, ida e volta. Amor, amor, como me fizeste mal. Por
 que ter pena de ti? Fugiste como um covarde, deixando-me
 para trás, sozinha para enfrentar a matilha dos justiceiros.
 Amor, amor, vou te morder, te bater, te matar. Teu rosto
 90 amado, nunca mais. E a idade que vem chegando. Ainda
 estou indene, ou quase. Apenas uma linha fina do nariz ao
 canto da boca. O esforço quotidiano da virtude, certamente.
 Meus melhores dias, entretanto, estão contados. O belo
 massacre ainda por vir. Em volta dos olhos, pés-de-galinha
 95 em profusão. A cintura que engrossa. Sã e salva, estou
 dizendo que estou sã e salva. Depois daquele inferno. A
 prova do horror para uma carne incorruptível. Vocês estão
 vendo? A salamandra. Minha alma ainda não afetou meu
 corpo. Todos os dentes, seios e quadris firmes. Uma
 100 potranca de dois anos. E alta, além do mais. A imponência
 das virgens indomadas. Um marido, dois maridos, e o amor
 que me abandonou à própria sorte numa noite de fevereiro.
 Foi em Sorel. Depois da desgraça de Kamouraska. Assim
 que meu amor chegou de Kamouraska. Nunca tinha estado
 105 tão perto da felicidade. E ele, o homem único, fugiu com as
 mãos tintas de sangue. Burlington, Burlington. Este nome
 parece ressoar em minha cabeça como o tilintar de um sino
 distante. Para me desafiar. Me torturar. Ding, dong, ding.
 Inútil fazer-se de mártir. Inocente, eu tenho sido, sem muito
 110 esforço, nos últimos dezoito anos. Esposa perfeita de

Jerome Rolland, um homenzinho pacato que exige o que é seu quase todas as noites, antes de dormir, a ponto de tornar-se cardíaco. Meu dever conjugal indefectível. Menstruada ou não. Grávida ou não. Amamentando ou não. Às 115 vezes até o prazer amargo. A humilhação desse prazer roubado ao amor. Para que tanta encenação? Um ventre fiel, eis o que tenho sido, uma matriz de fazer crianças. Oito filhos deste. E três do anterior, do tempo em que era esposa de Antoine Tassy, senhor de Kamouraska. Procurem bem o 120 pai de meu terceiro filho, as fontes de meu reino de mulher, dois rios que se confundem entre minhas coxas. Meu pequeno Nicolas, com quem te pareces? Teus olhos? São os olhos do amor perdido. Tenho certeza. É com o amor que ele se parece, meu terceiro filho, moreno e esguio. Este 125 homenzinho. Este danadinho que estuda no colégio.

Logo ficarei livre novamente. Voltar a ser viúva. Gostaria de já estar coberta de crepe fino e de véus de boa qualidade. O preto barato desbota logo. Enxugar meus olhos secos, andar sem rumo numa cidade desconhecida, 130 imensa, sem fim, cheia de homens. Com os véus batendo como velas. Em alto mar. A cidade grande é como o mar alto e revolto. Partir, em busca da única ventura de meu coração. Amor perdido. Toda essa filharada para carregar e pôr no mundo, criar no peito, desmamar. Ocupação de 135 meus dias e de minhas noites. Isso me mata e me faz viver ao mesmo tempo. Estou sempre ocupada. Onze maternidades em vinte e dois anos. Terra fértil, tanto sangue, leite e placenta em migalhas de biscoitos. Pobre Elisabeth,

pródiga Elisabeth. Meu pequeno Nicolas, filho único do
140 amor. O sacrifício celebrado na neve. Na enseada de
Kamouraska gelada como um campo seco e poeirento. O
amor assassino. O amor infame. O amor funesto. Amor.
Amor. Única vida deste mundo. A loucura do amor. *Por
145 favor, diga-me como vai sua saúde e a da pobre criança.* Sua
última carta interceptada pelos juízes.

Cap. 2

A Sra. Rolland, empertigada, sem mover o busto, com as mãos imóveis sobre a saia de crinolina, aproxima o rosto da persiana, lança o olhar verde pelas frestas, põe-se à escuta, sob os bandós de cabelos lisos. Um bafo quente e úmido sobe da 5 rua. A goteira transborda e faz um barulho ensurdecedor. No quarto forrado de veludo, de mobiliário inglês, uma voz de homem murmura, roufenha, incompreensível, a respeito da goteira.

Escuta-se, ao longe, o passo pesado de um cavalo que 10 arrasta uma carroça. São duas horas da manhã. O que está fazendo aquela carroça no meio da noite deserta? Já faz algum tempo que andam rondando pela cidade. A carroça se aproxima. Rua Saint Louis, Rua dos Jardins, Rua Dona-cona. Silêncio. Ah, meu Deus! As rodas com aros de ferro viram a 15 esquina, os cascos pesados e cansados se aproximam.

Cavalo e viatura vão desembocar, de um momento para outro, sob minhas janelas. Vêm buscar-me! Tenho certeza de que vêm buscar-me. Um dia, uma viatura, não, foi um trenó. É inverno. Atrás de mim o barulho dos patins na neve 20 endurecida. Perseguem a mim e à minha tia Ade-laide. O pesado galope da parelha de cavalos atrelados. Esperam alcançar-me na perseguição. Ai! Os cavalos enor-mes, o trenó em disparada atrás de mim. Acho que solto um grito, encolhida junto ao ombro de minha tia Adelaide.

25 Se alcançar logo a fronteira americana estarei salva. Convencer minha tia a fazê-lo. Minha cúmplice amedrontada. Depressa. É preciso ir depressa. O amor além daquela linha imaginária. A fronteira em plena floresta, a liberdade. A

viagem a Montreal foi inútil. Consultar um advogado sobre a
30 desgraça de Kamouraska? É muito tarde agora, não tenho
mais escolha. Reencontrar meu amor. Depressa. O tempo é
curto. Depressa. Minha tia chora: "Faço o que você quiser. Vou
para o inferno com você, minha filhinha. Meu Deus, que
desgraça sobre nós. Eu bem que avisei para ser prudente.
35 Louca, louca Elisabeth. É culpa daquele monstro do Antoine
Tassy também. Tudo o que está acontecendo é por culpa dele.
Deus tenha piedade de sua alma, e de nós também. Pobres de
nós. É um pecado muito grande, Elisabeth. É um pecado muito
grande..." É tarde para viver, agora. Na altura de Lavaltrie... A
40 polícia. Me prendem. Minha tia enxuga os olhos. Ah! Eu quis
morrer? Eu quis isso em meu âmagô? Quero viver. Vou viver
a qualquer preço.

A Sra. Rolland fecha a janela. Volta-se para seu marido.
De costas para a vidraça, segurando a maçaneta, calcula o
45 espaço reduzido entre a rua coberta de água, uma velha
carroça que range, e o homem, pequenino, gorducho, fragi-
lizado, que não pára de pensar na morte que está próxima.

Você ainda não mandou consertar a calha? Como é que
você quer que eu adormeça, por um instante que seja, com
50 todo esse barulho?

A Sra. Rolland só consegue ouvir uma carroça no meio
da noite.

– Está ouvindo a carroça?

– Que carroça?

55 – Na rua. A carroça que range, o cavalo...

O Sr. Rolland procura ouvir, como um confessor aborrecido. A chuva, o vento, cataratas de água transbordando da calha. Nada mais a escutar

– Está sonhando, minha pobre Elisabeth. É só a chuva
60 que...

Uma poça de silêncio cai bruscamente. A chuva deve ter cessado. A carroça parou com certeza em frente à porta. A Sra. Rolland passa os olhos pelo quarto à procura de um refúgio. O grande espelho reflete a mesinha de cabeceira cheia de coisas:
65 copos, frascos, remédios, jornais, livros piedosos amontoam-se desordenadamente. Apoiado sobre uma pilha de travesseiros, lívido, Jerome Rolland, com a fisionomia abatida, está sem dormir.

A Sra. Rolland se recompõe, ajeita as pregas da saia,
70 ajusta os bandós. Vai até o espelho, ao encontro da própria imagem, como quem procurasse o socorro mais seguro. Minha alma enfadada está ausente. Ainda sou bela. Todo o resto pode desmoronar ao meu redor. Uma certeza me sustenta em meio aos pressentimentos do medo e do horror
75 dos dias. Um homem. Um único homem no mundo, perdido. Ser sempre bela para ele. O amor me purifica pouco a pouco. Afasta toda falta, todo medo, toda vergonha.

O Sr. Rolland vê avançar no espelho uma imagem triunfante. Sua mulher lhe aparece tal como a morte que se
80 ergue dentro dele, transfigurada, nas noites de pesadelos. O homem se encolhe mais ainda. Esconde a cabeça entre os ombros. Apresenta-se liso e vulnerável, desossado todo o seu ser, sem defesa. Uma ostra fora da concha. Apenas os

olhos estão atentos, pontiagudos, com algo que se assemelha
85 ao ódio.

Ele pede açúcar para tomar seu remédio. Ela lhe assegura que ainda não está na hora. O Sr. Rolland reclama a presença de Flórida. Fica amuado, seu lábio inferior treme como o de uma criança que vai chorar. Tem medo. Suplica que
90 chamem Flórida. A voz calma da Sra. Rolland informa que são duas horas e meia da manhã. Flórida dorme a esta hora. As palavras da Sra. Rolland, nítidas, irrefutáveis, soam na noite. Como uma sentença de morte. Flórida dorme, as crianças dormem, o mundo inteiro fora de alcance. Só existe essa
95 mulher. O Sr. Rolland está só, entregue ao poder maléfico da mulher que, em outros tempos, teve... Ele suplica que acordem Flórida.

– Você está doido. A pobre mulher volta a trabalhar às seis horas. Ela precisa dormir. Não se incomode, eu mesma
100 vou buscar o açúcar. Ainda não está na hora do seu remédio.

O Sr. Rolland olha para o relógio sobre a chaminé. Faltam ainda quatro horas para que Flórida apareça à porta, magra e eficiente, com um sorriso tranqüilo em seu rosto inexpressivo.

105 "O senhor dormiu bem? Vou já tratar do seu asseio. Além do mais não podemos esquecer de suas necessidades".

Com Flórida você pode ser você mesmo, doente e repugnante, apavorado e resignado, queixoso e injusto. Enquanto que diante de Elisabeth...

110 – Não quer tomar nada? Precisa de alguma coisa?

Não devo tomar um só gole enquanto ela estiver aqui. Não. Nada enquanto ela estiver aqui. Ela me matará. Sobretudo que não seja ela a preparar minhas gotas! Ver o açúcar embeber-se, tingir-se pouco a pouco, enquanto essa
 115 mulher aperta o conta-gotas. Não, não, não suportarei. Antes morrer já.

Que mulher admirável a sua, Sr. Rolland. Oito filhos e uma casa tão bem cuidada. E, além disso, desde que o senhor ficou doente, a pobre Elisabeth não sai mais. Ela não
 120 deixa a cabeceira de sua cama. Que criatura devotada e atenciosa, uma verdadeira santa, Senhor Rolland. E bonita, além do mais, uma princesa. A idade, a desgraça e o crime passaram sobre ela como a água sobre um pato. Que mulher admirável.

125 – Por favor. Vai procurar Flórida.

A Sra. Rolland sabe que não deve contrariar os doentes. O melhor é tentar que se interessem por outra coisa, como se fossem crianças.

– Quer que eu leia para você?

130 A Sra. Rolland procura entre os livros empilhados na mesa de cabeceira. O Sr. Rolland mostra um deles.

– Está vendo ali, as *Poesias litúrgicas*? A página marcada com o fitilho?

Jerome observa o semblante de sua mulher. Esta abriu
 135 o livro na página marcada. "Dia de cólera, o dia de hoje". Uma passagem está sublinhada a lápis. "O fundo dos corações aparecerá – Nada que não seja vingado restará".

Fingir não compreender as manobras do homenzinho,

apoiado nos cinco travesseiros de penas. "O fundo dos
140 corações aparecerá". Fale por você, pelo fundo de seu coração,
entregue, virado do avesso como uma luva velha e furada.
Quer dizer que nunca acreditou em minha ino-cência? Sempre
me temeu como à morte? Descobrir isso depois de dezoito
anos. Ameaçar-me de vingança eterna. Refugiar-se nas
145 palavras do Livro Santo. Jerome me olha de soslaio,
observando o efeito de suas provocações. Sou uma mulher fiel!
Há dezoito anos. Inocente! Sou inocente! Suspeita de mim.
Você, tão bom. O chão me foge aos pés. Mas você não saberá
de nada. Não tem nenhum poder sobre mim. Nada a dar de si.
150 Nada receber. Que os esposos permaneçam secretos um ao
outro. Para sempre. Amém.

– Por que está sorrindo assim?

– Por nada. É nervosismo. O cansaço, certamente...

Senhor Rolland, sua mulher está cansada. São três horas
155 da manhã. Não pode exigir que a pobre criatura fique ainda
acordada, partilhe de sua insônia, até o raiar do dia.

– Já pedi para chamar Flórida. Assim você poderia ir
dormir em paz.

Açúcar, açúcar, é preciso açúcar. Está na hora de seu
160 remédio, Sr. Rolland. Não pode passar da hora prescrita. É
grave esta agitação que toma o seu peito. É preciso conjurá-la
a tempo, senão está perdido, Senhor Rolland. O desastre se
prepara. Um atraso de nada em sua respiração e o coração
ficará sufocado. Dará saltos de carpa, fora d'água. O
165 sangue não poderá prosseguir. Uma carpa precisa de ar.
Está sufocando, Senhor Rolland. Açúcar! Açúcar! Suas

gotas!

– Estou descendo para pegar o açúcar.

Com voz tranqüila. O Senhor Rolland arranca os botões
170 da gola da camisa. Seu rosto goteja, a Sra. Rolland debruça-se
sobre ele, os seios quase saltando sob o corpete estreito.
Enxuga o rosto rorejante do marido. Diz com uma voz
inalterável:

– Isto não é nada. Não se preocupe. Vou correndo pegar
175 o açúcar.

De que adianta chamar Flórida? Uma palavra amais e a
reserva de ar se esgotará na câmara de seu coração. Esse
amontoado de espinhos em seu peito, a pequena árvore
emaranhada onde o ar circula tão penosamente. Não consumir
180 o ar desse espinheiro ressequido. Não chamar Flórida.
Suplicar com os olhos apenas. O remédio, o remédio...

Elisabeth saiu do quarto correndo.

Elisabeth fecha a persiana e a janela. Mais um pouco e puxaria as cortinas. Para se proteger, colocar barreiras contra qualquer ataque do exterior. O dia já começa a despontar. Que hora sinistra, a da aurora, esse momento
5 vago entre o dia e a noite, quando o corpo e a mente enfraquecem de súbito e nos abandonam ao poder oculto dos nervos. A noite toda sem dormir. A insônia nos exauriu.

Senhor Rolland, ainda não é a morte. Veja, no entanto, que mergulho. O cansaço o recobre com uma enorme vaga,
10 espessa, pesada, que se desdobra em largo e pesado movimento. Deixa-o deitado sobre a areia, sem forças, esgotado, sentindo o gosto do sal e do lodo, num frêmito de dores. Imensa exasperação por todo o corpo. A dor reconhecível, latejando sob as unhas, à flor da pele. À
15 cabeceira da cama, sua mulher retoma sua solidão.

É preciso chamar logo essa mulher. Trazê-la para a borda do poço deste mundo, onde se tece o seu último fio, senhor Rolland. Não pode ficar sozinho assim, é intolerável essa angústia, essa estreita passarela. Só dá espaço para içar
20 à força uma pessoa viva que vá acompanhá-lo no caminho que ainda lhe resta. É preciso chamá-la. Depressa.

– Elisabeth!

A Sra. Rolland está a cem léguas dali, perdida na contemplação do punho de renda de seu braço direito.
25 Absorta, atenta e minuciosa. Míope e obstinada.

Seria necessário ter saúde para violar essa mulher. Trazê-la à força para o leito conjugal. Estendê-la conosco,

em nosso leito de morte. Obrigá-la a pensar em nós, a compartilhar nossa agonia, a morrer conosco. Inatingível
30 como ela é, essa mulher, nossa beleza corrompida. Dar-lhe provas de seu pecado, pilhá-la em flagrante delito de ausência. Romper o pacto do silêncio. Agitar o passado debaixo de seu bonito narizinho, aparentar desinteresse.

– Elisabeth! Como é que se chamava aquela mulher?

35 – Que mulher? Do que é que você está falando?

A voz de Elisabeth está apagada, distraída. Agora ela parece apaixonadamente interessada pela renda de seu punho esquerdo, idêntica à do punho direito. Compara com gravidade os dois punhos sob a luz.

40 – Você sabe, aquela que fumava cachimbo? Ela se chamava Aurelie Caron. Agora me lembro...

Jerome Rolland articulou cada sílaba com nitidez. Terrificado, espera a reação de Elisabeth. Como se ela pudesse vingar-se a pedradas.

45 Elisabeth empalidece e treme da cabeça aos pés.

– Por que está falando disso? O que deu em você?

O silêncio. Depois, uma cicatriz recente marcando o silêncio. Com a pergunta insidiosa de Jerome Rolland deslizando no fundo. O silêncio que se fecha. Cosido a
50 grandes agulhadas.

A Senhora Rolland pega o jarro d'água. Procura desviar o assunto, finge esquecer a pergunta, exhibe um semblante compadecido de irmã de caridade. Despeja a água no copo. Aproxima-se de seu marido.

55 – Quer beber um pouco de água?

O Sr. Rolland fecha os olhos. Recusar-se terminantemente a beber. Esperar por Flórida. O tempo não conta mais. Por que poupar Elisabeth? Por que não lhe demonstrar enfim nossa profunda desconfiança? Confessar-lhe que nunca
60 nos deixamos enganar por sua inocência.

– Não, eu não quero beber nada agora. Prefiro esperar por Flórida.

A Sra. Rolland pousa o jarro e o copo. O despudor dos moribundos. Jerome Rolland não tem mais nada a perder.
65 Como me despreza, ele, o jovem noivo de outrora, cheio de reconhecimento: "Elisabeth, você, minha mulher! Nunca ousei esperar um presente tão belo!"

Elisabeth senta-se bem longe do leito. Repousa a cabeça nas costas da poltrona, algumas mechas soltam-se de seu
70 coque, está de olheiras fundas, e sua boca firme se enche de sangue. Eu também não dormi esta noite. Estou louca e lúcida. A febre da insônia, meu marido, se você soubesse como eu a compartilho. Os dois juntos num mesmo delírio, atrelados juntos numa mesma tarefa. As grandes redes de pesca que
75 puxamos juntos. O fundo do oceano raspado de seus pobres tesouros. A memória exata dos loucos traz à tona os fatos como se fossem conchas. Na primeira vez, Jerome, quando você se aproximou de meu leito, gorducho e balofo, perdido em seu imenso robe engalanado e qua-driculado, eu tinha
80 vontade de rir e cantarolava men-talmente: "*Mon père m'a donné un mari. Mon Dieu, qu'il est petit*".* Você notou o meu olhar. Aquela tristeza incrédula em seus olhos cinzentos, a muda censura. O fracasso da primeira noite. Meu Deus, será

possível que nada pode se apagar? Vivemos como se nada
85 tivesse acontecido e subitamente o veneno do fundo do
coração vem à tona, Jerome certamente nunca me perdoou. O
nome de Aurelie Caron que ele retira do fundo da água turva
como se fosse uma arma enferrujada, para me matar.

90 O Sr. Rolland murmura claramente por duas vezes:
"Aurelie Caron, Aurelie Caron". Elisabeth não se move.
Sente a testa coberta de suor. Ele está delirando, com
certeza, do contrário não teria coragem para tanto.

O Sr. Rolland respira com dificuldade. Gostaria de
95 lançar às trevas esse nome de mulher pouco recomendável.
É uma espada de dois gumes que cai sobre mim. Dilacera
meu peito. Aurelie Caron está ligada por todas as fibras de
seu ser ao coração criminoso de Elisabeth d'Aulnieres,
minha mulher diante de Deus e diante dos homens. Não
100 quero saber de nada, jurei não saber de nada, viver com os
olhos fechados. Ah! Meu Deus, estou sufocando com toda
esta sujeira de memória nas veias.

Elisabeth retorna para junto do leito. Contempla o
semblante alterado de seu marido.

105 – Acalme-se. Tente dormir um pouco. Flórida não
deve demorar.

O Sr. Rolland fecha os olhos. Que mulher boa a sua,
senhor Rolland, atende ao menor movimento da morte em
seu rosto pálido.

110 Elisabeth se tranqüiliza. Ajeita o coque, envolve os
ombros com um xale bem amplo. Por que não aceitar a

situação? Desembaraçar-se desse homem, afinal? Pior para ele. Foi ele quem quis. Que tudo se arranje pois entre Flórida e ele, entre a morte e ele. Não exigiu a presença de Flórida por várias vezes? Pois bem, que ela cuide dele agora, lavo minhas mãos. Deixo meu marido entregue de vez a Flórida. Me repousar, enfim. Estirar-me na cama de casal, ao comprido ou atravessada. Viver. Que crime poderia ser esse, quando já se surpreendeu o olhar ávido de Flórida farejando a morte? Essa criatura desengonçada que de repente reanimou-se. A súbita mudança da criada pressentindo o fim de seu patrão. Uma tonta que sai de sua patetice. Uma cataléptica que volta à vida. Uma perdida que encontra sua direção e seu caminho. Meu Deus, será possível? A criada incompetente que vive no mundo da lua, deixa entornar o leite no fogo, quebra os copos e os pratos, calça as crianças errado. A botina direita no pé esquerdo e vice-versa. O que faremos com essa mulher! Não presta para nada. Não seria melhor mandá-la de volta para a aldeia? Bastou que Jerome tivesse sua última crise na frente da criada para que ela surgisse do fundo da noite. Se transfigurasse. Descobrisse sua vocação fúnebre. A transformação é completa. Olhar vivo e gestos precisos, eis Flórida, à segunda maneira. Estranha, leve criatura que se apronta para celebrar, segundo os ritos, os últimos momentos de Jerome Rolland. Sanguessugas e cataplasmas, mingau e gemada, compressas e extrema-unção, lágrimas e mortalha. Nada falta e nada faltará. Pode confiar em Flórida. A senhora poderá chorar em paz. Eu cuidarei de tudo.

140 Ela já está ali, na soleira da porta. Nunca se ouve quando
ela chega, com suas pantufas. O passo pesado, abafado, os
pés largos afastados um do outro. O longo pescoço
recurvado que ela tem, a cabeça de cabelos trançados
balançando. Uma aparência de cavalo de coche fúnebre

145 agitando suas trancinhas cinzentas, amarradas de preto.
Flórida sorri com todos os seus dentes brancos e longos.

– É dia de feira. Já vi carroças passando pela rua. A
senhora pode ir dormir. Não precisa preocupar-se com o
patrão. Estou aqui.

150 Flórida ergue Jerome Rolland em seus braços
robustos, vira-o como se fosse um embrulho ligeiro. Tira-lhe
o camisolão molhado de suor, lava-o e veste-o com outro
limpo. Elisabeth se sente de mais, apaga-se. Debruça-se à
janela. Percebe, às suas costas, dentro do quarto entregue a

155 Flórida, toda uma atividade matutina de hospital.

A Sra. Rolland deixa seu marido nas mãos experientes
que o acalmam e o dominam. Abandona o quarto
furtivamente, enquanto o Sr. Rolland, aliviado, lavado e
barbeado, dorme de cansaço nos lençóis limpos. Flórida fica

160 de vigília, imóvel em sua cadeira, apoiada na cama. O Sr.
Rolland sonha que descansa para sempre no regaço de
Flórida.

* [N. T.] Linhas 80 e 81: Canção folclórica de roda de origem
165 francesa. Tradução: "Meu pai me deu um marido. Meu Deus, como ele é
pequenino".

Expulsa! Fui expulsa do aposento conjugal. Expulsa de minha cama. Por dezoito anos aquele homem doce ao meu lado num grande leito de madeira esculpida, o colchão de penas, os lençóis de linho. Aqui estou, sozinha na
5 caminha ridícula de Leontine Melançon, a professora das crianças. A senhorita Leontine dorme, desde ontem, num sofá do quarto de Anne-Marie. Meu marido está tão doente. Isso aqui cheira a tinta e a solteirona. Preciso dormir. Dormir. Depressa antes que as crianças acordem lá em cima.
10 Me acostumar a dormir sozinha. Suportar o horror dos sonhos. Sozinha, sem a ajuda do homem, sem o socorro do homem. Presença de um corpo debaixo das cobertas. Calor irradiante. O abraço que tranqüiliza. Absolvição de todo mal, breve eternidade, reconciliação com o mundo inteiro.
15 Jerome, meu benzinho, agora posso confessar isto, sem você eu já estaria morta de pavor. Devorada, despedaçada pelos pesadelos. O terror se ergue como uma tempestade! Um homem ensangüentado jaz para sempre na neve. Ele está ali! Seu braço gelado, endurecido, levantado, estendido para o
20 céu! Ah, Jerome, meu marido, tenho tanto medo! Me abraça outra vez para que eu possa alcançar a salvação. Um pouco de paz. O sono enfim!

A Sra. Rolland ergue-se da cama de Leontine Melançon, espanta-se ao ver-se ali toda vestida, deitada.
25 Devo ter cochilado.

Tenta por duas vezes desfazer a cama, retirar as cobertas que foram presas sob o colchão sem uma prega

sequer. Desabotoa o corpete, o cinto. Pensa vagamente em chamar alguém para tirar-lhe as longas botinas, mas não ousa
30 fazê-lo com receio de acordar as crianças. Segurando nos lábios os grampos de cabelo, inclina-se para desabotoar as botinas, engasga-se com um grampo, quase o engole. Chora de soluçar, com as mechas ruivas entrando nos olhos. Um seio salta do corpete.

35 Deita-se enfim. Por cima das cobertas. Esse odor azedo de virgem mal lavada, não, não posso suportar! Elisabeth fecha os olhos.

Culpada! Culpada! A Sra. Rolland é culpada! Elisabeth ergue-se de um salto. Escuta com atenção. No andar de
40 baixo o passo solene de Flórida, prestimosa ao redor do leito de Jerome. Meu marido teria piorado? Não, pois Flórida viria me avisar. Preciso dormir. A culpa é dessa mulher lúgubre, também. Não devia ter deixado meu marido doente em suas mãos. Que cerimônia demoníaca estariam
45 tramando, ela e ele? Meu pobre marido em conivência com Flórida, para se perder para sempre. Meu marido está morrendo novamente. Calmamente em seu leito. A primeira vez foi pela violência, no sangue e na neve. Não são dois maridos substituindo-se um ao outro, seguindo um ao outro,
50 nos registros de casamento, mas um único homem renascendo continuamente de suas cinzas. Uma única e longa serpente refazendo-se indefinidamente em seus anéis. O homem eterno que ora me toma, ora me abandona. Sua primeira face cruel. Eu tinha dezesseis anos e queria ser feliz.
55 Bandido! Bandido sujo! Antoine Tassy, senhor de

Kamouraska. Depois vem o clarão sombrio do amor. Olhos, barba, cílios, sobranceiras, negros. Doutor Nelson, estou doente e não mais o verei. Que belo tríptico! A terceira face é tão suave e insossa, Jerome. Jerome, Flórida está cuidando
60 de você. Quanto a mim, quero dormir! Dormir!

Flórida estaria arrastando os móveis? Que será que ela está fazendo? A casa toda lhe pertence agora. Ela dá ordens, organiza, prepara os móveis e os quartos para a cerimônia. Abre as das folhas do portão da entrada. Ouço o barulho
65 dos dois batentes. Tenho certeza de que Flórida abriu o portão. O que é que ela tem? O sonho! É um sonho? Flórida com suas pernas de caniço. Eu sei que ela está de guarda na calçada. Vejo-a bem agora, ouço-a e vejo-a. Traz uma albarda no ombro direito, como um suíço de igreja. Com aquele
70 avental engomado que vestiu de manhã, todo esvoejante sobre seu corpo seco. Proclama horrores dirigidos aos que voltam da missa das sete horas: Atenção! Boa gente, atenção! Meu patrão está morrendo. É a patroa que está matando ele. Venham. Venham todos. Vamos levar minha patroa a
75 julgamento. Vamos levar minha patroa para a panela como se fosse um coelho aberto a faca. Pronto, eis as tripas sujas de seu ventre sujo. Atenção! Boa gente, atenção! O auto de acusação está escrito em inglês. Pelos senhores deste país:

80 *At her majesty's court of kings' bench the iurors for our Lady the Queen upon their oath present that Elisabeth Eleonore d'Aulnieres late of the Parish of Kamouraska, in the county of Kamouraska in the district of Quebec, wife of Antoine Tassy, on the fourth day of january in the second*

year of the reign of our sovereing Lady Victoria, by the Grace of God of
85 *the united kingdom of Great Britain and Ireland, Queen, defender of the*
faith, with force and arms at the parish aforesaid, in the county aforesaid,
wilfully, maliciously and unlawfully, did mix deadly poison towit on
ounce of white arsenic with brandy and the same poison mixed with
brandy as aforesaid towit on the same day and year above mentioned
90 *with force and arms at the parish aforesaid int the county aforesaid,*
feloniously, wilfully, maliciously, and unlawfully did administer, to and
cause the same to be taken by the said Antoine Tassy then and there being
a subject of our said Lady the Queen, with the intent in so doing
feloniously, wilfully, maliciously, and for her malice aforethought to
95 *poison, kill and murder the said Antoine Tassy against the peace of our*
*said Lady the Queen her crown and dignity.**

Atenção! Está aberta a sessão!

* N. T.de TLT-1: em inglês no original. (Abaixo, cópia da tradução do inglês presente em TLT-1).

"No tribunal de Justiça Superior os jurados de nossa Rainha, em seu julgamento, acusam Elisabeth Eleonore d'Aulnieres, recentemente na paróquia de Kamouraska, condado de Kamouraska, distrito de Quebec, esposa de certo Antoine Tassy, no quarto dia de janeiro do segundo ano do reinado de nossa sobeana Rainha Vitória, pela graça de Deus, do reino unido da Grã-Bretanha e Irlanda, defensora da fé, com força e armas na paróquia acima citada, no condado também acima citado, premeditada, malévola e ilegalmente, misturou veneno mortal, a saber uma onça de arsênico branco com uísque, conforme dito, no mesmo dia e ano acima mencionado, no condado citado, criminosa premeditada, malévola e ilegalmente ministrou-o e fez que o mesmo fosse tomado pelo dito Antoine Tassy nesse tempo súdito de nossa soberana, a Rainha, com o propósito de, ao proceder assim criminosa, deliberada e premeditadamente, envenenar e assassinar o referido Antoine Tassy contra a paz de nossa soberana, a Rainha, em sua coroa e dignidade.

Que grito agudo e gutural, estou com os miolos em frangalhos! Flórida é o diabo. Pus o diabo a meu serviço. É
 100 a segunda vez, Sra. Rolland. É a segunda mulher do inferno que a senhora emprega em sua casa. A primeira chamava-se Aurelie Caron, lembra-se? Não, isso não é verdade. Não sei de quem estão falando.

Elisabeth leva as mãos à cabeça. Cada grito é uma
 105 pancada; vou morrer. Senta-se na cama. O quartinho de Leontine Melançon está agora cheio de luz. É plena manhã. Lá em cima as crianças fazem um grande alarido, cada uma querendo sapatear e algazarrar mais do que a outra. De repente dois gritos penetrantes novamente cortam o ar,
 110 dominando o tumulto. A criança que faz isso não grita nem de raiva nem de dor, é só pelo prazer de soltar toda a sua vez acima do barulho de seus irmãos e irmãs.

A Sra. Rolland veste o roupão e precipita-se escada acima. Ei-la enfurecida e ofegante no quarto das crianças.
 115 Dá uma boa palmada no pequeno Eugene que, surpreso, esquece de chorar.

– Seu pai está doente. Você não é louco, para gritar desse jeito!

A desordem do quarto é indescritível. Restos de pão
 120 no tapete, uma xícara de leite derramada. Um grande cavalo de madeira caído de lado parece esticar o pescoço para a poça de leite. Lençóis sujos amontoados. A pequena Eleonore está seminua, com a bundinha assada. A Sra. Rolland sacode a ama-seca pelos ombros. Uma chuva de grampos
 125 cai em volta da jovem assim sacudida com mão firme.

– Pobre Agathe, você não passa de uma palerma!
 – Flórida prometeu me ajudar. Não posso fazer tudo sozinha.

Agilmente a Sra. Rolland passa talco nas nádegas da
 130 pequena Eleonore e veste-a com bonitas calças bordadas. O
 cavalo de madeira é colocado de pé. Agathe recolhe a roupa
 suja, enxuga o leite derramado no chão, varre as migalhas
 de pão. Tudo fica em paz. As crianças vestidas, penteadas,
 sossegadas, fazem poses encantadoras ao redor da mãe.
 135 Agathe junta as mãos diante de tão comovente quadro.

– Parece a rainha com os príncipezinhos em volta!

A verdade sai da boca dos inocentes. A rainha contra
 Elisabeth d'Aulnieres, que absurdo. Como ousam acusar-me
 de ter ofendido a rainha? Pois que está provado que pareço
 140 com ela, como uma irmã, com todos os meus filhos em volta
 de mim. Pareço com a rainha da Inglaterra. Imito a rainha
 da Inglaterra. Estou fascinada pela imagem de Vitória e seus
 filhos. Mimetismo profundo. Quem poderá acusar-me de ter
 pecado?

145 A voz esganiçada da pequena Anne-Marie eleva-se de
 repente:

– Mas mamãe está de roupão! Ainda nem se penteou.
 Além do mais seu rosto está todo vermelho!

Que peste esta menina sabida e lúcida demais. Num
 150 piscar de olhos quebrou-se o encanto, desmascarou-se a
 representação. O desalinho da Sra. Rolland soa como uma
 nota desafinada. Um quadro tão bonito de crianças bem tra-
 tadas e vestidas com esmero. Agathe parece envergonhada

por ter-se deixado enganar por aparências tão frágeis.

155 – Mamãe, pode deixar que eu penteio você!

Anne-Marie suplica com os olhos brilhantes. Por algum tempo Elisabeth deixa a filha mexer em seus cabelos. Movimentos de pente e de escova se sucedem sem êxito numa cabeleira basta e embaraçada.

160 Bom, que lhes seja mostrado sem pudor o reverso da imagem de Vitória. Que estas crianças fiquem bastante desconcertadas e perplexas. Isto as tornará menos bobas. Cabelos e roupas em desalinho, eis a mãe de vocês, emergindo de um sono de algumas horas, visitado por
165 demônios. Anne-Marie, minha filha, acha que meu rosto está vermelho? Você nem imagina como esta observação me atinge e atormenta. Sua vizinha de criança traz à tona uma outra voz oculta na noite dos tempos. Uma longa raiz sonora se desprende e surge com a própria terra de minha
170 memória. O tom rude e assustador de Justine Latour que testemunha diante do juiz de paz.

– Durante a viagem do doutor Nelson a Kamouraska, a senhora estava mais vermelha e agitada que de costume.

Determino como as crianças passarão o dia. Anne-
175 Marie e Eugene estão convidados para ir à casa de tia Eglantine. A professora os acompanhará. Quanto aos outros, Agathe vai levá-los até o jardim do forte. Que fiquem passeando até o anoitecer. Amém. Só tenho que me vestir e esperar o médico que não deve tardar.

180 Vestida, arrumada, alerta, a Sra. Rolland retoma seu posto junto à cabeceira do marido. O doutor é categórico:

– Seu marido pode partir a qualquer momento.

Não despregar os olhos de Jerome Rolland, velá-lo
como ao próprio mistério da vida e da morte. Surpreender a
185 mão de Deus agarrando sua presa, confortar esta pobre
presa humana. Ser vigilante até o extremo limite da atenção.
Aceder à sombra do menor desejo deste homem. Ficar ali.
Dar-lhe de beber, dizer-lhe bom dia, dizer-lhe adeus. Dizer-
lhe que é verão. Assegurá-lo da misericórdia de Deus.
190 Mostrar um semblante de paz, a própria evidência da paz
num semblante reconciliado com Deus. A inocência exposta
como a pele sobre os ossos. Jerome, está acordado? Agita-se
durante o sono. Murmura o nome de Flórida. Por duas
vezes chama por Flórida. Parece não me ver. Me ignora para
195 chamar essa mulher que é cúmplice da morte.

– Flórida foi às compras. Não vai demorar.

A Sra. Rolland está em pé, sentindo o sangue fugir de
seu rosto. Com frio no corpo todo. Não, não, isso não vai
ficar assim. Ele está exagerando. Me insultando. É muito
200 injusto, afinal. Sou sua mulher. Só eu é que velarei Jerome
Rolland, meu marido. Quando Flórida voltar, mando-a para
a cozinha.

A voz baixa e lenta de Jerome.

– Elisabeth, você teve muita sorte em casar comigo,
205 não foi?

A voz neutra, sem vibração, de Elisabeth:

Jerome, sem você eu estaria livre para refazer minha
vida, como se trocasse uma roupa velha por outra nova.

Menos do que um duelo, foram dois golpes perfeitos,

210 diretos e justos. Atingida a ponta do coração, num sussurro de alcova. Diante da morte que se aproxima.

O sol se pôs por trás da casa. Como uma chama que foi soprada. Bruscamente tudo fica muito escuro, negro. Minhas três tias agitam-se, correm de um lado para outro. Sobem e descem a escada da galeria. Pegam três vasos de 5 gerânios. Desaparecem no interior da casa. Cada uma segurando contra o peito, seu vaso de flores vermelhas ou cor de rosa. A porta de entrada bate. O eco por trás desta porta fechada é extraordinário. O barulho da porta que bateu persiste por longo tempo, como num lugar deserto, 10 sem móveis nem cortinas. Um lugar imenso. Desmedido. Uma espécie de estação de trem. Uma adega alta e nua. Logo em seguida uma voz aguda se eleva, retomada ao infinito pelo eco.

Tenho certeza de que vai gear esta noite. Seria uma 15 pena deixar os gerânios na galeria. Ge- râ- ni- os... Ga- le- ri- a... ri- a... i- a...

As palavras se inflam. Rolam e desmoronam. A voz vizinha do salão. Tia Luce-Gertrude? Tenho certeza de que era ela. A noite caiu por completo, agora. A silhueta sombria 20 de minha casa fechada enche toda a Rua Augusta. Pode-se mesmo dizer que a casa se ergue no meio da rua. Maciça, imutável, provocante. Uma espécie de barricada.

Gostaria de fugir. Não entrar dentro da casa. Seria arriscar-me, por certo, a reencontrar ali minha vida passada 25 se reanimando, sacudindo as cinzas, em migalhas empoeiradas. Cada tição extinto, reacendido. Cada rosa do fogão que crepita, fulminante. Não, não! Não quero. Não

atravessarei nunca mais a soleira da casa. Vocês estão enganados, não sou quem estão pensando. Tenho um álibi 30 irrefutável, um salvo-conduto em perfeita ordem. Deixem-me ir embora, sou a Sra. Rolland, esposa de Jerome Rolland, tabelião em exercício na cidade de Quebec. Nada tenho a ver com os mistérios defuntos e pouco edificantes dessa casa de tijolos na esquina das Ruas Augusta e Philippe, na cidade 35 de Sorel. Há erro de pessoa. Deixem-me. Tenho afazeres em outro lugar. Meu dever me chama na Rua do Parlatório, em Quebec. Meu marido está morrendo neste exato momento. Meu lugar é à sua cabeceira. Nada tenho a fazer na Rua Augusta, em Sorel. Eu juro. Sou a Sra. Rolland, a Sra. 40 Rolland!

Não ousou desviar a cabeça. Fixo o olhar diante de mim. No entanto, à direita e à esquerda de minha pessoa acontece algo que não vejo. Aproxima-se de mim, dos dois lados ao mesmo tempo. Me toca. Me pressiona. Em minha 45 cintura. Amarrota minha saia. Toca meu joelho. Sinto-me erguida do chão. Presa sob os braços por outros braços vigorosos. Vou sofrer mais uma vez esta afronta? Cercada por dois policiais serei obrigada a transpor a porta, ali, diante de mim? As testemunhas! Estão todas ali, reunidas 50 no salão, abrigadas por detrás das persianas fechadas. Ouço-as cochichar. Não aceito o confronto com tais pessoas: empregados, estalajadeiros, barqueiros, camponeses. Testemunhas sem importância. Quanto a Aurelie Caron...

É ela, eu a chamei, a convoquei, com o meu próprio 55 medo. Aurelie me segura pelo braço. Dou uma olhada de

soslaio. Seu perfil prognata destaca-se em silhueta. Seu peito arfante pela dificuldade em respirar. Ela parece tomada de extraordinária indignação. Penosamente viro a cabeça para o outro lado, como um doente exaurido em seu travesseiro.

60 A imagem aturdida de Justine Latour me olha agora, rindo e chorando ao mesmo tempo.

– Meu Deus! Meu Deus, madame! A senhora nos meteu em maus lençóis!

Irrompe o riso louco de Aurelie. Bem junto de mim.

65 Vibra por um instante. Quebra-se. Esfola-me o rosto. Meus dois guarda-costas seguram-me com firmeza. Fazem-me subir a escada, de quatro em quatro. Alguém que não vejo abre a porta pelo lado de dentro. Acho-me no vestibulo. A porta do salão está fechada. Atrás da porta as testemunhas

70 se calam. Ouço-as respirar, tossir, fungar, amarfanhar tecido ou papel, em surdina. O salão se enche de um pisotear confuso e nervoso.

O silêncio que se segue é tão repentino e total que me aperta a garganta. Não há mais ninguém no salão. A porta

75 se abre docemente sobre o vazio. Também não há mais ninguém ao meu lado para me forçar a ir em frente. Aurelie Caron e Justine Latour desapareceram. Estou sozinha no vestibulo. O cheiro enjoativo e forte das casas fechadas me invade por completo, penetra pelas narinas, arde nos olhos.

80 Cola em minha pele.

O revestimento das paredes despregou-se, em largas placas. O entulho foi varrido e amontoado junto ao rodapé. Cai uma poeira fina, incansável como a neve. Será que vou

morrer aqui, neste vazio absoluto? Uma redoma de vidro
85 onde persiste uma poeira seca, para me sufocar.

Nesse espaço reduzido, nesse ar cinzento que se rarefaz, surge uma comungante. Toda vestida de branco, da cabeça aos pés. Seu longo véu vai até o chão. Em sua cabeça uma guirlanda de rosas brancas. Não posso fazer nenhum
90 movimento. Em sua mão pesada, em meu braço petrificado, morre docemente o esboço vão de um sinal da cruz. Uma criança que sou eu me olha bem de frente e me sorri gravemente. Me obriga a escutar a voz ligeira e solene que eu julgava perdida.

95 – Renuncio a Satanás, a suas pompas e obras, e me uno a Jesus Cristo para sempre.

Assim, os votos do batismo são renovados solenemente. O resto pode seguir sua ordem. A porta está aberta. Respira-se a plenos pulmões um ar fresco e puro. Retomo o
100 uso de meus movimentos, enquanto a comungante se despe diante de mim, no vestíbulo. Minhas queridas tias estão em volta dessa criança. Tiram-lhe o véu e a guirlanda. A criança se desfaz com alegria do vestido branco, que, ao cair no chão forma um anel nevado à sua volta, que é transposto
105 risonhamente num pé só.

Não nos demorem mais. A infância já passou. Toda uma educação de moça rica se desenrola como convém. A seda, a cambraia fina, a musselina, o veludo, o cetim, as peles e o cashmere sucedem-se rapidamente ao tule da
110 primeira comunhão. Os figurinos, os pacotes de tecidos, rescendendo agradavelmente às longas viagens, em fundo

de navio, através de oceanos longínquos, vêm aportar no
vestíbulo em ruínas. Local da reconstituição.

– A menina está crescendo a olhos vistos!

115 – Elisabeth, mantenha as costas eretas, o busto apu-
mado. E, sobretudo, não encoste no espaldar da poltrona.

– É preciso mudar de costureira. Esta não tem um
bom corte.

– Não esqueça a santa comunhão. Não levante os
120 olhos de seu trabalho de tapeçaria. Sua beleza e boas
maneiras farão o resto.

Adelaide, Luce-Gertrude, Angelique agitam-se me
volta da Menina. Vigiam seu peso e sua altura.

Aurelie aos quinze anos. Vai e volta na calçada em
125 frente de minha casa. Balançando-se dentro de seu
vestidinho de índia. Me faz sinais com a mão. Todo um
bando de vadios seguindo-a e empurrando-a. Esta garota
me provoca e me faz morrer de inveja. Aos quinze anos,
sabe tanto sobre a vida quanto os próprios mortos.

130 Minha tia Luce-Gertrude fecha a porta.

– Essa moça já está perdida. Em sua idade, é
abominável.

– Eu bem que queria sair também. Ir pescar como
quando eu era pequena! Com os rapazes!

135 Tia Luce-Gertrude não diz mais nada. Tia Luce-Ger-
trude perde a respiração. Tia Adelaide também. E tia Ange-
lique. A Menina transformou-se numa verdadeira mulher.

Ei-la em seu primeiro vestido de baile, todo de frufrus
furta-cor, com os ombros à mostra, flores nos cabelos. Ainda

140 bem que nesta região selvagem, há o baile do governador!

As três pequenas Lanouette entregam-se a um sonho louco, misturado à angústia. Como se elas próprias devessem lançar-se numa mutação carnal incessante, extravagante e libertina.

145 Minha mãe aproxima-se lentamente no vestíbulo. Me olha com consternação. Sua melancolia aumenta. Decide falar.

– Temos que casar esta Menina.

Só tenho o tempo de correr atrás de Aurelie ao longo do rio. É melhor nos encontrarmos logo, no ácido frescor de nossos quinze anos.

Observamo-nos mutuamente. À distância. Desconfia-
5 das como duas gatas.

A saia estreita cola em suas pernas. Os pés descalços estão sujos de barro seco. Duas tranças compridas de cabelos crespos descem por suas costas, parecendo duas correias negras, aureoladas de espinhos avermelhados pelo sol. O
10 rosto, o pescoço, os braços nus têm a brancura lívida dos cogumelos frescos.

– Como você está pálida, Aurelie.

– Estou sempre com essa cor de prisioneira, a madame sabe muito bem disso. Um verdadeiro pressentimento...

15 Tudo vai mal. Desde o início o fundo da história transparece. Aurelie me fala de prisão. Me chama de "madame". Ela vai envelhecer diante de meus olhos, vai ganhar peso. Retomar toda a sua vida. Vai pedir-me explicações, provavelmente? Minha alma, para que isso não
20 se repita! Minha vida, para encontrar intacto o tempo em que éramos inocentes, eu e ela.

– Nunca fui inocente. Nem a madame.

Parece que estamos ensaiando uma peça. Procurando palavras e gestos já vividos e amadurecidos longamente, mas
25 que hesitam em mostrar-se sob a luz.

A voz é cada vez mais penetrante, adulta e cruel.

– Foram dois anos e meio que fiquei na prisão, não

sabe? Por sua causa. À disposição da justiça, como eles dizem. Enquanto que a madame ficou livre sob fiança...

30 – Dois longos meses de prisão para mim também, Aurelie, está esquecendo?

A voz cortante. A jovem salta de lado. Com os ombros projetados para frente. Prestes a me atacar.

– Não me esqueci de nada. Nada mesmo.

35 Tenho de ser rápida. Me proteger do furor de Aurelie. Salvar nós duas. Nos reconciliarmos para sempre. Abolir toda uma época de nossas vidas. Reencontrar nossa adolescência. Bem antes que... É como se eu arrancasse da escuridão, com muito esforço, uma palavra, uma só, pesada, longa
40 gínqua. Indispensável. Uma espécie de peso oculto embaixo da terra. Uma âncora enferrujada. Na ponta de uma longa corda subterrânea. Uma espécie de raiz profunda, perdida.

– Desistência! Desistência! Aurelie, você bem sabe que houve desistência!

45 Aurelie repete com aplicação "desistência". Aparentemente sem acreditar. Indecisa. Como alguém que aprende uma língua. "Desistência". Depois esta palavra a ilumina por inteiro. Faz com que ria às gargalhadas.

– "Desistência". Confundiram os juízes! Dispensaram as
50 testemunhas. Taparam a boca dos jornalistas! A madame está salva e eu junto! Livres! Livres! Estamos livres!

Aurelie, sem fôlego de tanto rir, deixa-se cair no chão. Seus ombros estremeçam como se chorasse. Ajoelho-me a seu lado, no capim amassado do caminho.

55 – Aurelie. Lembra. E seus quinze anos?

Ela ergue em minha direção seu rostinho calmuco, rindo com os olhos apertados. Me examina atentamente com precaução. Procurando manter um olhar ardente e virulento.

– Naquele tempo lhe chamavam de "Senhorita", com
60 toda a pompa.

De novo a gargalhada. Ela toca em minhas roupas, como se tocassem em fogo ou neve.

– Como está bem vestida! Parece uma festa. Mas a senhorita não entende nada de rapazes.

65 Aparento desdém. Desvio o rosto e aliso as pregas de minha saia com altivez.

– Isto não é nada. Se você visse meu vestido de baile. Decotado, todo de seda, para dançar na casa do Governador.

70 Encorajada pela palavra "Governador", Aurelie segura minha saia com as duas mãos.

– Como é macio e bonito! Grande traste, o Governador! Por mim, vivo com o meu tio!

– Ouvi dizer que não é seu tio.

75 De novo Aurelie aperta os olhos. Uma pequena víbora, rapidamente, surge entre os cílios e desaparece.

– Não interessa se é ou não é. Com ele eu vivo bem. Quase não trabalho. Tenho uma gola de renda, para ir à missa aos domingos.

80 – Aurelie, é verdade que você é uma feiticeira?

Aurelie, subitamente muito calma e digna, sacode os ombros. Pega o cachimbo preso ao cinto por uma fita. Esvazia-o batendo no calcanhar descalço. Tira um saquinho de

tabaco do bolso.

85 Aurelie enche o cachimbo. Acende um fósforo. Faz puf... puf... com sua boca de lábios grossos. Como se fosse uma criança mamando. O seu rosto pálido exprime um contentamento infinito. Fala em meio a uma nuvem de fumaça. Com a voz ausente. Num tom distante.

90 – Eu sei quando os bebês que acabam de nascer vão ou não viver. É até fácil. Logo depois que nascem, depois de bem lavados pela parteira, eu chego e lambo os bebês da cabeça aos pés. E aí, quando o gosto é muito salgado, quer dizer que eles vão morrer. Não me enganei nem uma vez. As mães
95 mandam me chamar logo, para saber.

– E os rapazes, Aurelie, me fala dos rapazes.

Parece que eu grito, pondo as mãos em porta-voz. Aurelie me escapa. Passo bruscamente do sol ofuscante a uma espécie de penumbra úmida, avassaladora. Uma única
100 idéia verrumando na cabeça: tenho de voltar para casa, ou não me permitirão ir ao baile do Governador. Se minhas tias descobrirem que me encontrei com Aurelie, serei castigada. À medida que esta idéia percorre minha cabeça e se instala, clara e nítida, afasto-me vertiginosamente de Aurelie. Sem
105 que eu mesma chegue a dar um passo, aliás. É como se deslizesse sobre o rio. Uma espécie de jangada sob os pés. O rio silencioso. Nenhuma resistência da água. Nenhum barulho de onda ou de remos. Vou ao baile do Governador. Tenho de ir ao baile do Governador. Adeus Aurelie. Se
110 algum dia encontrar você de novo, vou fazer como se não a conhecesse, má companhia, mau encontro. Minha mãe me

prometeu um colar de pérolas, para eu ir ao baile do Governador. Minha alma por um colar de pérolas. E os rapazes, Aurelie? E os...

115 Seu perfil preciso cor de marfim. Seus lábios grosseiros. Seu cachimbo. Uma nuvem de fumaça. Depois mais nada. Aurelie desapareceu.

O baile é uma maravilha. Danço com o Governador em pessoa, sentindo sua respiração em meu pescoço. Tia
 120 Adelaide bate com o leque em meu braço. Os lustres são extraordinários. Luzes róseas se balançam no teto. Quero dançar a noite inteira. Os rapazes endomingados não são nada divertidos. E as moças então? Pretensiosas e afetadas, rindo como se fossem gansas grasnando. Só mesmo o próprio
 125 Governador... Todo corado. De suíças ruivas. Acho que ele olha enviesado para... Aumentei o meu decote. A música, minhas pernas. Minha cintura. A música. A música me sobe à cabeça. Um, dois. A polca. Adoro a polca. Dócil como uma vela se derretendo, viva como uma chama. Acho que o
 130 Governador (dançando até perder o fôlego) me inclina sobre seu braço. Como uma flor que desfalece. Quem sabe eu imaginei isso? Minha mãe diz que precisam me casar. A quadrilha recomeça. Os rapazes ficam ofegantes, bufando, como se fossem leitõezinhos pesados e desajeitados. Me
 135 olham de soslaio. Minha mãe repete que precisam me casar. O Governador já tem bem uns quarenta anos, idade interessante. Os outros, leitõezinhos endomingados, nada mais. Aurelie, apesar de tudo eu precisava lhe falar. Como fazer?

140 Eu queria saber... Os rapazes... Os rapazes...

Vou me casar. Minha mãe disse sim. E eu também disse sim, na noite de minha carne. Ajudem-me! Diga-me, você, minha mãe? Aconselhem-me! E vocês, minhas tias? Será o amor? Será o amor que me atormenta? Acho que vou me
5 afogar.

Com que então é assim que as moças vivem? Te encho de mimos, te penteio. Te levo à missa e ao catecismo. Te escondo a vida e a morte por trás de grandes biombos, bordados com rosas e flores exóticas. São os selvagens que
10 deixam cair os recém-nascidos nas camas das mães. Você sabe, os pequeninos, com o rosto enrugado, que a gente encontra de manhã, embrulhados em cueiros e em lã branca? Junto à mamãe cansada que sorri? As fábulas. As fábulas de Deus e dos homens. *As bodas de Caná, A noiva de Lamermour, A*
15 *la claire fontaine, jamais je ne t'oublierai.*** O amor, o belo amor das canções e dos romances.

Bandido. Belo senhor. Bandido sujo. Bem que eu o vi na rua. Mary Fletcher, uma prostituta. Meu Deus! De casaco vermelho. Os cabelos cor de cenoura. E você, triste senhor
20 que a seguia na calçada, como um carneirinho sujo. Para sua cama larga, de lençóis manchados. Ah! Como eu adivinhei, e com que dor no ventre, a festa despudorada entre vocês dois. Eu, eu, inocente. Elisabeth d'Aulnieres, moça em idade de casar.

25 O baile dos Cazeau. É estranho como um homem tão forte dá voltas e meias-voltas com tanta facilidade. Mantenho meus olhos obstinadamente abaixados. Ele aperta o meu braço. Sua voz baixa e molhada.

* N. T.:Canção de roda do folclore canadense. Tradução: “Na clara fonte jamais me esquecerei de você”.

– Elisabeth, olhe para mim, eu lhe peço!
30 – O senhor me insultou. Eu o vi com aquela mulher.
Ontem na rua.

– Eu não sabia. Enfim. Eu peço perdão.
Seu lábio treme como se ele fosse chorar.

Meu orgulho! Apelo para meu orgulho. Como se ele
35 fosse Deus. Enquanto isso a imagem cor de cenoura de Mary
Fletcher me enche de curiosidade, de ciúme e de desejo.

Ficamos nos olhando por um longo momento. Em
silêncio. Sua confissão. Sua fraqueza. A minha. E meu
40 orgulho que se rende pouco a pouco. Desviamos os olhos, um
do outro, esgotados, como dois lutadores.

– Eleonore-Elisabeth d'Aulnieres, aceita como esposo
Jacques-Antoine Tassy?

É preciso dizer "sim", bem alto. O véu da noiva. A
45 grinalda de botões de laranjeira. O vestido de cauda. O bolo
de noiva, de três andares, coberto de açúcar e de creme
batido. Os convidados assoando o nariz atrás de você. Todo o
burgo de Sorel espera para vê-la passar, de braço dado com o
jovem noivo. Meu Deus! Estou pecando! Estou casada com
50 um homem que não amo!

[...]

De novo o quartinho de Leontine Melançon. Não
tenho mais forças para mexer a cabeça no travesseiro.
Deitada de costas, esticada da cabeça aos pés, com os olhos
pregados ao teto. As saliências decorativas das sancas. Esse
5 branco ofuscante. É sempre esse sol que... As saliências
vistas e revistas, examinadas, feitas e desfeitas. À saciedade.
Impossível fazer um movimento. Mexer o dedinho. Meu
corpo todo está lastreado de centenas de pedacinhos de
chumbo, como os que se colocam nas bainhas das casacas e
10 das saias, para que caiam bem. Aparentada como alguém
que se afogou e que vai ser sepultado no mar. Imersa no
sonho salobro. A memória exata, como um relógio. Tic tac,
tic tac... Quem me tomará em seus braços. Docemente... Me
tirá do quarto de flores ridículas. Quem me arrastará até a
15 escada. Me fará descer os degraus. Um por um, como uma
criança. Me posará sã e salva à cabeceira de Jerome Rolland?

Duas balas na cabeça. O cérebro saindo pelas orelhas.
Enfaixam seu horrível ferimento. Puseram-no deitado na
20 igreja sob o banco senhorial. Escuto-o gemer brandamente
nas noites de tempestade. Essa terra é devastada pelo
vento. Antoine se levanta em segredo. Segue por corredores
escavados sob a terra. Caminhos escuros onde passam
águas subterrâneas. Chega às ruínas do solar. Senta-se em
25 sua poltrona, frágil como carvão de madeira, quebradiça.
Veludo seco. Perto da chaminé intacta, de goela negra.
Queixa-se do frio da terra. Missas que ele tem de suportar,
todas as manhãs. Os ganidos dos cantores lhe chegam às

rajadas. Atingem-no em sua cova, sob o piso da igreja. Com
 30 baforadas de incenso. Ei-lo que comanda em sonho. Chama
 por todos os empregados. Pede que lhe sirvam de beber e de
 comer. Diz que não tem pressa para viver. Que espera sua
 mulher. Geme novamente. Diz que seu mau caráter está
 morto, junto com seu sangue. Suplica que lhe tragam sua
 35 mulher, imediatamente. Pensa ter bradado uma ordem
 indiscutível. Entretanto apenas murmura, por detrás da mão
 enluvada de negro. Proclama que tudo está pronto para a
 reconstituição.

– Por aqui, a madame faça o favor de me seguir...

40 Essa voz super-aguda. É Aurelie Caron. Como
 naquele mês de dezembro de 1839. Com roupas novas da
 cabeça aos pés. Pronta para enfrentar a longa e dura viagem
 até Kamouraska. Pronta para cumprir sua terrível missão.
 As pequenas vírgulas de cabelos frisados em sua testa. Os
 45 dentes manchados de fumo. Ela se envolve em seu mantô de
 lã rústica. Colarinho, gola, echarpe e cachecol.

Subo a alameda do solar logo atrás dessa rapariga que
 vai gingando ao andar. Não consigo deixar de segui-la. Algo
 me impele a fazê-lo. Aurelie se detém no patamar inferior.

50 – Não posso continuar não. A madame sabe disso.
 Pois se eu nunca trabalhei no solar de Kamouraska. Só vim
 aqui uma vez, nestas paragens. Mas sem entrar no solar...
 Pra fazer um trabalho que...

Aparecem então Rose Morin e o Robertinho, Marie
 55 Voisine, Alma Ouelette, Charles Deguire, Desjardins,
 Dione... Dispostos em duas fileiras. Todos trazendo

lanternas levantadas acima de suas cabeças. Em sinal de saudação. Me acompanham até a escada. Me deixam subir sozinha no escuro. Essa escada está roída pelas chamas. Um
 60 degrau sim outro não está destruído. Reconheço o ranger do sexto degrau. A vida está presente. E aquele homem que me espera lá em cima! Meu Deus, faça com que ele esteja vivo! Por que sua cabeça está enfaixada? Não faz apenas alguns meses que estamos casados? Não é verdade que ninguém
 65 tentou ainda, em meu nome, assassinar meu marido? Hesito em entrar no quarto. Fico parada no corredor. Não há mais porta em nosso quarto. Não consigo tirar os olhos da cabeça enfaixada com panos brancos. O quarto está numa indescritível desordem.

70 – Entre de uma vez! O que está esperando? Feche a porta!

Não reconheço esta voz quase inaudível. Com uma espécie de explosão surda a cada palavra. Levanta-se. Avança em minha direção. Retoma súbito a voz tonitruante
 75 do passado. Seus olhos estão embaçados, fora de órbita, procuram o meu olhar. Escondo meu rosto com as mãos.

– Maldita! Mulher maldita! Olha o que você fez!

Meu Deus! Ele vai tirar a faixa! Mostrar o ferimento! Antoine arranca minhas mãos do meu rosto. Segura com
 80 vigor meus dois punhos, com uma só de suas mãos enormes. Me obriga a olhá-lo de frente. Reconheço a maciez das mãos gordas por sobre a força dos ossos. Arregalo os olhos e reconheço os traços jovens, um pouco inchados. As boche-

85 chas de criança. Nenhuma faixa esconde agora os finos
cabelos louros. Eu queria agradecer a Antoine por sua
imagem incólume. Beijá-lo por isto. Sobretudo para que não
se lem-bre de nenhum atentado a sua vida. Na enseada de
Kamou-raska. Meu jovem marido aos seis meses de
90 casamento. Deus seja louvado. Nada aconteceu ainda. Ele ri
ao me olhar.

Faz gestos largos. Me mostra a cama coberta de roupas,
de objetos de toucador, em desordem. Indica o grande
armário de pinho, com os dois lados abertos, de prateleiras
95 vazias.

– Suas camisas, onde estão? Você quer as suas camisas?
Descubra, se puder. Procure, procure bem. E suas calças
bordadas? Com certeza gostaria de usá-las. Para ficar bo-
nita? E tentar não só o demônio como o seu pobre marido?

100 Recolho, dobro e arrumo tudo no armário. Tenho
mesmo de render-me às evidências. Quase toda a roupa de
meu enxoval de casamento desapareceu.

– Acabaram. Sumiram. Desapareceram. As camisas e as
calças de minha mulher. Só lhe resta andar nua por baixo
105 dos vestidos de seda e de cashmere. Não, mas que
engraçado! Sou um cômico e tanto!

Antoine Tassy perde o fôlego de tanto rir. Engole de
uma só vez um bocado de conhaque. Abaixa a cabeça e fica
tristonho como um menino de castigo. De novo sua voz
110 estranha, imperceptível e seca.

Não me olhe assim. Sai daqui, estou pedindo. Vai. Eu
sou um sem-vergonha...

Um sem-vergonha! Vejam como fala o meu jovem
marido. Um sem-vergonha, na verdade, é o que ele é. E
115 confessa. É ele o culpado. Não tenho nada a ver com isso.
Inocente. Sou inocente. Humilhada e ofendida. Grávida de
seis meses. Ele me insulta. Me sinto grotesca, achincalhada.
Meu ventre se avoluma. Na missa de domingo me desloco
pesadamente, com meu casaco mal transpassado, de braço
120 dado a meu marido. Ai, meu vestido de musselina azul
desaparecido. Vejo-o com a porcalhona da Aglaé Dionne! A
última conquista de meu marido. A Aglaé faz micagens por
trás de suas mãos em prece. Quando me vê passar. Ri de
mim. Bem que queria despi-la ali mesmo. Achar minha
125 roupa de baixo também. Mandar chicotear essa mulher em
praça pública.

Ele ronca e fede a álcool. Tenho de tirar suas roupas.
Tirar suas botas.

Hoje ele me pediu perdão. Tomou-me docemente em
130 seus braços. Abraçou-me o ventre e a criança que está lá
dentro. Diverte-se em chorar sobre meu umbigo, que fica
cheio de lágrimas. Diz que é uma pia de água benta. Diz
também que sou bonita e boa e que um dia me matará.

Minha sogra repete sempre:

135 – É preciso não se deixar envolver. O que entra por um
ouvido deve logo sair pelo outro.

– Ficaremos com a menina aqui. Bem protegida com seus filhos. Quanto a seu marido...

– Que volte para casa da mãe em Kamouraska.

– De tanto comer e beber ele não chega a velho.

5 À imagem de um homem que não chega a velho (o que seria a solução), minhas tias queridas soltam as rédeas da imaginação. Pensam claramente: "Meu Deus, fazei com que ele morra!" Depois, assustam-se por ousarem incluir Deus em seus maus pensamentos. Corrigem-se logo. Fazem uma
10 prece conveniente. De joelhos, à noite, ao pé de suas camas de convento. "Meu Deus, fazei com que ele se con-ver-ta." Rosários, novenas, vias-sacras acumulam-se. Dia após dia. Todo um vaivém de tias. Toucas de babadinhos e longas fitas. Rosários em volta do punho. Da casa da Rua Augusta
15 à igreja de Sorel. Uma espécie de sortilégio piedoso. Milhares de ave-marias astuciosas, agulhas envenenadas, ricocheteiam sobre o coração resistente de Antoine Tassy.

– Nossa menina Elisabeth soltou ao seu quarto de criança. O senhor dormirá no quarto de hóspedes.

20 Pobres santas mulheres da Rua Augusta. Não sabem de nada. De dia, bem que eu quero chorar no seu ombro. Ser a favor da morte do culpado. Limitar-me ao papel de chamariz dolente de olhos fundos, posta na linha de frente, a fim de confundir o marido monstruoso.

25 – Sua mulher é tão frágil, bela e doce, veja... O senhor deveria envergonhar-se...

Mas à noite, sou novamente cúmplice de Antoine. Até o

mais profundo nojo. O terror mais louco.

Meu leito de criança. Estreito e preparado como se fosse
30 para eu receber a comunhão dos enfermos. Edredom de
plumas brancas. A porta nunca fechada a chave. Apesar da
recomendação de minhas tias. Um homem desajeitado
transpõe a barreira. Cada três noites. Quando não está
bêbado demais. As santas mulheres empilham cadeiras no
35 corredor, contra a minha porta, para que Antoine esbarre
nelas. Seu passo de marinheiro beberrão o faz desabar por
vezes. Um bordão de imprecações, cheias de furor. Não
contenho o riso, apesar do medo. Tenho certeza de que
minhas tias não dormem e fazem tremendo o sinal da cruz.
40 Aprendem durante a noite: a embriaguez, a blasfêmia, a
violência, o amor e a derrisão.

À noite, a Menina geme, às vezes. De dor ou de prazer.
O crime é o mesmo. Esse homem é culpado por nos ter
tirado a criança radiosa que amamos. Os dias, os meses
45 passam. Antoine gasta seu dinheiro com as prostitutas de
Sorel. Na bebida e no jogo. Toda a cidade de Sorel nos
aponta.

Elisabeth está enfeitiçada por seu marido. Precisava ser
exorcizada.

50 O tempo. Aquele tempo. Um certo tempo de minha
vida, reintegrado, como uma concha vazia. Fechou-se
novamente sobre mim. Um pequeno estalo seco da ostra.
Ponho-me a viver neste espaço reduzido. Enraizo-me na
casa da Rua Augusta. Respiro um ar rarefeito, já viciado.
55 Meus passos vão sobre os meus passos. A Sra. Rolland não

existe mais. Sou Elisabeth d'Aulnieres, esposa de Antoine Tassy. Estou morrendo de desânimo e tristeza. Espero que venhas libertar-me. Tenho dezenove anos.

A voz pérfida de minha mãe afeta amabilidades para
60 com seu genro.

– O senhor ficará bem, aí junto ao pé da mesa, com suas pernas compridas...

Antoine sorri beatamente. Acaba de ver sobre a mesa, fumegante, o ensopado de coelho.

65 – Certamente foi feito com vinho branco!

Minha voz suave ricocheteia contra o namoro absorto entre Antoine Tassy e seu ensopado.

– É para variar um pouco da enguia e do pão de trigo sarraceno de Kamouraska.

70 Parece que o ouço mastigar. Não se dá ao trabalho de limpar o molho que lhe escorre pelo queixo.

Tenho certeza de que minha mãe modula a voz que parece desfalecer.

– Encomendei três vestidos para Elisabeth, à Angeline
75 Hus. Sapatos e camisas. A Menina não tem mais nada com que se vestir, senhor... E além disso Elisabeth tem tido uma tosse, senhor... Seria melhor consultar um médico...

Antoine pede mais ensopado. Esvazia seu prato de uma só vez. Depois tenta tirar as pernas de baixo da mesa. Fala
80 aos berros.

– Elisabeth, quero que faça as malas. Arrume as criança. Não ficarei nem mais um minuto nessa casa onde me insultam!

Tia Adelaide tosse para dar um tom firme à sua voz
85 fraca.

– O senhor partirá sozinho para Kamouraska. Elisabeth e as crianças permanecerão aqui, sob nossa proteção.

– Sou o senhor de Kamouraska. Tenho o direito de ser respeitado como tal. Voltarei para minhas terras, junto ao
90 estuário. As pessoas vão me cumprimentar em voz baixa. Depois eu vou me matar. Está ouvindo, Elisabeth? Vou me matar. Na praia de Kamouraska...

Antoine põe bebida no copo. Chora de soluçar. Minha mãe respira com esforço. Com o rosto oculto por seu lenço
95 de renda que exala um forte odor de cânfora.

Falsa partida de Antoine para Kamouraska. Sua valise de couro avermelhado fechada às pressas. Um pedaço de camisa sobrando para fora. As iniciais A. T. brilham. Sai batendo a porta. Ei-lo de volta de manhãzinha, com sua
100 valise. No exato momento em que minhas tias partem para a missa de cinco horas. Antoine contempla a fileira das senhorinhas minúsculas, encapuzadas de preto, enfeitadas de rendinhas brancas. Segura uma delas ao acaso. Levanta-a em seus braços. Beija-a nos dois lados do rosto. Por um
105 quarto de segundo seus pezinhos sacodem-se no ar.

– Bom dia, irmã Adelaide. Tenha uma boa manhã. Boa missa. Reze por mim. Eu sou louco, irmã Adelaide.

Desconcertada por ter sido confundida com sua irmã mais velha, Angélique, uma vez no chão, protesta com
110 firmeza:

– Angélique, é Angélique o meu nome... Eu me chamo

Angelique Lanouette.

Antoine senta-se sobre a valise, desculpa-se com uma voz contrita e razoável.

115 – Perdão, irmã Angelique. Peço perdão. Me enganei de freirinha!

A ama-de-leite de meu segundo filho secou bruscamente. Ela chora e se lamenta. Jura que é por culpa do doutor que lhe botou mau-olhado.

– Os olhos dele são tão pretos. Olha tão fixamente.
5 Quando ele se aproximou de mim para examinar o menino, em meus braços... Levei um choque...

Aurelie apressa-se em espalhar por toda Sorel que o doutor Nelson é um diabo americano que amaldiçoa as mamas das mulheres. Tal como alguns outros envenenam as
10 fontes.

Tia Adelaide afirma que o doutor Nelson sempre está presente na missa de domingo. Mas que todo mundo sabe muito bem que ele já foi protestante.

Tia Luce-Gertrude murmura que o mais estranho desta
15 história toda é que o doutor Nelson mora numa casinha rústica, no campo, vivendo como um colono, que está em Sorel há dois anos, e apesar de ser jovem, recusa-se decidida-mente a misturar-se à sociedade de Sorel...

Meu marido, de sua parte, usa, para falar de George
20 Nelson, de uma voz distante, quase infantil, que me era desconhecida.

– No colégio, se fosse para ter um amigo, seria ele o escolhido.

Olhos azuis embaçados pelas lembranças da infância.
25 Afasto o meu olhar. Digo que estou doente. Reclamo a presença do médico que não voltou mais desde que... Meu marido afirma que não estou doente.

Minha mãe retoma suas enxaquecas e encerra-se em sua

viuvez. Como se meu destino estivesse decidido uma vez
30 por todas. Minhas tias têm a aparência servil e aflita dos ani-
mais domésticos que pressentem o drama a abater-se sobre a
casa.

Eu ainda poderia escapar. Não provocar a seqüência.
Retomar pé na Rua do Parlatório. Abrir os olhos, enfim.
35 Bradar, com as mãos em porta-voz: eu sou a Sra. Rolland!

Tarde demais. É tarde demais. O tempo redescoberto
abre suas veias. Minha louca juventude ajusta-se sobre meus
ossos. Refaço os meus passos. Como quem põe os pés sobre
as próprias pegadas na praia molhada. O assassinato e a
40 morte revisitados. Até o fundo do desespero. Que me im-
porta. Contanto que eu reencontre o meu amor. Bem dis-
posto. Irradiando vida. Apoiando bem docemente sua cabe-
ça sobre o meu peito. Atento à minha desgraça. Exclamando
com indignação: "Mas a senhora está ferida!" Brinco com a
45 corrente de relógio que atravessa o peito de George Nelson.
Respiro o odor de seu colete. Mais do que a piedade, procuro
a cólera em seu coração.

"Tudo isto é encenação", declara a voz de desprezo de
minha sogra.

50 Como se eu só estivesse esperando por este sinal, entro
em cena. Digo "eu" e sou uma outra. Posto ao chão o disfarce
de Sra. Rolland. Às urtigas o corpete da Sra. Rolland. No
museu a máscara de gesso da Sra. Rolland. Rio e choro, sem
pudor. Estou usando meias rendadas cor de rosa, um largo
55 cinto sob os seios. Me descontrolo. A febre e a demência são
meu habitat, como meu país natal. Amo um outro homem e

não o meu marido. Este homem que eu chamo de dia e de noite: doutor Nelson, doutor Nelson... A ausência intolerável. Vou morrer. O doutor não voltou desde que
60 passei meus braços ao redor de seu pescoço. Minhas lágrimas em seu pescoço. Doutor Nelson, eu sou tão infeliz. Doutor Nelson, doutor Nelson...

– Madame, o doutor não se encontra em casa! Seu empregado não sabe quando ele voltará.

65 – Ele está fazendo de propósito! Tenho certeza de que está fazendo de propósito! Volte a procurá-lo, Aurelie. Diga-lhe que estou doente. Traga-o de volta. É preciso. Está ouvindo? É preciso.

Aurelie se afasta contra a vontade. Não contendo as
70 lágrimas. Sinto-me sufocada. Rolo em minha cama. Ameaço jogar-me pela janela. Quando, esgotada, caio num sono pesado, sonho que alguém me chama com uma voz suplicante, dilacerante.

Sinto uma atração estranha que me ergue em meu leito.
75 Desperto em sobressalto. Precipito-me à janela. Com os olhos arregalados. O coração batendo. Escuto o passo de um cavalo que se afasta da cidade. Olho para trás e me deparo com a desordem de meu quarto. A cama revolta. Impressão de queda no vazio. Vertigem. Volto para a cama com
80 dificuldade.

– Deveríamos chamar um outro médico. A Menina está muito doente. – A primeira medida a tomar seria afastá-la do marido... – É ele a causa de tudo... – Fazê-lo voltar a Kamouraska... – ou pelo menos proibi-lo absolutamente de

85 entrar no quarto da Menina... – Pôr empregados de guarda na porta. – Velar a noite toda, se necessário... – Enquanto for viva ele não passará por esta porta. – Só por cima de meu cadáver... – Pedir conselho ao advogado, Dr. Lafontaine. – Só uma separação de corpos e de bens...

90 Meu marido repete a quem quiser ouvir que minhas tias são três velhas fadas que deveriam ser suprimidas.

Todas as noites ele passa embaixo de minhas janelas. Com seu cavalo negro e seu trenó negro. Tenho certeza de que é ele. Por longo tempo, no silêncio da noite, espreito o
95 passo do cavalo, o deslizar do trenó sobre a neve. Antes mesmo que seja perceptível a qualquer outro ouvido humano. Farejo-o desde a partida da casinha de madeira. No outro lado de Sorel. (Os guizos são cuidadosamente postos sob o assento, então). Não ousa mais levantar-me e correr à
100 janela. Fico enroscada em meu leito. Espero que passe. Escuto com desespero (tanto tempo quanto me é possível) o som do veículo que se perde na noite.

Não posso viver assim. Um dia, irei encontrá-lo. Vou dizer-lhe com altivez: Doutor, é assim que o senhor deixa
105 desfalecer seus pacientes, sem tentar socorrê-los? Doutor Nelson, doutor Nelson, estou louca.

– Elisabeth! Por que não responde? Já lhe fiz a mesma pergunta duas vezes.

A senhora não devia insistir, tia Adelaide. Estou
110 profundamente ocupada, de dia e de noite, em seguir dentro de mim o avanço de uma grande planta vivaz, avassaladora, que me devora e me dilacera com seus dentes. Estou

possuída.

Tenho uma idéia fixa. Como os verdadeiros loucos nos
 115 asilos. Os verdadeiros loucos que parecem ter perdido a
 razão. Trancafiados, presos, eles conservam em segredo o
 delirante gênio de sua idéia fixa. Não saio mais da cama.
 Prostrada ou agitada, invento as leis estritas de minha
 felicidade futura. Não procurar rever o doutor Nelson antes
 120 de um certo tempo. Assegurar-me bem, antes, de que não
 estou grávida. Estabelecer-me numa castidade perfeita.
 Defender-me selvagememente contra qualquer aproximação de
 meu marido. Lavar-me de Antoine para sempre. Apagar de
 meu corpo qualquer sinal de carícia ou de violência. Até
 125 mesmo a lembrança... Renascer para a vida, intocada,
 intocável, exceto para o único homem deste mundo, que está
 vindo para mim. Violenta, pura, inocente! Sou inocente!
 Espero que meu amor me tome e me proteja. Este homem é a
 felicidade. Ele é a justiça.

130 Durmo agora no quarto de tia Luce-Gertrude. Finjo ser
 criança. A perfeita submissão das crianças bem comportadas.
 Espero com paciência a próxima menstruação. Detesto
 Antoine quando ele está bêbado. Detesto-o quando está
 sóbrio. Rio e choro sem razão. Sinto-me leve como uma
 135 bolha de sabão.

– Minha mulher é uma sem-vergonha.

Antoine não pode suportar que eu passe a noite no
 quarto de tia Luce-Gertrude. Uma noite ele tentou
 aproximar-se de meu leito. Depois de atacar o empregado
 140 que estava de guarda na porta. Gritei tanto. Uma espécie de

matraca estridente na garganta. Uma engrenagem terrível acionada. Incontrolável. Isso nada mais tem de humano, me sufoca e me assusta. Uma lâmina de navalha brilha por um instante, perto de minha garganta. Tia Luce-Gertrude afirma
145 que Antoine a tirou do bolso. Quanto a mim, não estou certa de nada. A navalha poderia muito bem estar lá no quarto. Suspensa por um fio, acima de minha cama, por toda a eternidade...

Desarmado, escoltado, expulso, Antoine deixa a casa da
150 Rua Augusta. Vi chorar no regaço mal-cheiroso e irlandês de Horse Marine. Jura que vai viver ali a partir de então e esquecer sua mulher. Horse Marine é tão magra que dá para contar suas costelas quando levanta os braços. Como uma carcaça de navio.

155 Um dia, pela manhã, ao acordar, o filete de sangue liberador, entre minhas coxas. O sinal irrefutável. Nenhum filho de Antoine se desenvolverá de novo em meu ventre. Não se enraizará. Não escolherá um sexo e um rosto na noite. Me vejo livre e estéril. Como se nenhum homem
160 jamais me tivesse tocado. Mais alguns dias e estarei purificada. Livre.

Preciso ir ver o doutor. Nada nem ninguém poderá me impedir. Aurelie, a quem falei de minha intenção, se ilumina numa alegria sombria. Finge obedecer-me contra a vontade. Aceita a contragosto servir-me de cocheiro. Me penteia e me
5 veste silenciosamente. Tomada por uma espécie de discrição estranha, quase religiosa. Me traz o mantô de pele, meus xales e as luvas forradas de Antoine. Veste as crianças.

Tremo apesar das peles. Jogo fora na neve as mitenes de Antoine. Aliviada com esse gesto, enfio alegremente as mãos
10 nuas sob meu regalo de pelo. Sonho em perder para sempre no campo todas as coisas de Antoine. Cachimbos, garrafas, fuzis, casacos, camisas, cintos e suspensórios. As crianças pesam em meus braços. Os olhos azuis de Antoine repetidos nos dois. Meu corpo faz um movimento brusco e desperta o
15 pequeno Louis adormecido em meus joelhos. Ele começa a chorar.

– Bom dia, Sra. Tassy! Saudações, Sra. Tassy! Saudações daqui e dacolá.

Os moradores de Sorel e do campo aí estão para vê-la
20 passar, Sra. Tassy. Pálida e trêmula, com o olhar esgazeado. Em companhia de seus dois filhos louros corados como maçãs maduras. Álibi perfeito. Pode ficar tranqüila.

As sombras azuis sobre a neve perdem-se na noite que cai. Eis a casa do doutor. Docemente as crianças passam de
25 meus braços para os de Aurelie. Adormecem de novo. Desço sozinha.

Uma voz clara e sonora manda-me entrar. Vejo-me na sala de espera. Um velho sofá de crina. Paredes de madeira crua, cheia de nós. Um pequeno fogão de ferro fundido, 30 preto arredondado, de pés recurvados, enormes. Espero o doutor terminar a consulta.

Alguém se mexe e respira ruidosamente, por trás da parede de madeira. Um arrastar de pés, uma respiração ofegante e surda. Como se dois homens estivessem lutando. 35 Tento concentrar minha atenção no fogão, no meio da sala. Me distraio em distinguir, por entre as guirlandas e, relevo, as letras bastardas de "Warm Morning", marca registrada.

De repente um grito, seguido de um longo gemido, sai de trás da parede de madeira. Um silêncio glacial, intermi- 40 nável. Depois, um ruído em surdina de pano que se enrola e se dobra cuidadosamente. A porta se abre enfim. Um adolescente, com o braço na tipóia, move-se tão lentamente que parece a ponto de cair, a cada passo. Vira-se para mim e vejo um rosto lívido, cheio de lágrimas. Ele me observa 45 longamente, com uma espécie de curiosidade dolorosa. Um espanto sem fim. Suas pernas cambaleiam. O doutor tem de segurá-lo pelos ombros e conduzi-lo até a porta.

George Nelson está sem paletó, com as mangas arre- gaçadas. Cabelos revoltos, como se acabasse de sair da cama. 50 Seus gestos são vivos, rápidos, enérgicos. Me lança um olhar de suspeita. Depois afasta-se para a cozinha. A passos largos. Levando o lampião. Fico sozinha na escuridão. O doutor lava as mãos e o rosto. Agita-se ruidosamente sob o jato d'água da bomba. Volta-se para mim com o rosto gotejando. 55 Esticando as mangas da camisa. Enxuga a fronte com o

lenço. Me olha bem de frente. Numa espécie de insistência estranha, pouco delicada.

– Tive de quebrar novamente o braço daquele rapaz para repô-lo no lugar. Um curandeiro tinha feito tudo torto.
60 O país está infestado de charlatães. A ignorância, a superstição e a sujeira estão em toda parte. Uma vergonha! Os curandeiros deveriam ser impedidos de matar as pessoas. Seria preciso tratar de todo mundo à força! Impedir sua criada Aurelie de brincar de feiticeira com os recém-
65 nascidos...

O clarão de sua camisa branca. Segura o lampião na altura do rosto que se franze em rugas fundas. Uma mobilidade extrema. Um fervilhar selvagem. Eu olho, espreito cada lampejo de vida, no rosto moreno. Escuto cada
70 palavra veemente. Como se isto me interessasse de perto.guardo que o sentido secreto desta indignação toda me seja revelado. Que se volte para mim, para sempre. Me inunde da ira sagrada que compartilho. Como o senhor me olha, doutor Nelson. Não trago a paz, mas a espada. Essa palidez
75 súbita. Essa febre em seus olhos. É o lampião, certamente. Essa sombra negra em seu rosto.

– A senhora me acha esquisito? Por que me olha assim, Sra. Tassy? Pensa mesmo que eu seja capaz de sortilégios? Acredita que eu seja capaz de amaldiçoar amas-de-leite?

80 Seu riso curto e seco me incomoda.

– A que devo a honra de sua visita? Vem da parte de

Antoine, talvez?

Respondo "não". Diria "sim" se fosse verdade. Nenhuma palavra me parece breve e nítida o suficiente para dissipar
85 qualquer conversa inútil entre nós.

– Com que então não vem da parte de ninguém? Vem por iniciativa própria?

Digo "sim". Desta vez, porém, gostaria de continuar a falar. De me explicar. Me defender. Um não sei quê de irônico
90 e de estranho no sorriso de George Nelson (em seus dentes muito brancos sobretudo) me desconcerta até o âmago de meu ser. Me impede de articular uma só palavra a mais.

Ergue o lampião acima da cabeça. Pede-me para segui-lo. Faz as honras da casa.

95 – Agora que me olhou, examine bem a casa. Vê como tudo é normal? Uma boa casa típica do lugar. Exceto pelos livros talvez? Mas não vai acreditar que os livros...?

Uma enfiada de pequenos cômodos, quadrados, semi-mobiliados. Uma semelhança angustiante com caixas de ma-
100 deira clara, rugosa, cheia de espinhos. Livros sobre as prateleiras, livros na mesa da cozinha, livros empilhados no chão, livros servindo de pés a um grande armário.

– Antoine lhe falou a meu respeito? Disse-lhe que nós dois jogávamos xadrez no colégio? Ele gostava de perder, eu
105 acho. De mim não ganhou nenhuma vez, nenhuma vez, está ouvindo?

Elela de novo a voz. Parece lançar-me um desafio. Depois cala-se bruscamente. Torna-se muito sombrio. Retira-se
110 com uma facilidade, um despudor total. Fica talvez absorto

numa sábia e muda partida de xadrez, contra um rapazinho louro, derrotado antecipadamente. É preciso trazer este homem de volta para mim. Interromper imediatamente uma partida de xadrez entre fantasmas. Doutor Nelson, eu o amo
115 loucamente a ponto de querer penetrar nas fontes de sua infância... Para infelicidade minha descubro que suas lembranças estão inextricavelmente ligadas a Antoine Tassy.

Sinto minhas pernas tremerem. Um grande arrepio me agita da cabeça aos pés. Agarro-me às costas do sofá para
120 não cair.

– Doutor Nelson, estou aqui. Não quer saber como tenho passado?

Aproxima-se de um salto. Me faz sentar no sofá. Vai até a cozinha. Me traz um copo d'água. Se agita. Procura meu
125 pulso. Aterrado. Perturbado.

– Como tem passado? Pobre criatura de Deus, ferida e torturada, como se eu pensasse em outra coisa, desde que a vi... Como tem passado, minha pobre criança... Por que se casou com Antoine Tassy? Por que? Parece-me de melhor
130 aspecto hoje, apesar de... Meu tratamento não foi bom? Não sou um bom médico?

– O senhor sabe muito bem que sou uma infeliz...

Todo o seu semblante estremece. Fala em voz baixa, sem me olhar. Suas palavras me rejeitam, uma após outra. Como
135 pedras.

– Nada posso fazer, Elisabeth. Não passo de um estranho.

As sombras enormes sobre a parede, distantes uma da outra. Uma espécie de deserto se ampliando entre nós. O

140 silêncio. O vazio. George se afasta de mim novamente. Como
 fazer para me aproximar dele? Sinto-me pesada. Sobrecarrega-
 da. Atada. Presa à Rua augusta e à cidade de Sorel. Me
 libertar. Reencontrar em mim a infância livre e forte. A
 menina de cabelos cortados rente escapulindo de casa pela
 145 janela. Para juntar-se aos moleques de Sorel. O que devo
 fazer? Diga somente uma palavra e obedecerei. Devo de
 novo sacrificar meus cabelos? Deixar para trás as crianças e a
 casa? Fora deste mundo, se assim o desejar. É lá que o
 espero. Tal como sou, absoluta e livre. Estranha a tudo o que
 150 não lhe pertence.

– E eu, acredita que não me sinta uma estranha?

Ele desvia o olhar.

– Não sabe o que está dizendo...

155 – Mais do que possa acreditar...

O silêncio. De novo uma barreira entre nós, bem fria e
 dura. O refúgio inseguro do colégio, apressadamente
 exumado.

– Nunca tive amigos. Nem no colégio, nem mais tarde.

160 Mas eu bem que gostava de jogar xadrez com Antoine
 Tassy...

– É talvez por isso que o senhor ande passeando diante
 de minha janela à noite?

Desta vez ele me olha de frente. Furioso. Envergonhado,
 165 como uma criança surpreendida numa travessura.

– Não devia ter dito isto, Elisabeth. Não devia. Saiba
 que o que mais temo é ser descoberto...

Procuro em vão ouvir o passo de um cavalo, a passagem de um trenó. Será que ele não virá mais rondar a minha casa? Num momento aproxima-se de mim, me chama de "Elisabeth". Logo em seguida me abandona. Foge. Não devia 5 ter-lhe confessado que, à noite, debruçada em minha janela... Como ele me olhou. Com seu olhar penetrante. Sua perturbação.

Ele se tranca em casa. Se isola como um criminoso. Me aproximo de sua solidão, tão perto quanto possível. Eu o 10 incomodo, o atormento. Do mesmo modo que ele me incomoda e me atormenta.

– Esse homem é um estrangeiro. É para desconfiar dele, como ele desconfia de nós.

– Cale-se, Aurelie. Saia daqui, Aurelie. Estou ocupa- 15 díssima.

Me concentro. Fecho os olhos. Parece que evoco espíritos, e no entanto é a vida que eu procuro... Lá longe, no outro lado de Sorel. Um homem só, com os cotovelos apoiados na mesa da cozinha. Com um livro aberto sob os 20 olhos, as páginas imóveis. Ler por cima de seu ombro. Insinuar-me no âmago de seu devaneio.

Não o perdem de vista, aluno Nelson. Seguem-no onde estiver. Todos os protestantes são infiéis. O velho boné de couro de foca mal curtido. Aquele que diz "o" mesa em vez 25 de "a" mesa, se trai. O que diz "a Bíblia" em vez dos "Santos Evangelhos", se trai. Aquele que diz "Elisabeth" em vez de "Sra. Tassy" se compromete e compromete esta mulher com ele.

A maravilhosa caridade. A medicina escolhida como
30 uma vocação. A piedade aberta como um ferimento. O
senhor combate o mal, a doença e as bruxas com a mesma
paixão. Como se explica então, que a despeito de sua
bondade, as pessoas não gostem muito do senhor na região?
Elas o temem, doutor Nelson. Como se, no fundo de sua
35 caridade visível demais, se escondesse uma identidade
assustadora... Além do protestantismo, além da língua
inglesa, o pecado original... Procure bem... Não é um pecado,
doutor Nelson, é uma grande mágoa.

Expulso, seu pai o expulsou da casa paterna (com
40 colunas brancas e frontão colonial) juntamente com seu
irmão e sua irmã, como se expulsasse ladrões. Três crianças
inocentes, tratadas como ladrões. A mãe chorando contra a
vidraça. Em Montpelier, Vermont, nos Estados Unidos da
América.

45 A independência americana é inaceitável para os
verdadeiros legalistas. Não é preferível enviar as crianças
para o Canadá, antes que sejam contaminadas pelas novas
idéias? Que se convertam à religião católica romana. Que
aprendam a língua francesa, se for preciso. Tudo, desde que
50 sejam fiéis à coroa britânica.

– Não conhece minha família, Elisabeth? Pois devia co-
nhecer. Veria como nós três somos parecidos, desde que nos
converteram ao catolicismo, minha irmã, meu irmão e eu...

Um dia estarás bem junto de mim, meu amor. Contarás
55 que tua irmã Cathy ingressou no convento das Ursulinas aos

quinze anos. Falarás também de teu irmão Henry, jesuíta, pregador de retiros espirituais persuasivos.

Procuras meu corpo na obscuridade. Tuas palavras são estranhas. O tempo não existe. Ninguém além de mim deve
60 ouvi-las. Estamos nus, deitados juntos, por toda a eternidade. Murmuras ao meu lado.

– E eu, Elisabeth, jurei ser um santo. Eu jurei! E acho que em toda a minha vida nunca senti uma ira assim.

De novo o jovem estudioso, debruçado sobre os livros,
65 numa casa de madeira. Uma arenga derrisória se repete em sua cabeça. "Não ser pilhado em erro! Não ser pilhado em erro de maneira alguma!" Tu te levantas precipitadamente, arrumas teus livros. Vestes teu casaco, teu gorro, tuas mitenes. Numa precisão de gestos, e no entanto, numa
70 grande precipitação. Aparentemente o médico foi chamado para cuidar de seus doentes. Ele bem sabe que, ainda desta vez, vai atrelar o cavalo e errar pelas ruas de Sorel, arriscando-se a... Passar dez vezes, talvez, diante das janelas da Sra. Tassy... No medo e na esperança, indissoluvelmente
75 ligados, de ver o marido mau expulso da casa de sua mulher, surgindo na esquina. Fazer mira para atirar. Abatê-lo como a uma perdiz. Antoine Tassy nasceu para perder. "Àquele que nada tem, ainda lhe será tirado". Tomarei sua torre. Tomarei sua rainha. Tomarei sua mulher, é preciso. Não
80 posso suportar a idéia de que... Uma mulher, tão bela e atraente, torturada e humilhada. Na cama de Antoine, acariciada por Antoine, aberta e fechada por Antoine, violada por Antoine, arrebatada por Antoine. Restabelecerei

a justiça inicial do vencedor e do vencido. Entrever, num
85 relâmpago, a reconciliação consigo mesmo, procurada em
vão desde o começo de suas lembranças. Descobrir-se
até o osso, sem sombra de impostura. Confessar enfim seu
mal profundo. A procura desesperada da possessão do
mundo.

90 Possuir esta mulher. Possuir a terra.

Eu sou aquela que chama George Nelson na noite. A voz
do desejo nos atinge, nos comanda e nos devasta. Uma única
coisa é necessária. Nos perdermos para sempre, os dois. Um
com o outro. Um pelo outro. Eu mesma estranha e maligna.

Nunca se ouve quando ela vem chegando. De repente ela aparece. Como se atravessasse as paredes. Leve e transparente. Ei-la que estende meu vestido de baile novo em cima da cama. Alisa o belo veludo cor de cereja num
5 misto de gula e temor.

– Deus do céu, que vestido bonito! Dou minha alma para ter um assim!

Aurelie suspira. Acende a lareira. Arruma o quarto. Cada um de seus movimentos me parece estranho,
10 inquietante. Sua voz em tom agudo me persegue até o limite de minhas forças.

– Cale-se, Aurelie. Por favor.

– Eu falo para que me escutem, madame.

O quarto de vestir de minha mãe. Isto aqui é sufocante.
15 Esse odor de ar viciado. Sinto-me enjoada. O tecido verde da penteadeira está desfiando. A verdadeira vida está em outro lugar; na Rua do Parlatório, à cabeceira de meu marido. Entretanto sento-me, dócil, no tamborete. Diante do espelho manchado.

20 Aurelie sacode o pente e a escova de marfim amarelado. Sopra a poeira.

– Vou limpar o espelho!

Faço um movimento de recuo.

– Não, não me toque no espelho!

25 Uma espécie de rachadura súbita na voz de Aurelie. Vidro filiforme que se despedaça na ponta da respiração. Ela fala tão baixo que é difícil ouvi-la.

– Uma passada de esfregão. Aqui. Está bom. É pra
madame se olhar bem de frente. Veja que estampa bonita.
30 Que ombros. Vou pentear a madame para o baile. A ma-
dame vai ver só.

O espelho reanimado como uma fonte. Minha juventude
sem nenhuma ruga. O arranjo dos cachos me parece um
tanto ridículo Um porte de rainha. Uma alma de víbora. Um
35 coração louco de amor. Uma idéia fixa entre os dois olhos.
Uma flor nos cabelos. O olho esquerdo que fica louco. Am-
bas as pálpebras se abaixam. O roçar dos cílios sobre a face.

Um homem se aproxima precipitadamente. Toma lugar
ao lado da mulher enfeitada demais. Sua respiração rude
40 sobre o ombro nu da mulher.

Não tenho tempo de me espantar. Como foi possível a
Antoine Tassy chegar até aqui? E eu achava que a casa
estava bem vigiada? Minhas tias? Os empregados?

Um homem e uma mulher lado a lado. Marido e mulher.
45 Odeiam-se. Provocam-se mutuamente. No clarão pálido das
velas acesas de cada lado do espelho.

– Você não vai a esse baile.

– Prometi ir. E vou.

– Uma mulher casada, mãe de família... Isso é muito
50 inconveniente.

O que você tem a ver com isso? Nada do que me diz
respeito lhe interessa agora. Não sou mais sua mulher e você
não é mais meu marido. Vá embora, ou chamo alguém!

O rosto redondo de Antoine mostra uma expressão
55 desconcertada. Nem furor, nem espanto. É mais uma espécie

de aniquilamento brando, crescente, que se espalha em todos os seus traços. Olho resolutamente essa imagem de homem que se desfaz, no espelho. O tom firme de minha própria voz me surpreende, enquanto o medo me aperta a garganta.

60 – Todos os convidados de Sorel partirão juntos. Uma longa procissão de trenós até Saint-Ours.

Leio nos lábios de Antoine, sem ouvi-lo, a frase sem réplica.

– Virei buscá-la. Você vai comigo, no meu trenó.

65 – Vou com o doutor Nelson. Ele me convidou. Está decidido.

O espelho fica embaçado. Alguém apaga as velas. Essa é uma cena intolerável. Não suportarei mais... A voz de Aurelie aumenta, torna-se aguda, como um grito de criança.

70 Enche todo o espaço. Ocupa a obscuridade. Despenca num sussurro assustado de confessorário.

– A madame levou um soco do patrão nas costelas. Eu vi quando ela ficou toda encolhida de dor. O patrão saiu logo de casa, pra não ser pego. Quando ele passou pela porta
75 estava praguejando e repetindo "Eu te proíbo de ir a esse baile. Eu te proíbo..."

Mas, naquela noite, no passeio de trenó até Saint-Ours, a madame foi com o doutor Nelson...

Com muito custo consigo tirar meu manto de pele e desembaraçar-me das echarpes de lã. Depois fico ali sem ousar mexer-me. Exposta em praça pública. O veludo de meu vestido está molhado de neve derretida, em vários
5 lugares. Grampos de cabelo caídos sobre meus seios. Meus cachos desfeitos caídos em meu pescoço! Um homem está a meu lado. Acho que ele me segura pelo braço. Me diz para não ter medo. Cerrando os punhos.

Dançarinos, dançarinas e demais convidados ficam
10 imóveis e prendem a respiração. Que aparição na moldura da porta! A Sra. Tassy e o doutor Nelson, tiritando, com o rosto avermelhado pelo frio. Sem baixar os olhos. Insolentes, apesar de acuados. Que felicidade estranha, que vitória amarga. A alegria dos loucos, à beira do desespero.

15 Seria preciso atravessar o salão. Encarar Antoine, certamente. Para morrermos, os dois?

– Nós nos perdemos no caminho... Caímos na neve...

Alguém joga uma rede negra sobre minha cabeça e meus ombros. Sou presa, arrastada, empurrada, puxada.
20 Capturada. Minhas três queridas tias, tremendo, levam-me para junto do fogo. Me protegem e tomam conta de mim. Envoltas no xale imenso de tia Adelaide, vejo-me sentada bem no meio do clã de acompanhantes. Entregue aos olhares severos das solteironas e das viúvas.

25

Não curvar a espinha. Não piscar os olhos. Olhar por cima das cabeças imóveis, de bandós esticados. Todas essas

toucas com babadinhos de renda, essas fitas de cetim caindo sobre os ombros. Fingir olhar fixamente para um ponto na
30 parede. O vazio. Prisioneira. Sou prisioneira. Examinemos discretamente os quatro cantos do salão. Esperemos a chegada de Antoine. Imaginemos suas injúrias e seus golpes. Uma faca, talvez, escondida em seu colete? Ou o candelabro pesado que... Vou cair. Olhar para a parede. Prender-me a
35 ela em sonho. Deslizo. O chão foge de meus pés. Minha vida naufraga. Alguém diz que Antoine, embora convidado para o baile, evitou comparecer. Não fechar os olhos ao escutar esta boa notícia. Retomar minha vigilância. Esquadrinhar metodicamente o salão. Temendo ver surgir meu marido. Me
40 fazem tomar uma bebida quente que cheira à canela. Tia Angelique murmura em meu ouvido.

– Minha filhinha, que inconsciência! Passear assim sozinha com o doutor Nelson! Pense em sua reputação. Pense em seu marido. Não se deve provocar demais aquele
45 homem...

Pouco a pouco os convidados do solar de Saint-Ours recomeçam a dançar. Ao som do piano desafinado. Soltam um suspiro de alívio e se vêem milagrosamente inteiros. Cheios de emoção e vida nova.

Aurelie, eu te imploro, vai correndo procurar o doutor. É urgente. Estou grávida, Aurelie.

Há um homem louro e gordo em Sorel que está cansado de andar com as mulheres vadias.

5 – Me fazem agrados, me paparicam! Me roubam e me violentam! Me arruinam também. Estou cheio de dívidas. Vou voltar para a casa de minha mãe. Eu sou o senhor de Kamouraska. Vou vender um pedaço de terra com madeira em pé. Mas antes quero me reconciliar com minha mulher.

10 Confundindo toda a vigilância, Antoine se tranca num quarto da Rua Augusta. Enquanto isso saem, a toda pressa, por uma porta lateral, a esposa e os filhos.

Antoine dorme durante três dias. Acorda ao final do terceiro dia e pede o jantar, com estrondo, sem sair da cama.

15 Janta sozinho em seu quarto, como um prisioneiro. Parece comprazer-se nesta quarentena. Olha com espanto, no espelho, seu rosto invadido por uma barba muscosa. Dá ordem para que lhe aparem a barba imediatamente. Manda trazer água quente e sabonete. Deixa-se banhar por cerca de
20 uma hora. Declara a seu empregado que todos os restos de Horse Marine estão apagados para sempre.

– Ignace, estou limpo, como se saísse da confissão. Avise a madame.

25 Ignace olha para Antoine com um ar abobalhado. Recita a lição bem aprendida, todo trêmulo, transido de medo.

– A madame partiu, todas as outras senhoras foram junto e levaram as crianças... Não tem ninguém em casa exceto o senhor Lafontaine e o filho que partem para Ka-

mouraska e que esperam pelo senhor lá em baixo, no salão...

30 Eis entretanto aquela que ninguém esperava. A esposa enraivecida, brilhante como uma arma, entra em casa, num passo rápido e decidido. Seguida de todo um cortejo de mulheres chorosas.

– Vamos nos reconciliar com meu marido, de uma vez
35 por todas, e não se fala mais nisso.

Quando se sabe o que "reconciliar-se" significa para Antoine, trata-se de satisfazer seu desejo o mais rapidamente possível. O mais brutalmente possível. A verdadeira vida está em ordem. A honra está salva. A esposa irrepreensível
40 poderá anunciar que está novamente grávida de seu marido.

A reconciliação acontece no grande quarto de hóspedes onde Antoine se refugiou. A cama de cortinas indianas. Os lençóis um pouco ásperos. Há uma tulipa vermelha num
45 vaso perto da janela. Nas minhas entranhas meu filho sofre as agressões furiosas do sangue estranho. Meu filho é agredido e conspurcado.

Mas Antoine quer me beijar. Isso eu não suportarei. Solto urros. Coberta pelo lençol até o queixo, diante de todas
50 as pessoas da casa, declaro que meu marido quis me estrangular.

São três horas da tarde. O salão repleto de bibelôs da Rua Augusta. Minha mãe teve a idéia extravagante de oferecer chá a Antoine, antes de sua partida. Tremo tanto
55 que não consigo segurar minha xícara. A cadeira de balanço

do Dr. Lafontaine range no silêncio.

Antoine parece não ver mais nada, não ouvir mais nada. Indiferente ao ridículo de sua situação. Retirado do mundo por assim dizer. Ocupado consigo mesmo, procurando em vão a coisa intolerável que o avilta na própria raiz de sua vida.

Há sol demais nessa casa também. Antoine não faz gesto algum para retirar-se da janela, permanecendo em pé, exposto em plena luz. Seus olhos avermelhados não piscam. Parece submeter-se propositalmente, sem nenhuma defesa, ao suplício da luz.

Um longo raio atravessa o cômodo, me atinge em cheio. Caio também na armadilha da luz. Desvio a cabeça.

Alguém diz que é preciso apressar-se, que o navio a vapor deve deixar Sorel às quatro horas.

Antoine subitamente põe-se de pé diante de mim, me olhando. O torpor sem limites. Seu último olhar. Luz demais. Tenho pudor de meu ódio e abaixo os olhos novamente. Ele fala baixinho, através de meu rosto cego. Sua voz apagada, lenta e no entanto ameaçadora parece vir de um ponto afastado no espaço. Sopra longamente em meu ouvido.

– Elisabeth, minha mulher, você não me escapa tão facilmente. Eu voltarei, prometo.

Pede para ver seus filhos. Alguém os traz à sua presença. Beija-os ruidosamente nas duas faces.

Um tempo doce e tranqüilo sucede à partida de Antoine. George e eu fingimos acreditar na doçura e tranqüilidade do mundo. Entramos no jogo. Discretamente. Fazemos projetos para o futuro. Falamos amavelmente em
5 nos casar. Em eliminar Antoine da face da terra. Da maneira mais simples e mais conveniente possível.

Às vezes nos encontramos perto da igreja. Andamos pausadamente. Brincamos de Senhor-e-Senhora-Passeando. Cumprimos distraidamente com a cabeça os raros
10 passantes. Dirigimo-nos insensivelmente para o campo.

Embora seja pouco provável que meu marido desafie meu amante para um duelo, escolhemos cuidadosamente um campo, à beira da floresta. Imaginamos livremente o nascer do dia. A luz trêmula sobre o orvalho. As camisas
15 brancas. As testemunhas de aparência patibular. A caixa preta do cirurgião. A escolha das armas. Pesadas pistolas brilhantes. Os quinze passos regulamentares. A detonação brutal no ar sonoro. A breve celebração da morte. Dissipada a fumaça, descobre-se o vencedor, com a cabeça descoberta.
20 De pé em pleno campo. Empunhando a arma fumegante. Contemplando com um olhar assustado o seu adversário, estendido no campo. A justiça está feita. Surge a esposa toda em lágrimas. Correndo ofegante sobre a relva molhada. Seus sapatos estão encharcados. Suspende as saias para
25 correr melhor. Grita com a entonação inimitável das viúvas: "Mas é meu marido! O senhor matou o meu marido!" Pobre Antoine, você está acabado. O peito robusto aberto pela

bala. O coração arrancado como um dente de leite. O sangue
derramado. A axila loura empastada de suor. De nada
30 adianta dizer que a mão do bêbado é trêmula e insegura. Se,
por desgraça, o coração dilacerado pela bala fosse o teu,
amor? Eu morreria.

Um dia entretanto, teremos que tomar uma decisão e
abolir o acaso. Parar de sonhar. Se quisermos viver. Como
35 demoras, como te arrastas no caminho! Em que estás pen-
sando, aí, ao meu lado? Sentado no chão sob os pinheiros.
Com o dorso pregado a uma árvore. Como um crucificado.

Apenas um dentre nós deve morrer.

[...]

40 Esta palavra "colégio" me faz submergir de cólera, me
dilacera de ciúmes. Eu gostaria de apagar de ti, para
sempre, aquele tempo em que eu não existo, aquele mundo
fechado de rapazes, de missas e de latim. Mas é inútil eu me
isolar selvagememente em mim mesma e recusar tuas
45 lembranças da infância, eis que, pouco a pouco, à medida
que falas, soa uma campainha, repercutindo em meu
ouvido. Aguda como um punhal. Me força a prestar
atenção. Toca o despertar num dormitório adormecido. Em
pleno inverno. Brada que são cinco horas da manhã. Deus
50 seja louvado, está tão escuro que não distingo ninguém. O
odor de covil me prende a garganta. Os meninos são
arrancados do sono. Alguém acende uma vela. Formas
vagas saem do escuro. Passam diante do clarão da vela.
Fazem sombras gigantescas e flácidas contra a parede.

- 55 Estremecem. Mergulham de novo no escuro. Confundem-se com as sombras da parede. Uma sombra de mão esboça o sinal da cruz no vazio. A parede imensa, deserta, impregnada de salitre, logo absorve esta sombra de mão piedosa. "*In nomine Patris*" começado com uma voz cavernosa e
- 60 terminado num tom superagudo. Uma outra voz que é a tua, um pouco mais surda e abafada, um pouco mais jovem, diz com um forte sotaque americano:
- O que é duro é ter de mergulhar o rosto adormecido na água congelada.
- 65 Ouço alguém quebrar gelo numa vasilha. Um outro chora e pede um espeto para quebrar o gelo. Toma emprestada a voz de meu filho mais velho ao chorar. (Antoine em criança devia ter essa voz). Eu gostaria que isso acabasse logo.
- 70 Olho lá em cima o céu claro através da folhagem negra. Meu olhar sobe para além de ti (ao longo da árvore à qual estás encostado) até a explosão azul do céu. No chão, os carumas ásperos, avermelhados, perfumados, caídos dos pinheiros. Repetes que a piedade apodreceu. Depois o
- 75 silêncio te invade novamente. Encostado em tua árvore. É como se te encerrasses no centro desta árvore com teu estranho mistério. Uma crosta enrugada cresce em tuas mãos, vai recobrir teu rosto, ganhar teu coração, transformar-te em árvore. Grito...
- 80 Viras a cabeça para mim. É para suplicar que me cale. Teu rosto emerge da ausência e se destaca da sombra.

Parece nascer uma segunda vez, mais nítido e preciso. O ângulo do nariz mais agudo, o brilho dos olhos mais sombrio e encravado sob a arcada das sobrancelhas. Tua
85 palidez acentuada.

O verão roreja de luz. Olhas tuas mãos emagrecidas. Examinas com atenção. Estendes as duas, abertas e desarmadas.

– E no entanto eu não tenho mãos de assassino!

90 Esperas que eu te tranqüilize, meu amor? Só posso é beijar tuas mãos, uma após outra. Tuas queridas mãos de assassino.

[...]

[...]

Há um odor de óleo e de fumaça na cozinha do doutor. A mecha curta demais queima no lampião. Ele corta a mecha. Limpa a cúpula escurecida. Suas mãos ágeis proclamam sua segurança absoluta. O perfeito domínio do corpo,
5 enquanto o coração se agita, se perde na noite de verão.

É preciso dormir, doutor Nelson. Estenda-se neste banco, sem se despir. Basta tirar o casaco e os sapatos. Enrole bem o casaco sob a cabeça. Como um soldado,
10 pronto para se pôr de pé de um salto, ao menor sinal de alerta. O fusil ao alcance da mão. O senhor é médico, não esqueça. Podem chamá-lo a qualquer hora do dia ou da noite. Seja por causa de uma criança que vai nascer, seja por causa de um condenado à morte, seja...

15 Estou acordada, ligada a esse homem que dorme sob a chuva. Por mais longe que eu esteja no espaço e no tempo, continuo unida a George Nelson, no momento em que os arredores de Sorel submergem na chuva. Enquanto em Quebec, a respiração oprimida de meu marido enche a casa
20 da Rua do Parlatório com o próprio sopro da morte.

Que maravilhoso cavalo preto o senhor tem, doutor Nelson. De longas pernas tão finas. De longe parecem palitos de fósforo sustentando uma estranha quimera, com a crina flutuante. Lançada no campo, sob a chuva. Há sulcos
5 por toda parte. O senhor não pode suportar nenhuma dor nem miséria humana. (Nem a criança chorona no colégio, nem a jovem esposa maltratada por seu marido, na Rua Augusta, nem, sobretudo, o menino protestante estigmatizado, isolado à esquerda na capela do Monsenhor de
10 Laval). Ei-lo, montado em seu cavalo, percorrendo todos os terrenos e as mais modestas estradas, escavadas como leitos de torrentes. Nenhuma casa sem visitar. Pela cozinha, de preferência. E pergunta: "Vocês têm pessoas doentes, estropiados, aflitos, perseguidos?" Pede doenças curáveis,
15 mágoas confessáveis, para tranquilizar-se. Quanto aos desesperos infames, não seria melhor destruir de um só golpe todos os incuráveis e, com eles, a raiz do mal? Sua especialidade, se a aceitasse, seria a de exterminar do mundo dos vivos aqueles que já estão marcados para
20 morrer. O senhor desconfia de si próprio, doutor Nelson. Finge acreditar na piedade como um sinal de salvação. O senhor sempre pode tentar. Cuidar, curar, de dia como de noite. Até o extremo de suas forças. Alguns cansaços internos se assemelham de tal modo à paz que levam ao
25 engano. Dormir como um selvagem sem ter sequer o tempo de tirar os sapatos. Levantar-se pela força de vontade. Arrancar uma criança da morte. Triunfar da morte, com os

olhos cheios de lágrimas. Pus e sangue sobre as mãos. Veja,
os pais choram de emoção e reconhecimento. Amam-no
30 infinitamente. O senhor faz realmente o necessário para ser
amado, aliás. Todo o vale de Richelieu visitado e salvo pelo
senhor. A alegria o faz soluçar, doutor Nelson. A própria
paz vem a seu encontro. A passos de veludo. Num sub-
terrâneo profundo. Mais um instante e o édito será procla-
35 mado em pleno dia. Em francês e em inglês: "Escutai, boa
gente de Sorel (William Henry para os ingleses) o doutor
George Nelson da referida paróquia está definitivamente
aceito, aprovado, reconhecido, integrado pela referida
paróquia de Sorel, no condado de Richelieu. Não somente
40 um paroquiano íntegro, um cidadão exemplar, mas um
membro de honra da referida sociedade..." Todo o condado
está reunido na praça da igreja, em pleno sol. Um triunfo
sem par. Uma revanche e tanto. Um reconhecimento total.
Doutor Nelson, veja como o senhor deixa explodir rui-
45 dosamente sua alegria. Tão ruidosamente que Melanie Hus
de quem o senhor tratou e cuidou com tanto devotamento
levanta-se subitamente da morte em que está sepultada
desde ontem. Solta um grito de horror. Aponta-o num gesto
de todo o seu braço descarnado, interminável e rígido.
50 Descoberto! Aluno Nelson, você foi descoberto! É inútil
fazer-se de médico dos pobres, de consolador dos aflitos.
Você foi descoberto. Impostor. Não passa de um impostor.
A multidão se volta contra o senhor. Grita, ameaçadora.
Todos os protestantes são endemoninhados. Uma

55 testemunha avança, uma segunda, uma terceira, depois uma quarta... Declaram todas, sob juramento "que há um comércio criminoso entre o doutor Nelson e a Sra. Tassy". Alguém chega mesmo a dizer "que a infância é insuportável, com seu rosto cheio de lágrimas". A Sra. Tassy declara "que
60 é só manter sob a água a cabeça loura desse menino muito gordo, debruçado sobre uma bacia congelada. Apertar os dedos e esperar que a morte faça efeito". O doutor Nelson explica às pessoas de Sorel que "essa criança não deveria ter nascido". A Sra. Tassy retruca "que um gesto
65 teria sido suficiente para afogar esse filhote recém-nascido, enquanto que, agora que ele cresceu e engordou tanto, isso ficou muito difícil". A multidão retoma suas ameaças e acusações. "Todos os estrangeiros são endemoninhados". A Sra. Tassy afeta estar ofendida. Brada, com as mãos em
70 porta-voz, "que ela é filha desta terra e mulher deste mundo."

O homem que tem esse pesadelo se levanta. Com o peso de toda a sua vida sobre os ombros. O torniquete do sonho no estômago. O ranger enferrujado da bomba d'água. O
75 ruído do copo de metal. George Nelson bebe. Borrifa água gelada no rosto. Volta-se para seus próprios sonhos seus traços exauridos, seus olhos assustados. E eu (a quem minha vida inteira não seria suficiente para enxugar seu rosto, lavar o mal e a morte, apaziguar a angústia) atormento este
80 homem e me torno uma obsessão para ele. Tal como ele me atormenta e é uma obsessão para mim.

Escolho exatamente este instante. Em plena noite (pela primeira vez). Sob a chuva. Escapo da casa da Rua Augusta depois de ter pegado a chave na sacola de tia Adelaide. Em
85 carne e osso entro com desenvoltura no pesadelo de George Nelson. Bato à porta. Molhada pela chuva suja de lama, com arrepios de febre. Bato à sua porta e chamo baixinho com a boca encostada à madeira cheia de espinhos.

– Doutor Nelson! Doutor Nelson! Sou eu, Elisabeth!

Recolher minhas saias e meus corpetes amassados. Desprender-me dos braços de George. Voltar para a Rua Augusta. Depressa, antes que a cozinheira acenda o fogo.

Amanhece. O deserto do mundo. O pior que poderia
5 acontecer-me ainda, seria a condenação ao deserto do mundo. Onde estás, meu amor? Em que país estrangeiro? Uma ausência tão longa. Moro na Rua do Parlatório, em Quebec. Afirmam mesmo que eu sou a Sra. Rolland, esposa de Jerome Rolland, tabelião desta cidade...

10 Tia Adelaide me implora para pensar na honra da família. No futuro das crianças. Beijo-a e reponho a chave da Rua Augusta na bolsa à sua cintura, de onde a havia tirado na noite anterior. Rio ao falar.

– A senhora bem sabe, tia Adelaide, que prezo minha
15 honra mais do que minha vida. Como a senhora pode lançar sobre mim uma suspeita tão injuriosa?

Tia Adelaide baixa os olhos. Humilhada por minha mentira, como se a surpreendessem em flagrante delito.

– Filhinha, devia ter cuidado. A última carta de Antoine
20 está cheia de ameaças. Ele diz que vem buscar a você e às crianças...

– Uma carta de Antoine? Endereçada a mim, tia Adelaide? E a senhora não me entregou? E leu a carta? A senhora não tinha esse direito. Dê-me logo essa carta.

25 – Não está mais comigo, Elisabeth. Eu a queimei. Há cartas que é preciso queimar. E certas coisas que devem ser evitadas, sob pena de se condenar a arder em chamas no outro mundo.

– Está querendo se referir ao inferno, tia Adelaide? A
30 senhora não tem esse direito, a senhora, tão boa...

– Parece, às vezes, que você esquece de sua alma, filhinha.

Suspiro deliciosamente, como se, levada em uma carruagem por cavalos fogosos, jogasse lastro pela janela.

35 – É tão fácil esquecer a própria alma, tia Adelaide, se a senhora soubesse como é fácil.

Minha mãe sai de seu retiro. Lança um olhar apagado para a filha. Queixa-se do calor. Continua seu monólogo interior, mostrando-se entediada.

40 – Que homem bonito o doutor Nelson, tão bem educado e de antiga família legalista americana. Pena que a Menina não o tenha encontrado primeiro.

– Mas é o primeiro, minha mãe! O primeiro, tia Adelaide! Nunca houve outro e jamais haverá outro, estão
45 ouvindo?

– É um pecado muito grande, filhinha.

– Bem maior do que a senhora possa pensar, querida tia, se a senhora soubesse...

Minha alma deve reencontrar-me por caminhos desconhecidos. Me sinto tão cansada, de repente. Essa obrigação que eu tenho de livrar-me de meu marido. Fazê-lo cair no vazio. Sobre tudo que ele não volte mais a Sorel. Apagá-lo para sempre de minha vida. Como um desenho em que se passa a borracha.

55 Minha mãe se entedia. Ajeita o xale sobre os ombros e sai do quarto.

Quando és tu o objeto de meus pensamentos, me
aproximo tanto de ti que tenho vertigens. Como ao meditar
contigo sobre as histórias de tua família (e sobre outras
histórias, além dessas). Por todo o caminho de volta, de
5 Quebec a Sorel. No lamaçal de outono. Com a deterioração
do outono, seu odor penetrante, a chuva que vergasta, o
vento que ruge em rajadas.

– Minha pobre Cathy, tão infantil e severa ao mesmo
tempo. "Minha vocação", dizia ela, com extraordinário
10 misticismo em seu semblante. Que ironia...

Aurelie se ergue, qual uma aparição, em teu caminho de
lama. Com o rosto pálido demais. Com o lenço de lã preta
enrolado em seus ombros estreitos. A pequena cabeça crespa
se balança em graças de atriz e de negra. Não podes saber
15 até que ponto, por causa de Aurelie, o desprezo e a
ignomínia colarão à nossa história de amor, numa
persistente máscara contorcida.

Respiras a putrefação do outono até a náusea. A morte
de Catherine des Anges te sobe à garganta. Vê, não te
20 abandono. Sem levar em conta teu luto, dirijo teu pen-
samento, infatigavelmente, à tua verdadeira vocação, a ti,
meu amor. (A cada um sua vocação, a família é um álibi para
ti). Assassino! És um assassino! Sou tua cúmplice e tua
mulher, e te espero em Sorel. Aurelie está a meu lado se
25 debatendo, presa na armadilha.

Mando Aurelie sentar no chão, ao meu lado. Diante do
fogo. Depois de ter apagado todas as velas. Uma a uma,
cerimoniosamente. O clarão do fogo ilumina o quarto. Nos-

30 sas sombras na parede. Estendemos as mãos para o fogo. As de Aurelie, pequeninas, de dedos separados, parecendo raios. Aurelie pede permissão para fumar. Fica rodeada de fumaça. Com os olhos semicerrados, ela sonha. Um sonho transparente de felicidade, em ondas sensuais, no seu rosto rosado pelo fogo.

35 – Sua história de amor com o doutor me mata, madame!

Aurelie não está mais envolvida com nenhum desordeiro. Não faz mais nenhuma profecia sobre a vida dos recém-nascidos. Não sai mais. Prende-se a meus passos. Parece viver apenas quando lhe confio algum recado para George.
40 Expande-se, vibra e estremece quando lhe conto meu sofrimento ou minha ventura. Leio em seu rosto uma admiração sem limites. Um espanto sem medida. Uma espécie de fascinação. Acredito que minha existência tumultuada baste a Aurelie atualmente. Dispensa-a de viver por ela mesma. Às
45 vezes ela se perturba. Retoma sua hostilidade inicial pelo doutor.

– O seu doutorzinho nos enfeitiçou, isso é que é.

Dou um beijo em Aurelie. Acaricio seus cabelos. Não é, pois mais importante do que qualquer outra coisa que
50 Aurelie se aclame e fique em paz? Que atinja, desarmada, aquele estado de docilidade extrema, de passividade infinita, em que toda submissão e complacência tornam-se naturais, como que involuntárias? Ofereço vinho do Porto a Aurelie, que bebe em pequenos goles.

55 – Preciso de você, Aurelie. Não sabe o quanto o meu marido é cruel? Você tem de ir a Kamouraska para

envenenar o meu marido...

– É um crime muito grande, madame.

– Ninguém nunca saberá de nada. E depois eu ficarei
60 com você como uma irmã, por toda a vida, se você quiser.

– Eu ficaria com muito medo de ir para o inferno
depois da minha morte!

Entre Montreal e Sorel. Os sulcos são profundos. A
terra e o coração se corroem, numa única e mesma devas-
65 tação. Jamais se saberá ao certo onde começou. Na terra,
provavelmente. O campo está roído por dentro. Na origem,
um deslizamento ínfimo de terreno, em algum lugar da pai-
sagem inundada pela chuva, carreando desmoronamentos,
inundações, torrentes que se precipitam. Um pedaço do
70 mundo conhecido cede e desaba. (O senhor não tinha conhe-
cimento desta sua fraqueza, Dr. Nelson?) Ei-lo diretamente
implicado, ligado ao destino desta terra. Ao desabamento
desta terra. (Antes de voltar ali para apodrecer em carne e
osso). Todo solo arável arrancado (orgulho, altivez, com-
75 paixão, caridade, coragem...). O coração escorchado. Sua in-
sustentável nudez. (Fadiga, nojo, desespero...) "Meu pai, por
que me abandonastes?" Apenas uma coisa é necessária ago-
ra: livrar-se o mais rapidamente possível da morte de Ca-
therine des Anges e de qualquer outra morte consumada ou
80 por vir. Nesta mesma noite, George Nelson, você cederá às
súplicas de Elisabeth. Conversará com Aurelie e a enviará a
Kamouraska, em seu lugar. Um cansaço tão grande.

Meu pobre amor, certamente jamais saberei como ex-
plicar-te que para além de toda santidade reina a inocência

85 astuciosa e cruel dos animais e dos loucos.

Ainda algumas léguas para chegar a Sorel. Não adianta de nada forçar o cavalo. E depois, temos tanto a nos dizer, Aurelie e eu. No calor agradável do fogo. Tenho desejos de mulher grávida: mandar Aurelie a Kamouraska. Pro-
 90 videnciar a morte de Antoine fora de nosso alcance, teu e meu. Conservar entre a morte de Antoine e nós a distância necessária à reconstituição de nossa inocência. Uma paz tão dura de conquistar. Expulsar a angústia. O coração retirado do peito. O impulso enorme do crime mantido a uma certa
 95 distância. Procurar loucamente a zona calma que existe no interior dos tufões. E depois, verás, tudo isso se desenrolará num outro mundo. Aurelie se encarregará de tudo. Sabemos da morte de Antoine como de uma notícia estranha. Por uma carta da Mãe Tassy, provavelmente. Ninguém
 100 poderá dizer ao certo de que doença o meu marido morreu. Mais dia menos dia isto tinha de acontecer. Uma festinha a mais, e acabou-se o senhor de Kamouraska. Ninguém ficará realmente surpreso.

Numa noite tão horrível alguém me sussurra que o rei
 105 do pântano virá até mim. Me arrastará pelos cabelos, me mergulhará em charcos enormes para me afogar. Consigo manter o fogo na chaminé à custa de esforços incriveis. A madeira não quer mais arder e enche o quarto de fumaça. Acho que bebi Porto demais.

110 Ofereço biscoitos a Aurelie, fitas vermelhas e verdes. Seu rosto acabrunhado ilumina-se bruscamente como o de uma criança que passa das lágrimas ao riso.

Falo com ela docemente para não tirá-la de sua alegria súbita.

115 – Aurelie, qual é o seu sonho?

Aurelie suspira, procura seu sonho no fogo. Mexe nas brasas que desabam. Cata minúsculos restos de fogo, com a tenaz. Subitamente solta um grito. Ergue-se. Deixa cair a tenaz no chão da chaminé. Num barulho infernal.

120 Alguém entrou no quarto. Alguém que não era esperado tão cedo e que está subitamente entre nós. Ofegante. Depois de uma longa corrida.

A neve. Ainda não é o fim do mundo. É só a neve. A neve a perder de vista, como um naufrágio.

- Estou em meu posto, atrás da cortina da janela do meu quarto. A Rua Augusta ali está, toda branca, aos meus pés.
- 5 Os traços dos trenós reluzem na neve endurecida. As sobras ficam azuis. A Rua Philippe, bem perto, sobe para o campo. As árvores secas rangem ao vento. Vidente. Sou vidente. Imóvel e pesada. (Devo dar à luz em breve). Extra-lúcida, puseram-me aqui para que eu visse tudo e ouvisse tudo.
- 10 Arrancando-me da Rua do Parlatório, em Quebec, no momento em que meu marido... Como se meu dever mais urgente, minha vida mais premente fosse a de ficar aqui, atrás de uma vidraça, em Sorel, enquanto ensurdece por completo a respiração rouca de Jerome Rolland.
- 15 Digam o que disserem, façam o que fizerem, continuo a ser a testemunha principal dessa história de neve e de fúria. As testemunhas secundárias virão, na ordem certa, refrescar-me a memória. Os próprios locais (de Sorel a Kamouraska e de Kamouraska a Sorel) permanecerão
- 20 largamente abertos para mim, a fim de que eu entre e saia, ao sabor dos acontecimentos. Não desfaleço em momento algum, em momento algum me faltam forças. O frescor de minha história é espantoso.
- Fico à espreita. Levanto uma ponta da cortina, raspo
- 25 porções de geada com as unhas. Percorro com o olhar a Rua Philippe que segue em direção ao campo. Quase imediatamente a casinha de madeira do doutor me aparece. No telhado de ângulo quase agudo a neve se acumula sobre a

lucarna. A chaminé de pedra solta fumaça no céu de intenso
30 azul.

Aurelie Caron troteia sobre a neve, trazendo uma
sombra ligeira e dançante diante de si. Um homem vestindo
um casaco de gato selvagem vem ao seu encontro na estrada,
sob o frio intenso do inverno. Faz sinais com o braço acima
35 da cabeça. Chamando Aurelie. Estão agora lado a lado.
Aurelie e o homem cuja silhueta, aumentada pelo casaco de
pele, faz bater surdamente o meu coração. Vejo-os muito
bem, todos dois. O vapor da respiração desprende-se de suas
bocas em nuvens apressadas. Aurelie abaixa a cabeça.

40 – Pois bem, Aurelie, estamos no inverno. Você partirá
amanhã.

Ela tenta resistir, a pequena Aurelie Caron? Sua voz
treme quando faz alegações, já submissa e aborrecida, meio
sarcástica?

45 – Servindo assim, à Sra. Tassy e ao senhor, estou
desonrando a mim e a toda a minha família...

Atrás da vidraça, só posso imaginar a conversa precisa
de George Nelson e Aurelie Caron. Reconstituir o som das
vozes que não consigo refazer com justeza e que destoam
50 desagradavelmente. Na manhã clara do inverno.

– Você não tem nada a temer. Jamais a coisa será
descoberta. Pense na sua pobre patroa que é tão infeliz.
Pense no seu futuro, Aurelie...

O rosto de Aurelie, avermelhado pelo frio, de
55 sobrancelhas franzidas e os olhos apertados por causa da
claridade do sol. No espaço de um instante, o encaminha-

mento difícil de uma idéia monstruosa em sua cabeça. Depois o abandono rápido de qualquer resistência, sob o olhar penetrante e negro que a retém.

60 – E depois, seu doutor, é uma viagem bem longa...

Gostaria de encorajar esta mulher encarregada de missão tão terrível. Sorrir-lhe por trás de minha vidraça. Prometer-lhe todas as maravilhas que podem transformar a sua vida.

65 – Você nunca mais precisará trabalhar, Aurelie. Terá os mais lindos vestidos do mundo. Você é minha amiga, minha única amiga, mais que minha amiga, minha irmã, Aurelie...

70 É inútil esgoelar-me, ela não me ouve mais. Nem ela nem ninguém, aliás. Minha vida inteira deve desenrolar-se novamente, sem que eu possa intervir. Nem mudar o que quer que seja. Não me pouparão nenhum detalhe. É melhor eu economizar as minhas forças. Não chamar em vão, abrindo e fechando a boca em minha gaiola de vidro, como os peixes vermelhos no aquário.

75 Resta contar as horas e os dias. Esperar o retorno de Aurelie Caron. Fazer a conta exata do tempo que passa. Tentar reconstituir a seqüência de ações dessa mulher que viaja para o estuário.

80 Segunda-feira à noite, George confia a Aurelie dois pequenos frascos. Um contém pouco mais de um copo de conhaque. O outro um pouco menos, de um líquido de cor branca. No dia seguinte, de manhã bem cedo, Aurelie sobe na viatura da mala postal. Usando roupas novas da cabeça aos pés, como uma noiva que sai em viagem de núpcias. Um

85 manto de tecido rústico, um vestido de sarja verde, um par de sapatos indianos, meias longas tricotadas e o xale de lã vermelha de pompons.

Aurelie não larga a sua valise de tapeçaria. Vai guardá-la obstinadamente sob os pés, durante toda a viagem. Em 90 Trois-Rivières a jovem dama toma a diligência até Quebec. Aí chegando, ela atravessa o rio em Pointe-Levis. Um homem de Kamouraska, visto no cais, oferece-se então para levar Aurelie até lá por dez xelins.

Lauzon, Beaumont, Saint-Michel, Berthier... O tempo!
O tempo! Acumula-se sobre mim. Me cobre como uma
armadura de gelo. O silêncio se estende em placas de neve.
Já faz muito tempo que George, levado em seu trenó,
5 transpôs todas as fronteiras humanas. Penetra numa deso-
lação infinita. Como um navegador solitário que se dirige
para o alto mar. Em vão interrogo o estado da neve e do frio.
Não dependemos mais das mesmas leis de neve e de gelo,
das mesmas condições de fadiga e de pavor. Distância dema-
10 siada. Por que temer uma tempestade com lufadas de neve
fresca que apague as pistas? Meu amor se debate num
turbilhão de neve, pérfido como a água das torrentes? Meu
amor respira o ar gelado? Meu amor cospe a neve num
vapor de gelo? Seus pulmões queimam? Todo o seu sangue
15 pára? Para além de um certo horror, este homem transforma-
se em outro. Escapa-me para sempre.

Agarrada à cortina de meu quarto. Colada à vidraça,
como uma sanguessuga. Sorel. A Rua Augusta. Este lugar de
asilo não é seguro. O refúgio de minha juventude está
20 aberto, desventrado como uma boneca de pano. Todas as
ramificações, as astúcias, as voltas e reviravoltas da memória
só levam à ausência. Que faz o doutor Nelson no estuário?
Terá conseguido...? Nada mais sei sobre ele. Encontro-me no
vazio absoluto. Um deserto de neve, casto, assexuado como
25 o inferno. Em vão examino a vasta extensão branca,
despojada de seus vilarejos e de seus habitantes. As grandes
florestas. Os campos. O rio gelado. Nenhum cavalo negro no
horizonte.

George Nelson estaria desorientado, perdido, morto,
30 congelado na neve?

Cuidado com a aparente suavidade da neve. Os flocos em fileiras cerradas, sobre nós, em volta de nós. Como avisar George? Dizer-lhe para não se deixar levar pelo devaneio que vem da neve. Uma embriaguez calma, uma fascinação
35 insidiosa (apenas uma ligeira pontada no coração, e deslizamos, pouco a pouco, de abandono em abandono, de fantasia em fantasia, até o sono mais profundo). Não se deixar desarmar. Conservar vivos todo amor e todo ódio. A neve que se acalma, a perder de vista, nivelando paisagem,
40 cidade e vila, homem e animal. Toda alegria ou sofrimento anulados. Todo projeto sufocado em sua origem. Enquanto o frio cúmplice se insinua e propõe sua paz mortal. Que ao menos o homem que está lá longe, entre todos, na estrada de Kamouraska, não deixe cair as rédeas por um só instante.
45 Não é que sua mão já esteja dormente, mas simplesmente invadida pela inutilidade de todo e qualquer gesto. Uma fadiga imensa também. Uma imensa vontade de dormir. Um imenso bem-estar estranho e surdo, sentido em toda a mão que não segura mais (não pode mais segurar) as rédeas. As
50 duas mãos caídas sobre os joelhos, abandonadas, ditosas, pesadas, tão pesadas, numa paz incomensurável, pérfida. As duas mãos, lado a lado. Um pouco mais adormecidas, parece, um pouco mais pesadas que de costume, talvez. Menos nítidas e menos desenhadas sob as mitenes. Os dedos
55 refeitos um a um, de forma mais espessa, tornando-se extremamente importantes e, no entanto inertes. Cada vez

menos sensíveis. Morrendo, simplesmente, um após o outro.

Experimento até o limite de minha razão o amortecimento do frio, junto ao estuário. A queimadura viva
60 do sangue que volta a circular. (O homem esfrega suas mãos com neve). Seria possível sonhar a paixão de outra pessoa, com esta acuidade insustentável? Sinto nas costas a força irresistível que impele George Nelson na estrada de Kamouraska. A força que o leva a procurar abrigo na
65 próxima hospedaria.

Desejo ser socorrida pelas comadres de Sorel. Melhor sofrer com sua tagarelice do que suportar...

Montmagny, Cap-Saint-Ignace, Bonsecours, Saint-Jean-Port-Joli, Saint-Roch-des-Aulnaies... Acho que mexo os
70 lábios como as velhinhas na igreja.

– A Menina está muito agitada. Está com febre e resmunga preces sem fim. Ela precisava se distrair um pouco, não acham?

– Há muito tempo que não faz um frio assim.

75 Fazer calar essas mulheres. Como ao cobrir a gaiola dos periquitos, à noite. Reencontrar um silêncio inseguro. Alguma coisa viva se mexe, se desdobra do fundo do silêncio. Remonta à superfície. Espoca em bolhas surdas nos meus ouvidos. Uma voz de homem, lenta, sem inflexão,
80 procurando suas palavras pouco a pouco, dirige-se a mim. Me informa, como a contragosto (baixinho em confiança), a passagem de um estrangeiro na hospedaria de Saint-Vallier. (Havia esquecido Sint-Vallier, entre Saint-Michel e Berthier).

– Michel-Eustache Letellier. Numa terça-feira, 29 de
85 janeiro, por volta das nove horas da noite, chegou à
hospedagem um rapaz estrangeiro, de boa aparência, de
cabelos pretos e suíças pretas. Passou a noite na hospedaria e
partiu no dia seguinte bem cedo.

Tento tomar pé na hospedaria de Saint-Vallier. Avistar
90 o jovem estrangeiro. Mas já então a voz do hospedeiro
recomeça tão rapidamente que me vejo precipitada no
tempo. À velocidade da própria palavra. Sem poder agarrar-
me a nenhuma imagem. Nem reconhecer nenhum rosto.

Michel-Eustache Letellier fala novamente do jovem
95 estrangeiro que retorna à hospedaria na sexta-feira 3 de
fevereiro, à noite.

– Notei que suas suíças pretas estavam muito mais
longas na volta do que na ida e cobriam quase todo o seu
rosto. Estava também muito agitado e inquieto. Jogou o seu
100 cinto de lã no fogo para desfazer-se dele. Cheirava a
queimado em toda a sala.

Eu queria respirar o cheiro de lã chamuscada. Na sala
da hospedaria de Saint-Vallier. Aproximar-me do homem
inclinado sobre o fogo. Surpreendê-lo de costas. Examinar à
105 vontade a nuca de meu amante. Sempre tive a convicção de
que o centro da vontade e da energia do homem achava-se
em sua nuca. Uma determinação ferrenha na nuca igual-
mente esguia e robusta de George Nelson. É o próprio
segredo de sua força que aí está oculto, provavelmente. Isto
110 me encanta e me desespera. Eu queria possuir o meu amor
como à minha própria mão. Segui-lo em todos os seus movi-

mentos de vitalidade extraordinária. Que nenhum de seus
pensamentos me escape. Que nenhum de seus sofrimentos
me seja poupado. Somar-me a ele. Ser duplamente feroz com
115 ele. Erguer o braço com ele, quando for preciso. Matar meu
marido com ele.

O viajante repete que quer água quente.

Louis Clermont, com gestos lentos, cheio de sono, acende o fogão (resta um pouco de brasa no fundo). Põe a água para esquentar na cafeteira. O estrangeiro se impacienta e diz
5 que não é para beber que quer água quente, mas para lavar o trenó e as peles e que precisa de muito mais. Louis Clermont põe água para esquentar na chaleira.

– Não foi nos caminhos daqui de perto, com toda essa neve branca, que ficou tudo emporcalhado assim, não é
10 mesmo?

– Puseram o meu trenó num abrigo onde mataram animais. Então o sangue...

– Mas que pessoal mais porco, pra sujar desse jeito suas peles e seu trenó, lá na hospedaria onde o senhor esteve. Eles
15 podiam ao menos ter lavado...

– Eu estava com pressa...

A voz do viajante, cortante, embora abafada, quase apagada, oprimida, manda Louis Clermont pôr o cavalo na estrebaria, trazer água morna e um galão de aveia.

20 – Peguei a bacia e uma picareta, embaixo do banco do trenó, como o viajante tinha pedido. Vi um colar de guizos, escondido embaixo do trenó. Tinha gotas de sangue derramado congeladas no trenó. Raspei com a unha. Eu estava assustado, mas fiquei ainda mais depois da partida do viajante, depois de
25 pensar. Ele me acompanhou ao abrigo para lavar o trenó. Vi bem, com minha lanterna, que tinha muito sangue no fundo. E também por todo lado nos assentos. Ele jogou água quente nos lados e na frente do trenó. Eu esfregava com uma saia velha de

minha mulher, e ele com um saco de pano cinza que parecia
30 um saco de pistola. Como estava frio, ficava tudo gelado logo
em se-guida. Ele me disse para esperar até o dia seguinte para
lavar o trenó. E não esquecer de jeito nenhum de acordar ele às
cinco horas, de manhã cedo. Ele fez um pacote com as peles e
levou para dentro, com seu saco de viagem. Quando estava
35 dentro de casa, tirou a capa cinza e arregaçou as mangas. Ficou
lavando as peles, numa bacia que eu dei para ele, com água
quente de chaleira, e que ele misturava com água fria. Ele me
pediu um copo de vinho quente. Bebeu mais ou menos a
metade. Depois entrou em seu quarto para descansar. Já na
40 cama, me mandou levar mais cobertas. Quinze minutos depois,
me pediu uma das peles de seu trenó, para eu colocar em cima
da cama, que ele estava com tanto frio que não conseguia se
esquentar.

O homem estremece da cabeça aos pés. Bate queixo. A
45 cama se agita, se sacode, como se o chão tremesse.

Eu, Elisabeth d'Aulnieres, encerrada na hospedaria de
Louis Clermont. Empurrada para a escada. Levada a trans-por
a porta do quarto do viajante. Transpondo essa porta contra a
minha vontade. Sozinha ali na obscuridade. Perce-bendo os
50 terríveis arrepios desse homem. Sentindo dire-tamente em
meus nervos tensos, a incomparável insônia des-se homem.
Adivinhando a pesada jornada, recapitulada nas trevas. As
imagens precisas, passando diante das pupilas exorbitantes do
viajante, deitado ali na cama. Sentindo voltejar imagens diante
55 de meu rosto, parecendo morcegos.

Ouçõ a respiração, em estertores, no seu peito. A noite

espesa entre nós. Imaginar o semblante desfeito, ali, a dois passos de mim. O corpo exausto tiritando sob o peso das cobertas. A manta de pele estendida sobre ele, com as manchas de sangue, o odor de sangue. Rezar, com um coração que se perdeu para Deus, para que a noite dure. Para que nunca mais brilhe a luz para o homem deitado ali, na noite profunda. Rezar, com um coração que morre, para que nunca mais apareça, diante de mim, nunca mais se levante diante de mim, ou volte para mim, ou me estenda os braços, ou me tome em seus braços, o homem que acaba de matar um outro homem. Na enseada de Kamouraska. Sua inimaginável solidão. Chamar a noite para cobrir seu semblante. Como quem estende a mortalha sobre o rosto dos mortos.

70 A compaixão em mim gira em falso, esgota-se. Procura perdidamente uma saída, um gesto, uma palavra que a expresse e a extraia da pedra em que estou sufocada. Transformada em estátua, Verônica fascinada na soleira da porta, no primeiro andar da hospedaria de Louis Clermont, peço em vão
75 um pano macio para enxugar o rosto do homem que amo. Fico emparedada em minha própria solidão. Paralisada pelo meu próprio terror. Incapaz de qualquer movimento, de qualquer gesto. Como se a própria fonte de minha energia (estando abalada) se pusesse subitamente a produzir silêncio e
80 imobilidade. Não posso sequer dar um passo em tua direção...

Burlington, Burlington, meu amor me chama do outro lado da fronteira, do outro lado do mundo...

Victoire Dufour desdobra um avental, cada vez mais vasto e azul. Como se tivesse acabado de esticá-lo e de tingi-lo

85 de novo de azul. Amarra-o em volta da cintura, cada vez mais
volumosa. Enche o quarto como sua presença gordurosa e azul.
Torna-se gigante. Finge ter-se levantado bem cedo para
testemunhar diante do juiz de paz. Na verdade, dirige-se a
mim, Elisabeth d'Aulnieres. Procura reter-me o máximo de
90 tempo na hospedaria de Louis Clermont.

O viajante sai do quarto precipitadamente. Vejo-o de
costas, assim que entra na sala. Com determinação, e no
entanto, com uma vulnerabilidade nova, perceptível em sua
nuca ainda bem reta, mas agitada. Voltando-se da esquerda
95 para a direita, da direita para a esquerda, com mais frequência
do que o necessário, desconfiada. Adivinhar seu perfil sombrio
que foge.

Ouve-se, do outro lado da parede, Victoire Dufour que
acorda seu marido.

100 – Depressa, Clermont, os cavalos se agitam na estrebaria!
– Cale essa boca, mulher. Ele me disse para acordá-lo às
cinco horas e o dia já vai alto.

O viajante diz que ouviu soar todas as horas da noite. Vai
direto ao fogão. Abre o forno e apodera-se da chaleira. Manda
105 Louis Clermont segui-lo até o abrigo.

– Ele despejava água quente e eu esfregava. Tiramos a
sujeira mais grossa. Tinha muito sangue seco, misturado com
palha e com neve. Um homem tinha dormido perto do fogão
naquela noite, um tal de Blanchet, que vinha lá da foz do rio, e
110 parecia incomodar demais o viajante. Assim que acordou,
apareceu no abrigo.

– Diacho! Como é que o senhor deixou isso tudo ficar

assim! Só gente muito porca, pra deixar essas peles desse jeito!

– O estrangeiro me falou para atrelar o cavalo logo logo.

115 Enquanto isso ele entrou para pegar as peles, a sacola e o chicote. Ele subiu no trenó antes de eu sair do abrigo. Arrumou as peles em volta dele, colocando o pelo para o lado de dentro. Tirei o cavalo do abrigo, dei as rédeas para o viajante. Ele não comeu nada. Tomou um copo de gim e foi embora.

120 Victoire Dufour, com o rosto rosado e lavado de sabão. Os traços imprecisos. Os olhos, cada vez mais pálidos, imensos, esparramados como poças, postos em mim.

– Quando me levantei, já estava bem claro o dia. Vi sangue por todo lado, no chão, falei para a empregada: "Minha
125 filha, não é possível, aquele homem matou alguém!" Ela falou a mesma coisa: "Não é possível. Isso não pode ser outra coisa. Vá lá ver, na parte de baixo da varanda, lá fora, onde eles jogaram o sangue". Eu fui lá. Tinha muito sangue sobre a neve. Tremi de horror e estava muito assustada. Ele se levantou antes de
130 mim. Chegou a olhar a porta de meu quarto enquanto eu me vestia. Parecia que procurava alguma coisa. Achei que ele era grosseiro demais. Olhava e parecia agitado. O tempo todo que ficou na minha casa ele me evitava e me virava as costas. Eu mesma não gostava de olhar para ele. Mas eu vi o bastante e
135 posso reconhecer ele em qualquer lugar. Quando vi toda aquela bagagem e aquele sangue, eu falei com meu marido:

– Pelo jeito, Clermont, aquele homem matou...

– Fique sossegada, mulher, não fale tanto, quem sabe ele não é um oficial inglês, ele podia nos mandar prender; como a
140 gente está num reinado ruim, pode ter havido uma batalha

qualquer no lugar de onde ele veio.

- Eu falei para ele, duas vezes, que, na certa, aquele homem tinha matado alguém. Entrei no quarto do viajante para procurar a vasilha d'água onde ele tinha se lavado. Estava
145 cheia de sangue. Eu vi quando ele raspou e esfregou as meias com as mãos, de manhã, antes de ir embora. Os olhos dele eram muito suspeitos, muito negros. Eu estava assustada, pasmada mesmo. A gente é pobre, temos uma pequena hospedaria e prestamos atenção nas pessoas que parecem
150 diferentes das outras. Quando estive no quarto para fazer a cama, achei a coberta cheia de sangue e vi gotas de sangue no chão, em volta da cama, perto do fogão, onde ele tinha posto a sacola. Ele parecia fugir do olhar da gente, enquanto esteve na casa. Eu vi as peles, que estavam com o couro tinto de sangue.
- 155 Victoire Dufour inclina-se sobre minha cama. Sua figura torna-se cada vez mais rosada, brilhante de suor, gotejante. Pode-se ver agora, através da pele transparente do rosto e do nariz, um grande fogo aceso no interior, nos ossos da face que se funde rapidamente. Em grossas gotas. À medida que seu
160 rosto se liquefaz, Victoire Dufour chama a minha atenção para a grande bandeja de neve que lhe cobre os braços. Ela me diz, num sopro quase imperceptível, para olhar bem, com ela, uma última vez, o sangue espalhado e congelado sobre a neve muito branca.

Tarde demais! James Wood e Robert Dunham, enviados de Kamouraska, já encontraram as autoridades do burgo de Sorel. No dia seguinte, pela manhã, 7 de fevereiro, dois oficiais da polícia apresentam-se na casa do doutor Nelson, munidos de um
5 mandado de prisão.

Tarde demais! É tarde demais! Anne-Marie, minha filha, me obriga a voltar a mim. Me puxa com toda força pelo pulso. Leontine Melançon me faz respirar amoníaco. Seu "lorgnon" sai da órbita de seus olhos pálidos. Cai sobre seu peito chato.
10 Balança-se na ponta de um longo fio dourado.

Impeço que a vida e a morte da Rua do Parlatório cheguem até mim. Construo barreiras de obstinação e má vontade. Persisto em ficar do lado das trevas. Tateio qual uma cega. Com os dois braços esticados na sombra. Sob meus dedos surge uma
15 certa parede de madeira. Depois uma outra parede de madeira. Num ângulo perfeitamente reto. Poderia contar as tábuas de pinho. Encontrar a sala de espera do doutor. O fogão da marca "Warm Morning". A cama desfeita, a coberta vermelha e azul, os lençóis caídos no chão. Um armário com os dois batentes
20 abertos. Vazio. O suporte das cortinas meio arrancado. Uma cortina de cretone pendurada como um trapo esmaecido pelo sol. É tarde demais. O que é que eu estou fazendo aqui? O doutor Nelson escapou. Fugiu. Dizem que ele foi visto em Saint-Ours. Foi só o tempo de vender seu trenó americano e seu cavalo
25 negro. Rapidamente a fronteira americana, num trenó novo, puxado por um cavalo descansado. Com a polícia em seu encalço.

Uma voz perversa, através de mim, afirma que o café não

é forte o bastante para me despertar. Uma estranha vontade, que
30 não é deste mundo, me leva a esconder a boca, os olhos, os
ouvidos com o travesseiro. Recuso ostensivamente a Rua do
Parlatório e Jerome Rolland, meu marido.

Em devaneio, volto a ser branca e tola qual uma jovem
casadoira. Alguém, que não vejo, ajeita meu véu de tule que vai
35 até o chão. Prega em minha testa uma grinalda de botões de
laranjeira, de odor almiscarado. Tenho de passar sob um arco de
pedra, de braço dado com o diabo. Com um buquê de abelhas
adormecidas entre os dedos. Todos os meus filhos em cortejo
atrás de mim. O mais moreno de todos, que também é o menor,
40 dorme no ângulo de meu braço direito. Abre meu corpete
imaculado de jovem noiva. Um seio salta, cheio de leite. Todos
os convidados ficam encantados e me louvam em voz alta. Que
belo casamento! Todos estão maravilhados. Aurelie Caron, é ela,
com certeza, ri a mais não poder. Alguém diz que já é hora de eu
45 olhar para o rosto de meu amor. Levanto a cabeça. Seu rosto
vem tão rapidamente ao meu encontro que fecho os olhos de
felicidade. Vertigem. Tarde demais. Devia ter corrido... À
velocidade do vento... Meu amor já se foi...

Suplico à tia Adelaide que me acompanhe além da
50 fronteira. Depois da visita ao Dr. Lafontaine em Montreal, voltar
para trás. Fugir. Mas onde procurá-lo? Na imensidão das terras
e das florestas? Esse homem está perdido. Estou perdida.
Alguém nos segue, a mim e à tia Adelaide. A polícia!

Na segunda-feira, 11 de fevereiro, a viúva de Antoine
55 Tassy é presa e conduzida à prisão de Montreal.

Aurelie, você não é mais minha amiga. Bem que eu lhe

dissera que era preferível jurar em falso a nos trair. Adiantou muito o que você fez. Agora você está na prisão, como a sua pobre patroa. Fico com tanto medo de me sujar num lugar tão ruim. Aurelie, você sabe como eu detesto qualquer promiscuidade, qualquer humilhação (mesmo no inferno eu recusaria a humilhação). Sua pequena silhueta de prisioneira, opaca e descorada, me horroriza. Como se pode lançar sobre mim uma suspeita tão injuriosa? Esta rapariga, senhor juiz, é uma mentirosa e uma desavergonhada. As famílias tradicionais deste lugar respondem por mim.

Você deixará o Canadá, não? Você virá, Elisabeth, diga-me apenas isso. Você virá? Você virá? Diga...

Esta carta eu não recebi. Pior do que a prisão, o abandono. Teu silêncio para sempre. Tua escrita apreendida. O som de tua voz interceptado. Teu apelo perdido na papelada da magistratura. Senhor meu Deus, estou perdida. Minha tia Adelaide redige uma carta para o juiz. Assinada com uma rubrica mal feita.

"A mencionada Elisabeth d'Aulnieres foi toda bondades para o mencionado Antoine Tassy seu falecido esposo. Ela soube de sua morte do mesmo modo que nós, sua mãe, suas tias e eu mesma. Isto é, primeiro pelos rumores, e de-pois pelas cartas recebidas de Kamouraska. A mencionada Elisabeth, minha sobrinha, tem três filhos de pouca idade, nascidos de seu casamento com o mencionado Antoine Tassy, um dos quais tem apenas três ou quatro meses. A mencionada Elisabeth tem apenas vinte anos. A saúde dela é muito frágil. Desde que foi presa, prisão essa compartilhada por mim, Adelaide Lanouette,

85 sua tia, a mencionada Elisa-beth se enfraquece
consideravelmente dia a dia. Ela vem sofrendo muito de um
escarro de sangue. Uma detenção mais longa poria sua vida no
maior perigo. Conheço muito bem Aurelie Caron de Sorel e não
acreditaria nela de maneira alguma, mesmo que ela falasse sob
90 juramento.

Feito na prisão comum de Montreal
Em 22 de fevereiro de 1839"

Chegando a Burlington, em 8 de fevereiro, o doutor
95 George Nelson foi preso, por sua vez, alguns dias depois. A
mando das autoridades canadenses. Longos procedimentos
tormentosos começam entre Montpelier e Washington. Em 23
de março o grande júri da corte de Quebec faz uma acusação de
assassinato contra o doutor Nelson. O caso de Elisabeth
100 d'Aulnieres é adiado para as sessões de setembro.

Quantas vezes olhei derreterem-se os pedaços de neve na
janelinha de minha prisão. Quantas vezes rolei na cama estreita.
Quantas vezes chorei. Tia Adelaide põe compressas em minha
testa. Chora comigo. Um gosto de ferro me sobe até a boca.
105 Cuspo sangue. Que velha bruxa me sopra ao ouvido que isso
tudo é uma farsa?

Tia Adelaide me suplica para melhorar minha aparência,
banhar o rosto com água fresca e apresentar-me em público, ao
lado de minha sogra, vinda de Kamouraska com esse propósito.
110 Liberada sob fiança, uma jovem senhora muito pálida
(com longos véus de luto) transpõe a porta da prisão. Com seu
andar de sonâmbula. O diretor da prisão a cumprimenta em voz

baixa, como se tivesse havido um engano. Envolta em xales e crepes, olhava furtivamente a rua. Precipita-se na viatura parada
115 junto à calçada. Uma mulher mais idosa, baixa, igualmente perdida em véus negros, levanta uma coberta de lã e a ajeita sobre os joelhos da jovem senhora.

Uma segunda viatura segue a primeira, levando a mãe e a tia da jovem senhora.

120 Na primeira viatura, duas mulheres, lado a lado, evitam cuidadosamente de se olharem. É o primeiro encontro desde... Sacudidas pelo movimento rápido da via-tura, Elisabeth d'Aulnieres e sua sogra, Senhora Tassy, ficam tão protegidas, apoiadas uma na outra, quanto nozes que se entrechocam num
125 saco.

O estranho cortejo atravessa Montreal em pleno meio-dia.

Deveria ter arrumado outro vestido para mim. Este está todo amassado. Um pouco de água de colônia, por favor. O café está tão grosso que parece um xarope, deixa um gosto amargo na boca. A mulher no espelho está de olhos fundos.

5 Um rosto muito redondo. Olheiras sob os olhos. Um pescoço largo demais para a gola de seda amarrotada.

Minha filha Anne-Marie, sempre ela, insiste em me tirar de vez da escuridão.

– O senhor padre queria cumprimentá-la antes de ir
10 embora. Papai está dormindo agora...

Minha imagem embaçada no espelho. Depois de uma noite tão longa. Limpar o espelho com a manga. Reencontrar a juventude.

Em Sorel minhas tias cuidam de mim, trazem-me flores
15 e balas. Derramam torrentes de lágrimas.

Espero uma carta que jamais chegará.

– A Menina está doente. Vejam, ela mal se agüenta em pé.

Economizo minhas forças para esperar uma carta. Evito
20 mexer-me. Finjo viver. Aprendo pouco a pouco a morrer. Espero uma carta. Meus gestos todos, a aparência, as roupas, o penteado e os sapatos são de uma criatura viva. Mas estou morta. Apenas a espera de uma certa carta me bate nas veias.

25 Espero uma carta que será interceptada, não chegará jamais, ou melhor, sim, mas muito mais tarde, anos depois, tendo passado um longo tempo entre a papelada dos juízes, tarde demais, tarde demais...

O tempo, o tempo, dura, se alonga, me envolve, me
30 arrasta com ele. O silêncio duplica o tempo, dá-lhe sua
medida impiedosa. Aprendo a ausência, dia após dia, noite
após noite. No quarto da Rua Augusta, vivo novamente como
uma prisioneira. Ninguém se arrisca à minha cabeceira, exceto
meu advogado, minha mãe e as três pequenas criaturas que
35 juraram me salvar ou perder-se comigo.

O Dr. Lafontaine debruça-se sobre o meu leito. Sua
cabeça e sua barbicha flutuam por sobre mim. Ele insiste
numa troca de cartas muito complicada entre os magistrados
do Canadá e dos Estados Unidos. A extradição do assassino
40 de meu marido ainda está pendente e meu processo adiado,
de sessão em sessão.

Tenho confiança nos poderes tutelares que me protegem
na sombra. Ajeito meus trajes de luto e peço que tragam meus
filhos. Passear com eles tranqüilamente em Sorel me traz o
45 prazer perverso de dar o troco ao mundo inteiro.
Enternecedora e pálida, aprendo meu papel de viúva.

Dois anos passam. Você está livre novamente, Aurelie.
A extradição do doutor Nelson nunca acontecerá.

Que devo esperar de um homem que me trata como a
50 uma morta? Ele mesmo morto e desaparecido há muito
tempo. Morrer uma vez, duas vezes, ao infinito até que
chegue a última vez. A vida não é outra coisa, finalmente.

Jerome Rolland insiste em ter sua mulher a seu lado.
Anne-Marie diz que o pai está perfeitamente curado desde
55 que o padre lhe deu a extrema-unção.

O estudante de medicina tem uma cabeleira ruiva, hir-

suta, frisada, que se agita como uma flâmula. Olho entre meus dedos juntos e vejo passar manchas de sol ameaçadoras.

– Anne-Marie, minha filhinha, já vou descer. Me traz
60 um lenço dali, da gaveta.

Anne-Marie afasta-se um instante. A cabeleira do estudante de medicina é uma labareda acima de minha cama. O jovem fala em voz baixa.

– Há quatro meses que estudo medicina com o doutor
65 Nelson. No dia 6 de fevereiro, no meio da noite, ele veio acordar-me na casa da Sra. Leocadie Leprohon, onde moro. Chamou-me ao seu consultório. Contou-me que se via obrigado a abandonar a província para nunca mais voltar. Encostou-se à parede. Com a cabeça entre as mãos. Pôs-se a
70 chorar, numa grande agitação de todos os membros, de todo o corpo. Nunca vi, em minha vida, um homem num tal desespero. Ele acrescentou: "*It is that damned woman that has ruined me*".

O senhor está falando numa língua estrangeira, doutor
75 Nelson. Não, não conheço este homem! Sou Elisabeth d'Aulnieres esposa em primeiras núpcias de Antoine Tassy, o senhor assassinado de Kamouraska, esposa em segundas núpcias de Jerome Rolland, tabelião em Quebec, de pai para filho há X gerações. Sou inocente! Vejam como George Nelson
80 me acusa. Maldita. Me chamou de maldita. Se teu amor te escandaliza, arranca-o de teu coração. Quem de nós traiu o outro primeiro? Sou inocente. Que ele retorne ao seu país, de onde jamais deveria ter saído. Meu amor fugiu, me abandonando ao bel prazer da justiça. Que ele retorne então,

85 anátema, a seu país natal. Depois de treze anos de ausência.
De agora em diante banido em seu próprio país. Estranho em
toda parte para sempre.

Eu mesma estranha e possuída, fingindo pertencer ao
mundo dos vivos. Pérfida Elisabeth, você está rejeitando o seu
90 mais profundo consolo. Tarde demais, diz você, para viver na
paixão e na demência. O fogo está apagado. De nada adianta
revolver as brasas. Deveria ter-me decidido mais cedo. Partir
com George. Ser deportada com ele. Em plena maldição da
terra. Mais do que um país estranho. A terra inteira estranha.

95 O exílio perfeito. A solidão dos loucos. Veja como nos
apontam com o dedo. Fui eu que o empurrei para o outro
lado do mundo. (Retirei-me para a beira da estrada, enquanto
você... na enseada de Kamouraska...) O crime e a morte a
atravessar. Como uma fronteira. Ao retornar, o seu olhar
100 pousado em mim, irreconhecível para sempre. Aterrador.
Não, não conheço este homem! Descoberto, doutor Nelson. O
senhor foi descoberto. Estrangeiro. Assassino.

E se ele estivesse esperando uma carta minha, na prisão
de Burlington? Se eu tivesse certeza disso, morreria de
105 alegria! Ah, meu Deus, poder fugir para ele. Suplicar que
atrelem os cavalos e que me conduzam até a fronteira. Descer
da viatura. Encontrá-lo vivo. Atirar-me em seus braços. Dizer:
olha, sou eu, Elisabeth. Ouvi-lo responder: olha, sou eu,
George. Nós dois juntos por toda a vida. Este grito na
110 garganta.

Será que ele ainda está vivo? E se estivesse casado?
Não, não, eu não suportaria! Prefiro vê-lo morto

estendido aos meus pés do que... Que nenhuma outra mulher possa jamais...

115 Só me resta tornar-me tão ajuizada quanto eu fiz crer. Fixar a máscara da inocência sobre os ossos de meu rosto. Aceitar a inocência à guisa de revanche ou de punição. Fazer o jogo cruel, representar a comédia extenuante, dia após dia. Até que a semelhança perfeita cole em minha pele. O orgulho
120 é minha única alegria, passo a passo, ao longo de um caminho amargo.

– Jerome Rolland pediu a Menina em casamento. Que rapaz gentil! Ele diz que saberá fazê-la feliz e levá-la a esquecer...

125 Adelaide, Angelique, Luce-Gertrude e minha mãe não cabem em si de contentamento.

Jerome Rolland, calmo e terno, faz pose, encostado a uma pilha de travesseiros de fronhas limpas. No quarto, com as janelas semicerradas, sente-se um odor de círios. Flórída
130 dobra uma toalha branca, com ares de sacristã. A Sra. Rolland está de pálpebras inchadas.

– Onde estava, Elisabeth? Mandei chamá-la várias vezes.

– Aquele pó que o doutor me deu me fez dormir
135 demais...

Jerome Rolland sorri vagamente. A Sra. Rolland aproxima-se do leito do marido. Continuando a sorrir, o Sr. Rolland confessa, em voz baixa, sua alegria e sua paz.

– Recebi o sacramento da extrema-unção, Elisabeth. O
140 bom Deus perdoou-me de todos os pecados.

A Sra. Rolland baixa os olhos. Enxuga uma lágrima sobre a face.

Bruscamente o pesadelo a invade outra vez, sacode Elisabeth d'Aulnieres numa tempestade. Sem que nada trans-
 145 pareça no exterior. A esposa modelo segura a mão do marido pousada sobre o lençol. E, no entanto... Num campo árido, de baixo das pedras, desenterram uma mulher negra, viva, originária de uma época remota e selvagem. Estranhamente conservada. Largaram-na no vilarejo. Depois fizeram
 150 barricadas, cada um em sua casa. Tão grande e profundo é o medo que têm dessa mulher. Cada um diz para si mesmo como a fome de viver dessa mulher, enterrada viva há tanto tempo, deve ser feroz e intensa, acumulando-se sob a terra há séculos! Nunca se viu, provavelmente, nada parecido. Quan-
 155 do a mulher se apresenta na cidade, correndo e implorando, o sino começa a tocar. Ela só encontra portas fechadas e o deserto de terra batida com que se fazem as ruas. Não lhe resta mais nada senão morrer de fome e de solidão.

Maldita Elisabeth! Mulher malévola!

160 – Se você soubesse, Jerome, como estou com medo.
 – Acalme-se, Elisabeth, estou aqui.

A Sra. Rolland se agarra à mão lívida do marido, como a um frágil fio que ainda a une à vida e ameaça romper-se a qualquer momento. Seus olhos estão cheios de lágrimas.

165 Leontine Melançon (ou será Agathe, ou Flórida?) murmura docemente.

– Vejam como a madame ama o marido! Vejam como ela chora!

Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://www.lettras.ufrj.br/pgneolatinas" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Corrêa, Angela Maria da Silva is licensed under a Creative Commons Atribuição 3.0 Unported License.